

CARTA AOS HEBREUS

COMENTÁRIO ESPERANÇA

autor

Fritz Laubach

Editora Evangélica Esperança

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Laubach, Fritz

Carta aos Hebreus: comentário esperança / Fritz Laubach; tradução de Werner Fuchs. -- Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2000.

Título do original: Der Brief an die Hebräer.

Bibliografia.

ISBN 85-86249-40-8 (Brochura)

ISBN 85-86249-41-6 (Capa dura)

1. Bíblia. N.T. Hebreus - Comentários I. Título.

00-2370 CDD-227.8707

Índice para catálogo sistemático:

1. Hebreus: Epístola: Comentários 227.8707

Título do Original em Alemão

Der Brief an die Hebräer

Copyright ©1967 R. Brockhaus Verlag
Wuppertal, Alemanha

Capa

Luciana Marinho

Revisão

Doris Körber

Supervisão editorial e de produção
Walter Feckingham

1ª edição brasileira

Junho de 2000

Editoração eletrônica

Mánoel A. Feckingham

Impressão e acabamento
Imprensa da Fé

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela

EDITORA EVANGÉLICA ESPERANÇA

Rua Aviador Vicente Wolski, 353

82510-420 - Curitiba - PR

Fone: (41) 256-0390

Fax: (41) 257-6144

E-mail: eee@esperanca-editora.com.br

www.esperanca-editora.com.br

É proibida a reprodução total ou parcial sem permissão escrita dos editores.

O texto bíblico utilizado, com a devida autorização, é a versão Almeida Revista e Atualizada (RA) 2ª edição, da Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 1997.

Sumário

ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

PREFÁCIO DO AUTOR

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

1. O autor
2. Os destinatários
3. A peculiaridade e a problemática especial da carta aos Hebreus
4. A visão e interpretação da Escritura na carta aos Hebreus
5. O tema e a argumentação da carta aos Hebreus
6. A estruturação da carta aos Hebreus

COMENTÁRIO

I. Primeira Seção: A GLÓRIA DA PESSOA DE JESUS 1.1–5.10

1. A glória do Filho de Deus, 1.1-4
2. A superioridade do Filho de Deus sobre os anjos, 1.5-14
3. A superioridade do Filho do Homem sobre os anjos, 2.1-18
 - a. A magnitude de nossa responsabilidade, 2.1-4
 - b. Humilhação e exaltação do Filho do Homem, 2.5-18
4. A superioridade de Jesus sobre Moisés, construtor do tabernáculo de Deus, 3.1-19
 - a. A superioridade do Filho sobre o servo, 3.1-6
 - b. A peregrinação de Israel pelo deserto como exemplo que adverte a igreja, 3.7-19
5. A superioridade de Jesus sobre Josué, o guia de Israel até Canaã, 4.1-13
 - a. Desafio para ouvir com fé as promessas de Deus, 4.1,2
 - b. As promessas do descanso de Deus para a igreja, 4.3-11
 - c. A eficácia da palavra de Deus, 4.12,13
6. A superioridade de Jesus sobre Arão, o primeiro sumo sacerdote, 4.14–5.10
7. Primeira exortação: Advertência contra a apostasia, 5.11–6.20
 - a. Crítica da imaturidade espiritual, 5.11-14
 - b. A impossibilidade de renovar o arrependimento, 6.1-8
 - c. Animação para perseverar nas promessas de Deus, 6.9-20

II. Segunda Seção: A OBRA DE JESUS, SEU SERVIÇO COMO ETERNO SUMO SACERDOTE 7.1–10.18

8. A superioridade do sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque sobre o sacerdócio levítico segundo a ordem de Arão, 7.1-28
 - a. Melquisedeque e Abraão, 7.1-3
 - b. A superioridade de Melquisedeque sobre Abraão e Levi ao receber o dízimo, 7.4-10
 - c. O novo sacerdócio demanda uma nova ordem sacerdotal, 7.11-17
 - d. A confirmação do sacerdócio melhor pelo juramento, 7.18-28
9. Jesus Cristo como Sumo Sacerdote celestial tornou-se o mediador da nova aliança melhor, 8.1-13
10. A limitação temporal e terrena do tabernáculo e de suas ordens, 9.1-10
11. O cumprimento de todos os sacrifícios, exemplos e promessas do at pelo único sacrifício de Cristo, 9.11-28
12. O sacrifício de Jesus efetua perdão, santificação e perfeição, 10.1-18
13. Segunda exortação: Convocação para a fidelidade na fé, 10.19-39
 - a. Fidelidade para testemunhar, 10.19-25
 - b. Advertência diante de pecado proposital, 10.26-31
 - c. Exortação para a persistência, 10.32-39

III. Terceira Seção: FÉ E SANTIFICAÇÃO DA IGREJA 11.1–12.29

14. As testemunhas da fé, 11.1-31
 - a. O testemunho de fé dos antigos, 11.1-7
 - b. O caminho de fé dos patriarcas, 11.8-22
 - c. O poder de fé de Moisés, 11.23-29
 - d. A força eficaz da fé diante de Jericó, 11.30,31
15. Vitória e sofrimento da fé, 11.32-40
16. Luta de fé como meio pedagógico de Deus, 12.1-11
 - a. Jesus, nosso exemplo na fé, 12.1-3
 - b. Educação para a santidade, 12.4-11
17. Vigilância espiritual incansável na vida de santificação, 12.12-29
 - a. Defesa contra manifestações de cansaço espiritual, 12.12-17
 - b. A superioridade da nova aliança nos compromete com a santificação, 12.18-29
18. Terceira exortação: Discipulado no cotidiano, 13.1-21
 - a. Exortação para a vida pessoal, 13.1-6
 - b. Comportamento correto na igreja, 13.7-19
 - c. Palavra de bênção, 13.20,21
19. Encerramento da carta: Saudação e voto de graça, 13.22-25

A MENSAGEM DA CARTA AOS HEBREUS ACERCA DE CRISTO
INDICAÇÕES DE LITERATURA

ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS

Com referência ao texto bíblico:

O texto da Carta aos Hebreus está impresso em negrito. Repetições do trecho que está sendo tratado também estão impressas em negrito. O itálico só foi usado para esclarecer dando ênfase.

Com referência aos textos paralelos:

A citação abundante de textos bíblicos paralelos é intencional. Para o seu registro foi reservada uma coluna à margem.

Com referência aos manuscritos:

Para as variantes mais importantes do texto, geralmente identificadas nas notas, foram usados os sinais abaixo, que carecem de explicação:

TM O texto hebraico do Antigo Testamento (o assim-chamado “Texto Massorético”). A transmissão exata do texto do Antigo Testamento era muito importante para os estudiosos judaicos. A partir do século II ela tornou-se

uma ciência específica nas assim-chamadas “escolas massoréticas” (massora = transmissão). Originalmente o texto hebraico consistia só de consoantes; a partir do século VI os massoretas acrescentaram sinais vocálicos na forma de pontos e traços debaixo da palavra.

Manuscritos importantes do texto massorético:

Manuscrito: redigido em: pela escola de:

Códice do Cairo (C) 895 Moisés ben Asher

Códice da sinagoga de Aleppo depois de 900 Moisés ben Asher

(provavelmente destruído por um incêndio)

Códice de São Petersburgo 1008 Moisés ben Asher

Códice nº 3 de Erfurt século XI Ben Naftali

Códice de Reuchlin 1105 Ben Naftali

Qumran Os textos de Qumran. Os manuscritos encontrados em Qumran, em sua maioria, datam de antes de Cristo, portanto, são mais ou menos 1.000 anos mais antigos que os mencionados acima. Não existem entre eles textos completos do **AT**. Manuscritos importantes são:

- O texto de Isaías
- O comentário de Habacuque

Sam O Pentateuco samaritano. Os samaritanos preservaram os cinco livros da lei, em hebraico antigo. Seus manuscritos remontam a um texto muito antigo.

Targum A tradução oral do texto hebraico da Bíblia para o aramaico, no culto na sinagoga (dado que muitos judeus já não entendiam mais hebraico), levou no século III ao registro escrito no assim-chamado Targum (= tradução). Estas traduções são, muitas vezes, bastante livres e precisam ser usadas com cuidado.

LXX A tradução mais antiga do **AT** para o grego é chamada de “Septuaginta” (**LXX** = setenta), por causa da história tradicional da sua origem. Diz a história que ela foi traduzida por 72 estudiosos judeus por ordem do rei Ptolomeu Filadelfo, em 200 a.C., em Alexandria. A **LXX** é uma coletânea de traduções. Os trechos mais antigos, que incluem o Pentateuco, datam do século III a.C., provavelmente do Egito. Como esta tradução remonta a um texto hebraico anterior ao dos massoretas, ela é um auxílio importante para todos os trabalhos no texto do **AT**.

Outras Ocasionalmente recorre-se a outras traduções do **AT**. Estas têm menos valor para a pesquisa de texto, por serem ou traduções do grego (provavelmente da **LXX**), ou pelo menos fortemente influenciadas por ela (o que é o caso da Vulgata):

- Latina antiga por volta do ano 150
- Vulgata (tradução latina de Jerônimo) a partir do ano 390
- Copta séculos III-IV
- Etíope século IV

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

I. Abreviaturas gerais

AT Antigo Testamento

cf confira

col coluna

gr grego

hbr hebraico

km quilômetros

lat latim

LXX Septuaginta

NT Novo Testamento

opr observações preliminares

par texto paralelo

p. ex. por exemplo

pág página(s)
qi questões introdutórias
TM Texto Massorético
v versículo(s)

II. Abreviaturas de livros

ATD Altes Testament Deutsch
AThANT *Abhandlungen zur Theologie des Alten und Neuen Testaments*
BDR *Grammatik des ntl. Griechisch*, Blass/Debrunner/Rehkopf
Bill *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*, H. L. Strack, P. Billerbeck
BKAT *Biblischer Kommentar Altes Testaments*
CE *Comentário Esperança*
EKK *Evangelisch-katolisch Kommentar zum Neuen Testament*
EWNT *Exegetisches Wörterbuch zum NT*
HThK *Herders Theologischer Kommentar*
KEK Kritisch-exegetischer Kommentar über das Neue Testament
Ki-ThW *Kittel: Theologisches Wörterbuch*
KNT *Kommentar zum NT*
LzB *Lexikon zur Bibel*, organizado por Fritz Rienecker
NTD *Das Neue Testament Deutsch*
RAC *Reallexikon für Antike und Christentum*
TBLNT *Theologisches Begriffslexikon zum NT*
ThWAT *Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament*
ThWNT *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*
TRE *Theologisches Realencyklopädie*
W-B *Griechisch-deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der frühchristlichen Literatur*, Walter Bauer, editado por Kurt e Barbara Aland
WStB *Wuppertaler Studienbibel*
WUNT *Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament*
ZNW *Zeitschrift für neutestamentliche Wissenschaft*

III. Abreviaturas das versões bíblicas usadas

O texto adotado neste comentário é a tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª ed. (RA), SBB, São Paulo, 1997. Quando se fez uso de outras versões, elas são assim identificadas:

RC Almeida, Revista e Corrigida, 1998.
NVI Nova Versão Internacional, 1994.
BJ Bíblia de Jerusalém, 1987.
BLH Bíblia na Linguagem de Hoje, 1998.
BV Bíblia Viva, 1981.
VFL Versão Fácil de Ler, 1999.

IV. Abreviaturas dos livros da Bíblia

ANTIGO TESTAMENTO

Gn Gênesis
Êx Êxodo
Lv Levítico
Nm Números
Dt Deuteronômio
Js Josué
Jz Juízes
Rt Rute
1Sm 1Samuel
2Sm 2Samuel
1Rs 1Reis

2Rs 2Reis
1Cr 1Crônicas
2Cr 2Crônicas
Ed Esdras
Ne Neemias
Et Ester
Jó Jó
Sl Salmos
Pv Provérbios
Ec Eclesiastes
Ct Cântico dos Cânticos
Is Isaías
Jr Jeremias
Lm Lamentações de Jeremias
Ez Ezequiel
Dn Daniel
Os Oséias
Jl Joel
Am Amós
Ob Obadias
Jn Jonas
Mq Miquéias
Na Naum
Hc Habacuque
Sf Sofonias
Ag Ageu
Zc Zacarias
Ml Malaquias

NOVO TESTAMENTO

Mt Mateus
Mc Marcos
Lc Lucas
Jo João
At Atos
Rm Romanos
1Co 1Coríntios
2Co 2Coríntios
Gl Gálatas
Ef Efésios
Fp Filipenses
Cl Colossenses
1Te 1Tessalonicenses
2Te 2Tessalonicenses
1Tm 1Timóteo
2Tm 2Timóteo
Tt Tito
Fm Filemom
Hb Hebreus
Tg Tiago
1Pe 1Pedro
2Pe 2Pedro
1Jo 1João
2Jo 2João
3Jo 3João
Jd Judas

PREFÁCIO DO AUTOR

Difícilmente um livro do Novo Testamento nos mostra a unidade entre o Antigo e o Novo Testamentos com tanta clareza quanto justamente a carta aos Hebreus. Foi por isso que J. A. Bengel resumiu numa só frase as descobertas de vários exegetas de séculos passados: “Conseqüentemente temos nessa carta uma breve repetição de todo o Antigo Testamento”. É essa a razão por que também na atualidade uma interpretação da carta aos Hebreus não pode prescindir de assinalar repetidamente as linhas de correlação espirituais que ligam ambos os testamentos. No presente comentário exegético perseguiu-se o objetivo de desenvolver a riqueza do entendimento e da exegese do Antigo Testamento sobre o chão do Novo Testamento. Confesso com gratidão que muitas exposições escritas sobre a carta aos Hebreus vistas do âmbito da igreja de Jesus do passado e do presente tornaram-se para mim um auxílio e um enriquecimento pessoal. Em importantes aspectos sou devedor ao comentário sobre a carta aos Hebreus do professor Otto Michel.

As indicações de literatura no final não reivindicam ser completas. Seu propósito é servir para que o leitor possa aprofundar-se na carta aos Hebreus de forma autônoma. No texto, os comentários daquela relação são citados apenas mediante indicação do autor e do número da página. Toda a literatura restante está referida nas notas de rodapé, que remetem o leitor teologicamente interessado às fontes, através de referências bibliográficas exatas. A tradução foi realizada a partir do texto original. A tradução da literatura inglesa para o alemão é do presente autor.

Agradeço ao editor da série WStB, Dr. Werner de Boor, por seu interesse e seus conselhos, com os quais ele acompanhou a elaboração do presente comentário exegético. Igualmente cumpre-me agradecer ao Sr. Günter Dulon, professor de teologia na escola de missões de Wiedenest [Alemanha], pela revisão crítica do manuscrito e por numerosas preciosas observações.

Hamburgo, primavera de 1967

Fritz Laubach

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

Desde os tempos mais remotos, as características especiais que fazem ressaltar claramente a diferença entre Hb e os demais escritos do NT chamaram a atenção de ouvintes e leitores desta carta. O fundo histórico e o alvo da carta permanecem obscuros para nós, porém a mensagem apostólica é nitidamente destacada: em nenhum outro livro da Bíblia a natureza e obra de nosso Senhor Jesus Cristo são apresentadas de maneira tão abrangente e ao mesmo tempo tão marcante quanto em Hb. Até mesmo Martinho Lutero, que a partir de sua compreensão da doutrina da justificação opinava que os trechos Hb 6.1-8 e 10.26-31 estariam em contradição com os evangelhos e as cartas do apóstolo Paulo, escreveu, apesar disso, em seu prefácio a Hb no ano de 1522: “Seja tudo isso como for, ela seguramente constitui uma epístola de qualidade exemplar, que fala do sacerdócio de Cristo de forma magistral e exaustiva com base na Escritura. Ela igualmente interpreta bela e sobejamente o AT.” A peculiaridade é que Hb delinea a glória de Jesus Cristo, o eterno Sumo Sacerdote real, diante do fundo do AT, fazendo-nos entender o verdadeiro sentido e a importância das ordens de culto do AT. Justamente em Hb se evidencia em grande medida como os cristãos leram e entenderam o AT no tempo dos apóstolos. Em relação a essa visão extraordinária da natureza do AT que Hb nos proporciona, são pertinentes as palavras do Pai da Igreja Aurélio Agostinho, que escreveu em sua obra magistral *De Civitate Dei* (“A Cidade de Deus”): “Pode-se ver que na antiga aliança a sombra da nova está previamente projetada. Porque a antiga aliança não é nada mais que encobrimento da nova, e a nova aliança mais que a revelação da antiga” (De civ. XVI.26). “Pois não apenas todas as profecias explícitas, não apenas as prescrições para a vida, visando fomentar os bons costumes e a devoção, contidas no AT, mas também as coisas sagradas que fazem parte do culto, como o sacerdócio, o tabernáculo e o templo, altares, sacrifícios, cerimônias e festas, prefiguraram e anunciaram aquilo que, por causa da vida eterna dos fiéis, em parte já foi cumprido em Cristo, conforme cremos, em parte está se cumprindo agora, conforme vemos, e em parte ainda se cumprirá, conforme aguardamos com confiança” (De civ. VII.32). Em Hb desenvolve-se uma visão profunda e rica, na qual o AT recebe seu verdadeiro sentido e revela sua glória oculta somente por intermédio de Cristo. Contudo, Hb confrontou os exegetas de todos os tempos com perguntas e problemas,

que até o presente não encontraram uma solução unívoca. Antes de nos debruçarmos sobre a compreensão apropriada do texto, queremos travar conhecimento com esses problemas, na introdução abaixo.

1. O autor

Em Hb faltam todas as indicações mais diretas sobre o autor e os destinatários. Nisso a carta se iguala à 1Jo e 2Jo. O autor não nos revela seu nome, mas pode ser identificado como conhecido ou amigo de Timóteo (Hb 13.23). Evidentemente não fez parte dos primeiros apóstolos. Ele não se autodesigna como apóstolo, mas alinha-se na segunda ou terceira geração, porque escreve: “(a salvação) começou a ser anunciada pelo Senhor. Depois, foi-nos fielmente transmitida pelos que a ouviram” (Hb 2.3b[BJ]). Ele próprio, portanto, não é testemunha ocular da vida terrena de Jesus e de sua ressurreição, o que era considerado originalmente como um pressuposto para o apostolado (At 1.21,22). Recebeu, porém, a mensagem das testemunhas de Jesus, vindo a crer a partir dessa circunstância. Nunca os apóstolos Paulo, Pedro e João se pronunciaram dessa maneira em suas cartas com vistas à sua própria pessoa e ao ministério apostólico de que o Senhor os incumbiu. Também Paulo sabia de uma tradição por meio do testemunho dos primeiros apóstolos, mas nesse aspecto ele repetidamente se fundamentou no próprio Senhor e – ao contrário do autor de Hb – apresentou-se em todas as cartas mediante indicação de seu nome, em geral como apóstolo. Quando lemos Hb no texto original, a seleção de palavras e a construção das frases chamam a atenção para o fato de que o autor escreve num grego de nível extraordinário. Ele igualmente conhece com precisão a tradução grega do AT (LXX), usando-a com frequência. Tudo isso leva a concluir que tinha formação helenista, como era amplamente cultivada na diáspora judaica daquele tempo. As descrições sobre o interior do tabernáculo em Hb 9.1-5 revelam que o autor era conhecedor da tradição rabínica de interpretação da Escritura realizada pela sinagoga de Alexandria, mas que não havia estacionado nela, mas dando-lhe uma nova interpretação a partir de sua experiência pessoal de fé no Senhor Jesus Cristo. A maneira como o autor faz uso, na explanação do AT, das formas da leitura alegórica e da tipologia, faz recordar mais o filósofo judaico Filo, que ensinou na segunda metade do século I em Alexandria e interpretava o AT de forma análoga, do que o apóstolo Paulo, que havia recebido sua formação de rabino junto de Gamaliel em Jerusalém (At 22.3) e que seguia tradições diferentes na exegese. Contudo, sob um exame mais minucioso patenteia-se que Filo e o autor de HB partiram de premissas inteiramente diferentes em sua interpretação do AT. O teólogo francês J. Cambier escreve sobre essa questão: “Não se deveria enfatizar excessivamente o alexandrinismo. Os recursos intelectuais podem ter sido os mesmos. Na presente carta, porém, um estudioso cristão da Escritura serviu-se deles de maneira soberana, a fim de desincumbir-se fielmente da mensagem de sua fé”.

A própria maneira como Hb fala do sacerdócio e do serviço sacrificial do tabernáculo (Hb 7.27; 9.4), deixando as condições reais do seu tempo totalmente de lado nessa caracterização, justifica que se indague se, afinal, o autor de fato conheceu pessoalmente o antigo templo de Jerusalém e suas ordens. As palavras no final da carta: “Os da Itália vos saúdam” (Hb 13.24) suscitaram a suposição de que o autor tenha pertencido a uma comunidade na Itália. Talvez esses cristãos também fossem um grupo de palestinos que, no ano de 70, após a destruição de Jerusalém pelo general romano Tito, foram levados como prisioneiros à Itália. Contudo, não podemos afirmá-lo com segurança.

A tradição eclesiástica não se contentou com o pouco que sabemos sobre o autor. O Pai da Igreja Clemente de Alexandria (falecido no ano 211) defendia que a carta seria um escrito de Paulo traduzido por Lucas. Orígenes (falecido no ano 254) considerava como possíveis autores o médico Lucas ou o presidente da igreja de Roma, Clemente Romano. O mais antigo Pai da Igreja latina, Tertuliano (falecido por volta do ano 215), presumia que Barnabé (At 13.2ss; 14.4,14) tivesse escrito a carta. Martinho Lutero pensava que nele poderia ser reconhecido Apolo, exímio orador alexandrino e pregador do evangelho (At 18.24ss; 1Co 3.4). O reformador João Calvino considerou igualmente Clemente Romano como autor. As igrejas cristãs do Oriente e, após o ano 419 também as do Ocidente, atribuíram a autoria ao apóstolo Paulo. A Igreja Católico-Romana persistiu nesta tese até a primeira metade do século XX, mas aos poucos vai deixando de lado essa convicção. No entanto, tudo isso são suposições, e nessa questão não poderemos avançar além da frase do Pai da Igreja Orígenes: “Mas só Deus sabe quem realmente escreveu a epístola”.

Embora o autor não mencione o seu nome, nem reclama para si a posição de apóstolo, temos de localizá-lo, não obstante, na proximidade imediata dos apóstolos, porque Deus o munuiu de autoridade para a proclamação e de uma compreensão clara da palavra e do propósito de salvação de Deus. Otto Michel escreve a esse respeito (pág. 11): “A palavra do autor desconhecido não é levada menos a sério na igreja que

a palavra de Paulo, porque sua autoridade não é de caráter histórico, e sim teológico”. Com base na exortação de Hb 5.11-14, que o autor apostólico dirige aos fiéis, podemos presumir que ele se considera um dos dirigentes espirituais da comunidade, sobre os quais escreve em Hb 13.7,17,24. Apoiando-nos num costume do tempo dos primeiros cristãos, vamos falar, no nosso comentário à carta, do autor como de um “apóstolo”. Ao usarmos o termo não estamos pensando nos doze discípulos que no sentido estrito formam as “testemunhas anteriormente designadas” (At 10.41[BJ]). Tampouco atribuímos a autoria de Hb ao apóstolo Paulo que ocupava, segundo suas próprias palavras, uma posição singular entre os apóstolos (cf. Rm 1.1,2; Gl 1.11ss). O NT nos mostra claramente que ao lado dessas pessoas Deus convocou para si ainda outras testemunhas, as quais ele utilizou da mesma maneira como instrumentos do Espírito Santo para alicerçar a igreja de Jesus Cristo (2Co 8.23; Ef 4.11). Entre eles conhecemos por nome a Barnabé (At 9.27; 14.4,14), Tiago, irmão do Senhor (Gl 1.19), Andrônico e Júnio (Rm 16.7), que são designados como apóstolos.

A história da formação do cânon informa que tanto no Oriente quanto no Ocidente a carta era contada entre os escritos apostólicos, sem que houvesse uma forma de se concordar em detalhe sobre a autoria. Nas comunidades cristãs do Oriente o autor aceito era Paulo. O cânon Muratori, Tertuliano, Cipriano, Eusébio e Agostinho denotam a influência dessas idéias orientais sobre a igreja ocidental. Contudo, é significativo que Hilário de Poitiers (falecido no ano de 367) precisamente não cita Hb como carta de Paulo, embora a considerasse como apostólica. Nesse exato aspecto torna-se evidente que nos primeiros séculos do cristianismo o conceito do apostolado, além do número dos Doze e de Paulo, era conhecido em sentido ampliado. É dessa maneira que gostaríamos que fosse entendida a designação de “apóstolo” para o autor de Hb.

Na Antigüidade era usual que publicações às quais se desejava assegurar reconhecimento fossem editadas sob o nome de personalidades ilustres, um costume que também ganhou terreno no ambiente da jovem cristandade. Assim foi divulgada no século II, sob o nome dos apóstolos, uma série de relatos de milagres fantasiosos sobre a vida de Jesus e dos apóstolos (evangelhos e atos de apóstolos apócrifos). O autor de Hb não faz uso desse recurso. Está ciente de que sua palavra possui autoridade divina e é aceita pela igreja.

2. Os destinatários

Assim como na pergunta sobre o autor dependemos de conjecturas, também carecemos de dados confiáveis acerca dos destinatários. Nos manuscritos do NT consta o título “A Hebreus”. É evidente que o endereço refere-se a judeus cristãos helenistas da diáspora. Em todo caso, dificilmente seria possível identificar os destinatários como judaico-cristãos de fala aramaica da Palestina, a quem se refere o termo “hebreus” de At 6.1. O título que encabeça a nossa carta na verdade é bem antigo. Já era do conhecimento do Pai da igreja Tertuliano e dos professores da escola de catequistas em Alexandria. No entanto, não podemos extrair a conclusão de que Hb tenha possuído esse título desde a origem somente deste ato.

A exortação do apóstolo em Hb 5.11-14 sugere a suposição de que a carta talvez seja apenas dirigida a um determinado grupo de fiéis no âmbito de uma comunidade, do qual estão excluídos os irmãos dirigentes, os líderes da comunidade. A leitura das palavras de saudação no final da carta podem levar-nos ao mesmo pensamento: “Saudai todos os vossos guias, bem como todos os santos” (Hb 13.24; cf. 13.7). Será que o objetivo inicial era dirigir-se por meio da carta somente ao segmento em parte judaico-cristão de uma comunidade gentílico-cristã? Na verdade, numa carta do apóstolo Paulo a uma igreja encontramos também um voto de saudação (Cl 4.15-17) em que ele destaca de modo especial alguns nomes de fiéis.

Comentaristas de séculos passados tentaram localizar os destinatários entre os judaico-cristãos da Palestina ou de Roma ou em outras cidades, nas quais existiam comunidades judaico-cristãs, p. ex., em Éfeso, Tessalônica, Alexandria. A primeira hipótese está descartada: dificilmente Hb foi dirigida a fiéis da igreja originária de Jerusalém ou das comunidades judaicas. Nesse segmento do cristianismo, por longo tempo ainda viviam testemunhas dos começos. Hb 2.3 não combina com isso. Além disso, os judaico-cristãos da Palestina possuíam um conhecimento vivo do culto no Templo de Jerusalém. Afinal, a comunidade originária havia emigrado para Pela, na Transjordânia, somente no ano de 66, ou seja, pouco tempo antes da destruição do Templo. Por acaso os destinatários da carta seriam judaico-cristãos no seio de uma comunidade gentílico-cristã da Itália? Depõe contra essa tese que o apóstolo dirige à comunidade as palavras de saudação: “Os da Itália vos saúdam”. Também conjecturou-se que a carta seria dirigida a judaico-cristãos de origem sacerdotal (At 6.7), que tiveram de abandonar Jerusalém e fixaram residência em Antioquia, a metrópole do Oriente. Não temos como decidir esta questão com segurança. Em todo caso, as palavras do apóstolo (cf. Hb 10.19ss; 12.1ss) falam especificamente da situação de uma comunidade bem

concreta, cuja fundação evidentemente se localiza em algum tempo mais afastado, talvez já contando duas ou três gerações. Os membros da comunidade passaram por aflição e perseguição, porém não pelo martírio. Têm de contar com a possibilidade de que novamente se abata sobre eles uma perseguição séria. O apóstolo lhes escreve, pois, a presente carta para arrancá-los do medo e da negligência (Hb 10.25) e para protegê-los da iminente recaída.

3. A peculiaridade e a problemática especial da carta aos Hebreus

O autor e os destinatários de Hb não se deixam definir com mais propriedade. Da mesma forma, ignoramos o local e a época da redação da carta. Em alguns manuscritos antigos indica-se Roma e Atenas como locais do remetente, contudo não podemos atribuir grande valor histórico a essas referências. Também a data em que a carta foi escrita não pode ser definida com exatidão. Geralmente presume-se uma data após o ano 67, o presumível ano do falecimento do apóstolo Paulo. Com certeza a carta foi escrita antes da última década do primeiro século, visto que o presbítero de Roma, Clemente, ao redigir sua carta à igreja em Corinto no ano de 97 fez uso de Hb.

Contudo, não é a ausência destes dados que caracteriza a peculiaridade de Hb. Antes, é o seu “caráter literário”. Os apóstolos Paulo e Pedro escrevem em suas cartas tudo o que pesa sobre o seu coração. Além de reflexões teológicas elaboradas encontramos nelas sempre um grande número de orientações práticas para nossa vida diária de fé. Em suas cartas espelha-se a situação interior e exterior das primeiras comunidades cristãs com suas alegrias e aflições, suas lutas e dificuldades. Em contraposição, em Hb deparamos com uma reflexão teológica progressiva. Um tema uniforme é executado por meio de uma estruturação artística. Essa diferença essencial de Hb em relação às demais cartas do NT repetidamente desencadeou a suposição de que Hb poderia ser não uma carta e sim uma pregação transmitida por via escrita. Realmente parece confirmá-lo o uso freqüente de “palavra” e “falar” e a ausência dos conceitos “carta” e “escrever”. Em datas mais recentes, O. Michel (pág 4) e J. Schneider (pág 10) defenderam a opinião de que Hb seria uma prédica, respectivamente uma homilia do primeiro cristianismo, um discurso espiritual edificante com decorrências práticas, que possivelmente foi pensado para um círculo mais largo de leitores.

Cabe considerarmos, porém, que já na Antigüidade – assim como em nosso tempo – desenvolveram-se várias formas de carta com estilo diferente, de maneira que nem todas as cartas tinham de ser necessariamente formuladas no estilo como o preferia, p. ex., o apóstolo Paulo. Da história da formação do cânon sabemos que a igreja antiga contava Hb entre as cartas apostólicas. Assim, Orígenes e Eusébio, apesar de chamarem atenção para as peculiaridades lingüísticas e de conteúdo de Hb, falam dela como **carta** (no grego: *epistolé*). Também Atanásio, em sua 39ª carta pascal do ano de 367, relacionou Hb entre as cartas do NT (como carta de Paulo). Esse fato comprova que naquele tempo a singularidade literária de nossa carta não foi sentida como algo fora do estilo.

Das possíveis informações sobre o autor e os destinatários resulta o quadro de que se trata de uma missiva direta a uma igreja ou a um círculo de fiéis. Através da forma da redação ele fala com intensidade para uma determinada situação eclesiástica. As palavras de Hb 13.22ss não proporcionam imperiosamente a impressão de serem casuais, mas mostram que foi intencional a instrução dos fiéis pela presente forma escrita de uma carta.

Outro problema surge em Hb pelo fato de que não podemos determinar com segurança *seu objetivo e seu alvo*. Com toda a certeza Hb tem em vista cristãos que, cansados e decepcionados, tendem para a apostasia. Dessa circunstância resultou o seguinte raciocínio: toda apostasia da fé inclui a pergunta: “Apostasia – para onde?” A resposta parece evidente: de volta para o judaísmo! Em muitos círculos de cristãos sérios pensou-se que Hb seria dirigida *exclusivamente a judaico-cristãos*. Pensava-se que em Hb 6.10 falava-se de judeus em vias de terem uma recaída, impressionados pelo culto em Jerusalém, e que se desligavam interiormente da comunidade dos fiéis. Por isto, as advertências e exortações de Hb não podiam ser pertinentes para “cristãos dentre os gentios”. Não podemos partilhar essa convicção, por diversas razões.

No ano 70 o templo em Jerusalém foi destruído, o estado judeu foi aniquilado, o culto judaico foi proibido. Não se deve inferir que a carta tenha sido escrita antes do ano 70 do fato de que a destruição de Jerusalém não é mencionada em Hb. Não é possível depreender que o autor esteja pensando no sacrifício do templo das palavras de Hb 8.4 e 9.6,7, nas quais se fala do serviço de sacrifícios na forma verbal do presente. O presbítero Clemente escreve de forma idêntica aos coríntios quando interpreta o AT, apesar de saber perfeitamente que o templo virou cinzas há quase três décadas. Pelo contrário, as palavras de Hb 2.3 e

13.7 tornam bem plausível que se defina a cronologia de Hb para depois do ano 70. Com isso Hb teria surgido numa época em que, devido à destruição do templo, todo o serviço de sacrifícios teria se tornado inviável. Além disso – como já dissemos – observamos que em Hb não se dá importância aos eventos históricos do templo de Jerusalém e de suas ordens. Pelo que se nota, o contraste entre judaico-cristãos e gentílico-cristãos sequer está em foco em Hb. Seu tema não é a libertação interior do serviço sacrificial judaico de um grupo de judaico-cristãos em vias de recaírem, mas é unicamente a glória do eterno Sumo Sacerdote Jesus Cristo. Além disso, não possuímos nenhum indício, a partir das fontes do cristianismo primitivo, de que judeus que vieram a crer em Cristo apostataram dele e voltaram novamente ao culto de sacrifícios. A carta aos Hebreus mostra o entendimento da interpretação apropriada do AT, a saber, que a partir do cumprimento torna-se claramente perceptível tudo o que foi dito com vistas ao cumprimento. Ela evidencia que Jesus Cristo apenas pode ser entendido corretamente pela mediação do AT, mas que inversamente também o AT adquire seu verdadeiro sentido apenas por meio de Jesus Cristo.

De acordo com o testemunho do NT não pode haver na comunidade nenhuma diferença essencial entre judaico-cristãos e gentílico-cristãos, todos são membros do mesmo corpo, aos quais é dirigida de igual modo a palavra de Deus (Ef 2.14-18). Desde os tempos mais antigos Hb foi conhecida nas comunidades cristãs, foi lida e obteve aceitação. Por meio de sua inclusão no cânon do NT, os homens responsáveis das igrejas decidiram sob a direção do Espírito Santo que também Hb constitui um patrimônio compromissivo de todo o cristianismo. O grupo de fiéis a que é dirigida a carta está diante de problemas da segunda e terceira gerações, problemas que se repetem a cada dia nas comunidades locais dos fiéis. É precisamente sob este aspecto que a presente carta pode repetidamente mostrar à igreja de Jesus em todos os tempos o caminho certo para sair das dificuldades.

Qual é o alvo que o apóstolo persegue com sua carta? Que deseja ele alcançar junto de seus leitores? Na tentativa de responder a essas perguntas, manifestaram-se muitas suposições. Como já foi exposto, vários estudiosos pensaram que o apóstolo queria prevenir cristãos judaicos de apostatarem de volta para o judaísmo. Outros visualizaram em Hb um desafio a judaico-cristãos excludentes, para que se dediquem à missão mundial. Outros, por sua vez, pensam que Hb teria o objetivo de expor o significado universal da fé cristã a uma comunidade predominantemente gentílico-cristã, ou ainda que ela estaria refutando uma forma inicial da heresia, introduzida na comunidade por gnósticos. Theodor Zahn definiu de modo bastante genérico que o objetivo de Hb seria proteger os leitores diante do perigo de decaírem da confissão cristã. “Não uma fé errada, mas descrença é o perigo em que eles estão prestes a cair”. De maneira mais cautelosa expressa-se Eduard Riggenbach, ao declarar que a “finalidade principal de Hb seria manter e fortalecer os leitores na ligação com Cristo”. Hermann Strathmann considera como alvo de Hb a superação da devoção vinculada ao templo por meio de Cristo. Poderíamos continuar nessa listagem, mas reconhecemos claramente que até o momento não fomos além de conjecturas ao tentar responder a essa pergunta. Nenhuma das respostas citadas pode ser comprovada inequivocamente como certa. Será que a solução do problema poderia eventualmente consistir na síntese de várias das respostas antes tentadas? Gostaríamos de aderir a Otto Michel, que vê a “ponta do pensamento teológico” nas exortações, que visam preparar a disposição da comunidade para o sofrimento. Alvo de Hb é fortalecer os fiéis para a luta de fé no sofrimento *antes* que comece o martírio. Com isso, porém, a carta ganha tanto maior importância quanto mais a trajetória da igreja se aproxima do tempo escatológico e, com isso, do sofrimento e da perseguição, como a Escritura prenuncia. Não por último, é a extraordinária apresentação da pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo que faz de Hb uma dádiva preciosa do Espírito Santo à sua igreja, de maneira que Heinrich Thiersch (1817-1885) chegou a escrever: “De todas as cartas da coletânea canônica, esta penetra mais profundamente. Ela realmente oferece comida forte para adultos em Cristo, e sem que a igreja assimile vivamente essas verdades não haverá crescimento para a perfeição”.

4. A visão e interpretação da Escritura na carta aos Hebreus

Na primeira leitura de Hb já percebemos que na maneira como o apóstolo cita o AT, bem como na forma de sua interpretação, evidencia-se um entendimento bem definido da Escritura. Pelo que se percebe, o autor sabia que com essa forma mantinha a consonância com os apóstolos e as comunidades do NT. Em decorrência, podemos depreender de Hb algumas linhas básicas importantes da interpretação da Escritura do AT, que também se destacam claramente em outros textos do NT.

1. Na época da redação de nossa carta não havia apenas uma, mas numerosas tradições dos escritos hebraicos do AT, as quais gozavam de igual conceito, entre outras uma tradição palestina, uma samaritana e

uma judaico-egípcia. Entre elas ocorriam certas diferenças e divergências do texto, que no entanto não se contradiziam. Na tradução para o idioma grego ocorriam às vezes mudanças de sentido. Não obstante, os livros do AT permanecem para o apóstolo autoridade intocável na forma fixada por escrito, tanto no texto hebraico quanto no grego. Na Escritura do AT ele ouve Deus falando sem mediações.

2. Todo o AT é entendido como um livro cristológico-messiânico, sem que com isso fossem espiritualizados ou até dissolvidos o sentido histórico original das palavras para Israel e a importância das promessas terrenas para o fim dos tempos. O AT é interpretado na perspectiva de um conhecimento genuíno de Cristo e serve à fundamentação da grandeza e glória de Cristo e de sua comunidade. O apóstolo já vê traçado previamente no AT o caminho da comunidade de Jesus Cristo na história da salvação, à semelhança de Paulo em 1Co 10.1-13. Nas palavras da Escritura ele encontra descritas a pessoa de Cristo, seu sacerdócio e seu sacrifício. Em Hb 3,4 ele ouve do texto da LXX como Jesus, o “Apóstolo e Sumo Sacerdote”, exorta o povo de Deus do NT para que não rejeite a promessa única e definitiva da salvação. A partir dessa perspectiva, torna-se compreensível que entendimentos da comunidade fiel do NT também sejam projetados no AT ali onde originalmente não podem ser reconhecidos. Assim, p. ex., cita-se em Hb 2.6-8 uma palavra do SI 8.5-7. Quando o texto hebraico fala do “homem”, ainda não consta nada acerca do Messias ou do “Filho do Homem” no sentido do NT. O fato de que o SI 8 é uma palavra que já aponta para Jesus Cristo e que alcançou nele seu cumprimento, constitui uma descoberta do NT, que é introduzida naquele texto. Contudo, essa visão tornou-se legítima para a interpretação do AT no âmbito da comunidade de Jesus. Algo similar observamos na comparação de Hb 10.5-7 com o SI 40.7-9. Desse modo o apóstolo desvela para cada geração de novo a riqueza do testemunho de Cristo no AT.

3. Em geral as palavras do AT são dissociadas de seu contexto original, sem que com isso, porém, se rompa a unidade da revelação. Jamais uma palavra de Deus é lançada *contra* outra, ou mesmo uma eliminada por outra. Em citações do AT até pode acontecer que no NT sejam trocadas algumas palavras isoladas, sem que com isso fosse destruído o sentido teológico. Ao lermos os escritos do NT ficamos continuamente surpresos pelo fato de como palavras isoladas, que no AT não tinham nenhuma espécie de conexão, são colocadas diretamente lado a lado e interpretadas com significados iguais.

4. Incessantemente deparamo-nos com a circunstância de que determinados detalhes não são mencionados na Escritura. O AT, por exemplo, delineia muitos acontecimentos apenas com traços esparsos, ou pessoas são descritas apenas com poucos aspectos de seu caráter. Omite-se muito do que ainda nos interessaria. Esta *falta de dados* leva a uma importante conclusão para a exegese do NT. Uma indicação clara disso é a argumentação teológica em Hb 7.1-3. No relato do AT acerca de Melquisedeque em Gn 14.18-21 não nos é dito nada acerca da origem e da história subsequente de Melquisedeque depois do encontro com Abraão. Não somos informados acerca de sua origem e nascimento, bem como de sua morte. Disso o apóstolo extrai entendimento de que Melquisedeque “não teve princípio de dias, nem fim de existência”. Quando pergunta, em Hb 1.13: “Ora, a qual dos anjos jamais disse: Assenta-te à minha direita...?” ele quer sugerir com isso: nos escritos do AT não é dito em lugar algum que Deus possa ter dito essa palavra a um anjo – logo nunca o fez! Algo análogo ocorre com as afirmações em Hb 1.5 e 2.16. Com essa forma de argumentação o NT segue um princípio do raciocínio rabínico: o que não está escrito na Torá, não existe no mundo.

5. De uma mesma palavra do AT podem ser obtidas conclusões teológicas diversas, que se complementam mutuamente, mas não se contradizem. Em outras palavras, uma mesma palavra do AT pode ser referida para fundamentar diferentes afirmações no NT. O SI 110.1 “Assenta-te à minha direita...” é interpretado como profecia sobre o Cristo, que se cumpriu na sua ascensão (Mc 16.19). Em Hb 1.3,13 essa mesma palavra do AT serve para fundamentar a filiação divina de Jesus. Em Hb 5.1 (cf. Hb 4.14) a mesma palavra é indício do sumo sacerdócio do Filho de Deus, que serve em Hb 10.12,13 (cf. 1Co 15.25-27) para justificar pelo AT a vitória final de Jesus e a consumação do mundo.

6. O autor de Hb utiliza, como os demais escritores do NT, as formas de interpretação da leitura alegórica e da tipologia. Ambas as formas são legítimas para a proclamação da comunidade do NT. A interpretação alegórica desvela, num evento histórico ou numa pessoa, um mistério divino, cujo significado espiritual pode “ser captado unicamente a partir do todo da revelação”. No próprio acontecimento (ou também no objeto, p. ex., o tabernáculo) esse mistério não precisa ser expresso de imediato. Importante é que todos os traços individuais possuem um sentido figurado. A tipologia, em contraposição, enfoca complexos mais longos da história, nos quais o evento da história da salvação no passado adquire importância modelar para o presente ou o futuro da igreja. Alegoria e tipologia não anulam o sentido original da palavra, o “significado

gramatical” de um relato do AT. Enquanto, porém, a tipologia observa a correlação entre pessoas e acontecimentos nos parâmetros do transcurso histórico, a leitura alegórica tenta encontrar um sentido mais profundo no próprio relato. Assim o autor de Hb aplicou, p. ex., à cortina do tabernáculo, que separava o santuário do lugar santíssimo, a interpretação alegórica: vê nela um indício da linha divisória invisível que separa nosso mundo terreno da glória de Deus, assim como por outro lado considera que a cortina alude ao caminho de Jesus em sua corporalidade terrena (veja exposição sobre Hb 6.19 e 10.20). Em geral encontramos no NT apenas explicações alegóricas isoladas no contexto de interpretações tipológicas (especialmente 1Co 10.4 no trecho de 1Co 10.1-13). Deparamo-nos, p. ex., em Hb 3, com uma inegável interpretação tipológica do AT, enquanto em Hb 7, na explicação da misteriosa pessoa de Melquisedeque, o apóstolo faz uso da leitura alegórica.

7. Quando corremos os olhos sobre o material reunido, ficamos admirados com a grande liberdade espiritual com que os escritores do NT – assim como o autor de Hb – explicam a Escritura, sem caírem numa especulação cheia de fantasias. Eles estão protegidos contra esses escorregões porque sua interpretação da Escritura sempre refere-se a Cristo, o centro de toda a revelação, e porque se submetem à autoridade da palavra da Escritura que lhes foi transmitida. Na contemplação do AT, assim como a verificamos em Hb, não se trata de uma exegese científica na perspectiva histórico-crítica, mas da mensagem de um apóstolo conduzido pelo Espírito de Deus. “O autor de Hb é um carismático. Ele lê o AT à luz da nova ordem da salvação e reconhece já na imagem sombreada da antiga lei a realidade celestial trazida por Cristo. Na parábola do AT ele decifra as indicações ocultas do tempo de salvação atual (Hb 9.9). Temos de crer nele quando escreve que Moisés preferiu os sofrimentos do povo de Deus aos tesouros do Egito e se decidiu pela desonra de Cristo (Hb 11.24,25), ou quando nos assegura que o próprio Cristo fala aos cristãos no Sl 95 (Hb 3.7-11)”.

Intencionalmente discorremos com mais vagar sobre a compreensão e interpretação da Escritura em Hb, porque temos a convicção de que a atitude dos apóstolos diante da palavra da Escritura também é norma para a comunidade de Jesus na atualidade. Desta maneira, podemos seguir seus trilhos na nossa interpretação. Quando os apóstolos interpretam a palavra do AT, ela é revelação compromissiva para a comunidade de Jesus Cristo de todas as gerações. Existe uma justificativa espiritual para aplicar, sob a direção do Espírito Santo, a maneira e o método da interpretação apostólica da Escritura ainda hoje, e com certeza ela é aplicada repetidamente – muitas vezes de modo inconsciente – na pregação e na cura de almas. Contudo, não possuímos a autoridade apostólica de elevar o nosso entendimento e a nossa interpretação, na forma e no resultado, como autoridade para os demais.

5. O tema e a argumentação da carta aos Hebreus

Hb descortina diante de nós *a glória da nova aliança em contraposição à antiga*, e resume a magnitude do sacrifício de Jesus que sobrepõe a tudo, em contraposição a todos os sacrifícios do AT, por meio da palavra “quanto mais” (Hb 9.14 [RC]). De forma muito singular ela enfatiza o caráter único da ação redentora do Senhor. O apóstolo desenvolve essa glória extraordinária da revelação de Deus na nova aliança por meio de três grandes idéias. Na primeira seção da carta (Hb 1.1-5.10) ele fala da *majestade da pessoa de Jesus*, o Filho de Deus, que é superior aos poderes celestiais, aos mundos angelicais, mas de igual maneira aos grandes personagens da antiga aliança, Moisés, Josué e Arão. Na segunda seção da carta (Hb 7.1 - 10.18) ele coloca a *obra de Jesus* ao lado desse pensamento e nos mostra o nosso Senhor como o Sumo Sacerdote eterno e misericordioso. Na terceira seção (Hb 11.1 - 12.29) ele fala de como o encontro vivo com a pessoa de Jesus e a experiência pessoal de sua obra de salvação devem tornar-se eficazes na vida das pessoas, a saber, *na fé e na santificação*. O alvo prático da carta são as exortações, que sucedem a cada uma das seções principais. É evidente que todas as suas reflexões teológicas não são um fim em si próprias, mas apontam para aqueles breves trechos em que, com palavras sérias, o autor chama a atenção dos fiéis que experimentaram Cristo em sua vida, para o alcance imenso de sua responsabilidade. O apóstolo coloca diante de seus leitores a magnitude da pessoa de Jesus, a fim de preveni-los de apostatarem de Cristo (Hb 5.11 - 6.20). No seguimento à segunda seção, na qual ele expõe a superioridade do sumo sacerdócio de Jesus sobre o sacerdócio, o santuário e os sacrifícios do AT, ele adverte novamente para o pecado proposital e exorta os fiéis a perseverarem firmemente na tribulação (Hb 10.19-39). Finalmente ele acrescenta à terceira seção, na qual fala da fé e da santificação (Hb 11,12), exortações práticas sobre seguir a Jesus com fé (Hb 13). A estrutura da carta nos revela que a descrição do sumo sacerdócio eterno de Jesus (Hb 7.1 - 10.18) constitui a peça central da carta. Na exposição, a posição de Mediador ocupada pelo Sumo Sacerdote não é

apenas importante para o apóstolo. Muito antes a “*intercessio*”, a oração da intercessão do Sumo Sacerdote eterno perante Deus em favor de sua igreja (cf. Jo 17 e Rm 8.34 com Hb 7.25), significa para ele o auxílio decisivo no sofrimento, bem como o penhor de que os fiéis alcançarão o alvo da glória.

Cabe acrescentar ainda duas observações:

Quando refletimos sobre o que foi dito acima e examinamos as estruturas da carta sugeridas pelos diversos comentaristas, parece-nos que todas, comparadas com o texto de Hb, causam a impressão de uma construção artificial, não conseguindo fazer-lhe justiça plenamente. Na nossa própria estruturação temos consciência desta dificuldade. Esta circunstância deve-se à forma dinâmica com que o autor se expressa. Ele evidentemente persegue sua idéia com persistência no decorrer de toda a carta. Contudo, ele a interrompe de maneira bem inesperada, faz várias vezes um novo começo, adiciona repetidamente outros aspectos. Assim, torna-se extraordinariamente complicado evidenciar uma argumentação homogênea. Lutero já sentiu o problema, manifestando a opinião de que Hb seria “uma epístola composta de muitas peças”. Por isso, o nosso esboço da linha do pensamento de Hb também representa uma tentativa que visa servir à melhor compreensão da carta. Uma solução satisfatória do problema ainda permanece em aberto.

Hb enaltece a glória do Cristo que transcende a tudo. O autor sabe que o Senhor exaltado é idêntico ao Jesus terreno de Nazaré. Contudo, a glória de Jesus Cristo, da qual fala, é uma glória *invisível*, celestial. O serviço de sumo sacerdote de Cristo, enfim, não se realiza na terra, mas no céu. Por meio de ilustrações terrenas ele concretiza uma realidade celestial. Assim, o apóstolo convoca os cristãos a “levantarem o olhar” (Hb 12.2) para aquele que não conseguem ver com os seus olhos físicos, ou também a se apegarem como Moisés ao invisível como se o vissem (Hb 11.27). Por meio de Cristo os fiéis estão ligados ao mundo celestial, são participantes da “vocação celestial”, seu caminho é o caminho da fé. Isso constitui a renúncia consciente a apresentar a salvação de maneira visível em nosso tempo, mas a certeza de sua realização definitiva no mundo vindouro!

A “Bíblia de Berleburg”, uma tradução [alemã] completa com breves comentários da Escritura Sagrada, e um dos mais importantes documentos do Pietismo incipiente, diz na introdução a Hb (1739): “A epístola aos Hebreus é preferida por alguns por causa de sua importância diante de todas as demais, e considerada sumamente sagrada, quando se duvida que depois do evangelho de João possa haver no NT um livro que traga dentro de si mais sabedoria e teologia profundas e ocultas. De fato também esta epístola representa uma verdadeira chave de todo o AT e NT e praticamente o centro dos demais livros e o ponto em torno do qual se afixa o círculo todo.”

A interpretação a seguir tentará elucidar os pormenores desse testemunho.

6. A estruturação da carta aos Hebreus

Tema: A glória da nova aliança diante da antiga aliança

I. PRIMEIRA SEÇÃO: A glória da pessoa de Jesus, Hb 1.1 - 5.10

1. A glória do Filho de Deus, Hb 1.1-4
2. A superioridade do Filho de Deus sobre os anjos, Hb 1.5-14
3. A superioridade do Filho do Homem sobre os anjos, Hb 2.1-18
 - a. A magnitude de nossa responsabilidade, Hb 2.1-4
 - b. Humilhação e exaltação do Filho do Homem, Hb 2.5-18
4. A superioridade de Jesus sobre Moisés, construtor do tabernáculo de Deus, Hb 3.1-19
 - a. A superioridade do Filho sobre o servo, Hb 3.1-6
 - b. A migração de Israel pelo deserto como exemplo que adverte a igreja, Hb 3.7-19
5. A superioridade de Jesus sobre Josué, o guia de Israel até Canaã, Hb 4.1-13
 - a. Desafio para ouvir com fé as promessas de Deus, Hb 4.1,2
 - b. As promessas do descanso de Deus para a igreja, Hb 4.3-11
 - c. A eficácia da palavra de Deus, Hb 4.12,13
6. A superioridade de Jesus sobre Arão, o primeiro sumo sacerdote, Hb 4.14-5.10
7. *Primeira exortação*: Advertência contra a apostasia, Hb 5.11- 6.20
 - a. Crítica da imaturidade espiritual, Hb 5.11-14
 - b. A impossibilidade de renovar o arrependimento, Hb 6.1-8

- c. Encorajamento para perseverar nas promessas de Deus, Hb 6.9-20
- II. SEGUNDA SEÇÃO: A obra de Jesus, seu serviço como eterno Sumo Sacerdote, Hb 7.1-10.18
 - 8. A superioridade do sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque sobre o sacerdócio levítico segundo a ordem de Arão, Hb 7.1-28
 - a. Melquisedeque e Abraão, Hb 7.1-3
 - b. A superioridade de Melquisedeque sobre Abraão e Levi ao receber o dízimo, Hb 7.4-10
 - c. O novo sacerdócio demanda uma nova ordem de sacerdotes, Hb 7.11-17
 - d. A confirmação do sacerdócio melhor pelo juramento, Hb 7.18-28
 - 9. Jesus Cristo como Sumo Sacerdote celestial tornou-se o mediador da nova aliança melhor, Hb 8.1-13
 - 10. A limitação temporal e terrena do tabernáculo e de suas ordens, Hb 9.1-10
 - 11. O cumprimento de todos os sacrifícios, exemplos e promessas do AT pelo único sacrifício de Cristo, Hb 9.11-28
 - 12. O sacrifício de Jesus efetua perdão, santificação e perfeição, Hb 10.1-18
 - 13. *Segunda exortação*: Convocação para a finalidade na fé, Hb 10.19-39
 - a. Fidelidade ao testemunho, Hb 10.19-25
 - b. Advertência sobre o pecado proposital, Hb 10.26-31
 - c. Exortação para a persistência, Hb 10.32-39
- III. TERCEIRA SEÇÃO: Fé e santificação da igreja, Hb 11.1 - 12.29
 - 14. As testemunhas da fé, Hb 11.1-31
 - a. O testemunho de fé dos antigos, Hb 11.1-7
 - b. O caminho de fé dos patriarcas, Hb 11.8-22
 - I. Abraão, Hb 11.8-19
 - II. Isaque, Jacó e José, Hb 11.20-22
 - c. O poder de fé de Moisés, Hb 11.23-29
 - d. Força eficaz da fé diante de Jericó, Hb 11.30,31
 - 15. Vitória e sofrimento da fé, Hb 11.32-40
 - 16. Luta de fé como meio pedagógico de Deus, Hb 12.1-11
 - a. Jesus, nosso exemplo na fé, Hb 12.1-3
 - b. Educação para a santidade, Hb 12.4-11
 - 17. Vigilância espiritual incansável na vida de santificação, Hb 12.12-29
 - a. Defesa contra manifestações de cansaço espiritual, Hb 12.12-17
 - b. A superioridade da nova aliança nos compromete com a santificação, Hb 12.18-29
 - 18. *Terceira exortação*: Discipulado no cotidiano, Hb 13.1-21
 - a. Exortação para a vida pessoal, Hb 13.1-6
 - b. Comportamento correto na comunidade, Hb 13.7-19
 - c. Palavra de bênção, Hb 13.20,21
 - 19. *Encerramento da carta*: Saudação e voto de graça, Hb 13.22-25

COMENTÁRIO

I. PRIMEIRA SEÇÃO

A GLÓRIA DA PESSOA DE JESUS **1.1–5.10**

1. A glória do Filho de Deus, 1.1-4

- ¹ **Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas,**
- ² **nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo.**
- ³ **Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas,**
- ⁴ **tendo-se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles.**

Deus falou. De modo ímpar Hb testemunha logo na primeira frase o fato fundamental de qualquer conhecimento de Deus autêntico: Deus falou. O que toda busca e indagação do coração humano por Deus, nas múltiplas formas de vida e reflexão religiosas, jamais poderia ter forçado – isso Deus realizou por iniciativa própria: ele revelou-se! Toda a revelação no passado e no presente tem origem no próprio Deus. O pronunciamento de Deus, sua palavra está no início de toda a história. Por meio de sua palavra de onipotência Deus chamou o cosmos à existência (Gn 1.1,2; Hb 11.3). No meio da história da humanidade a palavra de Deus em Jesus Cristo tornou-se pessoa (Jo 1.1-3,14; Ap 19.13). No final da história, a palavra criadora de Deus fará surgir um novo céu e uma nova terra (Ap 21.1). “E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21.5). A revelação de Deus determina o curso da história de eternidade a eternidade. Quem experimentou o falar de Deus como juízo e graça pessoalmente em sua vida, assim como foi concedido às pessoas da antiga e nova alianças, este ganhou uma visão para o fato de que a revelação de Deus pode ser percebida em todas as esferas da vida. Em vista disso, Deus fala na natureza (Sl 19.1-4; 29.3-5): a totalidade da criação, com suas magistrais correlações de mundo orgânico e inorgânico, de macrocosmos e microcosmos, mostra, a cada pessoa que quer ver, a realidade do onipotente Deus Criador (Rm 1.19,20).

- 1 Deus igualmente fala na história. Ele executa seu plano no decurso dos acontecimentos no âmbito do mundo dos povos. O NT, porém, não apenas conhece uma revelação genérica de Deus ao mundo gentílico (At 17.26,27; Rm 2.14,15), mas ele está consciente de que Deus falou de modo especial na história de Israel: **Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas.** Com essa frase o apóstolo localiza-se conscientemente na tradição do AT. A história dos pais é para ele a história do falar divino. Nesta retrospectiva não pensamos apenas nos profetas literários, cuja mensagem nos ficou preservada até o presente pelos livros proféticos do AT, mas toda a história de Israel é acompanhada pela palavra dos profetas (Jr 7.25). Abraão e Moisés já são designados profetas (Gn 20.7; Dt 18.15,18; 34.10; Os 12.14). O tempo dos profetas começa particularmente com a decadência do sacerdócio sob Eli e seus filhos e com o início do reinado terreno em Israel. Geração após geração, até a destruição de Jerusalém, Deus envia a seu povo pessoas que foram incumbidas por ele de transmitir a Israel e seus reis a mensagem de Deus. Os profetas do AT não são apenas os emissários de Deus que devem anunciar sua palavra de juízo e clemência (2Rs 17.13; Is 61.1,2; Jr 23.25-32). São pessoas que se encontram sob uma iluminação especial do Espírito Santo (1Pe 1.11) e sob a proteção singular de Deus (Sl 105.15). Ao mesmo tempo, o Senhor concede-lhes conhecimento acerca de seus planos, autorizando-os, assim, para a oração e intercessão. O profeta Amós testemunha: “Certamente, o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas” (Am 3.7). São eles os portadores dos mistérios das revelações de Deus.

Para o apóstolo, a natureza e a história – e nelas o falar de Deus por intermédio dos profetas – são caminhos de revelação de Deus. Acima de tudo, o *testemunho escrito* dos homens de Deus constitui uma interpelação *direta* de Deus ao ser humano. Em decorrência, ele ouve de múltiplas maneiras, na palavra transmitida pelo AT, a voz de Deus: aqui falam Deus o *Pai*, Cristo o *Filho*, o *Espírito Santo* e o *profeta* inspirado. Com certeza o autor de Hb não segue um esquema rígido quando interpreta a Escritura. Mas *o AT todo* é para o apóstolo palavra de Deus e, em decorrência, autoridade irrestrita.

Deus não apenas possui um número quase incontável de *mensageiros*, os quais envia a seu povo, mas ele também é ilimitado na multiplicidade de suas *possibilidades de revelação*. O AT conhece uma ampla diversidade de formas de revelação: **muitas vezes e de muitas maneiras** Deus falou outrora. Assim como existem diferenças nos conteúdos da revelação enquanto promessa e anúncio,

ordem, lei e instrução, assim também existe uma diversidade nas modalidades de revelação. Deus fala ao ser humano por meio de sonhos (Gn 20.3; 28.10ss; Dn 7.1) e por aparições de anjos (Gn 19.1ss), por visões (Sl 89.20; Is 6.1ss; Jr 1.11; 24.1; Ez 1.1; Am 7.1,4,7; Os 12.11) e audições (Gn 22.11; 1Sm 3.4,10), por meio de um animal (Nm 22.28ss; 2Pe 2.16) e por misteriosos sinais escritos (Dn 5.5). Em Jó 33.14-22 registra-se o conhecimento de que Deus é capaz de falar ao ser humano por sonhos e enfermidades. Contudo, aquilo que no AT é característica das possibilidades ilimitadas de revelação por parte de Deus, aparece à luz do NT como sendo tão somente revelação preliminar, parcial e ainda inconclusa.

- 2 É por isso que o apóstolo continua: **nestes últimos dias, nos falou pelo Filho**. Não é uma continuação óbvia, em linha reta, da forma anterior de revelação divina, mas algo inteiramente novo. O inimaginável, que ultrapassa todas as possibilidades e as limitações do nosso pensamento, veio a ser realidade. Aquilo que os anjos anunciaram aos pastores do campo em Belém: “hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador” [Lc 2.11], aquilo que o apóstolo João testemunha: “A Palavra tornou-se carne” (Jo 1.14 [NVI]), isso o apóstolo resume aqui na frase: Deus falou **pelo Filho**. Em Jesus Cristo a revelação de Deus tornou-se *perfeita*. Nele Deus vem pessoalmente a nós. Em Cristo reside a plenitude de Deus. “Deus estava em Cristo” (2Co 5.19). Não é possível que Deus chegue mais perto de nós seres humanos do que chegou na pessoa de Jesus. “Essa é a forma mais sublime e perfeita de como Deus pode falar conosco”. A vinda do Filho de Deus ao nosso mundo, sua vida, seu falar e agir, seu sofrimento e morte constituem o presente incomparável de Deus à humanidade pecadora, que vive na rebelião contra Deus. Jesus Cristo é o “dom inefável” (2Co 9.15). Ele, porém, não é apenas a revelação perfeita, mas ao mesmo tempo a *última* revelação de Deus. Além do envio de seu Filho Deus não faz mais nada pela salvação das pessoas. Cristo morreu de uma vez para sempre pelos pecados do mundo inteiro. Quem não aceita pessoalmente pela fé o seu sacrifício está perdido. Quando Cristo voltar, não virá para morrer mais uma vez em favor de pecadores (Hb 9.28). Em decorrência, Jesus Cristo também é a revelação *decisiva* de Deus: Ele é o centro da história universal e salvadora de Deus. Com a sua vinda começou a virada das eras. O “tempo final” teve início. Deus falou a nós pelo Filho **nestes últimos dias** (“no fim desses dias”). Os homens de Deus da antiga aliança ansiaram pela vinda do tempo final, quando falavam do “fim dos dias”. Essa época profetizada no AT é o tempo do Messias e, ao mesmo tempo, a época em que vivem os destinatários de Hb. Por isso o apóstolo diz: “*nestes últimos dias, nos falou*”. No mesmo sentido também o apóstolo João escreve: “Filhinhos, já é a última hora” (1Jo 2.18). Num determinado sentido, o agir salutar de Deus chegou a um encerramento: o acesso ao coração de Deus está aberto para todos, o caminho para a salvação eterna está claramente testemunhado para todas as pessoas na palavra de Deus e não há mais necessidade de outra revelação de Deus. Agora é o tempo da salvação, no qual Cristo reúne sua igreja por meio de seu Espírito Santo e a aperfeiçoará para a glória eterna sob a crescente pressão dos poderes anticristãos. Depois ele retornará para buscar sua igreja e realizar o julgamento sobre as nações.

Durante sua atuação na terra, o próprio Jesus tinha a consciência de que com ele, na sua pessoa, a revelação conclusiva de Deus tinha vindo ao mundo. Na parábola da vinha, em que Deus é retratado como o dono da vinha, Jesus diz: “Restava-lhe ainda um, seu filho amado; a este lhes enviou, por fim” (Mc 12.6). Com essas palavras Jesus expressou claramente que extrema seriedade pairava sobre seu envio da parte de Deus, o Pai. Esse Filho único é ao mesmo tempo o herdeiro. Na parábola lemos adiante: “Mas os tais lavradores disseram entre si: Este é o herdeiro; ora, vamos, matemo-lo, e a herança será nossa” (Mc 12.7; par Mt 21.38). O único Filho é o herdeiro – isso é confirmado por Hb 1.2: **a quem constituiu herdeiro de todas as coisas**. Jesus Cristo, o Filho de Deus, que traz a última palavra de revelação de Deus, é o herdeiro, a ele pertence toda a glória do Pai. Por isso ele podia dizer a seus discípulos: “Tudo me foi entregue por meu Pai” (Mt 11.27). A palavra profética de Davi: “eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão” (Sl 2.8) cumpriu-se na pessoa de Jesus. Hoje mesmo ela é uma realidade oculta na comunidade. Quando Jesus Cristo retornar, o cumprimento definitivo dessa palavra do salmo realizar-se-á visivelmente perante os olhos de todas as pessoas.

Pelo qual também fez o universo (“foi por meio dele que Deus criou o Universo” [BLH]). Jesus Cristo é mediador da criação do mesmo modo como ele é herdeiro do universo. De suas mãos surgiram o mundo visível e o invisível. Ele encontra-se no começo e no fim da criação: “sou o primeiro e também o último” (Is 48.12; Ap 1.17). Assim como foi no começo, assim também será

novamente no final, quando todo o mundo estará prostrado aos pés de Jesus. Essa revelação, de que Jesus Cristo é o mediador da criação, não procede da boca do próprio Jesus, mas constitui uma revelação de Deus por intermédio do Espírito Santo à sua igreja. É bem verdade que Jesus disse a seus discípulos: “antes que Abraão existisse, eu sou” (Jo 8.58). E na oração sacerdotal ele falou de sua glória junto do Pai: “... que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo” (Jo 17.5,24).

Contudo, o fato de que Deus criou o mundo por intermédio de Jesus Cristo constitui uma revelação, que os discípulos tinham capacidade de apreender somente depois de Pentecostes. Por isso Jesus lhes disse em sua bênção de despedida: “Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade” (Jo 16.12,13). Antes de todos os tempos, quando Jesus Cristo se encontrava na glória de Deus o Pai (cf. Mq 5.2), ele não estava inativo: sua incumbência era a criação do mundo (cf. Jo 1.1–5.14). Se queremos visualizar diante de nós de modo apropriado a imensurável magnitude de nosso Senhor e Salvador, temos que nos conscientizar de que Jesus Cristo é Criador do mundo, Redentor do mundo e Consumador do mundo numa só pessoa. Ele, por meio de cuja palavra onipotente o mundo passou a existir, esteve deitado no presépio como pequena criança, morreu em nosso favor na cruz e retornará com glória, a fim de consumir o plano de salvação de Deus.

- 3 Por meio de palavras sempre diferentes é dada expressão à grandeza excelente de Jesus e descrito o caminho do Cristo de eternidade a eternidade como uma contínua e crescente manifestação. **Ele, que é o resplendor da glória e a expressão (“a marca”) exata do seu Ser.** Sobre a pessoa de nosso Senhor paira um mistério, cuja manifestação em nossa vida constitui uma ação da graça soberana de Deus. Ao que crê, esse mistério se desvela. Em sua configuração terrena e humana, Jesus de Nazaré traz o ser de Deus. Ele pode dizer: “Eu e o Pai somos um” e “Quem me vê a mim vê o Pai” (Jo 10.30; Jo 14.9). Quem o encontra – encontra a Deus. O apóstolo Paulo testemunha repetidamente em suas cartas que Cristo é a imagem do Deus invisível. Jamais o ser de Deus foi manifesto em forma mais pura que em Jesus Cristo. Por isso também o apóstolo João escreve no começo de seu evangelho: “Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou” (Jo 1.18).

Resplendor da glória significa que Jesus Cristo recebe a luz a partir da glória de Deus, mas ele próprio a irradia, de forma límpida e sem diminuí-la, ao nosso mundo em trevas. Assim como ele é portador da glória divina, também devem vir a sê-lo as pessoas que lhe confiam sua vida e lhe obedecem (cf. Mt 5.14; Fp 2.15). O mesmo processo que se desenrolou na vida de Jesus deve repetir-se na vida dos cristãos: “com o rosto descoberto, refletimos a glória que vem do Senhor” (2Co 3.18 [BLH]). Por ser Jesus Cristo **expressão (“a marca”) exata do seu Ser** (de Deus), reconhecemos nele como Deus é na verdade. Por meio de uma ilustração podemos dizer: assim como uma moeda reproduz de forma independente e clara a efígie daquele que a emite, assim acontece com a realidade de Deus em Jesus Cristo.

Sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder. Cristo não somente é o Criador e Consumador do mundo, ele é ao mesmo tempo o seu Mantenedor. Não apenas a existência desse mundo e o surgimento de toda a vida sobre ele é obra de Jesus Cristo. Também é ação dele manter incessantemente a criação. Tudo que existe nesse mundo, a vida de cada pessoa individualmente como também as constelações de poder sempre outras entre grandes nações, que mantêm em andamento o percurso da história mundial, devem sua existência unicamente por intermédio de Jesus Cristo. Por meio dessa afirmação da palavra de Deus torna-se visível que: na verdade, a criação toda encontra-se, desde a queda do pecado, num processo inegável de decadência. *Sem* a intervenção de Deus ocorreria uma desintegração total. Já no livro de Jó, p. ex., consta: “Se Deus pensasse apenas em si mesmo e para si recolhesse o seu espírito e o seu sopro, toda a carne juntamente expiraria, e o homem voltaria para o pó” (Jó 34.14,15). *Unicamente* o “sustento de Deus” preserva o universo. E esse “sustentar” realiza-se precisamente mediante a *palavra* divina, cujos efeitos não se estendem apenas ao nosso mundo visível, mas a todo o cosmos. “Ele sustenta o universo”! A palavra de Deus é a única coisa que pode preservar o mundo da dissolução. Na nossa época, diante do assédio de poderes demoníacos, percebemos com clareza cada vez maior: à medida que a palavra de Deus é rejeitada, o mundo se encaminha para as trevas.

As afirmações acerca de Cristo superam-se mais e mais. Ele criou os mundos por ordem de Deus e ele efetuou **a purificação dos pecados**. No grego, a palavra *poiein* significa, “fazer”, “agir” e possui no v. 2, no qual se fala da criação do mundo, o mesmo significado como no v. 3, onde o apóstolo

aponta para a morte de Jesus na cruz, pela qual Cristo “fez a purificação dos pecados” (tradução literal). O termo grego *poiein*, que é usado aqui e em Hb 11.3 com significados idênticos, corresponde ao hebraico *bará* = “criar”, de Gn 1.1 e Is 43.1. Ou seja, o ato de reconciliação e redenção é um agir idêntico de Deus ao dos primórdios do mundo. Encontram-se numa profunda relação entre si a manhã da criação do mundo e o romper do novo dia de Deus com a redenção, que Jesus Cristo conquistou por meio de sua morte no Gólgota e que se realiza na nova humanidade. É isso que Paulo quer dizer quando afirma: “Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2Co 4.6). É o mesmo Deus que atua na criação e na redenção, é a palavra eterna que produz com a mesma força o mesmo efeito: nova vida se forma!

Na organização das partes da frase pode-se reconhecer que para o apóstolo a ação redentora de Deus é o centro de todos os acontecimentos, em torno do qual a sua reflexão gira constantemente. A morte de Jesus na cruz para o perdão de nossos pecados é o auge, o alvo de seu envio à terra (Mc 10.45) e a base de nosso relacionamento com Deus. Ninguém poderia encontrar perdão e paz, ninguém poderia tornar-se justo diante de Deus e chegar a ele se Jesus não tivesse morrido por nós. Sua morte na cruz do Gólgota é para toda a eternidade o evento central da história universal. Nesse evento percebemos algo da dimensão do pecado humano, que Deus teve de castigar de forma tão terrível que seu único Filho morreu vicariamente abandonado por Deus. Mas igualmente vislumbramos a medida infinita do amor de Deus, que estava disposto a dar o melhor por nós. Por isso, o sofrimento e a morte de Jesus serão para os redimidos perpetuamente, no tempo e na eternidade, motivo de gratidão e adoração (Ap 1.5; 5.9,12).

Deus responde à morte sacrificial de seu Filho com a ressurreição e ascensão. Jesus Cristo é exaltado à direita de Deus e recebe todo o poder no céu e na terra. A mais profunda humilhação de Jesus vem a ser a base de sua soberania eterna. Ele **assentou-se à direita da Majestade, nas alturas**. A expressão “assentou-se à direita” remete-nos ao Sl 110.1: “Disse o Senhor ao meu senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés”. Essa palavra profética cumpriu-se no dia da ascensão (cf. Mc 16.19). A filiação divina de Jesus, que constituía uma determinação de Deus antes de todo o tempo, e que Jesus comprovou através de sua vida, paixão e morte, torna-se manifesta, na sua exaltação, a todos os poderes celestiais e, na volta de Jesus com glória, a todos os poderes terrenos. Depois que Cristo consumou o sacrifício para a redenção das pessoas, Deus o retirou da terra e o instalou na soberania mundial. Jesus Cristo tem participação no trono de Deus. Como este conhecimento é consolador para a comunidade que crê: nosso mundo não está rendido ao arbítrio de pessoas maldosas e ambiciosas nem à influência destrutiva de poderes demoníacos, que executam sua estratégia por trás de todos os acontecimentos históricos visíveis. Cristo é o Senhor, ele segura todas as rédeas do acontecimento mundial em suas mãos misericordiosas, que foram perfuradas em nosso favor, e ele terá a última palavra no final da história. Nesse Senhor e Rei poderoso podemos confiar plenamente em todas as situações difíceis da vida.

- 4 **Tendo-se tornado tão superior (“poderoso”) aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles.** Quando Deus instituiu Jesus Cristo como soberano mundial ele também decidiu sobre o relacionamento do Filho com os anjos. Jesus é “melhor”, i. é, superior aos anjos. Seu poder é maior que o deles. Os anjos estão subordinados ao Filho. Como no AT, assim também no NT o nome expressa a essência e a dignidade de uma pessoa. Na exaltação do Filho de Deus torna-se claro que ele obteve um nome melhor que os anjos: Jesus Cristo, o mediador da criação e mantenedor do mundo, abandonou a glória de Deus. – Morreu na cruz para redimir os pecados. – Deus o exaltou e lhe concedeu um nome incomparavelmente sublime. O prefácio de Hb contém a mesma mensagem que Paulo transmite à igreja em Filipos, o assim chamado “salmo cristológico” de Fp 2.5ss. Ali se declara: Jesus Cristo tornou-se ser humano e morreu obediente na cruz. “Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o *nome que está acima de todo nome*, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” (Fp 2.9-11). Em virtude da palavra do anjo a Maria e José, o Senhor recebeu já no oitavo dia de vida, por ocasião da circuncisão, o nome de “Jesus”. Depois de sua morte e ressurreição, o maravilhoso poder desse nome tornou-se manifesto por meio dos apóstolos. O novo nome, porém, que Jesus Cristo recebeu com sua exaltação, é o nome “Senhor” (em grego: *kýrios*), que no AT cabe exclusivamente ao Deus vivo. Dessa maneira lhe são atribuídos o poder e a glória insuperáveis de Deus. O fato de que Jesus Cristo, o Filho de Deus desde a eternidade, foi incumbido,

em sua exaltação, com toda a plenitude de poder de Deus, serve ao mesmo tempo à confirmação do nome do Filho perante poderes terrenos e celestiais, dando a Cristo a superioridade incomparável. Ele de fato é Filho, Deus e Senhor, assim como destacam singularmente as citações do AT nos v. 5,8,10.

Síntese

Deus falou – desde os primórdios da história da humanidade e da salvação. “Fala o Poderoso, o Senhor Deus, e chama a terra desde o Levante até ao Poente” (Sl 50.1). Todas as múltiplas formas de revelação de Deus – na natureza, na história e na consciência – condensam-se na história de Israel: aqui o falar de Deus torna-se audível na palavra dos profetas. Contudo o que no tempo da antiga aliança aparece como riqueza e pluriformidade da revelação divina, à luz da nova aliança adquire caráter de transitoriedade e imperfeição. Toda a revelação de Deus pressiona em direção ao centro da história, a encarnação do Verbo de Deus em Jesus Cristo, o Filho de Deus. Ele representa a essência de Deus, ele irradia a glória de Deus. Ao mesmo tempo Criador e Mantenedor dos mundos, ele também é o Redentor do mundo e o Soberano universal exaltado. Como herdeiro do universo ele estará no final da história e levará o plano divino de salvação ao alvo. O Cristo que volta será o Juiz e Consumador do mundo. Aquilo que da glória divina no AT é espelhado no cargo do sacerdote, no serviço do profeta e na dignidade do rei, isso está sintetizado de forma perfeita em Jesus Cristo. Ele traz à humanidade a palavra de revelação conclusiva de Deus e cumpre o profetismo do AT. Com a expiação da nossa culpa, a purificação da nossa vida de pecado, ele leva ao término a ação sacerdotal e cultural em Israel. Por meio de sua exaltação à direita da majestade de Deus ele consuma o reinado messiânico de Israel. A unidade de reinado e sacerdócio, como visualizada pelo profetismo do AT (Zc 6.9-13), chega ao cumprimento e à perfeição em Jesus Cristo.

2. A superioridade do Filho de Deus sobre os anjos, 1.5-14

- ⁵ **Pois a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei? E outra vez: Eu lhe serei Pai, e ele me será Filho?**
- ⁶ **E, novamente, ao introduzir o Primogênito no mundo, diz: E todos os anjos de Deus o adorem.**
- ⁷ **Ainda, quanto aos anjos, diz: Aquele que a seus anjos faz ventos, e a seus ministros, labareda de fogo;**
- ⁸ **mas acerca do Filho (diz): O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre; e: Cetro de equidade é o cetro do seu reino.**
- ⁹ **Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; por isso, Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo de alegria como a nenhum dos teus companheiros.**
- ¹⁰ **Ainda: No princípio, Senhor, lançaste os fundamentos da terra, e os céus são obra das tuas mãos;**
- ¹¹ **eles perecerão; tu, porém, permaneces; sim, todos eles envelhecerão qual veste;**
- ¹² **também, qual manto, os enrolarás, e, como vestes, serão igualmente mudados; tu, porém, és o mesmo, e os teus anos jamais terão fim.**
- ¹³ **Ora, a qual dos anjos jamais disse: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés?**
- ¹⁴ **Não são todos eles espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação?**

No v. 4 o apóstolo falou da superioridade do Filho de Deus sobre os anjos, a qual distingue a Jesus Cristo. Ele alicerça essa afirmação sobre o testemunho dos escritos do AT. Aqui ele já vê prefigurado aquilo que ele, como emissário do evangelho, tem de anunciar. No presente bloco ele arrola uma série de textos do AT em três rodadas de argumentação, a fim de sedimentar sua afirmação teológica sobre o Filho de Deus. Em Hb 1.5,6 ele fala duas vezes do Filho, uma vez de anjos. As citações de Hb 1.7-12 dirigem-se uma vez aos anjos e duas vezes ao Filho. Em Hb 1.13,14 ele traz como encerramento uma palavra dirigida ao Filho, da qual ele deduz uma conclusão final em relação aos anjos. Enquanto em Hb 1.5,6 o apóstolo destaca as características da dignidade – o *Filho* é o

Primogênito, os anjos são entes que o adoram – em Hb 1.7-12 ele enfatiza as insígnias de serviço: os anjos são *servos* de Deus (cf. v. 14), o Filho é o *Rei* e Criador do mundo, ele o criou e também o governa. As passagens do AT são referidas diretamente a Cristo. Jesus é o Filho (v. 5), ele é Deus (v. 8), e ele é o Senhor (v. 10); ele serve como Profeta (v. 2), como Sacerdote (v. 3) e como Rei (v. 8,9). Nisso é que ele é superior aos anjos.

- 5 O apóstolo justifica de modo indireto sua declaração referente à superioridade do Filho sobre todos os emissários celestiais de Deus. Ele levanta a pergunta: **Pois a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei?** O ouvinte ou leitor deve dar a resposta pessoalmente. Na promessa do AT Deus declarou como Filho somente um único, o Cristo e Rei messiânico vindouro – “Tu és meu Filho!” Na continuação da palavra do Salmo: “Hoje eu te gerei”, o “hoje” não vale somente para a exaltação de Jesus quando lhe foi confiada a soberania mundial. A instituição do Cristo como Filho de Deus é um acontecimento antes dos tempos, assim como a vocação para que seja herdeiro, mas ela se torna manifesta com a ressurreição e ascensão (Hb 1.5 remete a Hb 1.3). Jamais abarcaremos a relação pré-terrena de Jesus, o Filho de Deus, com Deus, o Pai, com o nosso entendimento, nem poderemos ilustrá-la por meio de nossas concepções. Toda a especulação a esse respeito é vedada. Todas as tentativas inteligentes no decurso da história da igreja para penetrar racionalmente e formular esse mistério acabaram num caminho falso, sobretudo nas controvérsias trinitárias dos séculos III e IV. O próprio Deus estabeleceu nesse ponto uma barreira que não devemos ultrapassar. Contudo, o maravilhoso mistério da eterna intimidade entre Deus, o Pai, e Jesus Cristo, o Filho, é um reconhecimento irrenunciável da fé da igreja por intermédio do Espírito Santo. Esse reconhecimento deve ser repetidamente testemunhado e deve levar os fiéis à adoração reverente.

A palavra do Sl 2.7 é combinada diretamente com uma citação de 2Sm 7.14, que é interpretada da mesma maneira. Originalmente ela se refere a Davi e sua descendência: **Eu lhe serei Pai, e ele me será Filho**. Também anjos podem ser chamados de “filhos de Deus” no AT. Contudo nem os anjos nem Salomão enquanto descendente de Davi trazem a designação “Filho” no sentido pleno da palavra, pois eles são todos entes criados pela mão de Deus. É somente a Jesus Cristo que compete esse nome. Ele é o Filho desde a eternidade. Anjos ou pessoas que no AT recebem o nome de filhos, portanto, já apontam para além de si ao tempo messiânico vindouro. Também no presente texto reencontramos a revelação precursora de Deus na antiga aliança, a qual alcançou seu encerramento e cumprimento apenas pela encarnação de Jesus.

- 6 No AT o **Primogênito** tinha a supremacia entre seus irmãos. Ele era o filho amado, a ele competia a dupla parte da herança (Dt 21.17). Ele governava na família, os irmãos mais novos eram sujeitos a ele. Também Jesus Cristo, como o Primogênito (Lc 2.7), é o Filho amado (Mc 1.11). É assim que o próprio Senhor afirma na parábola da vinha: “Restava-lhe ainda um, seu filho *amado*; a este lhes enviou, por fim” (Mc 12.6). Cristo é aquele que é amado incomparavelmente por Deus, ao qual foi entregue o governo do mundo. Por isso ele não é apenas o “Rei de Israel” (Jo 1.49), mas a ele estarão sujeitos todos os reis e governantes da terra (Ap 19.16). Ao lado desse Primogênito, o Filho de Deus, o Pai coloca a “igreja dos primogênitos” (Hb 12.23), pessoas que receberam o “espírito de adoção” (Rm 8.15), uma multidão de irmãos que no seu ser foram feitos iguais, entre os quais Cristo é o Primogênito (Rm 8.29). O *Primogênito* é o amado e eleito, que foi chamado à soberania. Da mesma forma, a igreja dos primogênitos, a igreja de Jesus, é uma multidão de amados e eleitos, que será participante da soberania do Filho (Ap 20.6; 22.5). O Primogênito detém o ministério celestial de Rei e Sacerdote. De forma análoga também os membros da igreja dos primogênitos foram feitos por Deus reis e sacerdotes (Ap 1.5,6; 5.10). A unidade do Primogênito com a igreja dos primogênitos expressa-se de modo perfeito no fato de que a unidade de reinado e sacerdócio, profetizada no AT (Zc 6.13) é cumprida em Cristo e alcança o encerramento na comunidade aperfeiçoada e glorificada (cf. também a conexão de Sl 110.1,4).

E, novamente, ao introduzir o Primogênito no mundo. Essa nova introdução do Filho no mundo é uma ação de Deus. Quando Jesus Cristo nasceu em Belém, o Filho de Deus veio da eternidade ao nosso mundo terreno, a fim de viver conosco, seres humanos, e morrer em nosso favor. Depois de sua ressurreição ele retornou ao mundo celestial, a fim de receber ali a veneração dos poderes angelicais (Ap 4.5). Quando Jesus Cristo retornar com glória, acontecerá a “reintrodução” em nosso mundo visível. Na concepção do apóstolo, a homenagem na sua entronização necessariamente faz parte da exaltação de Cristo como soberano universal. O uso terreno torna-se réplica do celestial. Aquilo que – oculto aos nossos olhos – já acontece no mundo celestial será

manifesto para todos na volta de Jesus: **todos os anjos de Deus o adorem**. Agora acontece a revelação e apresentação do Filho de Deus perante os anjos e a igreja glorificada, os “espíritos dos justos aperfeiçoados” (Hb 12.23), porém na volta de Jesus acontecerá perante o cosmos inteiro.

- 7 A palavra de Deus na antiga aliança não somente aponta para o Cristo vindouro, mas ela também esclarece sua relação com os anjos. Acerca dos anjos ele na verdade também diz: **Aquele que a seus anjos faz ventos, e a seus ministros, labareda de fogo**. A citação do Sl 104.4 é novamente uma referência literal da LXX. O texto hebraico reza na presente passagem: “Que dos ventos faz seus mensageiros, e das labaredas de fogo os seus ministros” (cf. BJ, RC, BLH). Por meio da tradução, o sentido original do texto hebraico foi ampliado e aprofundado. Deus não é somente o Senhor das forças da natureza, que tem poder para colocar a seu serviço todos os poderes e manifestações físicas, que se manifesta na labareda de fogo (Êx 3.2) e comanda o vento e o mar (Mt 5.26,27). Ele também tem à disposição poderes de anjos. Ele lhes dá a incumbência, e a cada incumbência a sua configuração é adequada. Na sua onipotência Deus dispõe de possibilidades infinitamente numerosas. Ainda que também nesse aspecto nossa capacidade de imaginação humana fracasse, a Bíblia nos abre a visão para a realidade *total*: nosso mundo visível está perpassado, rodeado e sustentado pela realidade do mundo não objetivável da glória de Deus e seus anjos. A citação afirma sobre Deus: *ele faz* de seus anjos ventos. Aqui reencontramos novamente o termo grego *poiein* (fazer, efetuar) como expressão do agir soberano de Deus, com o qual a atuação onipotente de Deus na criação e redenção é descrita nos v. 2,3. O Deus que criou coisas tão portentosas tem sob o seu comando possibilidades inesgotáveis, com vistas a serviços e revelações através de anjos.

- 8,9 A superioridade de Jesus sobre os anjos, no entanto, não se baseia somente na sua dignidade eminente como o Filho de Deus, mas ao mesmo tempo também no seu poder como Rei celestial. Com as palavras do Sl 45.7,8 o apóstolo explicita a afirmação que fez sobre Cristo no v. 3: “Ele se assentou à direita da Majestade nas alturas”.

O Sl 45 é um hino de casamento para o rei (cf. nota da BJ). “Escrevo esta canção em homenagem ao rei” (Sl 45.1 [BLH]). No v. 6 do salmo consta, pois: **O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre** (“de eternidade a eternidade”) (cf. Lm 5.19). No AT, porém, nunca (nem mesmo na coroação de um rei!) outras pessoas designam alguém como Deus. Justamente Israel conhece a grande distância que separa Deus e pessoas. É bem verdade que Deus pode acrescentar a determinadas pessoas algo de sua dignidade divina, contudo jamais a distância até Deus é suprimida por essa medida. No Sl 45 o rei terreno representa o Rei celestial. Aquilo que se afirma para o rei de Israel não condiz com ele em sentido pleno. Vale para o Rei celestial, alcançando sua consumação em Jesus Cristo.

Enquanto todos os reinos terrenos substituem a outros e desaparecem, somente a soberania de Jesus dura para toda a eternidade. Essa idéia que abrange todo o curso da história universal também ressoa nas palavras do Sl 102, que o apóstolo recita no v. 12: “Tu, porém, permaneces o mesmo!” (tradução do autor) e que culmina na confissão consoladora de Hb 13.8 “Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e sempre” (BLH).

Jesus Cristo, o *eterno* Rei da glória, também é um Rei *justo*. Por causa de sua justiça absoluta, com a qual ele governa e profere a sentença, foi-lhe dado o cargo do Juiz universal. O que Jesus Cristo concretizou em sua existência na terra, o amor ao pecador e o ódio ao pecado, o soerguimento do quebrantado e o desmascaramento do hipócrita – essa sua justiça insubornável será manifesta no fim dos dias, quando ele “vai julgar o mundo com justiça” (At 17.31 [BLH]). Repetidamente os apóstolos testemunham que o retorno de Jesus como Juiz dos mundos faz parte da sua soberania real. Então declarará justos a uns por terem crido nele, o Senhor e Salvador (Jo 5.24). A outros, que não creram nele, ele condenará (Mc 16.16). Precisamente na situação de aflição e perseguição, em que a igreja está à mercê de juízes humanos que não conhecem a palavra de Deus nem sua sentença, a certeza da vinda do Rei justo confere aos fiéis a consciência de aconchego e consolo. Não é com o sentimento servil do sarcasmo do inferiorizado, que espera pela derrota do seu opressor, mas sim com sagrada alegria prévia que a igreja espera, no tempo do sofrimento, pelo dia da vitória de Jesus Cristo, no qual se manifestará a justiça oculta de Deus.

- 10 A palavra do salmo também fala da *unção* do rei. No AT ela era um símbolo da transmissão de força e autoridade divinas, e ao mesmo tempo confirmação da incumbência celestial, que no entanto, conforme sabemos de Saul, também pode ser novamente tirada de uma pessoa. Reis, sumo sacerdotes e profetas recebiam a unção. O fato de que já no AT o Senhor e Juiz vindouro do mundo é

considerado como Ungido faz lembrar que Cristo unifica esses três cargos na sua pessoa e recebe de Deus poder e autoridade para o seu serviço. Nas palavras do AT mencionadas no v. 5, Cristo é o Filho. No v. 8 ele é interpelado como Deus. No v. 10 encontramos-lo como Senhor. **No princípio, Senhor, lançaste os fundamentos da terra, e os céus são obra das tuas mãos.** Essa é uma palavra do Salmo 102.26, no qual Deus é endereçado como o Senhor da criação. Aqui podemos perseguir um duplo movimento de reflexão que o apóstolo realiza ao escrever sua carta. No v. 2 ele destacou o fato de que Cristo é o criador dos mundos como reconhecimento basilar da fé da igreja. Foi por meio dele que Deus criou os mundos. Esse entendimento do NT auxilia o apóstolo a compreender apropriadamente a palavra do AT. Os versículos do SI 102.26-28 (LXX) são interpretados a partir da afirmação teológica de Hb 1.2. Inversamente as palavras do AT constituem para o apóstolo uma confirmação e certificação de sua compreensão, produzida pelo Espírito Santo, acerca do poder criador de Jesus Cristo.

11,12 O Senhor do qual fala o SI 102.26 não é outro senão Jesus Cristo. **Eles perecerão; tu, porém, permaneces:** criação do mundo e término do mundo opõem-se mutuamente. Em proporção igual Cristo participa em ambos. Assim como as palavras “no princípio” evocam para nós Gn 1.1, assim as palavras “eles perecerão” apontam para Ap 21.1,2. As pessoas da antiga e da nova aliança possuem uma visão sóbria da realidade. Elas sabem que esse mundo não permanecerá eternamente. A palavra profética nos diz que catástrofes abalarão nosso mundo até os alicerces. Jesus diz pessoalmente: “Céus e terra passarão”. Contudo Jesus Cristo estará presente, mesmo quando esse mundo não existir mais: “Tu, porém, permaneces”. **Todos eles envelhecerão qual veste; também, qual manto, os enrolarás, e, como vestes, serão igualmente mudados.** A linguagem figurada do AT, que os profetas usaram com especial predileção, continua sendo aplicada no NT. A metáfora é uma comparação e indicação para uma realidade que lhe é correlata. Assim como uma pessoa na Antigüidade enrolava um rolo escrito ou também sua capa e os colocava de lado, assim Jesus Cristo dará um fim à história do presente mundo com autoridade divina. **Tu, porém, és o mesmo, e os teus anos jamais terão fim.** Esse é o ápice da afirmação do AT, da qual o apóstolo se apropria. Cristo encontra-se no começo da criação e, como o Senhor imutável, também no seu final. Ele é o mesmo ontem, hoje e para a eternidade (Hb 13.8). Ele não está sujeito a nenhuma troca nem alteração como os anjos (v. 7), tampouco à transitoriedade do céu e da terra (v. 10,11).

13 **Ora, a qual dos anjos jamais disse: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés?** Em tom praticamente triunfante soa a palavra do apóstolo, com a qual encerra sua comprovação bíblica da sublimidade incomparável do Filho de Deus. A dignidade e o poder que o Filho recebeu do Pai não são concedidos a nenhum anjo. O “Senhor” que é interpelado nessa palavra de profecia do AT não é outro que o próprio Jesus Cristo. Ele está no começo do mundo, de suas mãos ele se originou (v. 10), e ele também estará no seu final (v. 11,12). Seu poder real e judicial (v. 8,9) evidenciar-se-á no fato de que ele triunfará sobre todos os seus inimigos. Hb 10.13 cita mais uma vez o SI 110.1, mostrando por meio da inserção das palavras “*aguardando, daí em diante*, até que seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés”, que a subjugação dos inimigos será realizada por Deus, o Pai. É decisivo que no fim da história do mundo e de Deus constará a vitória de Jesus. Não está sendo descrito mais claramente quem são os inimigos referidos. Por isso podemos dar resposta a essa pergunta no sentido bíblico abrangente. Hb 2.14 nos diz que por meio de sua morte na cruz Jesus Cristo venceu, aniquilou – no presente caso, destronou – aquele que tem poder sobre a morte, a saber, o diabo. Isto nos aproxima de 1Co 15.25ss, onde Paulo testemunha igualmente a derrubada de todos os inimigos, afirmando: “O último inimigo a ser destruído é a morte”. Com certeza, porém, com “inimigo de Deus e de Cristo” não se pensa apenas no diabo enquanto poderoso sobre a morte. Fazem parte do seu séquito também os anjos rebeldes e hostis. Paulo recorda aos fiéis: “Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos?” (1Co 6.3). Com essa afirmação ele não se refere aos anjos que são mencionados no presente capítulo e especialmente em Hb 1.14, os emissários de Deus, que executam a sua vontade. Pelo contrário, ele está pensando nos anjos que apostataram de Deus, que fazem parte do cortejo de Satanás (2Pe 2.4; Jd 6; Ap 12.7-9), que não possuem mais direito de cidadania na glória de Deus e que na sua rebelião contra Deus tentam impedir a obra criadora e redentora. Da mesma forma temos de contar entre os inimigos de Cristo os poderes cósmicos, os demônios e poderes espirituais das trevas. São eles os poderes e as forças ocultas que interferem de modo destrutivo em nossa vida humana e com as quais de modo algum devemos estabelecer contato. Todos esses poderes que atribulam a igreja do Senhor,

que obstruem a expansão do evangelho e tentam fazer com que os fiéis tropecem no caminho do discipulado um dia estarão definitivamente vencidos. Lembremo-nos de que a presente carta se dirige a uma comunidade que experimentou aflição e tribulação, e que precisa contar com uma severa perseguição. O apóstolo sabe que por trás do poder hostil de forças governamentais encontra-se o próprio adversário de Deus. Com base na palavra do AT ele tem condições de assegurar à igreja que seu caminho de sofrimento e a aparente supremacia dos inimigos de Cristo se encaminham ao fim. O tempo escatológico trará a grande virada e decisão. Então virá não apenas o fim de todas as coisas terrenas, mas também a revelação da vitória de Jesus Cristo e a instalação visível de seu senhorio.

- 14 Mais uma vez é retomada a idéia do v. 7, bem como a caracterização dos anjos como espíritos de serviço, em contraposição à posição do Filho como Senhor: **Não são todos eles espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação?** Essa constatação não atinge os anjos que apostataram de Deus. Trata-se dos entes celestiais subordinados a Deus para um serviço obediente. Mesmo que a Bíblia revele diferenças nas incumbências e formas de manifestação dos anjos, assim como uma hierarquia dos anjos, todos eles, no entanto, têm em comum três características:

Seu serviço se realiza continuamente na presença de Deus (Mt 18.10), e se equipara ao serviço sacerdotal de gratidão, louvor e adoração (Is 6.2,3; Ap 5.11,12; 8.3,4). Por isto, o apóstolo está utilizando, para descrever melhor o serviço dos anjos, a expressão grega *leiturgiká pneúmata*. Na respectiva forma verbal a locução sempre assinala em Hb o serviço cultural-sacerdotal.

Além disso todos os anjos estão subordinados a Cristo. Ele é o Senhor que os envia e determina o seu serviço (cf. Ap 1.1).

Finalmente, o apóstolo está comunicando um fato significativo, que é de máxima importância para os fiéis na tribulação, na aflição e no perigo: todos os anjos são enviados por Cristo para servirem aos fiéis, aos membros de sua igreja. Uma vez que entramos na comunhão com o Senhor ressuscitado Jesus Cristo, que nos tornamos “herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo” (Rm 8.17) e que, assim, somos chamados a “herdar a salvação”, também temos o privilégio de contar em todos os momentos com a proteção e preservação por parte dos anjos de Deus enquanto andarmos nos caminhos de Deus.

Mt 18.10 e Hb 1.14 nos evidenciam que cada criança e cada adulto que pertence à igreja de Jesus Cristo possui seus anjos. Jesus Cristo, Filho, Deus e Senhor, não somente realizou uma obra perfeita na criação e redenção, mas ele também sabe conduzir a igreja dos redimidos com segurança até o alvo, mediante o acompanhamento dos anjos.

Síntese

Os vv. 5,14 emolduram a argumentação desse bloco e permitem reconhecer o tema que move o autor de Hb: Jesus Cristo, a palavra de Deus tornada ser humano, culminância de toda revelação de Deus, é superior a todos os poderes e entes celestiais. O apóstolo tem ciência, a partir do testemunho do AT, da importância dos emissários transcendentais de Deus: eles são servos de Deus, que adoram e glorificam a Deus no mundo eterno (v. 6,14) e que ao mesmo tempo acompanham em formas variáveis (v. 7) o caminho do povo migrante de Deus na terra. Agora, porém, é mais importante para ele que o AT também já confirma a posição incomparável de Cristo. Para ele, é nisso que se revelam ao mesmo tempo a magnitude e o limite do AT. A palavra escrita de Deus da antiga aliança (Sl 2; Sl 45; Sl 102; Sl 110) é capaz de falar, na perspectiva do autor, de Cristo como Filho de Deus (v. 5), como Deus (v. 8) e como Senhor (v. 10). Foi ele que no princípio criou o céu e a terra (v. 10). Ele permanecerá o mesmo quando a criação passar no final da história (v. 11,12). Ele será Rei, Sacerdote e Profeta, o qual por sua morte sacrificial vicária cumprirá todas as promessas de Deus e instalará seu reinado perpétuo (v. 8,9). Tudo isso, porém, no contexto da antiga aliança, permanece profecia, sendo comunicado somente de forma velada. *Agora, porém, Cristo veio ao mundo*, e nele se cumpriram as maravilhosas promessas de Deus. O Filho de Deus na verdade é maior que todos os mediadores da revelação divina, maior que todos os seres no mundo visível e invisível. Essa certeza, que o Espírito Santo decodifica para o apóstolo na palavra do AT, confere-lhe a consciência de uma proteção absoluta. No serviço que ele precisa prestar à igreja, por isso, sua preocupação é a seguinte: o olhar da fé deve ser dirigido ao eterno Filho de Deus – em meio a tribulações, aflição e perseguição. O conhecimento da magnitude e majestade insuperáveis de Cristo, o Senhor da igreja, ao qual estão subordinados todos os poderes terrenos e transcendentais, deve ajudar os fiéis a

viverem das inesgotáveis fontes do poder de Deus e a trilharem confiantemente o caminho do discipulado, apesar de todas as hostilidades de fora e todas as tribulações de dentro.

3. A superioridade do Filho do Homem sobre os anjos, 2.1-18

a. A magnitude de nossa responsabilidade, 2.1-4

- ¹ **Por esta razão, importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos.**
- ² **Se, pois, se tornou firme a palavra falada por meio de anjos, e toda transgressão ou desobediência recebeu justo castigo,**
- ³ **como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação? A qual, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram;**
- ⁴ **dando Deus testemunho juntamente com eles, por sinais, prodígios e vários milagres e por distribuições do Espírito Santo, segundo a sua vontade.**

- 1 No trecho precedente o autor da nossa carta enfatizou a superioridade do Filho de Deus sobre os anjos. O mesmo pensamento repercute também em Hb 2.1-4, no contraste: “a palavra falada por meio de anjos” e a salvação que foi “anunciada inicialmente pelo Senhor”. O reconhecimento da grandeza de Jesus motiva o autor apostólico a fazer uma breve, mas insistente, exortação aos fiéis. Todas as suas exortações apontam em direção à palavra de Jesus: “àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão” (Lc 12.48). A Israel foi confiada a revelação da antiga aliança, sendo-lhe assim entregue uma grande responsabilidade para com os outros povos. Nessa responsabilidade Israel fracassou. À igreja foi confiado muito mais que a Israel, sendo-lhe também transferida uma responsabilidade muito maior. Na encarnação da palavra de Deus em Jesus Cristo ela recebeu algo que ultrapassa em muito qualquer revelação de Deus a Israel e que jamais poderá ser excedido. Jesus Cristo é verdadeiramente o “dom inefável” (2Co 9.15)! Desse fato decorre uma responsabilidade incontornável para a comunidade: **Por esta razão, importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas!** O apóstolo distingue nitidamente em sua carta entre uma pregação evangelístico-missionária, na qual as pessoas são chamadas à fé em Jesus Cristo e pela qual se lançam os fundamentos para a vida no discipulado (Hb 6.1,2), e uma instrução de aprofundamento para os que crêem (Hb 5.12-14), a qual serve ao desenvolvimento salutar da vida espiritual. No presente versículo as “verdades ouvidas” são a pregação de despertamento, que chamou os cristãos hebreus à fé em Jesus Cristo e ofereceu ajuda aos que creram, para darem os primeiros passos na nova vida. É a ela que devem apegar-se. A palavra apostólica constitui uma exortação a pessoas que crêem, a qual deve ser ouvida por cada geração: há verdades fundamentais da Sagrada Escritura. – Entre elas, Hb pensa de modo singular na morte sacrificial de Jesus para a nossa redenção, santificação e perfeição (Hb 10.8-18), sobre as quais repousa a nossa vida de fé e além das quais jamais avançamos, apesar de todo crescimento no entendimento espiritual. Sem essas verdades básicas não conseguimos viver. Devemos dar atenção à palavra de Deus, tirar tempo para ela diariamente, lê-la e ouvi-la com atenção, trabalhá-la dentro de nós (At 17.11). “Atentar para a palavra” (em grego *proséchein*) não somente constitui o caminho para chegar à fé viva em Jesus Cristo (At 8.6,12), mas igualmente a necessária premissa para permanecer na fé.

Por que é absolutamente necessário apegar-nos a ela? Para o apóstolo está em jogo **que delas jamais nos desviemos** (“que ‘não erremos o alvo a nós proposto’”). Quem não vive na palavra de Deus coloca-se no perigo de desviar-se do caminho certo, de debilitar-se na vida espiritual e tornar-se vítima de heresias. Contudo, o autor diz muito mais: o alvo do cristão não consiste apenas em ser convertido e salvo. Jesus afirmou: “eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça” (Jo 15.16). O propósito de Deus é transformar essencialmente os que crêem, torná-los semelhantes a Jesus (Rm 8.29). Seu alvo é que Cristo ganhe forma em nós (Gl 4.19)! A mentalidade de Jesus e seu amor devem aflorar em nosso relacionamento cotidiano com os nossos semelhantes (Fp 2.5). Assim toda a nossa vida deve tornar-se um testemunho do evangelho, por meio do qual outras pessoas encontrem o caminho até Jesus Cristo. Paulo dirige todo o seu serviço nas igrejas para o objetivo de “apresentar toda pessoa perfeita em Cristo” (Cl 1.28,29

[tradução do autor]). É esse o alvo da atuação do Espírito Santo na vida dos fiéis, e é esse o alvo que não devemos errar. Na vida dos cristãos existe a trágica possibilidade de que podemos ser convertidos e renascidos, mas apesar disso não ouvirmos a palavra de Deus e não realizarmos a sua vontade em nossa vida. Então nossa vida não traz fruto para a eternidade, então o dia do julgamento pelo Senhor revelará que nossa vida terrena se assemelha a uma construção de madeira, feno e palha, que é queimada no fogo (1Co 3.11-15). Dessa forma erramos o alvo que nos foi proposto!

- 2 Visto que o apóstolo descobre na história de Israel o esboço das linhas básicas da história da salvação do NT, ele recorre às ordens de Deus do AT para fundamentar a responsabilidade espiritual dos fiéis. Israel obteve a *lei* pela mediação dos *anjos*, a igreja recebeu a palavra da *graça* através do *Filho*.

Também no presente caso trata-se novamente de um reconhecimento que não pode ser encontrado desta forma no AT. Somente no pensamento do judaísmo tardio desenvolveram-se diversas tradições de como se deveria imaginar a cooperação dos anjos na legislação do Sinai. A presença e o serviço dos entes celestiais na ocasião da revelação de Deus no Sinai evidencia-se para o apóstolo como uma descoberta condizente com a revelação divina e que ele por isso podia adotar sob a orientação do Espírito Santo. Ao contrário do judaísmo tardio, porém, ele não elabora aqui teorias pormenorizadas.

Deus mesmo havia avalizado o cumprimento de sua ordem legal em Israel: “Maldito aquele que não confirmar as palavras desta lei, não as cumprindo” (Dt 27.26; cf. Gl 3.10). Quem se subtrai à palavra de Deus, quem se rebela contra a vontade de Deus, quem transgredir propositalmente a ordem de Deus é atingido pelo castigo justo de Deus, num tempo e numa proporção que estão reservados exclusivamente ao arbítrio de Deus. O julgamento de Deus não precisa suceder imediatamente à transgressão do ser humano, mas com certeza o atingirá (Gn 15.13-16; 44.16; Js 7).

- 3 A santidade de Deus que irradia até nós do AT não é diminuída no NT. Pelo contrário: a seriedade do juízo da palavra de Deus foi ainda mais aprofundada pela magnitude indescritível da oferta de salvação. A revelação de Deus visa ser levada a sério em todos os tempos da história da salvação. Quanto maior, porém, a dádiva, tanto maior também a responsabilidade: **como escaparemos nós, se negligenciarmos** (“desprezarmos” [BLH]) **tão grande salvação?** Deus vem a nós pessoalmente em Jesus Cristo (2Co 5.19), ele se oferece a si próprio, ele presenteia perdão, nova vida e salvação no juízo. Aquilo que já é concedido ao fiel aqui na terra como grandeza espiritual invisível – que “habite Cristo no vosso coração” (Ef 3.17) – isso será exposto à plena luz na consumação da salvação (cf. Rm 8.24). A expressão “desprezar a salvação” (em grego, *ameléo*) é explicada mais de perto em Mt 22.5. Na parábola das núpcias reais Jesus descreve a mesma situação que também move o apóstolo na redação de sua carta: Deus fez tudo para a salvação do mundo, ele envia seus mensageiros, a fim de chamar pessoas perdidas de volta à comunhão com Deus, à alegria eterna da glória de Deus. Contudo as pessoas passam ao largo de “tão grande salvação”. Apreciam mais os bens terrenos que a vida com Deus. Entretanto, quem despreza a oferta de amor do Deus que o procura não tem mais nenhuma possibilidade de escapar do juízo de Deus depois disto.

O apóstolo fala de um modo específico sobre como Deus introduziu a salvação em nosso mundo: a salvação eterna das pessoas está vinculada à palavra viva de Deus! Jesus Cristo, o Filho de Deus e Senhor do mundo, incorporou a salvação divina em sua pessoa, anunciando-a em sua pregação. Por meio de sua paixão, morte e ressurreição ele abriu o acesso à salvação para todas as pessoas. Os apóstolos, testemunhas do Ressuscitado, constituem o fundamento da igreja (Mt 16.18; Ef 2.20) e tornam-se portadores da mensagem da salvação. Assim como a palavra de revelação do AT, falada por meio dos anjos, evidenciou-se como legalmente eficaz, assim também a salvação no NT foi “anunciada de maneira legalmente válida pelos apóstolos, ratificada juridicamente”. O próprio Deus confirmou a sua palavra.

Novamente o Senhor chama da igreja pessoas que são incumbidas da transmissão confiável de sua palavra. A sua pregação é endossada por sinais divinos. Nesse sentido J. Schneider (pág 21) expõe: “Através dos apóstolos a palavra do Cristo veio à segunda geração, e assim ela é passada adiante por meio de mãos fiéis, até o fim dos dias. Para o autor de Hb é importante que exista uma história do anúncio da salvação. Os discípulos pessoalmente incumbidos por Jesus com a pregação do evangelho avalizam a fidelidade da tradição.”

- 4 Deus confirma sua palavra. Ele repetidamente intervém no curso da história, ele autentica a pregação do evangelho com atos poderosos, garantindo assim a certeza da salvação. Atos dos Apóstolos

informa como Jesus Cristo acompanha o caminho de suas testemunhas e torna realidade as suas promessas (Mc 16.17,18,20). A ação de Deus através de seu Espírito Santo sempre volta a tomar forma visível de uma ou outra maneira. **Sinais, prodígios e vários milagres** (cf. At 14.3; etc.) devem evidenciar que a redenção através de Cristo não abrange somente a alma e o espírito, mas toda a existência terrena do ser humano e finalmente também toda a criação (Rm 8.19; Ap 21.1). Jamais eles servem para satisfazer a necessidade de sensacionalismo de pessoas ávidas por milagres. É por isso que sinais e milagres não se realizam à livre disposição das pessoas, mas permanecem prerrogativa da vontade e do poder de Deus. Da mesma maneira não acontecem como fim em si mesmos, mas apenas acompanham a pregação da mensagem da salvação. É ela que lhes dá sentido. Finalmente existe um limite, no qual se torna flagrante a ambigüidade de sinais e milagres, “porque também poderes anticristãos e demoníacos sabem realizar esses sinais, que imitam uma ação divina”.

Certamente podemos entender **distribuições do Espírito Santo**, no contexto da presente passagem, como a ação misericordiosa de Deus através de seu Espírito no âmbito da igreja do NT, em cada configuração relatada pelo NT e determinada por Deus. Por meio do seu Espírito Deus efetua a conversão do ser humano a Cristo, presenteando-o ao mesmo tempo, no renascimento, com os dons do Espírito Santo. Se por um lado o NT informa sobre o derramamento do Espírito em manifestações circunstanciais maravilhosas (At 2.1ss; 10.44-46), ele por outro lado também tem ciência de um novo enchimento com o Espírito Santo para o serviço e testemunho autorizados (At 4.8; 13.9). Entre as distribuições do Espírito Santo também temos de contar as “dádivas graciosas do Espírito” (em grego *charísmata*), que se manifestam na igreja. É certo que o apóstolo Paulo não nos fornece uma lista completa ao arrolar os dons do Espírito (1Co 12.4-11,28-30) e dos cargos carismáticos de serviço na igreja (Ef 4.11), porém cita dentre a multiplicidade apenas uma série de dons que chamam mais atenção. Para nós é importante, no atual contexto, que a afirmação de 1Co 12.11 coincide com Ef 4.7 e Hb 2.4, no sentido de que unicamente Cristo determina a medida e a modalidade da dotação espiritual individual de cada fiel.

Aqui indica-se com poucas palavras toda a riqueza de nossa redenção eterna, que nos foi outorgada na pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo e que se expande na vida da igreja. Ainda que também o AT tenha sido revelação de Deus, em Cristo tudo o que houve antes foi suplantado. Agora é responsabilidade dos fiéis não ficar parado sobre o chão da experiência de Deus do AT, mas deixar-se apresentar repetidamente com copiosas dádivas divinas.

b. Humilhação e exaltação do Filho do Homem, 2.5-18

- ⁵ **Pois não foi a anjos que sujeitou o mundo que há de vir, sobre o qual estamos falando;**
- ⁶ **antes, alguém, em certo lugar, deu pleno testemunho, dizendo: Que é o homem, que dele te lembres? Ou o filho do homem, que o visites?**
- ⁷ **Fizeste-o, por um pouco, menor que os anjos, de glória e de honra o coroaste [e o constituíste sobre as obras das tuas mãos].**
- ⁸ **Todas as coisas sujeitaste debaixo dos seus pés. Ora, desde que lhe sujeitou todas as coisas, nada deixou fora do seu domínio. Agora, porém, ainda não vemos todas as coisas a ele sujeitas;**
- ⁹ **vemos, todavia, aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem.**
- ¹⁰ **Porque convinha que aquele, por cuja causa e por quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, aperfeiçoasse, por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles.**
- ¹¹ **Pois, tanto o que santifica como os que são santificados, todos vêm de um só. Por isso, é que ele não se envergonha de lhes chamar irmãos,**
- ¹² **dizendo: A meus irmãos declararei o teu nome, cantar-te-ei louvores no meio da congregação.**
- ¹³ **E outra vez: Eu porei nele a minha confiança. E ainda: Eis aqui estou eu e os filhos que Deus me deu.**

- ¹⁴ Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo,
- ¹⁵ e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida.
- ¹⁶ Pois ele, evidentemente, não socorre anjos, mas socorre a descendência de Abraão.
- ¹⁷ Por isso mesmo, convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo.
- ¹⁸ Pois, naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados.

5 Mais uma vez o apóstolo retoma a comparação da magnitude de Jesus com o poder dos anjos. O que é que o sensibiliza a ponto de deter-se tanto tempo nesse tema? Acaso não era “óbvio” para os fiéis que Jesus Cristo tem supremacia sobre os poderes angelicais? Os destinatários de Hb evidentemente tinham bom conhecimento do AT. Será que tinham as maravilhosas revelações através de anjos, concedidas a Israel, e que na verdade também ocorreram no começo da caminhada da igreja no NT, em conta alta demais? Porventura corriam o perigo de que dessa maneira lhes fosse anuviada a revelação extraordinária de Deus em Jesus Cristo? Seguramente Deus havia usado os anjos como seus mensageiros (em grego, *ággelos* = “enviado”), mas em contraposição a eles Cristo é o plenipotenciário “embaixador” de Deus, no sentido original do termo, ele é o “apóstolo” de Deus (cf. Hb 3.1)!

Igualmente podemos levantar a seguinte pergunta: será que os cristãos, aos quais se dirige o presente escrito, já estavam sendo influenciados pelo gnosticismo? Sob a ação da filosofia grega, de cultos orientais de mistérios e de doutrinas judaicas tardias sobre anjos formaram-se já no primeiro século sistemas doutrinários que consideravam os astros como anjos ou moradias de anjos, atribuindo a esses anjos uma influência especial sobre o destino das pessoas e dedicando-lhes sua veneração. O apóstolo Paulo adverte os cristãos de Colossos diante de uma “adoração de anjos” falsa e catastrófica (Cl 2.18 [BLH]). Acaso os destinatários de Hb encontravam-se perigo semelhante?

Em todo caso, Hb destaca intensamente: Jesus é o eterno Filho de Deus, os anjos em contrapartida são seres criados do mundo celestial. Os anjos são mediadores da lei, Jesus é o portador da salvação. Agora os anjos detêm um domínio restrito e exercem sua influência sobre a configuração presente do mundo. No término do tempo, porém, impor-se-á a vitória de Jesus e sua irrestrita soberania mundial. A igreja aguarda o novo mundo, cuja característica será a justiça perfeita de Deus. É a nova era mundial que irromperá com a volta de Jesus (1Ts 4.13ss) e que chegará à consumação pela nova criação do céu e da terra (Ap 21.1).

6-8 Enquanto até agora Jesus Cristo como *Filho de Deus* ocupou o centro da mensagem apostólica desde a eternidade, Jesus surge nesse momento em nosso campo de visão como o *Filho do Homem*. Novamente é uma citação do AT que serve como ponto de partida. Conscientemente ela é introduzida sem uma descrição maior. A pessoa da testemunha do AT passa inteiramente para o segundo plano em contraposição com a mensagem que ela tem de entregar. A palavra do Sl 8.5-7 (LXX) adquire uma importância axial para o apóstolo. O ser humano de que se está falando é o “Filho do Homem”. O apóstolo encontra nessa idéia o enfoque para a interpretação messiânica do Sl 8. O panorama da riqueza profética do AT deve ser mais uma vez descortinado aos leitores de Hb. Jesus Cristo é o “Filho do Homem”, sobre o qual já são enunciadas profecias no Sl 8. Ele, que possui a glória divina, torna-se verdadeiramente “o homem”. Nele, o segundo Adão (Rm 5.14), a imagem original do ser humano, conforme tencionada por Deus, volta a ficar visível. Nesse ponto tocamos um mistério indecifrável de Deus: durante o rebaixamento Jesus torna-se Redentor e Iniciador de uma nova humanidade. O mais profundo despojamento o leva à exaltação e à soberania universal (cf. Fp 2.5-11). Ele, que traz de forma perfeita a imagem de Deus, precisa humilhar-se por breve tempo num nível inferior aos anjos e ser entregue nas mãos de pessoas, para depois receber novamente a glória divina. Deus coroa o itinerário de seu Filho ao transferir-lhe a soberania real sobre o universo: **Todas as coisas sujeitaste debaixo dos seus pés**. Os Sl 8.7 e Sl 110.1 estão sendo estreitamente interligados (do mesmo modo em 1Co 15.25-27; Ef 1.20-22). Ninguém pode esquivar-se do poder e da autoridade do Rei celestial. Cristo detém “poder sobre toda carne” (Jo 17.2 [RC]). Agora, porém,

sua soberania universal **ainda não** está visível. Esse “ainda não” que aponta para o futuro tem paralelos em Mc 13.7; 1Jo 3.2; Ap 17.10,12.

A expressão “ainda não” evidencia toda a tensão do cristianismo entre presente e futuro. O caminho da igreja situa-se entre a humilhação e a exaltação de Jesus, já realizadas, e a irrupção de seu domínio mundial, ainda não manifesto abertamente. A vida dos fiéis com Cristo realiza-se, para os olhos humanos, no abscondito, sua comunhão com o Senhor tornar-se-á evidente perante o mundo todo somente no momento da sua volta (Cl 3.1-4). Por isso, antes da chegada das dificuldades, da aflição e da perseguição de fora, bem como das tribulações de dentro, o apóstolo tem de inculcar a seguinte verdade nos fiéis: também Cristo *passou pelo sofrimento até a glória*. Para a comunidade que o segue existe somente esta mesma trajetória. Agora é o tempo da humilhação, da glória *oculta* de Deus, que se descerra somente para a fé. Contudo tornar-se-á realidade a palavra: “Se perseverarmos, com ele reinaremos” (2Tm 2.12).

- 9 Em seguida o apóstolo pronuncia mais uma vez com clareza: **por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos, Jesus** (“Jesus foi humilhado por pouco tempo abaixo dos anjos” [tradução do autor]). Durante sua vida na terra nosso Senhor teve seu lugar no espaço e no tempo. Por sua constituição corporal ele estava sujeito a todas as leis da condição humana, conheceu fome e sede, cansaços e dores, alegria e luto. Seu rebaixamento demonstrou-se ainda mais no fato de que pessoas o detiveram, maltrataram e mataram, e que, através dos seus adversários terrenos, ele em última análise foi abandonado nas mãos de poderes satânicos. Jesus podia dizer: “Esta, porém, é a vossa hora e o poder das trevas” (Lc 22.53; cf. Jo 14.30; 19.11). Contudo seu destino fatal tornou-se premissa da “coroação com glória e honra” na ressurreição e ascensão. Jesus Cristo é o portador da glória divina, apesar de seu ocultamento e sua humilhação, precisamente também quando se entrega em pessoa e quando voluntariamente abre mão da glória.

Cristo trilhou esse caminho para a salvação do mundo inteiro: Ele assumiu sobre si a morte em favor de todos. Somente porque seu sacrifício e sua obra de redenção valem para *todas* as pessoas, eles também podem ser captadas com plena certeza por cada um *em particular*. Também a paixão e a morte de Jesus estão cercadas pela deliberação misericordiosa de Deus. Por isso o apóstolo afirma que Cristo sofreu a morte em favor de todos **pela graça de Deus**. Sobre sua morte paira um profundo mistério. Quando ele morre no mais extremo abandono de Deus, atinge-o – o inocente – o juízo da ira de Deus sobre todo o pecado e toda a culpa dos humanos. Contudo, nesse fato revela-se a *graça* de Deus, a qual em forma de amor doador inclina-se à humanidade coberta de culpa.

Igualmente podemos entender a afirmação apostólica no sentido de que a graça de Deus acompanha o Filho para dentro da morte. Deus o fortalece no Getsêmani através de seu anjo (Lc 22.43), e mesmo ao morrer na cruz Cristo apegase-se à ligação com Deus. Ele ora “*Meu Deus...*” (Mc 15.34 [BLH]) e “*Paí, nas tuas mãos entrego o meu espírito*” (Lc 23.46).

- 10 O v. 10 aprofunda a asserção do v. 9 de duas maneiras. Não é um destino indecifrável que rege a vida de Jesus. Sua trajetória através do sofrimento e da morte não contradiz a honra e glória de Deus. Pelo contrário: de acordo com a deliberação insondável de Deus, Jesus concordou de modo plenamente voluntário com esse único caminho viável para a nossa redenção através da sua encarnação (Lc 24.26; Jo 10.17,18). Precisamente nessa circunstância deve ser revelado a nós algo da magnitude incompreensível de Deus, que é ao mesmo tempo Criador do mundo e Alvo dele, e cujo plano de salvação excede o nosso raciocínio. Aqui se desdobra uma parte do plano de Deus: Pela morte e ressurreição Jesus abriu caminho para nós até a nova vida. Ele tornou-se o iniciador e desbravador de nossa restauração. Pela via do sofrimento ele adentrou a glória. Ele rompeu o anel férreo com que o pecado havia cercado a nossa vida. Em consequência, podemos segui-lo no caminho para a liberdade. **Porque convinha que aquele, por cuja causa e por quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, aperfeiçoasse, por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles** (“Deus começou a conduzir muitos filhos à glória, aperfeiçoando o general da salvação por meio de sofrimentos” [tradução do autor]). Já nos v. 7,9 falou-se da glória (em grego, *dóxa*) do Filho do Homem. O apóstolo demonstra agora como a glorificação do Filho do Homem também é seguida pela glorificação dos “filhos” de Deus (Rm 8.14). Através da obediência Cristo conquistou a perfeição (cf. Hb 5.8,9), atraindo agora sua igreja para dentro desse processo. A glória do Filho deve tornar-se a glória dos humanos, já que os fiéis são configurados em seu ser de forma inteiramente igual a Cristo (Rm 8.29,30; Fp 3.21). A condição de imagem inviolada de Deus, que os

seres humanos detinham no início da história no paraíso e que perderam através de sua desobediência, é devolvida a nós em Cristo. Calvino disse acertadamente: “Consolo excepcional reside nessa mensagem, para aliviar a amargura da cruz, quando os fiéis ouvem que através de sofrimentos e adversidades na comunhão com Cristo eles estão sendo preparados para a glória. Então eles até descobrem um motivo para ainda erguer a cruz e beijá-la, em vez de tremer diante dela. E então, de imediato, o opróbrio da cruz de Cristo tem de apagar-se e sua glória tem de resplandecer. Quem menosprezaria o que foi consagrado, sim, santificado por Deus? Quem consideraria infame aquilo pelo qual somos preparados para a glória? Esses dois aspectos estão sendo testemunhados aqui sobre a morte de Cristo”.

- 11 O Filho do Homem e a comunidade dos fiéis andam juntos pela via da cruz até a glória. O apóstolo ressalta mais uma vez sua ligação íntima pela frase: **Pois, tanto o que santifica como os que são santificados, todos vêm** (“descendem”) **de um só**. Essa frase não é compreensível para nós sem mais nem menos. Temos de elucidá-la.

Encontramos o termo “santificar” (em grego *hagιάζειν*) com sentido bíblico-teológico já em Jr 1.5 (LXX): “Eu te conheci antes que eu te formasse no ventre materno, e te *separei* antes que saíesses da madre”. Santificar significa separar: retirar de condições terrenas e circunstâncias exteriores da vida e inserir na realidade da comunhão de Deus e do serviço para o Senhor. É isso que o Senhor ressuscitado faz com os membros de sua igreja (Jo 17.6,17-19). Santificação e serviço estão perfeitamente coligados entre si.

“O que santifica” (em grego, *ho hagiázon*) – no AT usado exclusivamente para descrever a natureza de Deus – refere-se aqui ao Senhor Jesus Cristo. Dessa maneira torna-se manifesta a união última das vontades e coincidência das naturezas entre o onipotente Deus, o Pai, e Cristo, o Filho. Por intermédio de sua auto-entrega no sacrifício sobre o Gólgota, Jesus Cristo concretizou a vontade de Deus de que a igreja seja santificada (Hb 10.10). Santificação de nossa vida existe unicamente porque Cristo morreu em nosso favor.

“Pois, tanto o que santifica como os que são santificados, **todos vêm de um só**” (em grego, *ex henós pántes*). Como interpretaremos essa palavra? Será que esse “um”, do qual descendem todos – também Cristo – poderia estar retratando Deus? No AT *Deus* é designado como “o único” (Dt 6.5). “Aquilo que é o que santifica e o que se tornam os santificados, isso eles são e se tornam a partir de Deus”. No entanto, nesse caso não deveriam ser mencionados também os anjos, porque são igualmente criaturas da mão de Deus como os humanos? Contra isso o v. 16 justamente enfatiza: “Evidentemente ele *não* socorre *anjos*”. Em lugar algum a Bíblia designa entidades angelicais como “santificadas”.

Então seria mais plausível que o apóstolo tenha se referido, com o “um só”, a *Adão* (cf. At 17.26). Aquilo que interliga Jesus Cristo enquanto santificador e os santificados é a existência humana em sentido pleno. Jesus e a humanidade descendem de Adão (Lc 3.23,38). Jesus não se tornou nosso irmão em virtude de sua origem divina. – Em todo lugar do NT preserva-se a distância essencial entre o Filho do Homem e os seres humanos enquanto criaturas de Deus. Pelo contrário, Jesus veio a ser o “segundo Adão” por meio de sua encarnação como descendente de Adão (Rm 5.14; 1Co 15.22,47), alçando-nos desse modo à condição de irmãos dele. No entanto, nessa idéia poderia surgir a opinião de que dessa forma, portanto, todas as pessoas enquanto descendentes de Adão fazem parte dos “santificados”. Com certeza essa não é a convicção do apóstolo.

Sua afirmação afunila-se, antes, nos “irmãos”: **Por isso, é que ele não se envergonha de lhes chamar irmãos!** Resta, pois, a terceira possibilidade, de que o “um só” seja *Abraão*. Porque os “santificados” (em grego, *hagiazómenoi*) são ao mesmo tempo os “irmãos” (em grego, *adelphoi*), i. é, os que crêm, os verdadeiros membros da comunidade de Jesus (cf. a justaposição de “irmãos” e “igreja” no v. 12). O v. 16 nos declara que Jesus Cristo “socorre a descendência de Abraão”. De acordo com Mt 1.1 o próprio Jesus é descendente de Abraão, e os membros da congregação são “filhos de Abraão” (Gl 3.7,9). Então será correto considerarmos Abraão, o “pai dos que crêm” (Rm 4.16) como o fundamento espiritual originário e o elo de ligação entre Cristo e sua igreja. Ele é o “um só”, do qual descendem o que santifica e os que são santificados.

Deus assumiu a fé de Abraão e dos patriarcas. Ele não se envergonhou de ser chamado o Deus dos pais (Hb 11.16). Da mesma forma Jesus Cristo, o Filho do Homem, não se envergonha de chamar os que crêm de seus irmãos, porque têm todos a mesma origem. Quanto mais claramente

reconhecemos nossa indignidade e perdição no pecado à luz da palavra de Deus, tanto mais incompreensível torna-se para nós a declaração de solidariedade de Jesus para conosco, de que ele não se envergonha de se colocar do nosso lado. É uma dignidade indizível e ao mesmo tempo é uma responsabilidade que Jesus nos concede com a palavra “qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mt 12.50).

- 12** O apóstolo já encontra prefigurada na palavra do Sl 22.23 a confissão de Jesus por seus irmãos santificados: **A meus irmãos declararei o teu nome, cantar-te-ei louvores no meio da congregação.** No meio da multidão dos irmãos santificados (cf. Hb 2.11 com Jo 17.6) Cristo anuncia o “nome” de Deus, ele manifesta o ser de Deus e permite que a sua comunidade dê uma olhada no coração de seu Pai celestial. Dessa maneira Jesus cumpre sua missão de ser o último enviado de Deus e torna-se no sentido mais profundo o “Apóstolo” de Deus ao mundo. É pertinente ao mistério de Cristo que ele não apenas habite através do seu Espírito nos fiéis (Ef 3.17; Cl 1.27), mas que ele também se evidencie de maneiras continuamente renovadas no meio de sua igreja, através de sua palavra como o Senhor vivo (Mt 18.20; 28.20).

- 13** No v. 12 fala-se dos “irmãos”, no v. 13 dos “filhos”. Podemos entender a palavra do v. 12 como interpelação de Cristo a Deus. No v. 13 o Senhor se dirige às pessoas pelas suas palavras. Apesar da profunda diferença das essências que existe entre Cristo e nós, o Senhor coloca-se juntamente perante Deus com seus “irmãos” e perante o mundo com os “filhos”.

A primeira palavra do AT no v. 13 é procedente do cântico de gratidão e vitória de Davi em 2Sm 22.3 (par Sl 18.3). Essas palavras encontram-se igualmente em Is 8.17 (LXX). Não é por acaso que no nosso contexto justamente a palavra do AT a respeito da fé e da verdadeira confiança em Deus pareça importante ao apóstolo. Também Jesus, durante seu tempo de vida na terra, precisava, como ser humano, da fé e da confiança em seu Pai celestial. Ninguém na terra jamais viveu dessa forma com uma confiança inabalável em Deus como Jesus Cristo. Até mesmo quando pendia da cruz, seus mais ferrenhos adversários lhe atestaram isso: “Confiou em Deus; pois venha livrá-lo agora” [Mt 27.43]. A palavra de Mc 9.23 “Tudo é possível ao que crê” confirmou-se de modo maravilhoso na vida de Jesus: por sua ação redentora na cruz, realizada em confiante obediência a Deus, ele fez o que era impossível para os seres humanos. Conquistou para si a sua igreja, a multidão dos filhos de Deus.

É por essa razão que o apóstolo acrescenta à palavra de Is 8.17 também o v. 18: **Eis aqui estou eu e os filhos que Deus me deu.** Essa frase fornece o termo-chave ao apóstolo para dar continuação ao seu pensamento.

- 14** **Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo.** Cristo tornou-se realmente um humano. O NT enfatiza repetidamente: o Filho de Deus não permaneceu na glória eterna, mas de maneira misteriosa unificou-se plenamente com nossa natureza humana. Cristo assumiu a nossa natureza, para que nós pudéssemos participar da sua natureza (2Pe 1.4). Cristo torna-se totalmente um conosco, mas não só para redimir pessoas individuais. O olhar do apóstolo vai mais além. A encarnação de Jesus em nosso mundo, sua paixão e morte, produzem uma decisão válida eternamente em especial também no mundo invisível dos poderes celestiais e dos demônios. A morte de Jesus na cruz é a vitória sobre o diabo, o que tem poder sobre a morte. Foi para isso que Jesus veio a esse mundo, a fim de derrotar o inimigo de Deus (1Jo 3.8).

O NT constata que a vitória de Jesus sobre todos os poderes antidivinos já começa durante a sua atuação na terra (Lc 10.18; Jo 12.31; 2Tm 1.10). Na cruz é consumada a vitória. Hb 2.14 nos lembra que a morte de Jesus é o cumprimento da promessa do AT em Gn 3.15: ele esmagou a cabeça da serpente! Com a volta de Jesus e a ressurreição dos mortos, sua vitória sobre o diabo e a morte será manifesta diante de todo o mundo (1Co 15.26,54-57). O Apocalipse de João, por fim, nos descreve o aniquilamento do diabo e de todos os poderes hostis a Deus como um dos grandes eventos do fim dos tempos (Ap 12.7-10; 20.10,14,15), que antecedem a nova criação de céu e terra.

- 15** Como essa vitória de abrangência mundial pôde ser conquistada? Somente pelo fato de o Filho do Homem ter passado pessoalmente pela tentação e tribulação do medo diante da morte (Lc 12.50; Mc 14.33,34; Jo 12.27,28; Hb 5.7). Na profundidade dos sofrimentos ele superou o temor da morte e, morrendo, venceu o poder do diabo. Temor a morte é característico de nossa existência natural humana. *Mas Jesus destituiu o poder da morte* (2Tm 1.10). Dessa maneira os membros da igreja

também são libertados do medo da morte. Podem agora encarar sem temor o fim de seu tempo de vida na terra, porque para eles a morte se torna passagem para a eterna glória de Deus. O autor de Hb faz aqui uma declaração fundamental. Ele quer dirigir o olhar dos fiéis para um fato irremovível, colocado por Deus e que é de imensurável importância para o caminho de cada cristão para a morte. Com essa afirmação o apóstolo não elimina nem a seriedade nem a gravidade da morte. Ele está bem ciente de que também para quem crê a decadência das forças físicas, a trajetória para a morte, pode tornar-se uma caminhada pelo “vale escuro” e ser cheia de aflição e tribulações. Contudo, ao mesmo tempo ele também sabe: o próprio Cristo nos acompanha no limiar de nossa vida para o outro lado, para eternidade.

16 Com poucos traços o apóstolo passa a projetar um quadro que nos mostra toda a amplitude e profundidade em que se reflete a morte sacrificial de Jesus. É a tônica do evangelho que ressoa: em Cristo Deus voltou-se integralmente para o mundo. Não é aos anjos, mas a nós, seres humanos, que o sacrifício do Gólgota beneficia. Alvo do envio de Jesus não foi redimir anjos caídos, mas superar a nossa inimizade contra Deus, realizar a vitória de Deus sobre o poder do diabo e da morte. A “semente de Abraão” no AT era a comunidade da antiga aliança (Is 41.8,9 [RC]), agora ela é a comunidade dos fiéis, a multidão dos filhos de Deus (Gl 3.7-9). Na verdade o amor de Deus vale para todas as pessoas. Mas Jesus dedica-se de maneira peculiar aos filhos de Deus. Sua ajuda e seu cuidado dirigem-se sobretudo aos que crêem. Por isso Jesus intercede na oração sacerdotal justamente pela sua igreja: “É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste” (Jo 17.9). A realidade de que Jesus nos socorre, de que no seu amor se importa conosco e se empenha a nosso favor, é expressa claramente no fato de que ele expia os nossos pecados diante de Deus (v. 17), que nos liberta do medo da morte (v. 15), que ele nos santifica (v. 11) e que nos socorre na tentação (v. 18).

17 Nesse contexto o apóstolo aborda mais uma vez um mistério de Deus. Ele diz: por sua encarnação Jesus ingressou em nossa história terrena e humana, participou de tentação, sofrimento e morte. Em todas as coisas ele *tinha* de igualar-se aos “irmãos”. Sua trajetória sobre a terra tornou-se para ele uma escola de misericórdia.

Jesus falou de seu Pai no céu como sendo “misericordioso” (Lc 6.36). Paulo orou a Deus, o “Pai das misericórdias” (2Co 1.3 [NVI]). Em Hb 2.17 o apóstolo fala da misericórdia como de uma característica especial do modo de ser de Jesus. Novamente manifestam-se correlações últimas entre a essência de Deus e a essência de Jesus. Contudo, do mesmo modo como a misericórdia é uma característica da atuação sacerdotal de Jesus, a misericórdia ativa também deve ser marca de sua igreja, convocada para ser um povo de sacerdotes.

“...Para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus.” No AT o sumo sacerdote tinha ao mesmo tempo duas funções: representante do povo perante Deus e encarregado de Deus diante do povo. O sacerdote Eli já recebeu de Deus uma promessa, que se espelha na presente passagem: “Então, suscitarei para mim um *sacerdote fiel*, que procederá segundo o que tenho no coração e na mente” (1Sm 2.35). Essa promessa não apenas visava o jovem Samuel, que Deus destaca de maneira extraordinária. Mas Samuel foi vocacionado a ser profeta, não instituído sumo sacerdote. A promessa cumpre-se de modo definitivo apenas na pessoa de Jesus, no “Sumo Sacerdote fiel”. A paixão e morte de Jesus foram o sacrifício expiatório do verdadeiro Sumo Sacerdote. Porque Jesus, como Filho de Deus sem pecado, sacrificou-se a si próprio, seu sacrifício possui valor inestimável e possibilita ao mesmo tempo seu ministério celestial de Sumo Sacerdote para toda a eternidade. Sua morte foi um morrer perante Deus, i. é, ele rendeu sua vida a Deus. Por meio de sua morte na cruz Cristo subjugou o antagonista de Deus e alcançou a reconciliação para todos os nossos pecados. A incumbência do sumo sacerdote no AT era expiar toda a culpa de Israel na grande festa da reconciliação (Lv 16.5-24). Da mesma forma, Cristo exerce seu ministério de Sumo Sacerdote ao morrer e dirigir-se ao Pai (Hb 9.11ss). Ele cumpre o serviço do Sumo Sacerdote, quando sua morte tornou-se o empenho radical da vida em prol da culpa de outros.

18 No final do presente capítulo o apóstolo menciona mais uma vez as conseqüências da encarnação de Jesus (cf. v. 14). Da condição humana plena de Jesus faz parte também sua vulnerabilidade à tentação. Aquilo que os evangelistas nos informam sobre a tentação de Jesus no deserto (Mt 4.1-11) não é uma encenação religiosa, mas um acontecimento em que já está tudo em jogo. A gravidade da tentação reside precisamente em que o diabo espera algo de Jesus que lhe compete como Filho de

Deus. Ele teria tido um direito de transformar pedras em pão, ele também poderia ter se lançado do pináculo do templo e os anjos teriam vindo em seu auxílio. Mas precisamente nisso ele vence a tentação, renunciando espontaneamente, em obediência a seu Pai celestial, ao seu poder e à sua glória divinas. Lucas encerra o relato sobre a tentação de Jesus no deserto com as palavras: “Depois que o diabo tinha terminado todas as tentações, apartou-se dele até momento oportuno” (Lc 4.13). O tentador, portanto, não deixou Jesus em paz (cf. Mt 16.22,23). Na paixão de Jesus a tentação chegou ao ápice. Quando os escribas e anciãos nas últimas horas de vida de Jesus lhe disseram: “Desça da cruz, e creremos nele”, [Mt 27.42] mais uma vez estava tudo em perigo. Jesus teria tido o direito e o poder de descer da cruz, mas ele sabia que com isso não seria cumprida toda a vontade de Deus, motivo pelo qual permaneceu na cruz e resistiu a essa tentação (Mt 26.53,54). Na paixão e na morte ele atravessou uma profundidade de tentação como jamais um ser humano a sofreu nem antes nem depois dele. Entretanto, a consequência dessa realidade na história da salvação – de importância decisiva para a igreja de Jesus – é que Jesus pode socorrer os filhos de Deus aflitos e tentados em qualquer situação. O “sofrimento solidário” com os filhos de Deus atribulados (Hb 4.15) leva-o a ajudá-los. A vitória derradeira de Jesus nesse mundo (Hb 2.5) também inclui a vitória de Jesus sobre a tentação na vida dos fiéis.

Síntese

Com poucas palavras, mas com clareza impactante, o apóstolo expõe diante dos nossos olhos a magnitude do Filho do Homem em sua humilhação e exaltação:

- Jesus abandonou livremente a glória que possuía junto ao Pai (Jo 10.17,18; Fp 2.6,7) e humilhou-se abaixo dos anjos (v. 9).
- Ele não assumiu a natureza dos anjos, mas das pessoas pecadoras, ele assumiu a nossa carne e o nosso sangue (v. 14).
- Fez de nós seus irmãos (v. 11). Colocou-se no mesmo nível com os pecadores (Lc 15.2).
- Jesus tornou-se igual a nós em *tudo* (v. 17): foi tentado (v. 18), sofreu (v. 9,10,18), morreu (v. 9,14).
- Na morte de Jesus na cruz a sua humilhação alcançou o ponto mais baixo.

Tão inexplicavelmente grave quanto são sua paixão e morte, tão indizivelmente grande é também o fruto de sua encarnação:

- Por meio do sofrimento da morte Deus tornou seu Filho *perfeito* (v. 10; 5.9).
- Deus “coroou Jesus Cristo de glória e honra” (v. 9).
- Assim Jesus tornou-se para nós o iniciador da salvação (v. 10), o Sumo Sacerdote fiel (v. 17), que destituiu do poder o comandante da morte, o diabo (v. 14).
- Deus transferiu a seu Filho a soberania sobre o universo (v. 8).
- Agora o Filho do Homem está em condições de propiciar sua ajuda aos filhos de Deus em toda tentação imaginável (v. 18).

Com essa exposição o apóstolo interpreta para os leitores de Hb sua própria situação, concedendo-lhes o auxílio decisivo: se Deus não tinha outro caminho senão o do sofrimento para tornar perfeito seu Filho Jesus Cristo, tampouco há outro caminho para a igreja de Jesus para chegar ao alvo da glória. Deus conduziu seu Filho pelo sofrimento, para que se tornasse misericordioso e um fiel Sumo Sacerdote. O mesmo objetivo da perfeição Deus também tem em vista para a igreja quando envia sofrimentos: devemos tornar-nos sacerdotes misericordiosos e fiéis!

Porém, não estamos sozinhos neste itinerário *através do sofrimento para a glória*. A aprovação da fé nas dificuldades de nossa existência terrena não se alicerça sobre a nossa fidelidade ou sobre as nossas forças e capacidades humanas. Não dependemos de nós somente. Pelo contrário, temos ao nosso lado de modo invisível – mas não obstante bem real – o Filho de Deus. Ele não está longe, mas bem perto. Junto dele estamos protegidos, e no meio de toda tribulação ele tem condições de nos ajudar a qualquer momento.

4. A superioridade de Jesus sobre Moisés, construtor do tabernáculo de Deus, 3.1-19

a. A superioridade do Filho sobre o servo, 3.1-6

- ¹ Por isso, santos irmãos, que participais da vocação celestial, considerai atentamente o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão, Jesus,
- ² o qual é fiel àquele que o constituiu, como também o era Moisés em toda a casa de Deus.
- ³ Jesus, todavia, tem sido considerado digno de tanto maior glória do que Moisés, quanto maior honra do que a casa tem aquele que a estabeleceu.
- ⁴ Pois toda casa é estabelecida por alguém, mas aquele que estabeleceu todas as coisas é Deus.
- ⁵ E Moisés era fiel, em toda a casa de Deus, como servo, para testemunho das coisas que haviam de ser anunciadas;
- ⁶ Cristo, porém, como Filho, em sua casa; a qual casa somos nós, se guardarmos firme, até ao fim, a ousadia e a exultação da esperança.

1 O primeiro versículo de nosso capítulo faz ligação com Hb 2.17. Jesus é o verdadeiro Sumo Sacerdote, o representante do povo de Deus perante Deus e o encarregado de Deus perante o seu povo. Ele é o “único Mediador entre Deus e as pessoas” (1Tm 2.5). Ele conhece nossa situação, pois ele foi tentado da mesma maneira como nós (Hb 2.18; 4.15). Porque Jesus Cristo é misericordioso e pode ajudar, **por isso** é essencial que os **santos irmãos**, os **que participais da vocação celestial** preservem a perspectiva espiritual correta. Jesus é o Santo que santifica os membros de sua igreja. Porque ele não se envergonha de nos chamar de seus irmãos (Hb 2.11), *por isso* também nós somos irmãos entre nós. A vocação para essa irmandade sagrada não brotou de idéias e planos humanos: ela é uma vocação celestial, que provém de Deus através do seu Filho, do “Apóstolo”, i. é, o incomparável enviado de Deus. A base originária da nova vida e da felicidade eterna não reside em nós, mas no próprio Deus. Seu chamado é dirigido por Cristo a todas as pessoas. Quem dá ouvidos ao chamado de Deus torna-se participante da vocação celestial, toma parte no reino de Deus, torna-se cidadão do mundo celestial (Fp 3.20).

Ao enraizamento da existência humana na eternidade de Deus corresponde, porém, uma orientação espiritual da vida que tem de parecer contraditória ao pensamento natural. O apóstolo convoca os fiéis: **considerai atentamente** (“voltem seu olhar firmemente para”) **o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão, Jesus!** Acaso não é impossível olhar para uma pessoa que nem sequer está *visivelmente* presente? Esse questionamento válido prontamente deixa claro para nós que não se está pensando num processo de percepção física, mas em uma experiência espiritual. O apóstolo refere-se à atualidade de Deus em nossa vida, da qual devemos nos conscientizar repetidamente (cf. de modo análogo 2Tm 2.8: “Mantém na memória a Jesus Cristo”).

Pelo que se evidencia, é intencional que o autor cite, aqui como em Hb 2.9 e 12.2, somente o nome de Jesus, sem o título messiânico Cristo. Trata-se da identidade do Senhor terreno como o exaltado. O Cristo celestial, ao qual vêm com os olhos do coração (Ef 1.18), não é outro senão o Jesus de Nazaré anunciado pelos apóstolos. A participação na vocação celestial, a saber a filiação pessoal de cada fiel à igreja, impõe, assim como a nuvem de testemunhas (Hb 12.1,2), um compromisso interior, para manter o olhar da fé dirigido para Jesus, i. é, para permanecer na inviolada comunhão de vida com ele.

Novamente não se pode separar a confissão da fé da vida com o Senhor e da integração na igreja. Nessa confissão o apóstolo não entende uma confissão de fé qualquer de uma igreja, fixada por escrito, mas sim o firme testemunho da salvação pessoal em Cristo, que cada filho de Deus deve ao mundo, justamente quando se tem em vista a ameaça que significam para ele os poderes antidivinos (Rm 10.10).

Quando em nosso versículo se fala de Jesus, o Apóstolo e Sumo Sacerdote, então dois fatos básicos da salvação constituem o conteúdo da confissão: Jesus é o *último enviado de Deus*, que pelo seu *sacrifício* efetuou a *expiação perfeita* de toda a culpa dos seres humanos.

2 Ao Senhor Jesus Cristo, que representa absolutamente tudo na confissão cristã e na vida da igreja, o apóstolo contrapõe o homem de Deus, Moisés, que ocupava uma posição central no pensamento de Israel. O que a obra redentora de Cristo significa para a igreja do NT era para os judeus a saída de Israel do Egito sob Moisés. Jesus e Moisés são comparados entre si, sendo que determinados termos-chave da explicação do texto do AT são singularmente importantes para o apóstolo. Ele é (“foi” [BLH]) **fiel àquele que o constituiu, como também o era Moisés em toda a casa de Deus**. Como

peculiaridade é destacada a fidelidade (o termo grego *pistós* “fiel” tem parentesco com a palavra *pístis* “fé”).

Ambos, Moisés e Jesus, comprovaram sua fidelidade e sua fé na tribulação. As palavras “que o estabeleceu” não significam que Deus tivesse criado o Senhor Jesus Cristo como qualquer outro de suas criaturas celestiais ou terrenas, mas elas indicam ou para a instalação de Jesus como Apóstolo e Sumo Sacerdote por parte de Deus, o Pai, ou para a sua encarnação. Em todo caso o presente versículo destaca a dependência consciente de Deus em que Jesus viveu durante sua existência humana. Ele próprio assegurou aos judeus: “O Filho nada pode fazer de si mesmo, a não ser aquilo que vê seu Pai fazer; porque tudo o que este fizer, o Filho também o faz de modo semelhante” (Jo 5.19; cf. Jo 17.8a).

A casa que foi confiada a Moisés era a tenda da revelação, o tabernáculo. O termo grego *kataskēuázein* “estabelecer”, “construir” (RC), “instalar” no v. 4 tem um significado peculiar em correlação com a edificação do tabernáculo em Hb 9.6. Exegetas do judaísmo tardio relacionaram essa palavra com todo o povo de Israel, que no AT é muitas vezes chamado de “casa de Israel”. Uma decisão segura e definitiva a esse respeito não é possível. Pelo contrário, ambas as explicações complementam-se de modo significativo.

- 3 Jesus e Moisés são comparados entre si com respeito à sua “glória” e “honra”. Jesus está para Moisés como o construtor de uma casa para a própria casa. Ele possui glória maior que Moisés, assim como o serviço da nova aliança ultrapassa em muito a glória do serviço da antiga aliança (2Co 3.7-11). Também Jo 1.17 ressalta a mesma realidade: “Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo”. Nisso reconhecemos que, apesar de toda a convergência entre Moisés e Jesus, de fato existe uma diferença não apenas gradual, mas qualitativa! – No presente versículo Jesus Cristo é chamado de “construtor”. Isso nos conduz ao próximo pensamento.
- 4 **Mas aquele que estabeleceu (“construiu”) todas as coisas é Deus.** Diversos comentaristas constatarem aqui uma indicação de que a origem de Jesus está em Deus mesmo, que é o Criador do universo. Contudo, enfocando mais de perto os v. 3,4, vemos que Moisés e o tabernáculo, respectivamente Israel, são comparados conjuntamente com uma construção, à qual Cristo se contrapõe como o Mestre construtor. Jesus é quem “prepara a casa”, tanto no AT quanto no NT. É ele quem está por trás das incumbências dos profetas (cf. 1Pe 1.11) e dos anjos, do mesmo modo como ele se manifesta na vida da igreja.
- 5 A comparação entre Jesus e Moisés é levada adiante. Mais uma vez destaca-se aquilo que ambos têm em comum: ambos receberam de Deus o atestado de serem fiéis. Depois, porém, segue-se a ênfase nos contrastes: Moisés é somente o *servo*, ele governa *em* toda a sua casa que lhe foi *confiada* por Deus. Porém Jesus Cristo é imensamente superior a Moisés. Ele não é servo, mas *Filho*. Não está na casa para administrá-la, e sim estabelecido *acima* dela como Senhor e *ao mesmo tempo* como *seu construtor*. Sua “casa” é sua igreja. Nessa constatação o apóstolo une-se a todos os que crêem: **a [...] casa somos nós!**
- 6 Pertencer à casa de Deus, no entanto, está vinculado a uma condição. Os dons e poderes espirituais do Senhor devem desenvolver-se na igreja e expressar-se na alegre certeza de fé e na esperança a que o cristão se entrega com confiança. Nós é que somos a casa dele, **se guardarmos firme, até ao fim, a ousadia e a exultação da esperança.** Ao finalizar seu pensamento, o apóstolo faz duas importantes constatações. Existem certas manifestações espirituais na vida que jamais faltarão na vida de um cristão e jamais devem ser abandonadas, os “dois companheiros inseparáveis da fé” (Calvino). Fazem parte dela a alegre confiança, i. é, a certeza da fé (em grego, *parresía*) e a viva esperança que aguarda o cumprimento definitivo de todas as promessas de Deus com convicção. Importa apegar-se a esses elementos fundamentais de uma vida de fé genuína – “até o fim”! O apóstolo sabe quanto o caminho do seguimento a Jesus está ameaçado por poderes hostis a Deus. Por isso ele não é capaz de falar da magnitude de Jesus Cristo, que é maior que tudo, sem ao mesmo tempo mostrar à igreja a seriedade de sua responsabilidade: “Não o começo, somente o fim é que coroa a luta de fé do cristão” (Benjamin Schmolck).

Vamos passar os olhos mais uma vez sobre o breve trecho Hb 3.1-6. O autor contrapôs Jesus e Moisés. Foi declarado nitidamente o que ambos têm em comum: ambos foram estabelecidos por Deus em sua elevada função, ambos preservam sua dependência de Deus na sua atuação terrena, ambos recebem o atestado de fidelidade imutável. Sobre o caminho de ambos paira a glória de Deus (em grego *dóxa*, cf. v. 3). Tanto Moisés como Jesus têm um povo. Para ambos os “povos”, em ambas as “casas” valem as mesmas leis de vida espiritual: é o mesmo Espírito Santo que fala às pessoas no AT e no NT.

Entretanto, precisamente na contraposição do homem de Deus e mediador da aliança do AT reluz com tanto maior intensidade a supremacia e magnitude do Filho de Deus. Jesus Cristo não é um “segundo Moisés”, ele é mais! Moisés foi um *servo* na casa de Deus, Jesus porém foi posto como Filho acima da casa. Moisés erigiu um santuário *terreno*, mas Jesus é Senhor sobre a casa de Deus feita de pedras vivas (1Pe 2.5), sobre sua igreja, o organismo do corpo, uma corporação *celestial*. É bem verdade que ambos têm um povo, mas a Moisés ele foi apenas *entregue fiducialmente*, enquanto Jesus *conquistou* seu povo de Deus do NT por meio do seu sangue (At 20.28).

O pensamento-alvo, em direção do qual o apóstolo dirigiu a sua meditação é: Jesus Cristo – e somente ele – é fundamento e conteúdo de nossa certeza de salvação e de nossa esperança. Nele nós somos detentores da redenção plena. Sem ele, fora da comunhão com ele, não temos nada. Uma vez que Deus através de seu Espírito nos abriu os olhos para a realidade do Senhor ressuscitado, *então também temos de ficar sempre firmes nesta verdade*. Em todo o NT não se aponta com tanta insistência como em Hb para o fato de que a persistência na vida cristã constitui uma prova da autenticidade da fé. Mesmo que o povo de Deus da antiga aliança tenha fracassado sob Moisés, para nós é possível permanecer na certeza da salvação e na esperança, permanecer em Cristo – justamente *porque Jesus é mais sublime que Moisés*. Essa promessa consoladora determina, sem ser pronunciada, as exposições do apóstolo no trecho subsequente. Na síntese acerca de Hb 3.7-19 voltaremos a falar mais uma vez dela.

b. A peregrinação de Israel pelo deserto como exemplo que adverte a igreja, 3.7-19

- ⁷ **Assim, pois, como diz o Espírito Santo (vale): Hoje, se ouvirdes a sua voz,**
⁸ **não endureçais o vosso coração como foi na provocação, no dia da tentação no deserto,**
⁹ **onde os vossos pais me tentaram, pondo-me à prova, e viram as minhas obras por quarenta anos.**
¹⁰ **Por isso, me indignei contra essa geração e disse: Estes sempre erram no coração; eles também não conheceram os meus caminhos.**
¹¹ **Assim, jurei na minha ira: Não entrarão no meu descanso.**
¹² **Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo;**
¹³ **pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado.**
¹⁴ **Porque nos temos tornado participantes de Cristo, se, de fato, guardarmos firme, até ao fim, a confiança que, desde o princípio, tivemos.**
¹⁵ **Enquanto se diz: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração, como foi na provocação.**
¹⁶ **Ora, quais os que, tendo ouvido, se rebelaram? Não foram, de fato, todos os que saíram do Egito por intermédio de Moisés?**
¹⁷ **E contra quem se indignou por quarenta anos? Não foi contra os que pecaram, cujos cadáveres caíram no deserto?**
¹⁸ **E contra quem jurou que não entrariam no seu descanso, senão contra os que foram desobedientes?**
¹⁹ **Vemos, pois, que não puderam entrar por causa da incredulidade.**

Enquanto no trecho anterior o apóstolo contrapôs Moisés e Jesus, ele agora dá continuidade ao seu pensamento, expondo diante dos fiéis o período mais significativo da vida de Moisés, o tempo da

peregrinação pelo deserto, e contrapondo Israel e a igreja. A superioridade de Jesus sobre Moisés fundamenta a responsabilidade maior da igreja (cf. Hb 2.1-4). A exortação do apóstolo tem como objetivo que os fiéis perseverem conscientemente na comunhão com Cristo, até que tenham alcançado o alvo da glória eterna. Ele sabe que a trajetória de fé e esperança da igreja aqui na terra está constantemente em perigo. Ele considera que os perigos espirituais que ameaçam a igreja já estão prefigurados na história de Israel.

7-11 Assim, pois – assim o autor principia sua exortação, recorrendo a uma palavra do AT. Ele introduz a citação do Sl 95.7-11 como uma fala do Espírito Santo (do mesmo modo a palavra do profeta Jeremias em Jr 31.33 é um testemunho do Espírito Santo, cf. Hb 10.15). Embora sem elucidar nem explicar o processo da inspiração no AT, o apóstolo de fato o pressupõe como óbvio. **Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração.** Nessa advertência a Israel os intérpretes judaicos da Escritura já reconheceram um mistério, interpretando-o para o tempo do Messias: quando todo o Israel deixar de lado sua desobediência contra Deus e a dureza de seu coração, e cumprir perfeitamente a lei de Deus, então virá o Messias, o Filho de Davi. O Sl 95 olha em retrospecto sobre o tempo da peregrinação pelo deserto. Os caminhos de Deus com Israel correram de forma diferente da que as pessoas esperavam. Deus não isentou seu povo das provações e dos pesares. Fome e sede, exércitos hostis e perigos sobre-humanos tornaram-se tentações para o povo de Deus. “Recordar-te-ás de todo o caminho pelo qual o Senhor, teu Deus, te guiou no deserto estes quarenta anos, para te humilhar, para te *provar*, para saber o que estava no teu coração” (Dt 8.2). Essa passagem explícita que já o AT – e não apenas o apóstolo a partir do reconhecimento do NT – vê a peregrinação pelo deserto retrospectivamente como um tempo de tribulação divina, no qual estava dada a possibilidade da aprovação. Os israelitas não venceram a prova. A pergunta que os israelitas levantavam na tentação era: “Está o Senhor no meio de nós ou não?” (Êx 17.7). Amargurados pelo que Deus permitia que lhes sucedesse, eles se empederniram, i. é, rejeitaram a palavra de Deus. Esse acontecimento torna-se, na opinião do apóstolo, uma advertência insistente para a igreja: se Deus permite que andemos caminhos difíceis e escuros que não compreendemos, isso não é motivo para duvidarmos da condução de Deus e da sua presença.

Viram as minhas obras..., porém **não conheceram os meus caminhos.** O Sl 95 é corroborado por uma palavra de Nm 14.22. Repetidamente Israel viu com os próprios olhos as gloriosas ações de Deus desde a saída do Egito. Contudo, os israelitas não tiveram entendimento da condução misericordiosa de Deus sobre o seu povo, não reconheceram os seus caminhos. O que experimentaram não se transformou em posse espiritual interior que pudesse solidificar sua comunhão com Deus. Viram pessoalmente a glória de Deus, mas, apesar disso, não a entenderam. Por isso Deus irou-se contra Israel. Quando Deus jura (cf. Hb 6.13; 7.21), ele empenha sua sagrada pessoa pela palavra dada. Deus torna-se pessoalmente o penhor de que sua palavra é verdade inviolável e será cumprida. Nessa situação a *ameaça de juízo* divino é reforçada pelo juramento de Deus. A geração do deserto não alcançará o “descanso”, a terra prometida.

O termo descanso (no grego, *katápausis*) encontra-se na LXX já em Gn 2.2,3. “Deus [...] descansou no sétimo dia de toda a sua obra” (RC). O “descanso” é expressão, no sentido mais profundo, da glória indescritível de Deus e de sua soberania eterna, que serão manifestas na era vindoura do mundo. O descanso prometido na terra de Canaã é apenas uma cópia do eterno descanso de Deus, tornando-se indício da glória na consumação final. No entanto, a palavra do Sl 95 adverte diante da possibilidade de que pessoas, a quem foi prometido o repouso de Deus, podem perecer no juízo por causa de sua desobediência.

12 À palavra de advertência do AT o apóstolo acrescenta sua própria exortação. Os membros da igreja são convocados para a vigilância e para a responsabilidade de uns para com os outros. **Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo.** Ou seja, também os fiéis da nova aliança, assim como os da antiga, podem cair no perigo e na tentação de dar as costas ao Deus vivo (cf. 2Cr 29.6 com Hb 10.25). A raiz mais profunda da rebeldia do ser humano contra Deus reside em seu “coração perverso”, cuja marca essencial não é a fraqueza moral ou ética, mas a descrença. Jeremias já denunciou essa característica do coração humano: “eis que cada um de vós anda segundo a dureza do seu coração maligno, *para não me dar ouvidos a mim*” (Jr 16.12). Descrença, desobediência, i. é, não querer ouvir e obedecer, e o endurecimento são características do “coração maligno”, do qual resulta a “má consciência” (Hb 10.22). São marcas do ser humano desligado de Deus.

- 13** Descrença e desobediência também rondam como um perigo no limiar do coração do fiel. Com cada “não” que contrapomos à palavra de Deus – não importa como ela nos alcança – nosso coração torna-se um grau mais duro e impenetrável para os efeitos do Espírito Santo. Por isso é imperioso que aconteça o cuidado espiritual entre os membros da igreja do NT: do contato *diário* com a palavra de Deus na Escritura Sagrada (At 17.11) e da comunhão *diária* com filhos de Deus (At 2.46) faz parte também a exortação e o incentivo encorajador *diários* (cf. 1Ts 5.11), porque ao tempo de clemência foi posto um certo limite por parte de Deus, “enquanto ainda valer o Hoje”. Quem não aproveita esse tempo para sua salvação eterna, torna-se vítima do engano do pecado. Ele perde a força interior para resistir ao pecado. **A fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano (“engodo”) do pecado** – essa é a advertência apostólica diante da inevitável consequência da falta de vigilância espiritual! O pecado engana, ela não cumpre o que promete. As primeiras pessoas já tiveram de reconhecer com nitidez assustadora que haviam se tornado vítimas de um *engodo de Satanás*, quando transgrediram o mandamento de Deus. Eles se haviam distanciado da ordem de Deus, mas em lugar da esperada glória caíram na escravidão do pecado. É isso que Eva confessa com as palavras: “A serpente me *enganou*, e eu comi!” A igreja está ameaçada pelo mesmo perigo (2Co 11.3), quando reduz sua vigilância espiritual.
- 14** O apóstolo aprofunda no v. 14 o que já transpareceu no v. 6. A magnitude da dádiva de Deus e a grandeza da responsabilidade dos fiéis encontram-se numa relação indissociável. Os **participantes de Cristo** são as pessoas que pertencem à “casa de Cristo”, as “pedras vivas” (1Pe 2.5 [BLH]), os membros da igreja. São irmãos de Cristo (Hb 2.11), estão em companheirismo e irmandade com ele e tomam parte da natureza, da trajetória e da glória de seu Senhor. Por isso o apóstolo também se dirige a eles em Hb 3.1 como “santos irmãos”, reconhece-os como verdadeiros filhos de Deus, que receberam a vida eterna no renascimento. Contudo ainda não chegaram ao alvo, nem ao alvo de sua vida na terra nem tampouco ao alvo de sua fé. Precisamente por isso é decisivo perseverar na fé até o fim. No texto grego chama atenção a coincidência literal com o v. 6. No presente texto o autor fala com uma ênfase especial. A fé cria para si determinadas formas de expressão, que nunca devem faltar na vida dos que crêem: exultar na fé e ter alegria na esperança (cf. Rm 5.2), assim como ser perseverante, i. é, defender a fé destemida e persistentemente. Essa atitude espiritual, que marcou o começo da vida de fé dos irmãos, de maneira alguma deve ser abandonada.
- 15-19** Mais uma vez o apóstolo nos leva de volta ao começo de sua citação do Salmo, estabelecendo conexão com o verbo grego “ouvir” e fazendo surgir diante de nossos olhos toda a peregrinação de Israel pelo deserto com base em três palavras do Sl 95.7-11 “ouvir – irar-se – jurar” (cf. BLH). Todos os israelitas haviam presenciado os milagres de Deus e recebido sua promessa por meio de Moisés. Mas todos participaram da exasperação, todos tornaram-se culpados da rebelião. O povo de Deus itinerante teve de experimentar repetidamente a dura verdade: “A ira de Deus revela-se do céu contra toda impiedade” (Rm 1.18). Quem sucumbia ao “engodo do pecado” morria no deserto. Finalmente aconteceu esse juramento julgador de Deus que incidiu sobre o povo de Deus que reclamava. Deus havia prometido a seu povo a posse da terra de Canaã. Os espiões retornaram, mas dez deles deixaram o povo preocupado. Porque Israel se recusou a crer e a obedecer a Deus, não experimentaram em vida o cumprimento da promessa. Com uma única frase o apóstolo aponta para esse fato do AT, que também tem importância para a igreja do NT: no Sinai Moisés teve de contar, por ordem de Deus, todos os israelitas acima de vinte anos de idade (Nm 1.1ss). O número dos homens, sem os levitas, era de 603.550 (Nm 1.46). Esses homens foram atingidos pela maldição de Deus (Nm 14.29,30), com exceção de Josué e Calebe. Durante quarenta anos tiveram de vagar pelo deserto (Nm 14.33,34). Decorrido esse tempo, quando Israel estava diante da fronteira de Canaã, no Jordão diante de Jericó, Moisés teve de contar novamente o povo (Nm 26.1,2,63). Ali se colocou de certo modo um ponto final num capítulo arrasador da história com Deus, sendo que o relato termina com as palavras: “Entre estes, porém, nenhum houve dos que foram contados por Moisés e pelo sacerdote Arão, quando levantaram o censo dos filhos de Israel no deserto do Sinai. Porque o Senhor dissera deles que morreriam no deserto; e nenhum deles ficou, senão Calebe, filho de Jefoné, e Josué, filho de Num” (Nm 26.64,65). No retrospecto sobre esse terrível acontecimento no povo de Israel, o apóstolo volta a incutir em seus leitores: negar a fé – a obediência a Deus – é rebelião contra a mais alta Majestade, na qual o ser humano morre.

A aplicação prática deve ter sido suficientemente compreensível para os destinatários. Também eles experimentaram a força libertadora de Deus. Tinham um alvo celestial para buscar com alegria.

Porém a incredulidade podia impedir que a promessa divina realmente se concretizasse, do mesmo modo como impediu que os israelitas que haviam saído do Egito chegassem até Canaã.

Síntese

O NT expressa de múltiplas maneiras o fato de que a revelação do AT a Israel aponta para além dela mesma, ao tempo da igreja do NT. P. ex., a lei, mais precisamente a lei cultural-sacerdotal, é no AT uma sombra (em grego, *skiá*) da ordem de salvação do NT (Cl 2.17). A estrutura, organização e ordens do tabernáculo são sombras e reflexos, ou seja, exemplos (em grego, *hypódeigma*), de ordens originalmente celestiais, que devem ser concretizadas na organização espiritual da vida da igreja de Jesus (Hb 8.5; 9.1-9.23; 10.1). Finalmente os acontecimentos históricos durante a peregrinação pelo deserto constituem vestígios e modelos (em grego, *týpos*) da trajetória histórica da igreja até a volta do Senhor (1Co 10.6,11).

Desse modo também a obra redentora de Cristo no NT é repetidamente considerada sob o enfoque de um novo “êxodo”. A morte do Senhor é designada como “partida” (Lc 9.31). Jesus era propriamente o verdadeiro cordeiro pascal (1Co 5.7), impecável e imaculado. Os fiéis são, como Israel após a saída do Egito, a “igreja no deserto”. Seu batismo corresponde à passagem de Israel pelo mar Vermelho. A celebração da Ceia pela igreja dos fiéis na mesa do Senhor tem como figura originária a alimentação de Israel com maná e água da rocha. Cristo, a rocha que vive, é seu guia através do ermo (1Co 10.1-4). Em alguns manuscritos do NT lemos até na carta de Judas, no v 5: “Quero, pois, lembrar-vos, embora já estejais cientes de tudo uma vez por todas, que o Senhor, tendo libertado um povo, tirando-o da terra do Egito, destruiu, depois, os que não creram”. Essa interpretação tipológica era familiar para o autor e os leitores de Hb. Em decorrência, o apóstolo demonstra em Hb 3 como na peregrinação de Israel pelo deserto sob Moisés, em suas bênçãos e seus perigos, já se delineia o roteiro da igreja do NT.

O Sl 95.7-11 remete a Nm 14.26-44. Trata-se de um recorte da história de Israel, a marcha do povo de Deus pelo deserto desde o Egito, a terra da escravidão, até Canaã, a terra da promessa. Na peregrinação pelo deserto o povo devia aprender a depender humildemente de Deus (Dt 8.2,3). Deus providenciou tudo, mas nessa via educativa ele não poupou o seu povo das dificuldades e surpresas. O povo fracassou em três arrecifes:

- Quando os israelitas não tinham água, cresceu a *amargura* (Hb 3.16) em seus corações (Êx 15.24; 17.3,7; Nm 20.2). A insatisfação com as condições exteriores da vida levou-os ao endurecimento, fechou seus ouvidos e corações para a palavra e o caminho de Deus. Porque os caminhos de Deus lhes eram incompreensíveis, rebelaram-se contra a sua direção.
- Repetidamente os israelitas incorriam em *pecado* na caminhada (Hb 3.17): Mulheres estrangeiras levaram-nos a adorar deuses alheios (Nm 25.1,2; 1Co 10.8). Ficavam insatisfeitos com as dádivas de Deus, pelas quais ele os fortalecia no caminho. Preferiam retornar às “panelas de carne do Egito”. Por causa de sua avidez (Nm 11.4-7,31-34; 1Co 10.6) sucumbiram aos milhães. Na rebelião contra Deus e seu servo Moisés (Nm 13,14,16) a *incredulidade* e a *desobediência* (Hb 3.18,19) dos israelitas chegaram ao ápice. Então foram fulminados pela ira de Deus. A geração do deserto foi aniquilada durante o trajeto, também Arão teve de morrer (Nm 20.23ss), e o próprio Moisés pôde apenas contemplar a terra prometida, mas não pôr seu pé além da fronteira (Dt 34). Somente dois homens da primeira geração chegaram ao alvo: Josué e Calebe. As pessoas que haviam recebido a promessa no princípio pereceram na marcha pelo deserto. De fato foi Josué quem conduziu o povo na travessia do Jordão até a terra da promessa. O plano de Deus cumpriu-se, porém com outras pessoas do que fora inicialmente previsto – porque a primeira geração havia fracassado. Deus alcança o seu alvo, ainda que sem, ou mesmo contra, os seres humanos que foram os portadores originais da promessa.

Com clareza arrasadora o apóstolo expõe esses fatos diante de nós, porque sabe que a trajetória da igreja de Jesus em todos os tempos está ameaçada pelos mesmos perigos. Por meio dessa exposição, porém, ele visa conscientizar justamente os fiéis, que precisam encarar novamente assédio e tribulação de fora, de que *os perigos decisivos para a vida de fé não vêm de fora, mas de dentro, de nosso próprio coração*. É por isso que a exortação diária é necessária (Hb 3.13; 1Co 10.11)!

Acima desse bloco de Hb 3.7-19, que nos propõe o quadro sombrio da incredulidade, da apostasia frente ao Deus vivo, brilha o reconhecimento de Hb 3.1-6: *Jesus é maior que Moisés!* Moisés não era

capaz de proteger o povo de Israel contra a apostasia. Jesus, no entanto, pode conduzir sua igreja, pode levar-nos até o alvo da glória. Ele pode resgatar-nos integralmente. Nada é capaz de nos arrancar de sua mão (Hb 7.25; Jo 10.28). Em cada tentação que atravessamos ele também cria a possibilidade de subsistir (1Co 10.13). Por isso vigora na tribulação a palavra de consolo do apóstolo Paulo: “O Senhor é fiel, ele vos fortalecerá e protegerá diante do mal” (2Ts 3.3).

5. A superioridade de Jesus sobre Josué, o guia de Israel até Canaã, 4.1-13

a. Desafio para ouvir com fé as promessas de Deus, 4.1,2

- ¹ **Temamos, portanto, que, sendo-nos deixada a promessa de entrar no descanso de Deus, suceda parecer que algum de vós tenha falhado.**
- ² **Porque também a nós foram anunciadas as boas-novas, como se deu com eles; mas a palavra que ouviram não lhes aproveitou, visto não ter sido acompanhada pela fé naqueles que a ouviram.**

- 1 O escritor apostólico parte dos exemplos de advertência do capítulo anterior e faz sua argumentação desembocar numa exortação pessoal à igreja. Como em Hb 3.7-19, são mantidas e aprofundadas a ilustração e a comparação com a peregrinação pelo deserto: agora o apóstolo enfoca mais de perto o acontecimento sob Josué. **Temamos, portanto...** É assim que ele começa sua exortação, lembrando-nos que também na vida dos filhos de Deus ainda existe “temor e tremor” (Fp 2.12). Não somente a reverência, mas santo temor deve determinar nosso relacionamento com Deus. Tem de existir também na vida dos cristãos um temor sagrado pela própria salvação (cf. 1Pe 1.17). Jamais podemos pôr levemente em risco a dádiva da salvação. Não se trata de “uma forma exterior de espiritualidade” (2Tm 3.5), na qual vivemos com o coração longe de Deus. Nesse caso, na verdade, podemos ser considerados por outras pessoas como cristãos, mas no julgamento final **sucedá parecer que algum de vós tenha falhado**. A promessa de participar da glória eterna de Deus, afinal, ainda está diante de nós sem se cumprir. Ainda não alcançamos a meta.
- 2 O apóstolo já antecipa aqui um pensamento que ele articulará com maior clareza no v. 8: Israel não obteve o cumprimento da promessa. Josué não teve sucesso em conduzir o povo ao último descanso. A promessa ainda está por se cumprir. Em momentos especiais da história da salvação, quando homens de Deus confessavam que Deus havia dado a Israel “descanso” (Josué, Salomão e outros), trata-se de sempre de um *cumprimento* apenas *preliminar*, que aponta para além de si, à consumação final da igreja. É essa a descoberta fundamental, a partir da qual o apóstolo interpreta o AT. A promessa do verdadeiro descanso de Deus vale para toda a igreja de Jesus Cristo em todas as épocas até a volta do Senhor! *Ela vale também para a nossa geração atual!* Ela nos é oferecida na palavra de Deus – já na palavra do AT – e deverá chegar ao cumprimento pleno segundo a vontade de Deus. Contudo podemos ficar de fora dessa consumação por meio de incredulidade e desobediência. “Quem lança fora a promessa, a si próprio se priva do socorro divino”. **Porque também a nós foram anunciadas as boas-novas, como se deu com eles.** Repetidamente o apóstolo destaca o paralelismo entre o acontecido ao povo de Deus do AT e do NT. A ação de Deus em Israel é paradigmática para a igreja. Israel recebeu a promessa de “entrar no descanso” (Dt 12.9,10). A ela corresponde no NT a promessa de “entrar no reino de Deus” (Mt 5.20; 7.21; Jo 3.5). **Mas a palavra que ouviram não lhes aproveitou, visto não ter sido acompanhada pela fé naqueles que a ouviram.** As promessas de Deus são comparáveis a um cheque que nos foi dado para descontar. Isso, porém, pode acontecer unicamente na fé. Não se trata de apenas ouvirmos a palavra de Deus, mas de que também a acolhamos com fé, que nos apropriemos dela, a fim de que se torne parte constitutiva de nosso ser mais íntimo. Que a Palavra de Deus seja combinada em nós com a fé, que ela provoque em nós a fé e que nossa fé se apegue com constância à Sua Palavra, estas são as premissas para que as promessas de Deus possam tornar-se realidade na vida de sua igreja. Se estas premissas estão sendo cumpridas, então a palavra de Deus tem condições de desenvolver sua força salvadora em nossa vida.

b. As promessas do descanso de Deus para a igreja, 4.3-11

- ³ **Nós, porém, que cremos, entramos no descanso, conforme Deus tem dito: Assim, jurei na minha ira: Não entrarão no meu descanso. Embora, certamente, as obras estivessem concluídas desde a fundação do mundo.**

- ⁴ **Porque, em certo lugar, assim disse, no tocante ao sétimo dia: E descansou Deus, no sétimo dia, de todas as obras que fizera.**
- ⁵ **E novamente, no mesmo lugar: Não entrarão no meu descanso.**
- ⁶ **Visto, portanto, que resta entrarem alguns nele e que, por causa da desobediência, não entraram aqueles aos quais anteriormente foram anunciadas as boas-novas,**
- ⁷ **de novo (Deus), determina certo dia, Hoje, falando por Davi, muito tempo depois, segundo antes fora declarado: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração.**
- ⁸ **Ora, se Josué lhes houvesse dado descanso, não falaria, posteriormente, a respeito de outro dia.**
- ⁹ **Portanto, resta um repouso para o povo de Deus.**
- ¹⁰ **Porque aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das suas.**
- ¹¹ **Esforcemo-nos, pois, por entrar naquele descanso, a fim de que ninguém caia, segundo o mesmo exemplo de desobediência.**

3-7 Tudo o que o apóstolo havia dito até aqui apenas de maneira indireta, encoberta, ele passa a afirmar diretamente: a promessa do descanso de Deus vigora para a igreja. **Nós, porém, que cremos, entramos no descanso, conforme Deus tem dito...** Faz parte da fé autêntica a certeza com relação ao caminho e ao alvo, a qual se alicerça sobre a palavra de Deus. “Deus falou” – Esse é o fundamento de toda fé. O apóstolo remete novamente seus leitores à palavra fixada por escrito na LXX. No entanto, enquanto ele reflete sobre a palavra do “descanso” do Salmo de Davi, a qual aponta para o tempo vindouro do Messias, para o “Hoje” da época da salvação, surge diante de seu olhar espiritual aquele descanso originário de Deus, a respeito do qual já fomos informados na conclusão da criação. O “descanso”, que para o apóstolo, orientado no AT, é uma metáfora da glória e majestade imutáveis de Deus, não constitui, afinal, apenas uma realidade vindoura, porém já está presente desde aquele tempo quando a obra criadora de Deus na fundação do mundo estava concluída (Êx 31.17). Depois desse descanso de Deus sua ação criadora no cosmos foi encerrada, mas sua ação criadora relativa à salvação da humanidade continuou. Essa restauração por parte de Deus, que consiste na participação das pessoas na glória de Deus (cf. Hb 2.9,10), é prometida novamente pelas palavras do Sl 95. Entretanto, quando Deus faz uma promessa aos seres humanos, então também tem o propósito de cumpri-la. A geração do deserto não alcançou a promessa – o “descanso” na terra de Canaã como imagem do “repouso” eterno de Deus. A desobediência (em grego, *apeítheia*) dos humanos, no entanto, não pode anular o plano de Deus e sua promessa. É bem verdade que, tanto no AT como no NT, o próprio ser humano pode excluir-se tanto da promessa bem como da salvação. Porém, neste caso, Deus, enfim, chama outras pessoas, com as quais leva ao alvo o seu conselho salvador: **resta entrarem alguns nele** (no descanso)! Por isso Deus confirma mais uma vez expressamente sua promessa dada no começo. Através de Davi ele faz com que seja aludido ao “descanso de Deus”, que deverá ser concedido aos seres humanos no tempo de salvação do “Hoje divino”. Depois do “dia da tentação” (Sl 95.8 [RC]; Hb 3.8) Deus fixa seu “novo dia”. Esse novo “dia” é o tempo de salvação da igreja (2Co 6.2), o acontecimento escatológico que Davi anteviu e que começou com Cristo.

8,9 **Ora, se Josué lhes houvesse dado descanso, não falaria, posteriormente, a respeito de outro dia.** Mais uma última vez o apóstolo relaciona a promessa do “descanso” para Israel (Dt 12.9,10; Js 1.15) com a renovada promessa do descanso de Deus, que ele encontra anunciada no Sl 95. Ao refletir sobre a palavra da Escritura do AT descortina-se diante dele um sentido duplo da Escritura. O “descanso” assegurado para Israel consistia na posse da terra de Canaã e ao mesmo tempo no estado de paz prometido ao povo de Deus naquela terra. Ainda que por culpa própria, por desconsideração e desobediência, Israel não experimentasse a verdadeira paz (Js 9; Jz 2), o apóstolo sabe muito bem que na ocupação da terra de Canaã Deus cumpriu a sua promessa perante Israel. Israel é testemunha de que Deus executou a sua palavra numa série de acontecimentos históricos. No entanto, o cumprimento terreno de uma promessa a Israel jamais é a última coisa. Ele não impõe limites à atuação de Deus, mas é somente algo penúltimo e aponta para além de si: na igreja, em sua jornada terrena, bem como em sua consumação na glória, as promessas de Deus encontrarão um cumprimento muito mais abrangente. O apóstolo não está mencionando que também o povo de Israel, após seu retorno para Deus no fim dos tempos, participará do cumprimento pleno das

promessas de Deus (Rm 11.26). Apesar de sua desobediência, Israel continua sendo povo de Deus também no tempo da igreja, “porque Deus não muda de idéia a respeito de quem ele escolhe e abençoa” (Rm 11.29 [BLH]). Por isso o autor prossegue: **Portanto, resta um repouso para o povo de Deus** (“Logo resta ainda um descanso sabático para o povo de Deus” [tradução do autor]). Não apenas a igreja, também Israel ainda aguarda o grande sábado.

- 10** Em vista do entendimento que foi concedido ao apóstolo pelo Espírito Santo, descortina-se aqui para ele uma compreensão mais profunda da promessa do AT como sequer havia sido possível tomando-se como base apenas o AT: descanso não é mera cessação de todas as aflições hostis, mas também a consumação de toda ação na terra. Aqui o verdadeiro descanso de Deus na glória eterna é designado em grego como *sabbatismós*. Constitui uma similaridade direta com a palavra judaica “sábado”, em hebraico *shabat* “descansar”, Gn 2.2,3. Assim, para a igreja, a palavra apostólica do descanso divino reporta-se novamente ao repouso de Deus após completar a criação. **Porque aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das suas.** Portanto, o descanso de Deus é paradigmático para o nosso descanso. A promessa de “ingressar no repouso de Deus” não apenas constitui um bem futuro e transcendente de esperança da igreja, mas a promessa também vigora para o tempo salutar da igreja, seu cumprimento realiza-se de forma incipiente já no presente mundo e época. A igreja de Jesus obtém desde já, em seu caminho no meio de toda tribulação, um aperitivo do descanso divino. Quem crê morreu e ressuscitou com Cristo e entrega-se repetidamente em obediência renovada a Cristo. Como fiel, ele age de tal forma que na verdade Cristo, através do Espírito Santo, nele realiza a sua vida! “Não sou mais eu que vivo, mas Cristo vive em mim” (Gl 2.20). Isso é o fim do nosso próprio agir. Sobre isso a Bíblia de Berleburg (pág 20) afirma: “Nós que cremos entramos no descanso, não na preguiça da carne, e sim na força da nova vida, que se rende tranqüilamente a Deus e o deixa governar e agir dentro dela”. E aquilo que Deus inicia em seus filhos aqui na terra, isso ele completa na vida de cada um quando o fiel entrar no lar eterno (Ap 14.13). Ele completa a obra na vida da igreja toda, porém por ocasião da volta de Jesus e do seu arrebatamento para a glória, quando a igreja ingressa no “descanso sabático do povo de Deus”.
- 11** Repetidamente o apóstolo retorna à mesma idéia que o move com tanta intensidade: ao antigo povo de Deus o Senhor entregou sua revelação através dos profetas. A igreja da nova aliança recebeu imensamente mais. Deus nos presenteou com o seu Filho como Redentor e Senhor! Israel obteve a promessa do descanso terreno. A igreja, porém, recebe o anúncio do descanso eterno da parte de Deus! Esse “descanso”, no entanto, a participação na glória de Deus, não é uma propriedade imóvel e estática, sobre a qual os fiéis podem decidir e que possam administrar conforme o seu arbítrio. O alvo da glória eterna, em contraposição, demanda da igreja o engajamento de sua existência toda. Justamente o “ingressar no descanso” requer a concentração de todas as forças no alvo único. Agora é o tempo de trabalhar e agir, o tempo de luta e da peregrinação, a “jornada de serviço” da igreja, à qual um dia se seguirá a celebração do sábado, o dia de descanso dos filhos de Deus. A palavra do AT não somente representa consolo e promessa para a igreja do NT, mas também lhe indica como sinal de alerta a desobediência da geração do deserto. Quem não olha mais para o alvo pode cair durante a caminhada. Somente na mais íntima ligação com Jesus Cristo podemos ser preservados dessa queda trágica.

c. A eficácia da palavra de Deus, 4.12,13

- ¹² **Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração.**
- ¹³ **E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas.**

- 12** Se por um lado o interesse do apóstolo é destacar a superioridade da nova aliança diante da antiga, por outro lado ele apesar disso também ressalta o que ambos os períodos da história da salvação têm em comum e o que os liga. Em Israel age, do mesmo modo como na igreja, o Espírito Santo (Hb 3.7; 9.8; 10.15). O povo de Deus, antigo e novo, recebeu igualmente a Palavra de Deus (Hb 2.2,3; 4.2). Se até agora o apóstolo colocara principalmente a palavra da promessa em primeiro plano, ele agora se

preocupa em falar, no contexto de sua exortação, do poder de revelação e juízo da palavra de Deus. Cinco afirmações específicas sublinham a importância dela: viva – eficaz – afiada – penetrante – julgadora.

Viva é a palavra de Deus, porque jorra da fonte de toda a vida, que jamais seca (Sl 36.10) e é capaz de infundir nova vida nos corações humanos (Jo 6.63; 1Pe 1.23-25 cf. Is 40.8). Também em relação a Cristo, o eterno Filho de Deus, a Bíblia testemunha que ele traz a vida dentro de si e como o Vivo é capaz de chamar mortos para a vida (Jo 5.24-26; 14.6; Ap 1.18). Nesse aspecto torna-se claro para nós que nunca podemos desligar a força geradora de vida da palavra de Deus da pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo e da ação do Espírito Santo.

A palavra jamais é somente “cortina de ruído e fumaça”. Ela sempre é diretamente **eficaz**. O encontro com a palavra nos coloca em contato com Deus. Quem abusa dela ou a menospreza viola a santidade de Deus. A palavra é alimentada pela “eficácia” (em grego, *enérgeia*) de Jesus Cristo (Fp 3.20), que será comprovada como poder transformador de Deus não apenas na nossa vida de santificação, mas muito mais intensamente na transfiguração de nosso corpo terreno em corpo de glória.

A palavra de Deus é **mais cortante do que qualquer espada de dois gumes**. Não estamos sendo lembrados apenas da palavra do apóstolo Paulo, de nos armar com a palavra de Deus como com uma espada, a fim de resistir a todas as hostilidades e tentações por parte de poderes terrenos e sobrenaturais (Ef 6.17). Pelo contrário, Deus já utiliza no AT a boca do profeta, i. é, a palavra que ele fala por meio do seu profeta, como uma “espada cortante” (Is 49.2 [BJ]), a qual ele também pode voltar contra o seu povo desobediente. O Senhor exaltado faz anunciar à sua igreja em Pérgamo: “Portanto, arrepende-te; e, se não, venho a ti sem demora e contra eles pelejarei com a espada da minha boca” (Ap 2.16). A palavra de Deus, portanto, não deve ser em primeiro lugar uma arma em nossa mão, com a qual lutamos contra outros, mas ela continua sobretudo sendo a “espada do Espírito”, que atinge justamente também a vida dos fiéis. Sim, ela penetra fundo até a separação de alma e espírito, articulações e medula, e é um juiz das imaginações e pensamentos do coração. A função reveladora e julgadora da palavra é a única que, nesse ponto, está sendo enfocada pelo apóstolo: “A palavra de Deus pode trazer consigo morte e julgamento, visto que o juramento de Deus também teve um efeito fatal” (cf. Gn 3.19; Nm 14.28-33; Jr 22.5; At 5.1-10).

Quando o apóstolo não fala apenas de uma separação entre “alma e espírito”, mas também entre “juntas e medula”, ele seguramente não visa em primeiro lugar uma clara distinção terminológica no sentido da moderna ciência natural, singularmente da psicologia e medicina. Muito antes ele dirige nossa atenção para a realidade de que, enquanto poder espiritual, a palavra de Deus exerce efeito tanto sobre a esfera espiritual quanto também na corporal da pessoa renascida. “**Alma e espírito**”, termos que no linguajar da Bíblia ocorrem muitas vezes em sentido similar e aparentemente podem ser trocados em diversas passagens, apesar disso são diferentes entre si. A Bíblia tem a noção da concomitância dessas duas esferas dos sentidos humanos, do ser corpóreo e da realidade imaterial do ser humano, da pessoa “exterior” e da “interior” (2Co 4.16), que juntas perfazem a totalidade da vida humana. Ao lado da bipartição na descrição da natureza humana, porém, encontramos também a visão “tricotômica” (literalmente: “dividida em três”), que desmembra o ser humano em três áreas da existência: em corpo, alma e espírito (cf. 1Ts 5.23). O *corpo* é considerado habitação e sustentação da alma, sem o qual nenhuma existência terrena é possível. A *alma* é o que faz do ser humano uma pessoa, é a sua capacidade de perceber, sentir e querer, é sua habilidade para dirigir conscientemente as experiências dos impulsos. O *espírito*, por sua vez, perfaz o centro da pessoa, o “eu que não é objeto”, com o qual Deus pode se comunicar (Rm 8.16). Por intermédio do espírito a pessoa tem capacidade para estabelecer uma relação direta com Deus. Na linguagem bíblica o *coração* não somente constitui o centro e órgão mais importante da vida corporal, mas é considerado igualmente como origem do pensar, sentir e querer (Mt 15.18ss). Coração, espírito e alma, enquanto conceitos bíblicos, não são usados arbitrariamente. Quando se fala do “coração” como centro da existência humana, então a alma e o espírito estão incluídos nele. “No coração ambos tornam-se unificados. Ele é psíquico-mental: é a intimidade central do ser humano, entendido como unidade, englobando todas as facetas de sua atividade, sob o aspecto da responsabilidade de obedecer à vontade de Deus”.

Não é imperioso que se entendam as palavras do apóstolo no presente versículo no sentido da diferenciação paulina entre alma e espírito. Muito menos temos de imaginar que o apóstolo tenha tomado por empréstimo os conceitos de Filo. Esse filósofo judaico havia enfatizado a bipartição em

alma e espírito, sendo que para ele o espírito era a parte mais valiosa, com a qual uma pessoa podia apreender a sabedoria divina. Pelo contrário, o apóstolo tem o objetivo de expressar que, com a força do Espírito Santo, a palavra de Deus penetra em todas as esferas da vida espiritual e corporal e, como poder selecionador e julgador, também põe em ordem as mais ocultas camadas de nossa existência espiritual. A palavra de Deus – Jesus Cristo, o verbo que se fez carne, que se revela a nós na palavra escrita transmitida no AT e NT – possui a autoridade de julgar. O critério último para a sentença de Deus sobre todas as manifestações vitais da pessoa até nas motivações de seu querer, no seu pensar e nos movimentos de sua alma é a palavra de Deus, que também traz à luz do dia os motivos muitas vezes inconscientes de nosso agir.

- 13 Agora somos lembrados de que Deus é o “conhecedor dos corações” (At 1.24; 15.8). Aquilo que o Senhor fará no dia do juízo, que ele “também trará à plena luz as coisas ocultas das trevas e manifestará os desígnios dos corações” (1Co 4.5) – isso já se realiza hoje preliminarmente no encontro das pessoas com a Bíblia. A palavra de Deus nos julga; contudo, quando nos submetemos à sentença de Deus, também somos salvos (cf. 1Co 11.31,32). Ninguém pode se furtar à força penetrante da palavra divina. **E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos seus olhos.** O termo grego *ktísis* pode referir-se tanto à criação toda quanto à criatura isoladamente. Nada consegue ocultar-se diante dos olhos de Deus, todos os poderes terrenos e celestiais estão manifestos diante dele. No presente contexto isso vale de maneira bem especial para *a pessoa que está sob a influência da revelação* de Deus (cf. a palavra *ktísis* em Mc 16.15; 2Co 5.17; Cl 1.23). “Não há remédio que afaste de nós o poder julgador da palavra. Aqui vigora a regra: ou nos julgamos a nós mesmos ou somos julgados. Podemos permitir disposta e obedientemente que a palavra realize seu empreendimento de juízo e extermine o mal em nós; então o juízo redundará em salvação para nós. Ou podemos resistir à palavra e reter o nosso pecado; então alma e corpo perecerão sob o golpe da espada da palavra divina”.

A quem temos de prestar contas. Por meio dessas palavras o apóstolo volta-se mais uma vez à idéia básica que o levou à reflexão precedente. Como os israelitas, assim também os membros da igreja devem prestar contas ao Senhor sobre aquilo que fizeram da palavra revelada em sua vida (cf. Hb 2.2,3 com Mt 25.15,19). O apóstolo está cômico de que ele próprio é atingido por essa responsabilidade, motivo pelo qual diz: *nós* temos de prestar contas. O que ele escreve por incumbência de Deus e sob a inspiração do Espírito Santo é para ele um compromisso igual ao dos membros da igreja, aos quais dirige sua carta. As palavras no final do versículo também permitem a tradução “diante dele falamos”. Isso poderia significar, talvez, que o apóstolo está diante de Deus com aquilo que ele escreve à igreja como mensagem divina de juízo e clemência, promessa e advertência, tendo consciência de ser diretamente encarregado por ele.

Síntese

No trecho Hb 4.1-13 o apóstolo combinou entre si duas linhas de pensamento.

1. A ação de Deus com Israel é paradigmático para o caminho da igreja. Do mesmo modo como Israel, o novo povo de Deus recebeu a promessa de que ingressará no descanso de Deus. Exemplo de todo descanso de Deus é a glória e o poder soberano irrestrito de Deus no sétimo dia da criação. Uma imagem terrena desse verdadeiro descanso foi para Israel – mais precisamente para a geração do deserto – a ocupação da terra de Canaã. A geração do deserto não alcançou a promessa. O breve e temporário repouso de Israel em Canaã tornou-se indício para o descanso eterno junto de Deus, para o qual o povo não podia chegar em Canaã. “Muito tempo depois”, i. é, na época de Davi (Hb 4.7), é prometido um novo descanso (grego *katápausis*) para a era da salvação, que corresponde ao descanso prometido a Israel, mas ao qual está vinculado um “Hoje” de qualidade histórico-salvífica, para o qual Cristo nos abriu o acesso (2Co 6.2). Esse descanso, prometido a nós e ainda por realizar, é o sabbatismós na glória de Deus (Hb 4.9-11). Naquele tempo Israel não alcançou a promessa por causa de sua incredulidade e desobediência (Hb 3.18,19; 4.6). Na jornada da igreja os mesmos perigos estão à espreita. Por causa deste conhecimento cabe-nos redobrada vigilância!

2. Contudo, a igreja de Jesus inicia sua trajetória sob promessas incomparavelmente maiores. Isto evidencia-se pela contraposição de Josué com Jesus Cristo. O que Josué (“o Senhor é salvação”) significou para Israel, é indício da sobrepujante importância salvadora do “Josué” do NT, de Jesus Cristo, para a sua igreja. Ambos têm um povo, ambos o conduzem ao alvo por um determinado caminho. Contudo *Jesus é maior que Josué*. Josué guiou Israel até Canaã, que só poderia ser uma

réplica do verdadeiro descanso de Deus. Lá Israel encontrou moradores estranhos, houve novas lutas. Jesus Cristo, no entanto, *conduz a sua igreja para a glória eterna*, que equivale ao descanso de Deus no sétimo dia da criação, ao descanso sabático, no qual não haverá mais nada a vencer. O empenho de todas as energias espirituais na igreja do NT somente poderá servir para marchar com fé e obediência para esse alvo (Hb 4.11).

Israel e a igreja possuem ambos a palavra de Deus – como promessa e como padrão da sentença de Deus. Por desobediência e dúvida Israel sucumbiu. De acordo com sua atitude diante dessa palavra também se decidirá o destino da igreja e do mundo incrédulo (Jo 12.48).

6. A superioridade de Jesus sobre Arão, o primeiro sumo sacerdote, 4.14–5.10

- ¹⁴ **Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão.**
- ¹⁵ **Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado.**
- ¹⁶ **Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.**
- ¹ **Porque todo sumo sacerdote, sendo tomado dentre os homens, é constituído nas coisas concernentes a Deus, a favor dos homens, para oferecer tanto dons como sacrifícios pelos pecados,**
- ² **e é capaz de condoer-se dos ignorantes e dos que erram, pois também ele mesmo está rodeado de fraquezas.**
- ³ **E, por esta razão, deve oferecer sacrifícios pelos pecados, tanto do povo como de si mesmo.**
- ⁴ **Ninguém, pois, toma esta honra para si mesmo, senão quando chamado por Deus, como aconteceu com Arão.**
- ⁵ **Assim, também Cristo a si mesmo não se glorificou para se tornar sumo sacerdote, mas o glorificou aquele que lhe disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei;**
- ⁶ **como em outro lugar também diz: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.**
- ⁷ **Ele, Jesus, nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte e tendo sido ouvido por causa da sua piedade,**
- ⁸ **embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu**
- ⁹ **e, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem,**
- ¹⁰ **tendo sido nomeado por Deus sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque.**

- 14** Em Hb 2.17 e 3.1 o apóstolo já falou de Jesus como o “Sumo Sacerdote”, sem descrever mais detalhadamente o que pretendia expressar com esse título. Agora ele desenvolve essa afirmação com frases breves e poderosas. **Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão.** Na palavra “tendo” exterioriza-se toda a certeza do entendimento apostólico. Essa é uma característica genuína da fé viva: filhos de Deus não somente estão no processo de “tornar-se”, eles também vivem no “ter”. Temos a redenção por intermédio do sangue de Cristo (Ef 1.7), temos paz com Deus (Rm 5.1), temos um advogado junto do Pai (1Jo 2.1). Essa certeza do “ter” espelha-se também no firme “saber”, do qual fala o apóstolo João, quando descreve a experiência de fé dos filhos de Deus (1Jo 3.2,14; 5.15,18-20). O apóstolo compara Jesus Cristo e o sumo sacerdote Arão. Ele diz: Jesus é o **grande sumo sacerdote**, porque realiza o que Arão não foi capaz de fazer. Arão foi sumo sacerdote na terra, Jesus Cristo porém não apenas ofereceu na terra o sacrifício de sumo sacerdote por meio da entrega de sua vida; também depois de sua ressurreição ele serve a Deus na eternidade como o Sumo Sacerdote celestial.

Assim como o sumo sacerdote tinha de atravessar o santuário terreno, a fim de prestar serviço no santíssimo, assim Jesus **penetrou os céus**, para chegar à presença de Deus. Com essa expressão o apóstolo indica a ascensão de Jesus, como já fizera em Hb 1.3. Ela é a confirmação da magnitude sobrepujante do sumo sacerdócio de Jesus. Ele adentrou o mundo invisível de Deus a partir do nosso

mundo terreno. Em Hb 1.10, os “céus” são obra das mãos de Deus, uma parte do mundo criado, do cosmos. No presente versículo e em Hb 7.26 os “céus” são o espaço intermediário entre o mundo eterno de Deus e nosso mundo humano (cf. Ef 2.2; 4.10; 6.12), o âmbito de atuação dos espíritos invisíveis, também das potestades malignas e dos demônios. Em Hb 8.1 os “céus” são a sede de habitação de Deus, a glória eterna, o “santuário celestial”. “Jesus não apenas entra no céu, mas atravessa o céu chegando, acima dele, até Deus. Para ele não existe barreira em que ele tivesse de parar. Em lugar algum uma placa de advertência lhe nega o acesso. Para ele, em lugar algum está escrito: aqui não penetre quem não for santo. Ele não somente chega aos espíritos sagrados e poderes celestiais, mas sobe mais alto, também acima da divisa que separa estes de Deus”.

Jesus Cristo vive agora como Sumo Sacerdote na glória eterna de Deus. Para a igreja na terra, resulta disso o compromisso de confessá-lo diante do mundo. O apóstolo lembra-nos isso com as palavras: **conservemos firmes a nossa confissão**. Novamente a “confissão” não é idêntica com uma sentença doutrinária teológica, com um credo formulado da igreja. Não, a “confissão” pede que na tribulação e aflição nos coloquemos nítida e publicamente do lado de Jesus. Justamente quando o cristão é arrastado ao tribunal por causa de sua fé ele também deve testemunhar no processo judicial os grandes feitos libertadores de Deus (cf. 1Pe 4.14-16). Não somente o apóstolo – também os destinatários de sua missiva foram testemunhas oculares da primeira perseguição. Em Hb 10.33 ele os lembra dos sofrimentos suportados: “ora expostos como em espetáculo, tanto de opróbrio quanto de tribulações, ora tornando-vos co-participantes com aqueles que desse modo foram tratados.” A trajetória da história da igreja até os dias atuais nos ensina que cada época de perseguição para os fiéis é tempo de depuração, porque traz em seu bojo a possibilidade da apostasia. É próprio de nossa fraqueza humana esquivar-se dos múltiplos sofrimentos pela negação da fé. Interiormente o apóstolo está temendo pelos cristãos que lhe foram confiados. Do círculo dos primeiros apóstolos ele tem conhecimento de como o perigo da apostasia acompanha bem perto a caminhada da fé. No entanto, importa que a qualquer custo, mesmo no sofrimento, se persevere – de forma plenamente pública – na confissão do Senhor! Conteúdo e força motriz interna dessa confissão estão enraizados nessas cinco palavras: “*Jesus é Filho de Deus*” (cf. At 8.37). Se o apóstolo menciona aqui, como já em Hb 3.1, apenas o nome “Jesus”, sua preocupação é destacar a circunstância extremamente importante para a história da salvação: *Jesus* de Nazaré, o filho da Maria, ele, que era de carne e sangue como nós, o Senhor crucificado e ressuscitado, é realmente *o Filho de Deus* (cf. Mt 14.33; 16.16). Para Hb as palavras “Filho” e “sumo sacerdote” designam a essência e a dignidade, a pessoa e a obra de Jesus, estando indissolúvelmente interligadas (cf. Hb 7.28).

- 15 Mais uma vez o apóstolo retoma o pensamento de Hb 2.14-18. Fazem parte da condição humana tanto o fato de que a pessoa é criatura como o fato de que pode ser tentada. Se Jesus se tornou ser humano, então ele também tinha de participar dessa realidade. **Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado.** A “fraqueza” do ser humano designa sua caducidade tanto no aspecto do corpo como da fé. Sua “enfermidade” consiste em que ele repetidamente cede à tentação, torna-se “fraco” (Mt 26.41). Justamente esse é o mistério incompreensível da vida de Jesus: que ele participou da nossa “fraqueza”, mas que jamais sucumbiu a ela. Jesus venceu a tentação. Ele comprovou “sua condição de Filho de Deus confiando, obedecendo e amando plenamente”.

A respeito de uma tentação especial que cercou Jesus temos informação apenas do que ocorreu imediatamente antes de que iniciasse sua atividade pública. Por ocasião de seu batismo Jesus havia recebido a confirmação divina: “Este é o meu Filho amado” (Mt 3.17). No deserto o diabo aproximou-se dele com a pergunta tentadora: “Se és Filho de Deus...” (Mt 4.3,6). Essas palavras lembram-nos de Gn 3.1: “É assim que Deus disse...” Existe uma metodologia diabólica, na qual o diabo se repete. Atrás desse questionamento da filiação divina de Jesus encontra-se a concepção de Messias do judaísmo tardio, que desconhece o Messias sofredor. Constitui um faceta importante da tentação que surge de modo recorrente na vida de Jesus, de se esquivar do sofrimento. Encontramo-la também nas palavras insistentes de Pedro: “Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá”. Jesus as repele com a acusação: “Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens” (Mt 16.22,23).

Adolf Schlatter chamou atenção para o fato de que na tentação de Jesus não está em jogo o sucesso visível perante pessoas. Na primeira e terceira tentações os espectadores não aparecem. Por isso também não se fala da impressão sobre as pessoas em Mt 4.5-7, na tentação de que ele se

lançasse do pináculo do templo. Pelo contrário, está em jogo a posição de Jesus em relação ao Pai. O diabo interpela Jesus no tocante à sua confiança em Deus. Quando Jesus possui fé incondicional ele tem condições de procurar o perigo. Da perfeição da fé resulta a coragem que arrisca tudo (Mc 9.23; 10.27). A atitude do Filho, porém, é a obediência perfeita (Hb 5.8): Jesus não coloca em dúvida a promessa, mas sua fé no que Deus prometeu inclui a obediência à vontade do Pai. A profundidade dessa tentação está no fato de que o diabo espera algo que Jesus teria todo o direito de realizar. Como Filho de Deus Jesus poderia ter transformado as pedras em pães (Mt 4.3), assim como mais tarde alimentou mais de 5.000 pessoas com cinco pães e dois peixes (Mt 14.19-21). A pergunta tentadora: “Se és Filho de Deus...”, porém, acerca-se de Jesus mais uma vez, quando, nas horas mais difíceis de sua vida, está pregado à cruz. Jesus também resistia a essa última tentação mais grave, de descer da cruz (Mt 27.40; Lc 23.39). Na obediência plena à vontade de Deus ele permaneceu na cruz, permaneceu sem pecado. Foi assim que ele nos preparou o caminho até Deus.

- 16 Uma vez que Jesus nos abriu o caminho até Deus, também devemos trilhá-lo agora (cf. Rm 5.1,2). O fato de termos um sumo sacerdote junto de Deus que intercede por nós também nos dá o direito de chegar em oração a Deus com alegre confiança. A certeza interior radiante, que deve caracterizar nossa vida de oração, possui no sumo sacerdócio de Jesus sua raiz mais profunda, porque ele intercede por nós com seu sacrifício e sua oração. Através de Jesus Cristo, o Sumo Sacerdote verdadeiro, o trono de Deus tornou-se para nós um trono da graça. A todos os filhos de Deus está aberto o caminho ao seu coração. Não são realizações devotas, mas é a palavra mediadora de Jesus junto ao Pai que abre as comportas para a bênção de Deus, de modo que alcançamos sua misericórdia e graça e experimentamos o auxílio de Deus no tempo propício. Por meio desse versículo somos remetidos às possibilidades e aos limites de nossa oração. Em qualquer circunstância temos o direito de dirigir-nos ao Deus onipotente. Contudo não nos cabe prescrever-lhe a hora de seu auxílio, que compete exclusivamente a ele. A palavra, porém, nos assegura que Deus sempre intervém e ajuda na hora certa.
- 1 Inicialmente o apóstolo falou de Jesus, o Sumo Sacerdote celestial. Agora ele traz ao centro a ordem de Deus para o sumo sacerdócio na terra. Nas palavras “dentre os humanos... a favor dos seres humanos” (em grego *ex anthrōpon... hypér anthrōpon*) somos confrontados com privilégio e limitação, incumbência e responsabilidade do sumo sacerdócio terreno em Israel. O sumo sacerdote era *separado* da multidão do povo de Deus para o serviço a outros. Porém, segundo sua condição natural, ele continuava sendo um humano como todos os demais. Apesar de que o reconhecimento de sua igualdade com os demais jamais devesse desaparecer, mesmo assim ele tinha a tarefa de interceder por outros diante de Deus e de viver em favor deles. A tarefa do sumo sacerdote, de **oferecer tanto dons** (“dádivas”) **como sacrifícios pelos pecados**, mostrava a profunda ligação entre pecado e sacrifício. Cada sacrifício era uma reiterada recordação da separação entre a pessoa e Deus. Enquanto existia essa parede divisória, era necessário trazer sacrifícios. Para a pessoa redimida, porém, foi abolido o rito sacrificial, porque a vida toda em todas as suas dimensões torna-se uma oferta (Rm 12.1; 1Pe 2.5). Na consumação não haverá mais templo, i. é, não haverá mais nenhum recinto para o sacrifício, nem em sentido terreno nem espiritual (Ap 21.22). A diferença nas palavras “dádivas e sacrifícios” pode ser entendido de diversas maneiras. Podem referir-se a sacrifícios sangrentos ou não, a donativos gerais para o templo e dádivas especiais de sacrifício para o altar. Se o vocábulo “dádivas” deve ser compreendido como termo de síntese dessa frase, podemos traduzi-la de modo pertinente com “tanto ofertas de sacrifício quanto também entre elas sacrifícios sangrentos”. Finalmente o termo “dádivas” poderia lembrar os sacrifícios de gratidão e alimentos, e a expressão “sacrifícios pelos pecados” apontaria para a hora da expiação sobre o altar.
- 2 Para poder oferecer de maneira apropriada sacrifícios por outras pessoas, o sumo sacerdote não apenas precisava das dádivas certas, mas também do coração certo. Ele tinha de ser misericordioso. Tinha de saber **condoer-se dos** (“sentir com os”) **ignorantes e dos que erram**. A palavra grega *metriopatheín*, “sentir com”, que consta somente aqui no NT, ressalta que o sumo sacerdote terreno era repetidamente exortado por sua própria culpa e fraqueza, a ser comedido em sua indignação e ira pelas incessantes transgressões do povo de Deus. Essa palavra “sentir com” remete à expressão “compadecer-se” (em grego, *sympatheín*), que o apóstolo utilizou em Hb 4.15 para Cristo. Ainda que ambas as palavras sejam terminologicamente próximas, é justamente nelas que se evidencia a diferença essencial existente entre a mentalidade do sumo sacerdote Arão e a mentalidade de nosso sumo sacerdote celestial Cristo. Durante sua vida na terra Jesus conheceu toda a dimensão de nossa

suscetibilidade à tentação e de nossa culpa, embora ele tenha permanecido sem pecado. Por isso sua intervenção intercessora em nosso favor perante Deus não resulta de uma condescendência débil, com a qual ele ignoraria generosamente todas as nossas falhas. Ao contrário, ele vê com maior clareza que jamais uma pessoa na terra seria capaz de reconhecer a ameaça mortal à nossa vida que o pecado representa. Isso torna-se o fundamento de sua profunda e cordial misericórdia por nós seres humanos, que mesmo quando crentes continuamos suscetíveis à tentação e vulneráveis para o pecado.

- 3 Ignorância e engano são marcas fundamentais do ser humano não redimido e pecador. Têm sua raiz na incredulidade, que é ela mesma pecado e traz como imperiosa conseqüência os pecados como transgressões concretas das ordens de Deus (Jo 16.9). O conceito dos “ignorantes e dos que erram” tem raiz no AT (Nm 15.28-31): têm-se em mente as pessoas que por desconhecimento e engano caem em pecado. Nós também nos recordamos da pergunta e prece do salmista: “Quem pode ver os seus próprios erros? Purifica-me, Senhor, das faltas que cometo sem perceber” (Sl 19.12 [BLH]). Visto que o sumo sacerdote não era pessoalmente isento de pecado, tinha de oferecer primeiro o sacrifício expiatório por sua própria culpa, para que se tornasse possível o sacrifício vicário em favor de todo o povo, que tinha de ser repetido anualmente no grande dia da reconciliação (Lv 9.7; 16.6).
- 4,5 Ao lado da ordem divina para o sacrifício está a ordem da vocação, que tinha igual importância para o sacerdote. **Ninguém, pois, toma esta honra para si mesmo, senão quando chamado por Deus, como aconteceu com Arão.** A vocação e instituição no sumo sacerdócio por Deus era para Israel uma tradição irrenunciável (Êx 28.1; Nm 3.10). Ninguém pode “apoderar-se da honra” de ser sumo sacerdote. Somente a eleição de Deus tem legitimidade para conceder a uma pessoa essa dignidade e responsabilidade. O que no povo da aliança do AT era considerado uma ordem de Deus, foi cumprido de modo perfeito por Cristo. Também ele, o Filho eterno, subordinou-se voluntariamente à ordem de Deus. Ele não se fez Sumo Sacerdote por si mesmo, ele foi alçado a essa posição por Deus, o Pai.
- 6 Até aqui o apóstolo havia recorrido repetidamente ao Sl 110.1 quando falava da exaltação de Jesus e queria fundamentá-la nas escrituras do AT. Agora ele cita outro versículo desse salmo, que deve vir a ser de extraordinária importância para a argumentação subsequente: “Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque” (Sl 110.4). Os Sl 2 e 110 não somente servem para fundamentar a condição de Filho e a dignidade real de Jesus, mas produzem também a prova do AT para o sumo sacerdócio eterno de Jesus. “Da posição de Jesus como Filho de Deus origina-se tudo o que ele pode realizar e realiza em nosso favor como sacerdote”. A condição de Filho, o sumo sacerdócio e a dignidade de Rei estão unificadas de modo inseparável na pessoa de Jesus.
- 7-9 Nesse ponto surge a pergunta sobre a que momento histórico se referem as palavras do AT. Acaso trata-se, na instalação de Jesus no sumo sacerdócio, de um evento prévio à sua vida terrena? Ela aconteceu no momento da encarnação, no batismo, na ressurreição ou somente na ascensão? Quando começa o sumo sacerdócio eterno de Jesus? Deparamo-nos com um limite da possibilidade de afirmação cristológica: Jesus é o Filho desde a eternidade (Hb 1.1,2; 5.8), vocacionado pelo Pai para ser Sumo Sacerdote. A vocação acontece antes da encarnação, contudo entra em vigor na paixão e morte, obtendo sua confirmação na ressurreição e ascensão. Está sendo ressaltada a dependência voluntária do Filho em relação ao Pai. Por ocasião de sua encarnação Jesus submete-se inteiramente às ordens de Deus (Jo 5.19; Gl 4.4). Assim como o sumo sacerdote do AT, assim também Cristo, enquanto Sumo Sacerdote do novo povo de Deus, ofereceu sacrifícios. Todo o tempo de vida, toda a trajetória terrena de Jesus foi um sofrimento, uma caminhada ao sacrifício (cf. Fp 2.5,6). No presente texto, porém, tem-se em mente especialmente o acontecimento do Getsêmani, a luta de oração de Jesus e a sua morte na cruz do Gólgota. Jesus ofereceu “orações e súplicas”. Na oração Jesus sacrificou sua própria vontade. Ele sabia: Deus era o único em cuja mão estava a sua vida e que teria podido mudar a sua via de paixão. Porém ele ora: “Faça-se não a minha, mas a tua vontade” [Mt 26.42]. Não obstante, o caminho de sacrifício de Jesus não acaba no Getsêmani, ele o conduz até a cruz. Ali ele morre sob “forte clamor” (Mt 27.46,50; Lc 23.46). O apóstolo descreve a trajetória de sofrimento do Senhor com palavras que destacam a verdadeira natureza humana de Jesus. Ele realmente foi “tentado de todas as maneiras como nós” (Hb 4.15). Contudo, acima do caminho mais difícil que Jesus teve de andar, o caminho pelo Getsêmani até a cruz, paira um brilho da glória divina. Ele foi **ouvido por causa da sua piedade** (“foi ouvido por causa do temor a Deus” [tradução

do autor]). Os termos gregos *apó tes eulabeías* podem significar “ouvido por temor” ou “por causa do temor a Deus”. Ambas as versões são viáveis por causa da pluralidade de significados da expressão. Considerando, porém, que em Hb 2.15 constam as palavras *phóbos thanátou* para “temor da morte”, torna-se plausível que aqui se queira dizer “temor a Deus”. Jesus foi atendido por Deus. Essa certeza paira sobre todas as orações de Jesus. Ele era capaz de orar assim: “Pai, graças te dou porque me ouviste. Aliás, eu sabia que sempre me ouves” (Jo 11.41,42). Contudo, em suas orações Jesus nunca se esquivava do sofrimento (cf. Jo 12.27,28). Por isso é que Deus pode atender sua oração. Entretanto, por detrás dessas palavras também sentimos o mistério da diferenciação entre atendimento e cumprimento de nossas orações. O atendimento da oração de Jesus tornou-se visível no fortalecimento através do anjo no Getsêmani (Lc 22.43). Consistiu de força para sofrer, de superação do temor da morte, e não na reversão do caminho para a morte (cf. 2Co 12.8,9). O atendimento da oração não libertou nem o próprio Filho de Deus da obediência frente ao Pai. Essa obediência não foi ganha sem esforço, mas ele a aprendeu exercitando-a no sofrimento. Também o Filho de Deus teve de aprender a obedecer. Essa obediência levou-o à paixão – até à morte de cruz (Fp 2.8). O próprio Jesus entendeu seu itinerário na terra como obediência perfeita. Afirmou: “Eu nada posso fazer de mim mesmo [...] porque não procuro a minha própria vontade, e sim a daquele que me enviou” (Jo 5.30). Por ter comprovado a obediência perfeita também no sofrimento, Jesus pode ordenar com autoridade divina a seus discípulos: “aprendei de mim” (Mt 11.29). Assim como da sua condição de Filho de Deus fazia parte sua obediência em relação ao Pai, tampouco há para nós filiação verdadeira em Deus sem a obediência a Cristo (2Co 10.5; Fp 2.12). Com essa afirmação o apóstolo visa, pois, alertar os fiéis de que também a igreja pode ser aprovada na obediência unicamente através do sofrimento, sendo assim aperfeiçoada. Obediência prática significa, nessa situação, não recuar nem mesmo no sofrimento, porém perseverar no testemunho a Jesus.

- 10** Somente pela via da paixão e da morte Jesus pôde conquistar a nossa salvação. Após sua consumação, i. é, mediante sua ressurreição e ascensão, ele **tornou-se o Autor da salvação eterna**. Ao exaltar seu Filho, o Pai conferiu seu reconhecimento divino à obra restauradora do Mediador da salvação (cf. Fp 2.9-11). Ascendendo ao céu Jesus assume sua função de Sumo Sacerdote celestial. A palavra profética do AT cumpriu-se: Jesus é “sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque”. Nas afirmações do apóstolo sobre o sumo sacerdócio de Jesus registramos uma clara intensificação. Jesus é Sumo Sacerdote (Hb 3.1), ele é o Sumo Sacerdote fiel (Hb 2.17), ele é o grande Sumo Sacerdote (Hb 4.14), e finalmente ele é o Sumo Sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque (Hb 5.10).

Síntese

Depois que o apóstolo expôs a incomparável magnitude do Senhor Jesus Cristo pela contraposição com os homens de Deus do AT, Moisés e Josué, ele compara por fim, em Hb 4.14–5.10, Jesus e Arão. Também aqui ele evidencia a sobrepujante grandeza e glória daquilo que, em contraposição a Israel, foi concedido à igreja na pessoa do Senhor exaltado. Jesus e Arão: ambos são sumo sacerdotes – Arão foi o primeiro sumo sacerdote, Jesus é o último sumo sacerdote. Ambos foram convocados por Deus, ambos foram “tomado dentre os homens”. Também Jesus foi, como Arão, verdadeiro homem (Hb 2.14). Ambos, Arão e Jesus, foram “constituídos [...] a favor dos homens”. Também Jesus veio por amor das pessoas (Hb 2.16). Ambos foram tentados, motivo pelo qual ambos podem “compadecer-se das nossas fraquezas”. A tarefa de ambos no AT e NT é representar as pessoas diante de Deus, a fim de alcançar expiação (Hb 2.17; 5.1-3), e ambos oferecem sacrifícios.

Não obstante, *Jesus é maior que Arão*. Arão foi sumo sacerdote, Jesus é o *grande* Sumo Sacerdote. Arão foi somente um ser humano. Jesus foi também verdadeiro ser humano, mas ele é o Filho de Deus. Ele é *originário da eternidade*. Arão foi instituído sumo sacerdote por Moisés, Jesus foi *chamado por Deus*, seu Pai, para esse serviço. Arão teve de oferecer primeiramente sacrifícios por si próprio, porque estava maculado de pecados. Jesus, porém, era limpo de todo pecado. Arão ofertava dádivas e sacrifícios, que ele recebia anteriormente dos israelitas (Hb 8.3), ele entrava no santuário com sangue “alheio” (Hb 9.25). Mas Jesus ofertou orações, súplicas e lágrimas, ele sacrificou *sua vontade* a Deus, sacrificou *sua própria vida*. Apesar de todos os sacrifícios Arão continuou sendo um ser humano imperfeito, Jesus tornou-se pelo sacrifício de sua vida o Sumo Sacerdote perfeito (Hb 7.28). Os sacrifícios de Arão careciam de repetição: uma vez por ano ele entrava o santíssimo dessa terra (Hb 9.7,25). O sacrifício único de Jesus vale para todos os tempos,

ele atravessou *os céus de uma vez por todas*, para comparecer agora eternamente perante a face de Deus em nosso favor (Hb 4.14; 8.1,2; 9.24). Arão descarregou os pecados de Israel sobre um animal (Lv 16.21,22), seu sacrifício tinha somente significado simbólico, não era eficaz por si mesmo (Hb 10.4,11). Jesus assumiu *sobre si* os pecados de todo o mundo (Jo 1.29; 1Pe 2.24), seu sacrifício é eficaz para todos os tempos. Arão tinha de administrar somente um sumo sacerdócio transitório, cuja ordem havia sido dada ao povo de Israel no Sinai. Mas Jesus recebeu um sumo sacerdócio *perpétuo*, cuja validade está fundada na ordem eterna de Melquisedeque.

No caminho da obediência, que conduziu por sofrimentos, Jesus tornou-se o Sumo Sacerdote perfeito e ao mesmo tempo causa da salvação eterna. Assim como Jesus foi obediente ao Pai e entrou na glória, assim também o caminho dos fiéis leva à glória unicamente pela obediência e pelo sofrimento (At 14.22; 2Tm 3.12). As linhas divinas de salvação da antiga aliança valem igualmente para a igreja da nova aliança. Ao mesmo tempo, porém, o serviço e a glória dos mensageiros de Deus do AT foram cumpridos e superados por intermédio de Jesus Cristo. A imensurável magnitude da dádiva de Deus em Jesus Cristo reluz diante do fundo histórico do povo de Israel no AT e de seu sumo sacerdócio. Jesus Cristo é a grande dádiva de Deus. É dela que jorra para nós a força de que precisamos para perseverar na trajetória do discipulado, ainda que sob graves dificuldades internas e externas.

7. Primeira exortação: Advertência contra a apostasia, 5.11–6.20

a. Crítica da imaturidade espiritual, 5.11-14

- ¹¹ **A esse respeito temos muitas coisas que dizer e difíceis de explicar, porquanto vos tendes tornado tardios em ouvir.**
- ¹² **Pois, com efeito, quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido, tendes, novamente, necessidade de alguém que vos ensine, de novo, quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus; assim, vos tornastes como necessitados de leite e não de alimento sólido.**
- ¹³ **Ora, todo aquele que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança.**
- ¹⁴ **Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal.**

- 11** O apóstolo falou da esmagadora magnitude de Jesus e de sua superioridade sobre os anjos, sobre Moisés, Josué e Arão. Depois de Hb 5.10 ele subitamente interrompe sua reflexão. Agora torna-se evidente o que move o apóstolo interiormente. Não foram apenas a glória da pessoa de Jesus e a inconcebível magnitude da salvação que Deus preparou para a humanidade que o abalaram e o impeliram a redigir sua experiência íntima e sua descoberta espiritual. Pelo contrário, o que o aflige é a preocupação ardente com o estado espiritual da igreja. Ainda gostaria de comunicar-lhes tanta coisa daquilo que preenche o mais profundo de seu íntimo, mas ele percebe que isso nem sequer é possível sem mais nem menos diante da atual situação dos fiéis. Por isto ele se volta agora aos fiéis com uma palavra de exortação e crítica e com uma advertência direta. É a razão por que ele lhes escreve em retrospecto sobre tudo o que ele lhes transmitiu de conhecimentos de Cristo: **A esse respeito temos muitas coisas que dizer e difíceis de explicar, porquanto vos tendes tornado tardios em ouvir.** Como em várias outras passagens do NT, constatamos aqui que a dimensão da percepção de fé apostólica não se limita somente ao que os autores dos escritos do NT nos transmitiram. O apóstolo ainda poderia legar à igreja muita coisa da riqueza do entendimento espiritual que lhe foi concedida através do Espírito Santo. Ele gostaria de expor à igreja muitos aspectos de sua edificação interior, mas é “difícil de explicar”. A razão disso não reside no assunto. Não é como se houvesse necessidade de uma iluminação extraordinária pelo Espírito de Deus, a fim de que se compreenda o testemunho dos apóstolos. Cada fiel tem condições de captar as verdades e correlações bíblicas. Apenas depende de que o relacionamento de cada cristão com seu Senhor seja puro e límpido. A razão por que isso é “difícil de explicar com palavras” está na vivência dos ouvintes. **Vos tendes tornado tardios em ouvir** (“embotados nos ouvidos” [tradução do autor]). O apóstolo não censura seu comportamento

ético, não os acusa por causa de pecados graves. Critica, porém, sua atitude diante da palavra de Deus. Os fiéis tornaram-se “embotados, com ouvido endurecido” para a mensagem. Um “desenvolvimento negativo” está em andamento na sua vida espiritual, o que pode ter consequências catastróficas. Para afirmá-lo, o apóstolo fundamenta-se no fato de que existe para cada cristão a possibilidade de um desenvolvimento e um progresso *saudáveis e normais* na vida de fé. O NT apresenta estágios de crescimento na vida espiritual dos filhos de Deus:

- infância na fé;
- adolescência na fé (jovens);
- pessoas com uma vida de fé amadurecida (pais).

Amadurecer na fé significa crescer com profundidade cada vez maior na dependência de Jesus Cristo (1Jo 2.12-14; Ef 4.14). É por isso que Jesus diz a Pedro: “quando eras mais moço, tu te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias; quando, porém, fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres” (Jo 21.18). O normal é crescer no entendimento e progredir na santificação (2Pe 3.15). No entanto, também há o perigo da estagnação interior, que pode levar à apostasia. Deficiência de fé e de capacidade de compreensão espiritual representam um processo “não natural”, contraditório ao crescimento na fé.

12 Pois, com efeito, quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido. O decurso de tempo desde que se tornaram crentes, portanto, já seria suficiente para um processo de amadurecimento desejável assim, o qual os teria deixado em condições de também instruir a outros de modo correto na Palavra de Deus e de conduzi-los à fé viva em Cristo. Contudo eles não aproveitaram bem o tempo de seu discipulado. A capacidade de instruir outros lhes é negada. “Ser mestre” no presente caso não significa exercer um cargo na igreja. Trata-se da ativação e do desdobramento de um dom espiritual (1Co 12.28; Ef 4.11). A visão para a sã doutrina, aguçada pelo Espírito Santo, é própria dessa capacidade. Foi-lhe confiado o serviço de vigilância pela proclamação fundada na orientação bíblica. Da mesma forma, porém, foi igualmente transferida, juntamente com a “capacidade de ensino espiritual”, a responsabilidade de preparar outras pessoas chamadas para a proclamação do evangelho. Uma vez que o tempo passado desde que começaram a seguir a Cristo não gerou um processo de amadurecimento em sua vida espiritual, eles necessitam novamente **de alguém que vos ensine, de novo, quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus.** O apóstolo afirma que os cristãos hebreus carecem mais uma vez do ensino elementar na fé cristã. Parece que perderam novamente as “razões elementares da palavra de Deus”, com as quais foram familiarizados nos primeiros passos de sua vida de fé. Em Hb 2.1 o apóstolo já havia indicado que é necessário apegar-se firmemente à palavra de Deus, assim como lhes havia sido anunciada bem no princípio. O presente versículo, pois, adianta-se a Hb 6.2, onde conheceremos mais de perto os tijolos do “fundamento” da fé.

Os membros da igreja, aos quais o apóstolo dirige sua carta, evidentemente mereceram sua censura. Acaso o apóstolo não tem de escrever de igual maneira a nós? Afinal, constitui uma flagrante aflição de nossa época que tão poucos filhos de Deus estejam familiarizados com a palavra da Escritura Sagrada, a ponto de não viverem na Palavra e de a Palavra de Deus trazer tão poucos resultados para o comportamento cotidiano dos cristãos. Quantas manifestações de deficiências na vida espiritual também na atualidade podem ser derivadas da circunstância de que com demasiada rapidez esquecemos o ensino elementar da vida espiritual. Também a pregação precisa corresponder a essa realidade preocupante. **Vos tornastes como necessitados de leite e não de alimento sólido.** “Leite” constitui uma metáfora para a proclamação, que possibilita que uma pessoa nova na fé cresça na experiência da salvação. No entendimento de Hb, “leite” (em grego, *gála*) constitui a pregação fundamental, da qual fala Hb 6.1,2 e na qual são expostos os fundamentos da vida de fé. O alimento sólido (em grego, *stereé trophé*), em contrapartida, é uma pregação no sentido de Hb 7.1ss, que caminha para um entendimento mais profundo da pessoa de Jesus Cristo e confere uma percepção abrangente da salvação que nos foi dada. Em nosso contexto, uma referência para a interpretação cristológica do AT. Sempre que filhos de Deus que já estão há mais tempo no caminho da fé ainda precisam receber uma pregação na realidade mais apropriada para pessoas recém-convertidas, isto acaba por configurar uma situação ameaçadora para a vida espiritual.

13,14 Ora, todo aquele que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança. No presente contexto não se analisa detalhadamente em que consiste o “alimento sólido”.

Contudo, é evidente que “leite” e “criança” são correspondentes entre si. Caracterizam a condição do cristão não amadurecido, que ainda vive em grande dependência de pessoas, que está aberto e propenso para qualquer opinião doutrinária e, assim, também para qualquer corrente não espiritual na proclamação da palavra de Deus. Em contraposição a eles encontram-se os “perfeitos”. Não se trata de fiéis que tenham alcançado a “condição de não terem pecado”. São, antes, pessoas que amadureceram numa vida com Deus fiel e obediente e cuja experiência de fé lhes permite diferenciar claramente entre a vontade de Deus e opinião equivocada de humanos. **Pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal.** Fazem parte da vida de fé o exercício e a aprovação. A capacidade do discernimento espiritual não é obtida de um dia para outro, mas no decorrer de um processo de vida espiritual através de incessante atividade espiritual. Somente no permanente convívio com Deus, ocupando-nos regularmente com sua Palavra, vivendo uma vida sincera de oração e mantendo comunhão com os fiéis (At 2.42) é que amadurecemos para ser pessoas de fé experimentadas e confiáveis. Somente assim é que nos tornamos “aptos para o serviço” (Êx 18.21; 1Cr 26.8).

“O bem e o mal”, os quais compete discernir, sempre se referem simultaneamente à doutrina e à vida. Estão em jogo não somente conceitos éticos, mas também a capacidade e a séria responsabilidade de diferenciar entre doutrina benéfica e nociva. Porém, quem capacita de fato para tanto é o Deus vivo, aos que o seguem fielmente em sua vida. As palavras “discernir o bem e o mal” nos fazem lembrar diretamente a “árvore do conhecimento do bem e do mal” no paraíso e a palavra de tentação que a serpente dirige a Eva: “como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal” (Gn 2.17; 3.5). As primeiras pessoas queriam apoderar-se dessa dádiva por meio do próprio poder perfeito, destruindo dessa maneira a comunhão com Deus. Na realidade, não alcançaram uma capacidade de discernimento infalível. Precisamente num mundo caído são necessários “sentidos treinados para o discernimento do bem e do mal”, que nos são conferidos por meio do Espírito Santo numa vida redimida.

O breve trecho de Hb 5.11-14, no qual o apóstolo censura os fiéis, expressa importantes realidades básicas da fé. Toda vida cristã normal é caracterizada por um crescimento sadio. Todo crescimento necessita de tempo, tanto na vida espiritual quanto na física. São marcas de um estágio adiantado de crescimento o discernimento espiritual e a capacidade de elaborar pela reflexão e comunicar de forma comprometida os fundamentos da fé cristã. Porém, com vistas à verdadeira situação da igreja, o apóstolo está vendo duas possibilidades de como ser cristão. Pode-se estar na menoridade, viver no estágio infantil, i. é, ser “inexperiente” na palavra de Deus. Para ele, tais pessoas são “princípios na fé”, são de certo modo aprendizes do “bê-á-bá”, precisam de leite, de instrução inicial bem simples para filhos inexperientes de Deus. Em contraposição a eles estão os “perfeitos”, i. é, os adultos na fé, cristãos com experiência espiritual. Eles têm condições de conduzir também outras pessoas a Cristo e promover outros fiéis em sua vida com o Senhor. Destacam-se pela constância na vida de fé e por firmeza na opinião bíblicamente fundamentada. Em todas esferas e possibilidades sua vida constitui um serviço persistente em prol do Deus vivo (Dn 6.16,20; Cl 3.17).

Embora a crítica do apóstolo seja inegável, ela também contém ao mesmo tempo uma clara indicação de uma maravilhosa possibilidade que Deus concede a seus filhos. Existe, na acepção correta, um “exercitar-se na vida espiritual”. Há “bons hábitos” que não deveriam faltar na vida dos filhos de Deus, por meio dos quais alcançamos “sentidos habituais”, i. é, capacidade genuína de discernimento espiritual. A partir do contexto de toda a carta podemos responder à pergunta referente aos “hábitos” de que se estaria tratando. Ocupar-se regularmente da palavra de Deus (Hb 6.1,2), demonstrar paciência na fé, exercitada de modo consciente também em situações difíceis (Hb 6.12), manter relacionamento íntimo com Deus na oração (Hb 4.16; 10.19) e cultivar a comunhão fraternal (Hb 10.24) é o que faz com que nos tornemos cristãos maduros. Nessa prática também serão abençoados por Deus o nosso testemunho pessoal de Cristo (Hb 4.14; 10.23), a exortação fraternal recíproca (Hb 3.13; 10.25) e nosso serviço prático ao próximo (Hb 6.10).

b. A impossibilidade de renovar o arrependimento, 6.1-8

- ¹ **Por isso, pondo de parte os princípios elementares da doutrina de Cristo, deixemo-nos levar para o que é perfeito, não lançando, de novo, a base do arrependimento de obras mortas e da fé em Deus,**

- ² o ensino de batismos e da imposição de mãos, da ressurreição dos mortos e do juízo eterno.
- ³ Isso faremos, se Deus permitir.
- ⁴ É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo,
- ⁵ e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro,
- ⁶ e (apesar disso) caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que, de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia.
- ⁷ Porque a terra que absorve a chuva que freqüentemente cai sobre ela e produz erva útil para aqueles por quem é também cultivada recebe bênção da parte de Deus;
- ⁸ mas, se produz espinhos e abrolhos, é rejeitada e perto está da maldição; e o seu fim é ser queimada.

1a Há pouco o apóstolo emitiu uma censura: “Vós vos tornastes lerdos no ouvir”. – “Tendes de começar outra vez do princípio!” Esperaríamos agora que começasse uma nova instrução dos fiéis nos fundamentos da fé cristã. Porém ficamos surpresos. O apóstolo continua seus pensamentos de maneira totalmente diferente que nós esperaríamos dentro dos moldes de raciocínio a que estamos acostumados: **Por isso, pondo de parte os princípios elementares da doutrina de Cristo, deixemo-nos levar para o que é perfeito.** O começo da pregação de Cristo, em grego, *ho tès archés tou christou lógos*, corresponde exatamente ao que em Hb 5.12 ele havia chamado de “princípios elementares dos oráculos de Deus”. Ele tem o propósito de reavivar novamente o crescimento espiritual que chegou à estagnação. Para isso não lhe parece ser a coisa mais apropriada a pregação inicial, mas muito antes o aprofundamento na natureza e nos mistérios da pessoa de Cristo.

Não é essa uma orientação que temos de levar a sério na nossa prática de pregação e aconselhamento dos fiéis? Quantas vezes acontece que os filhos de Deus fracassam quando seguem a Cristo, ou que se tornam mornos na vida de fé, que seu crescimento espiritual não segue adiante. Não é verdade que todos nós já experimentamos uma vez algo semelhante? Não se trata de a cada vez recomeçar de novo do princípio, soletrando a vida toda o bê-á-bá da fé, para depois parar sempre no mesmo ponto de nossa vida de fé. Nessa situação devemos nos deixar conduzir muito mais pela palavra de Deus e pelo Espírito Santo, talvez também por uma pessoa que saiba aconselhar, de modo a aprofundarmos a compreensão da pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo e de sua obra de salvação. Assim, das novas descobertas espirituais realizadas também fluirão novas forças para a nossa vida de fé.

“Voltemo-nos para a perfeição!”. Para o apóstolo, a perfeição é a situação intencionada de uma vida cristã espiritualmente madura e ao mesmo tempo um modo de proclamação que ajuda o fiel a apreender de maneira cada vez mais profunda a palavra de Deus, crescendo assim numa comunhão cada vez mais estreita com Cristo. Em Hb 5.14 o apóstolo falou apenas de forma breve sobre o “alimento sólido para os adultos”. Igualmente no presente versículo ele não nos explica o que ele entende por esta expressão. No entanto, podemos inferir do conjunto da carta que em sua instrução doutrinária de Hb 7.1-10,18 o apóstolo transmite aos fiéis o entendimento bíblico como “dom espiritual” (Rm 1.11), que corresponde à “perfeição” visada. Esse rico conhecimento de Cristo é “alimento sólido” para os fiéis. Tanto mais nitidamente vemos o que o apóstolo relaciona como sendo “começo da pregação de Cristo”, tijolos da pregação evangelística e missionária.

1b,2 Não lançando, de novo, a base do arrependimento de obras mortas e da fé em Deus, o ensino de batismos e da imposição de mãos, da ressurreição dos mortos e do juízo eterno.

Arrependimento e fé formam uma unidade. É o que caracteriza a proclamação de Jesus e de seus apóstolos desde o início (cf. Mc 1.15 com Lc 15.11ss). As “obras mortas” referem-se em primeiro lugar a ações pecaminosas isoladas do ser humano não redimido. A Bíblia considera toda a existência da pessoa sem Deus como “morta”. Por isto, também não se trata, no arrependimento, de confessar ações erradas diante de Deus, mas sim da entrega total da vida ao Senhor. Não apenas de uma “mudança de mentalidade”, mas do restabelecimento da nossa relação com Deus, justamente para que toda a nossa existência saia da situação de morte. Isso acontece através da fé. Fé em Deus, no entendimento do NT, somente é possível por meio de uma fé viva em Jesus Cristo (Jo 14.1). Isso não significa que se capte mentalmente e se aceite como verdadeiras as afirmativas bíblicas, muito menos

que apenas se recite uma confissão cristã. Fé em Jesus Cristo (que é o que apóstolo tem em mente quando diz “fé em Deus”) é expressão de uma comunhão de vida direta e pessoal de uma pessoa com Deus. Crer significa acolher Jesus Cristo como Senhor e Salvador pessoal em sua vida (Jo 1.12).

Para a época do NT é óbvio que arrependimento e fé perfazem o começo do ser cristão. Igualmente é óbvio que faz parte da pregação apostólica fundamental a instrução do **ensino de batismos**. A nós talvez cause espécie que se esteja falando aqui “dos batismos” no plural, visto que a igreja do NT conhecia *somente um batismo dos que crêem* (Ef 4.5). Contudo, essa expressão seguramente foi escolhida pelo apóstolo de maneira ponderada. Já em tempos anteriores ao cristianismo as religiões de mistérios conheciam um rito de batismo. Também os judeus realizavam o batismo de prosélitos quando acolhiam um não-israelita que tinha fé em Iahweh. Esse batismo tinha origem nos banhos de purificação levíticos do AT (Lv 14.8; cf. 2Rs 5.14). Ainda que houvesse semelhanças na forma exterior, a igreja do NT fazia uma clara diferença entre o batismo dos fiéis por um lado e o batismo helenista dos mistérios e o batismo de prosélitos da sinagoga por outro.

No próprio NT encontramos afirmações distintas sobre o batismo, que evidentemente são causadas pela pregação dos apóstolos. Em decorrência, distinguem-se nitidamente do batismo de fiéis praticada após Pentecostes o batismo de João, o batismo de Jesus, a prática batismal do Senhor e de seus discípulos, o batismo de paixão e morte de Cristo, o batismo de fogo do juízo e o batismo dos fiéis com o Espírito Santo. Pelo que se evidencia, em certa medida fazia parte da “proclamação inicial” uma clara instrução bíblica sobre o batismo. Somente assim também podemos explicar o fato de que os que vinham a crer logo no início de sua caminhada de fé desejassem para si o batismo (At 8.36).

Chama nossa atenção que além da instrução batismal é colocado um ensinamento sobre a **imposição das mãos**. Sem dúvida nos primeiros tempos do cristianismo praticava-se também a imposição das mãos (At 19.5,6) por ocasião do batismo, de modo que ambas as ações são colocadas numa estreita relação espiritual. Inversamente, porém, fica claro a partir da Escritura Sagrada que a imposição das mãos era conhecida com múltiplos significados. Servia, p. ex., para abençoar, e era praticada tanto para o fortalecimento e a cura de doentes quanto para comunicar dons do Espírito. Na compreensão apostólica, a instrução bíblica sobre esse assunto fazia parte de uma clara orientação da vida espiritual transmitida a um jovem cristão.

Na proclamação que chama ao arrependimento, o olhar do cristão não é dirigido primeiramente a si mesmo ou ao pecado humano, mas para a cruz, para a ação de Deus no Gólgota. Arrependimento e fé acontecem numa pessoa quando o Espírito Santo torna viva a palavra da cruz. Contudo, a pregação bíblica não somente se orienta pela ação de Deus no passado, mas dirige o olhar do ouvinte também para o futuro, para os dois grandes acontecimentos para os quais se encaminha toda a humanidade: **ressurreição e juízo eterno**. Em sua morte e ressurreição Cristo tornou-se o iniciador de uma nova humanidade. Ao mesmo tempo, ressuscitando Jesus, Deus lançou o fundamento para a ressurreição de todas as pessoas (1Co 15.22). Finalmente Cristo recebeu, através desse acontecimento maravilhoso, a confirmação da autoridade divina para o juízo (At 17.30,31). Desta maneira, ele continua sendo irrevogavelmente o eixo de toda a história da salvação e da pregação cristã da redenção e consumação. “Notemos a seqüência, como o apóstolo arrola os acontecimentos. Primeiro arrependimento e fé, depois batismo e imposição das mãos, e por fim a incorporação dos pontos referentes à esperança futura. Infelizmente muitos se detêm nos dois primeiros pontos, sem progredir para os demais. Porém não se deve inverter a seqüência dos pontos. Nenhuma dessas verdades deve ser ignorada ou menosprezada, nem tampouco ressaltada às custas de outra. Todas elas pertencem às bases, aos fundamentos, aos inícios da vida cristã, e nenhuma delas pode ser negligenciada sem que isso acarrete danos para a vida interior”.

- 3 Aquilo que com poucas palavras o apóstolo traz à memória dos fiéis, isto ele gostaria de comunicá-lhes mais uma vez de forma detalhada. *Porém ele está ciente de que, no seu serviço à igreja, depende do Senhor*: Deus tem de conceder a orientação do Espírito Santo para o ensino. Ele precisa oferecer a possibilidade para uma nova instrução nos fundamentos da fé – e *unicamente* Deus pode abrir os corações dos destinatários da carta para esse aprendizado.

Agora, porém, volta a impor-se a preocupação do apóstolo pela igreja. É evidente que na vida espiritual dos fiéis processou-se uma estagnação do desenvolvimento interior. Ele sabe que a lerdeza na vida de fé pode levar a que um cristão perca definitivamente tudo aquilo que lhe foi dado através

de Cristo. Na verdade Hb 6.9 mostra que a vida de fé da igreja ainda não se apagou. Porém agora está sendo expressa uma advertência impossível de ignorar: tenham cuidado, para que o seu embotamento não leve à apostasia!

Nas frases seguintes o apóstolo descreve experiências espirituais que são conhecidas dos destinatários da carta, experiências que caracterizam a vida do indivíduo, bem como a da igreja com Cristo.

4,5 Ele fala de pessoas **que uma vez foram iluminadas**. Trata-se de um acontecimento de fé caracterizado como único. Em Hb 10.32 consta: “Lembraí-vos, porém, dos dias anteriores, em que, depois de *iluminados*, sustentastes grande luta e sofrimentos”. Também a formulação “... depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade...” (Hb 10.26) remete-nos a um acontecimento fundamental na vida humana. Se compararmos o que diz o apóstolo Paulo em 2Co 4.6, ao descrever o mesmo acontecimento com essas palavras, somos levados à conclusão de que a iluminação que acontece uma única vez deve estar se referindo à fundação da fé, ao recebimento do Espírito Santo na conversão e no renascimento. As palavras subseqüentes também depõem em favor dessa leitura.

Outra característica das pessoas a que o apóstolo se dirige é o fato de que **provaram o dom** (“dádiva”) **celestial**. Nesse ponto trata-se de nada menos que a experiência pessoal de fé, na qual uma pessoa experimenta Jesus Cristo como seu Salvador. Jesus Cristo é a dádiva imensurável de Deus vinda do céu. Foi assim que Jesus falou de si próprio (Jo 3.16; 4.10; 6.32,33), foi isto que testemunharam também os apóstolos (Rm 5.15; 2Co 9.15). Se o apóstolo escolhe para essa experiência a expressão “provar”, “degustar”, seu único intuito é destacar que no caso da fé trata-se de uma realidade de experiência concreta, que não apenas interpela a razão e a vontade, mas também os sentidos da pessoa.

E se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus. Esta é mais uma outra maneira para descrever o recebimento da nova vida através de Cristo. Assim como a palavra de Deus e o Espírito Santo estão inseparavelmente interligados (cf. Jo 6.63), assim também Cristo e o Espírito Santo estão unidos, porque têm como origem comum o mundo celestial. Os que participam de Cristo (Hb 3.14) sempre são, ao mesmo tempo, partícipes do Espírito Santo. Através do Espírito Santo foi concedida aos fiéis a salvação integral, indivisível e perfeita em Cristo.

A “palavra de Deus válida” (tradução de Lutero) são as *promessas* cujo cumprimento os fiéis *já experimentaram* na vida terrena. Por trás dessa frase encontram-se determinados conteúdos da experiência da fé que penetraram na consciência dos fiéis como experiência pessoal: perdão dos pecados, paz do coração e da consciência, alegria na fé, força espiritual para uma nova vida, experiência da ajuda de Deus no cotidiano, alegre certeza em vista do futuro.

Nessas experiências interiores já se revelam para o cristão **os poderes do mundo vindouro**. No passado Deus já socorreu seus servos em situações incomuns de maneiras extraordinárias, demonstrando-lhes seu poder (Hb 11.33,34). Da mesma maneira Deus age também hoje, repetidamente, na proclamação do evangelho de modo singular através de “sinais, prodígios e vários milagres e por distribuições do Espírito Santo” (Hb 2.4), que são reveladas como poder divino desde a eternidade. Em última análise, justamente o recebimento do Espírito Santo e sua atuação em nossa vida de fé constituem indícios da glória de Deus, que no tempo futuro um dia nos será concedida em plenitude (Ef 1.13,14). Nas palavras do escritor apostólico pode-se notar que os cristãos falam do mundo futuro não apenas como quem o aguarda ou até como quem sonha dele em forma de fantasia. Eles foram repetidamente acusados disto. Mas, como pessoas que crêem, eles “provam” de seus poderes já no presente. Por meio da definição do Espírito Santo no NT como “primícias”, como “penhor” ou “caução de nossa herança” fica evidente que ele nos presenteia com uma parte do mundo futuro já aqui, com plena qualidade real. A “primeira espiga” de fato já é uma parcela da colheita vindoura. Na verdade, nossa corporalidade terrena enquanto “vaso de barro” (2Co 4.7) de maneira alguma é apropriada para esse dom divino, e na glória de Deus receberemos um novo corpo que corresponderá integralmente à natureza do Espírito Santo. Contudo, o Espírito Santo, que então nos preencherá de maneira perfeita, não será outro que aquele que hoje já habita nos fiéis.

6 A toda a magnitude das experiências espirituais que nós temos o privilégio de viver como filhos de Deus, e que o apóstolo delineou em poucas palavras, corresponde também a profunda seriedade da advertência apostólica: **é impossível outra vez renová-los para arrependimento** (“É impossível levar novamente ao arrependimento” [tradução do autor]) pessoas com tamanha riqueza da

experiência de Deus, que depois apostataram apesar de tudo, **visto que, de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia.** Com veemência extrema afirma-se que o perigo da apostasia acompanha a trajetória do fiel como *possibilidade*. Apostasia com certeza não é entendida como um “pecado qualquer, aleatório”, mas como uma ruptura completa da vida com Jesus, o abandono da verdade divina experimentada. Uma pessoa que interrompeu radicalmente as pontes até Cristo jamais poderá retornar até ele. Dessa maneira a palavra do apóstolo aproxima-se da palavra de Jesus em Mc 3.29: “aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não tem perdão para sempre!”

O apóstolo não visa inquietar almas temerosas e receosas por meio de sua advertência, mas tenciona acordar cristãos dormentes que ficaram paralisados em seu desenvolvimento espiritual. Ele sabe do iminente perigo, que mornidão e lerteza na vida de fé podem conduzir à fatal beira do abismo da apostasia. Somente Deus poderá estabelecer com clareza definitiva um juízo sobre se e quando uma pessoa passou deste limite. Apesar disso o apóstolo também cita um indício infalível para este fato. Para a igreja será impossível levar uma pessoa dessas ao arrependimento e à renovação espiritual. Todo os esforços serão inúteis. Não serão a indiferença e a falta de compreensão da palavra do perdão que obstruirão o sucesso, mas o fato de que essa pessoa “crucifica de novo para si o Filho de Deus e o entrega à vergonha”. Entra na rebelião e luta direta contra Cristo, “calcando com os pés o Filho de Deus e considerando impuro o sangue da aliança, pelo qual foi santificado, e blasfemando contra o Espírito da graça” (Hb 10.29). Exatamente porque uma pessoa dessas conheceu o mistério da fé, sua resistência se voltará agora com tanto maior exasperação contra Cristo e sua igreja.

7,8 Novamente evidencia-se que com suas palavras de advertência o apóstolo visava sobretudo lembrar os leitores de sua responsabilidade perante Deus. Um dia a igreja haverá de prestar contas do que fez com a incumbência que Deus lhe confiou, como ela lidou com a bênção que o Senhor lhe concedeu (Mt 25.19). Para isto, ele recorre a uma comparação da natureza que já é conhecida do AT. A terra que produz fruto é abençoada por Deus (Dt 11.11,12), a terra infrutífera é condenada. Mas, **se (a terra) produz espinhos e abrolhos, é rejeitada e perto está da maldição; e o seu fim é ser queimada.** Não apenas espinhos e cardos serão queimados, porém Deus chama a terra à responsabilidade. Essa advertência do juízo de Deus leva além da idéia expressa em 1Co 3.12-15. Não apenas os pensamentos, as palavras e os atos do cristão, pelo contrário, nossa vida inteira, nós mesmos seremos revelados e julgados diante do trono de justiça de Deus. Isso nos faz recordar diretamente a palavra de Jesus nos discursos de despedida: “Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta. [...] Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora, à semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam” (Jo 15.2,6). Em todas essas primeiras referências ao juízo de Deus não se trata de estabelecer uma barreira para o perdão da parte de Deus. O apóstolo tampouco cogita em Hb excluir cristãos decaídos da igreja. Contudo, seu objetivo é alertar mais uma vez para toda a seriedade do discipulado – e isso precisamente diante da proximidade de dificuldades, aflição e tribulação. Suas palavras visam ser luzes de advertência, que têm a finalidade de nos prevenir diante da queda no abismo. Afinal, é definitivamente necessário o empenho total de nossa existência como cristãos para lidar corretamente com “esse precioso tesouro que foi entregue a nós” (2Tm 1.14 [BLH]), para não nos tornarmos auto-satisfeitos e lerdos, mas sim permanecermos fiéis no discipulado até que tenhamos alcançado o alvo de nossa caminhada de fé.

c. Animação para perseverar nas promessas de Deus, 6.9-20

- ⁹ **Quanto a vós outros, todavia, ó amados, estamos persuadidos das coisas que são melhores e pertencentes à salvação, ainda que falamos desta maneira.**
- ¹⁰ **Porque Deus não é injusto para ficar esquecido do vosso trabalho e do amor que evidenciastes para com o seu nome, pois servistes e ainda servis aos santos.**
- ¹¹ **Desejamos, porém, continue cada um de vós mostrando, até ao fim, a mesma diligência para a plena certeza da esperança;**
- ¹² **para que não vos torneis indolentes, mas imitadores daqueles que, pela fé e pela longanimidade, herdaram as promessas.**
- ¹³ **Pois, quando Deus fez a promessa a Abraão, visto que não tinha ninguém superior por quem jurar, jurou por si mesmo,**

- ¹⁴ **dizendo: Certamente, te abençoarei (sobremaneira) e te multiplicarei.**
¹⁵ **E assim, depois de esperar com paciência, obteve Abraão a promessa.**
¹⁶ **Pois os homens juram pelo que lhes é superior, e o juramento, servindo de garantia, para eles, é o fim de toda contenda.**
¹⁷ **Por isso, Deus, quando quis mostrar mais firmemente aos herdeiros da promessa a imutabilidade do seu propósito, se interpôs com juramento,**
¹⁸ **para que, mediante duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, forte alento tenhamos nós que já corremos para o refúgio, a fim de lançar mão da esperança proposta;**
¹⁹ **a qual temos por âncora da alma, segura e firme e que penetra além do véu,**
²⁰ **onde Jesus, como precursor, entrou por nós, tendo-se tornado sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.**

- 9 Enquanto há pouco o apóstolo falava ainda do juízo de Deus e da responsabilidade do cristão, ele agora passa para um novo pensamento por meio de uma palavra de consolo e animação: **Quanto a vós outros, todavia, ó amados, estamos persuadidos das coisas que são melhores e pertencentes à salvação** (“No que se refere a vós, amados, temos certeza de algo melhor, a saber, que estais próximos da salvação” [tradução do autor]). Portanto, a apostasia da fé, contra a qual o apóstolo alertou na advertência, ainda *não* se realizou. É o que se destaca aqui com clareza. Da mesma maneira como em Hb 10.26-39, são acrescentados à advertência diante da apostasia um incentivo e uma confirmação da fé dos destinatários. O apóstolo não permanece parado, em seus pensamentos e suas palavras, no estado espiritual dos cristãos hebreus, nem tampouco na possibilidade da apostasia. Ele dirige a atenção da igreja para as promessas de Deus, que pairam acima da trajetória do que crê. O alvo último ao qual devemos dirigir nosso olhar não são nossos fracassos humanos ou possibilidades perigosas, mas a fidelidade de Deus. De modo muito apropriado, Martinho Lutero observou quanto a isto: “Não se deve censurar de tal maneira os pecadores que somente se causa ferimentos, impelindo-os ao desespero, mas deve-se tratá-los novamente com o devido cuidado, para que voltem a avivar-se – para a obediência”.
- 10 **Porque Deus não é injusto para ficar esquecido do vosso trabalho e do amor que evidenciastes para com o seu nome.** Nessas palavras encontramos o cuidado pastoral apostólico. Mesmo na vida de uma igreja cuja vida espiritual parece estar ressequida, o olhar amoroso (cf. v. 9 “amados”) ainda reconhece algo de bom que possa ser tomado como ponto de apoio. O apóstolo está ciente de que Deus não esquece o fruto genuíno do Espírito Santo que foi trazido. “Amor” e “trabalho” não se podem separar um do outro. O amor não se restringe a um sentimento, porém impele para a ação que ajuda o semelhante. O amor a Jesus busca a *comprovação* no “serviço aos santos” (Gl 5.6; 1Ts 1.3). O apóstolo João indaga (1Jo 3.17): “Quem, porém, possuir os recursos deste mundo e vê seu irmão padecer necessidade, e lhe fecha o coração, como pode o amor de Deus permanecer nele?” É justamente neste aspecto que a vida de Cristo deve tornar-se visível em seus seguidores, a saber, que a permanente disposição de servir ao próximo distingue sua vida. Servir fazia parte da natureza de Jesus (Mc 10.45), e o Senhor visa concretizar sua natureza repetidamente nos fiéis. A disposição exemplar de servir que nos é mostrada no NT significa uma séria questão de consciência para nossa geração do cristianismo, de cujo vocabulário quase desapareceu o “servir”. É exclusivamente no serviço ao nosso irmão vivo que a nossa confissão de Deus pode ser comprovada.
- 11 Agora reconhecemos qual foi o motivo mais profundo pelo qual o apóstolo escreveu aos fiéis uma palavra de censura e exortação, uma vez que o “pavio fumegante” de sua vida de fé ainda não estava apagado: **Desejamos, porém, continue cada um de vós mostrando, até ao fim, a mesma diligência para a plena certeza da esperança.** É desejo ardente do apóstolo que os fiéis possam continuar perseverantes na vida espiritual. Cada membro da igreja deve empenhar de igual maneira toda a sua energia para alcançar o alvo da fé. Como isto pode acontecer? Primeiramente, quando preservamos imperturbáveis a plenitude da riqueza da esperança. O termo grego *plerophoría*, de que se serve o apóstolo, tem sentido duplo: pode ser traduzido tanto por “plena certeza” quanto também por “plenitude da riqueza”. Ambas nos são presenteadas na nova aliança. Diante da esperança bíblica para a igreja, para Israel e para o mundo não vivemos, enquanto cristãos, em suposições incertas, mas na certeza produzida pelo Espírito Santo de que Deus cumprirá todas as suas promessas. Porém esta

certeza não deve apenas brilhar como um relâmpago no início de nossa vida de fé, porém devemos segurá-la. Ela deve acompanhar-nos em nosso caminho como filhos de Deus até o alvo. Nesse momento o apóstolo fala da “plena certeza da esperança”, em Hb 10.22 da “plena certeza de fé”. Ambos os aspectos não podem ser separados. É o que também demonstra o versículo seguinte.

- 12** Repetidamente o NT mostra em primeiro plano a importância da esperança para a vida de fé. Ela é o alvo para o qual a fé está apontada. Simultaneamente é a força propulsora para uma vida na santificação. Preservar toda a riqueza da esperança do NT contra todas as dúvidas constitui uma segurança de que não nos tornaremos indolentes na fé. Como já em Hb 5.11-14, são-nos mostradas duas possibilidades de desenvolvimento: “tornar-nos embotados” ou “ser herdeiros da promessa”. Também um cristão que fez um bom começo na fé pode ficar atolado enquanto segue a Jesus (cf. Gl 5.7). No entanto, contra essa possibilidade o apóstolo apresenta aos fiéis o radiante exemplo: tornai-vos **imitadores daqueles que, pela fé e pela longanimidade, herdaram as promessas**. No v. 10 ele havia falado do amor, no v. 11 da esperança. Agora ele apresenta à igreja a glória da fé. Fé – amor – esperança, esses são os pilares básicos, sobre os quais repousa a vida da igreja de Jesus e dos quais ela nunca pode prescindir (1Co 13.13). Todas as três manifestações de vida espiritual carecem uma da outra para a complementação mútua: fé sem amor é fé racional fria e morta; amor sem fé brota do idealismo humano; esperança que não está enraizada na comunhão de fé com Cristo e que não deságua na ação de amor que socorre o próximo é especulação egoísta e fanatismo.
- 13-15** A fé de que fala o apóstolo tem uma história. Geração após geração Deus chamou para si nos tempos do AT pessoas que se agarraram com persistência nas promessas de Deus e receberam os bens das promessas como “herdeiros”. Assim, os diversos membros da igreja também não se encontram, sob esse aspecto, sozinhos na luta, mas inserem-se como “imitadores” na série dos pais (cf. Hb 11). A fidelidade de Deus, que acompanhou a trajetória dos pais, ilumina também o itinerário da igreja de Jesus. Essa fidelidade inviolável de Deus na história de uma pessoa é demonstrada na vida de Abraão. Deus faz da vida de um ser humano frágil, que passa por dúvidas, aflição e pecado, o exemplo de fé para todas as gerações vindouras, ele até o elege para ser “pai dos que crêem” (Rm 4.16). O ponto de partida da fé é exclusivamente a palavra de Deus, sua promessa, que ele reforça diante de Abraão por meio de um juramento. Na afirmação de Deus, que promete o que é humanamente inimaginável e impossível, deve incendiar-se a fé de Abraão. **Certamente, te abençoarei e te multiplicarei**. Abraão tem de aprender a “crer contra toda esperança para a esperança” (Rm 4.18). Em decorrência, na fé viva os dois aspectos sempre estão mesclados: A fidelidade de Deus e a paciência do que crê. Precisamente a persistência é uma característica essencial da fé; a fé sabe esperar. **E assim, depois de esperar com paciência, obteve Abraão a promessa**. Abraão é para o apóstolo o exemplo, ao qual os fiéis devem imitar. Essa persistência paciente e esse saber esperar pela hora de Deus, na qual ele cumpre sua promessa, são destacados de modo especial pelo apóstolo, sem dúvida também porque olha para a aflição interior dos cristãos hebreus (Hb 10.36). Abraão alcançou a promessa. Porém para ele tudo o que recebeu na terra continuou sendo somente primeiro fruto e começo, prenúncio do vindouro, indicação da consumação futura (Cf Hb 11.13-16).
- 16-19** Abraão obteve a promessa de Deus, que Deus confirmou pelo seu juramento. Que significa esse juramento? É essa a questão que o apóstolo passa a analisar. O juramento é a asseveração mais intensa e última de uma declaração (Gn 22.16; cf. Gn 26.31). Ele anula qualquer dúvida possível e contradição. Isso é, portanto o aspecto praticamente incompreensível: Deus confirma a inviolabilidade de sua vontade de conceder a graça, por meio de um juramento. Ele se apresenta como fiador de sua própria palavra. Diante de quem Deus se compromete pelo juramento? **Diante dos herdeiros da promessa**. O apóstolo não está se referindo apenas a Abraão, que recebeu o juramento de Deus como confirmação da promessa. Ele está falando “dos herdeiros” no plural. Quem é atingido por essa designação? A frase iniciada no v. 17 continua no versículo seguinte “... para que nós tenhamos um forte consolo” (tradução do autor). O juramento de Deus a Abraão vale, portanto, *para nós*, os membros da igreja de Jesus. Não existe apenas *um* herdeiro da promessa, mas uma *multiplicidade de herdeiros* das promessas do AT – os filhos de Deus (Rm 4.12,16,23,24). A promessa de Deus anuncia uma herança, um bem futuro, sendo por isso objeto da esperança humana. Contudo a esperança da fé não é nenhuma fantasia, mas apóia-se na promessa de Deus e em seu juramento, “**duas coisas imutáveis**”. A palavra de Deus sozinha já seria suficiente para nós. Ocorre que Deus se comprometeu de uma forma extraordinária a cumprir o que prometeu. Nisso reside para

os fiéis um **forte alento**. A fé de Abraão dirigia-se ao futuro, ele aguardava pelo cumprimento das promessas de Deus. De igual modo a fé da igreja do NT aponta para o futuro (Rm 8.24). Não vivemos unicamente do fato de que Cristo morreu por nós, mas nossa fé sabe acerca do fato de que Cristo voltará como o Ressuscitado, para manifestar sua glória no juízo e na graça. “Refugiamo-nos na atitude de perseverar na esperança que está adiante de nós” (tradução do autor). Da mesma forma como para Abraão, também a nossa fé caracteriza-se pela perseverança firme e imperturbável na palavra da promessa. Acima de tudo nos dias atuais, em que influem sobre a igreja correntes de pensamento que tentam nos apresentar muitas afirmações bíblicas sobre o futuro apenas como figuras mitológicas e meras ilustrações, é importante para todos os fiéis que perseveremos firmemente com toda a confiança nas promessas de Deus. “Ele o afirmou, ele também o fará!” A fé do cristão direcionada para o alvo vive ao mesmo tempo no passado, presente e futuro. Apegamo-nos na obra da redenção realizada por Cristo; vivemos hoje na comunhão com Cristo, e aguardamos pelo retorno do Senhor. **A esperança [...] temos por âncora da alma, segura e firme.** O apóstolo utiliza uma ilustração da navegação. A âncora desaparece sob a superfície da água, ela submerge até o fundo do mar e o navio se firma no solo rochoso encoberto. Assim é que o navio da vida do cristão está ancorado pela esperança na rocha invisível da eternidade. Pessoas que crêem consideram a promessa de Deus, a esperança de glória, como realidade maior que as aflições do presente. A esperança, afiançada pela palavra de Deus, é a âncora de sua vida, que se firma na eternidade.

No mesmo pensamento o apóstolo coloca uma segunda metáfora diretamente ao lado da primeira. Ele tem em mente o culto de Israel a Deus no tabernáculo. Uma cortina separava o Santíssimo do santuário. No Santíssimo aparecia a presença de Deus, sua glória radiante, encoberta aos olhares das pessoas. A eternidade de Deus, o santuário celestial, também possui de certa maneira uma cortina, um véu, que encobre a glória de Deus a nossos olhos humanos. No entanto, nossa fé e nossa esperança já alcançam agora a glória de Deus, **penetra(m) além do véu**, na presença direta de Deus, na qual vive Jesus como nosso Sumo Sacerdote.

- 20 Jesus, como precursor, entrou por nós.** No AT somente o sumo sacerdote tinha permissão de entrar uma única vez por ano no Santíssimo atrás da cortina (Lv 16.2,12). O povo não tinha acesso. Quando Jesus Cristo morreu na cruz, esta cortina no templo rasgou-se ao meio (Mt 27.51). A cortina na terra nada mais é que uma imagem e um indício da “cortina”, a divisa entre Deus e nosso mundo. Jesus atravessou-a. Ele é o “precursor” que nos abriu o caminho até a glória (Jo 14.6; Hb 10.19ss). Ele já está vivendo na presença diretamente visível de Deus. Nós ainda vivemos num mundo caído, e temos acesso a essa glória unicamente pela fé e pela esperança. Um dia, porém, também nós poderemos comparecer ao Santíssimo, na presença imediata da graça de Deus (1Jo 3.2), quando o “precursor” buscará seus “irmãos” para junto de si (cf. Hb 2.1-11). Então a cortina será totalmente retirada. Até aquele momento o Senhor ainda permanece oculto aos nossos olhos, mas ele já é o nosso **sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque**. Com esta frase o apóstolo retoma o raciocínio (Hb 5.10), que ele havia interrompido com sua exortação de cuidado pastoral (Hb 5.11ss). Nas exposições subseqüentes ele demonstrará à igreja o que significa o fato de que Jesus é nosso Sumo Sacerdote segundo uma ordem sacerdotal eterna.

Síntese

Quando tentamos passar os olhos rapidamente pelo bloco de Hb 5.11–6.20, ficamos com a impressão de que o autor estaria seguindo dois pensamentos contraditórios e até mutuamente excludentes. Por um lado, ele censura severamente os fiéis e já está vendo na beira do caminho deles o abismo ameaçador de sua apostasia. Por outro lado, ele os confirma em sua existência de fé. Expressa a convicção de que não perderam a salvação. Muito mais que isto: referindo-se à credibilidade e fidelidade de Deus, ele os assegura em sua certeza de fé. O presente trecho começa com as mais aguçadas advertências e encerra com os mais enérgicos incentivos para crer e ter esperança. De modo bem natural surge-nos a pergunta: acaso o apóstolo não está se contradizendo? Temos a possibilidade de buscar a resposta numa direção diferente. É a perspectiva do aconselhamento pastoral que motiva o autor apostólico a escrever dessa maneira. Importa-lhe em todo o seu escrito sobretudo que os destinatários sejam aprovados, como confirmação da autenticidade de sua conversão, na paciência da fé, mesmo sob pressão e perseguição. Para isto, porém, ambas as coisas são necessárias de igual maneira: tanto a advertência séria como a promessa plena de consolo! Podemos ilustrar esta realidade espiritual com uma figura próxima da nossa

realidade atual: de ambos os lados de uma moderna auto-estrada estão afixadas as barreiras laterais brancas. Delimitam a pista e servem à segurança e ao fluxo desimpedido do tráfego. Seria tolice de um motorista se quisesse cruzar em alta velocidade as proteções laterais em um ou outro local e seguir sua viagem além delas. Significaria morte na certa para ele. Do mesmo modo jamais podemos deixar de considerar as duas verdades bíblicas sem sofrer danos em nosso interior. Precisamos do alento da *certeza da salvação*, assim como também das exortações à fidelidade e *vigilância*. As duas não se contradizem. No presente mundo concretizamos nossa existência como pessoas que crêem, i. é, a vida no Espírito Santo sempre somente em nossa corporalidade terrena, que está permanentemente exposta à tribulação e tentação. Por isto, apesar de toda certeza, nunca nos devemos fiar em uma falsa segurança.

Surge, no entanto, no presente trecho, a inevitável pergunta sobre a possibilidade de perder ou não a salvação. Em torno dos versículos Hb 6.1-8 incendiaram-se ardentes controvérsias. Pois aqui, afinal, não se fala de um “cambalear” ou “decair da fé”, tampouco de uma recaída, mas de uma apostasia completa. Seria possível que pessoas com fé, que experimentaram uma conversão e um renascimento pelo Espírito Santo, sejam atingidas por essa palavra? Existe um grande número de cristãos que aderem sem preocupações à afirmação de Leopold Bender: “Para mim constitui certeza inabalável que uma pessoa verdadeiramente renascida não pode apostatar em definitivo. Pode cair, ter recaídas, regredir espiritualmente e tropeçar na ética, porém jamais apostatar, nunca voltará a considerar o Filho de Deus por escárnio”. Gostaríamos de dedicar todo o respeito a uma convicção interior dessas, porém temos de argüir que qualquer posição dogmática preconcebida com que nos aproximamos da Sagrada Escritura nos impede de ouvir de fato o que a palavra de Deus diz.

Inicialmente cumpre considerar o seguinte: a carta aos Hebreus destina-se a cristãos. Também a exortação de Hb 6.4-6 dirige-se a fiéis, nos quais se pressupõem os fundamentos espirituais mencionados em Hb 6.1,2. Em Hb 6.4,5 são descritas experiências de fé que constituem marcas da igreja do NT. F. F. Bruce defende a seguinte convicção: “A *iluminação* sugere a idéia do batismo, o *degustar* da dádiva celestial nos faz lembrar a participação na Santa Ceia (cf. At 20.11)”. Não há como justificar a afirmação de que com a advertência diante da apostasia seriam interpeladas pessoas que, embora atingidas pelo evangelho, ainda não seriam verdadeiros cristãos.

O apóstolo não deixa dúvidas: também para pessoas que são, em sentido pleno, “partícipes do Espírito Santo” é possível opor-se conscientemente ao Espírito da graça.

Como, agora, devemos enquadrar essa afirmação no testemunho global da Sagrada Escritura?

A Bíblia contém um grande número de palavras que falam da *certeza inabalável da salvação*, bem como da confiança na *redenção* já experimentada e *eternamente válida*. Jesus, p. ex., declara em vista das pessoas que o seguem com verdadeira obediência de fé: “Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão” (Jo 10.28). Na oração sacerdotal o Senhor diz: “Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória” (Jo 17.24). Essas palavras atestam o inabalável refúgio que nós seres humanos podemos experimentar em meio ao mundo pela fé em Jesus Cristo. Sem dúvida possui importância que uma promessa de Deus nos encontra três vezes na mesma formulação: Podemos encontrar a promessa “todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” em três passagens, em Jl 2.32, At 2.21 e Rm 10.13. É bem verdade que não se trata de uma promessa sem premissas, pois Deus espera que a pessoa se arrependa conscientemente de sua perdição. Porém com certeza ela constitui uma promessa universal de Deus, que cada pessoa pode reclamar para si. Acima de tudo ela é uma promessa que não está sujeita a nenhuma restrição de tempo. Não se trata de uma “salvação por prazo fixo”! À luz da palavra de 2Co 1.20, de que “em Cristo todas as promessas de Deus são sim e amém”, também há muitíssimas outras promessas do AT válidas para cada fiel da igreja do NT. Repetidamente o testemunho do NT nos dá certeza não turbada da salvação como um dom do Senhor exaltado aos membros da igreja, tendo sido expresso da maneira mais sublime na confissão de Paulo [Rm 8.38,39]: “Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor”.

Na mesma direção apontam as expressões metafóricas do “livro da vida”, nas quais já no AT se fala da garantia segura da salvação e da redenção definitiva dos fiéis (Dn 12.1; cf. Sl 139.16).

Seguindo a palavra de Jesus, de que os nomes dos discípulos estão “arrolados nos céus” (Lc 10.20), Paulo escreve em Fp 4.3 acerca de seus colaboradores “cujos nomes se encontram no Livro da Vida”. No Ap ocorrem formulações semelhantes como afirmação da vida eterna, que nos é presenteada com o perdão pelo sangue de Jesus (Ap 13.8; 17.8; 20.12,15; 21.27). Porém em algumas referências alude-se à possibilidade de que uma pessoa seja *riscada* do “livro da vida”, i. é, que pode *vir a perder a salvação* (cf. Êx 32.32; Sl 69.28; Ap 3.5).

Essas observações conduzem-nos, pois, às palavras do Senhor e a seus apóstolos, nas quais nos é dada a instrução de que pessoas que se tornaram uma vez *crentes podem*, apesar disso, *cair na perdição*, quando novamente se voltam contra o Senhor. É assim que Jesus diz em seus discursos de despedida em Jo 15.6: “Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora, à semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam”. Em seu comentário, C. Roffhack escreveu de modo acertado: “Levanta-se a hipótese de que uma pessoa qualquer, que até então foi achada em Cristo, não permaneceria nele. Que aconteceria com ele? Não seria possível que essa pessoa, com o que recebeu e aprendeu de Cristo, apesar disso chegaria a um bom êxito, mesmo depois que se separou de Cristo? Não – a decorrência seria que ela seria lançada fora e secaria... Assim teria de acontecer com Pedro, Tiago e João, não menos que com Judas, se tentassem afastar-se de Cristo... Sem Mediador ela se encontra na nudez de sua vergonha diante da santidade e justiça de Deus e é submetida ao seu juízo”. Ao lado das advertências na nossa carta, em Hb 6.4-8; 10.26-31,39; 12.15-17, esse fato está formulado da maneira mais radical em 2Pe 2.20-22: “Portanto, se, depois de terem escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, se deixam enredar de novo e são vencidos, tornou-se o seu último estado pior que o primeiro. Pois melhor lhes fora nunca tivessem conhecido o caminho da justiça do que, após conhecê-lo, volverem para trás, apartando-se do santo mandamento que lhes fora dado. Com eles aconteceu o que diz certo adágio verdadeiro: O cão voltou ao seu próprio vômito; e: A porca lavada voltou a revolver-se no lamaçal.” Tais sentenças lançam uma série de problemas ao exegeta, que não podemos abordar aqui em detalhe. Seguramente está sendo expressa em primeiro lugar uma advertência contra hereges cristãos, que aparecem nas igrejas e prendem a si próprios jovens cristãos inseguros. Contudo essas palavras também contêm uma *característica referente a cristãos que decaíram*. A recaída dos seduzidos não apenas é fustigada com severas palavras. Pelo contrário, está sendo dito claramente que para o cristão nem sequer existe um retorno verdadeiro à situação natural da “não-conversão”. Uma pessoa que viveu com Cristo jamais poderá apagar esse trajeto de sua vida. Quando se afasta novamente de Cristo, ela caminha em direção de uma inevitável catástrofe.

Ambas as realidades, a salvação eterna dos fiéis e a possibilidade de que uma pessoa eleita venha a se perder, ocorrem na Bíblia lado a lado, sem conciliação. Com a nossa capacidade de raciocínio e imaginação, não podemos apreender sem mais nem menos essas duas afirmações aparentemente contraditórias. Neste ponto fracassa a lei da lógica aristotélica (ao contrário de formas de pensamento científico moderno). Temos de admitir que os pensamentos de Deus são mais altos que os nossos pensamentos. A Escritura Sagrada deixa constar lado a lado *ambas as linhas* como expressão da *realidade única* do Deus vivo. Como cristãos podemos esperar pelo dia da glória, no qual o nosso Senhor nos conduzirá à compreensão plena (1Co 13.9-12). As palavras de consolo da Bíblia visam estimular-nos repetidamente para a gratidão pela salvação obtida. As exortações da palavra de Deus podem ser resumidas na frase do apóstolo Paulo: “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia!” (1Co 10.12).

Recordamo-nos mais uma vez do que afirmamos no início acerca da intenção de cuidado pastoral da palavra de exortação apostólica. O autor não atenua os perigos que se acercam da vida de fé dos cristãos hebreus. Porém com a sabedoria do conselheiro experiente ele evita que seu olhar – como que fascinado por um buraco negro – veja apenas os perigos, as tribulações e tentações inerentes à lerteza e ao cansaço espirituais. Por maiores que sejam os motivos para uma advertência, o apóstolo sabe que ele e seus irmãos são sustentados pela fidelidade de Deus. Por isso ele incute em seus leitores: não superaremos o perigo que ameaça nossa fé enquanto tentarmos dominar as dificuldades com a nossa própria força, mas unicamente quando repetidamente, com grande despreocupação e serenidade, nos confiarmos a Cristo. Ele é o único capaz de, dia após dia, nos preservar na fé.

II. SEGUNDA SEÇÃO

A OBRA DE JESUS, SEU SERVIÇO COMO ETERNO SUMO SACERDOTE

7.1–10.18

8. A superioridade do sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque sobre o sacerdócio levítico segundo a ordem de Arão, 7.1-28

a. Melquisedeque e Abraão, 7.1-3

- ¹ **Porque este Melquisedeque, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, que saiu ao encontro de Abraão, quando voltava da matança dos reis, e o abençoou,**
- ² **para o qual também Abraão separou o dízimo de tudo (primeiramente se interpreta rei de justiça, depois também é rei de Salém, ou seja, rei de paz;**
- ³ **sem pai, sem mãe, sem genealogia; que não teve princípio de dias, nem fim de existência, entretanto, feito semelhante ao Filho de Deus), permanece sacerdote perpetuamente.**

- 1 Por meio das palavras de Hb 5.6,10; 6.20, ou seja, a citação do Sl 110.4 “Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque”, o autor forneceu a *palavra-chave* que faz a transição para a segunda seção principal da nossa carta. A afirmação determina todas as demais declarações: *Jesus Cristo é o Sumo Sacerdote*. Seu sacerdócio não está alicerçado sobre a ordem levítica de Arão, mas sobre uma ordem de origem divina, concretizada no rei e sacerdote Melquisedeque.

O Sl 110.4 constitui a única passagem do AT que faz referência ao misterioso relato de Gn 14.17-20. Inicialmente, o apóstolo relata mais uma vez, com breves palavras, o transcurso daquele episódio – tão importante é para ele o evento histórico original. Na sua opinião, o acontecimento é significativo até nos detalhes. Cada palavra do antigo relato torna-se transparente: quando Abraão retornou para casa da “guerra dos reis” – após derrotar quatro reis – vêm ao seu encontro dois reis. São os reis de Sodoma, o príncipe da cidade que no AT perfaz a quinta-essência do pecado e da punição de Deus, e o personagem envolto pelo mistério de Deus, Melquisedeque. Ele é rei de Salém, a “cidade da paz”. “Que encontro misterioso e que gesto do mais profundo significado! Através da névoa da história originária reluzem por um instante as cúpulas douradas da sagrada cidadela de Jerusalém, o polo oposto a Babel! Jerusalém, a cidade do grande rei, o eixo da soberania sacerdotal de Deus sobre todos os reinos deste mundo (Sl 76). Jerusalém, a cidade do Cristo, onde estará estabelecido o trono do Ungido de Deus e de seus lugar-tenentes da casa de Davi”. Melquisedeque entra em cena para abençoar Abraão, para oferecer-lhe um fortalecimento após a batalha. Ele lhe traz dádivas celestiais, pão e vinho, como sinal da comunhão com Deus. “Aquilo que este rei de Salém, um sacerdote de Deus, o Altíssimo, surgido inesperadamente, traz a Abraão, representa um refrigério do mundo superior. Como sacerdote de Deus, o Altíssimo, ele também podia conferir poder divino ao pão e ao vinho, refrigério do mundo superior, comunicação de graça e vida sob a forma de pão e vinho”. Em contraposição, o rei de Sodoma vem ao encontro de Abraão com uma proposta tentadora: “Dá-me as pessoas, e os bens ficarão contigo” (Gn 14.21). Isto é característico do poder do pecado e do tentador de nossa alma, à sombra do qual o rei de Sodoma se encontra: exige algo a que não tem direito, e promete dar o que não lhe pertence. No entanto, através das dádivas de Melquisedeque Abraão foi fortalecido em sua resistência contra a proposta traiçoeira do rei de Sodoma. A vitória exterior é seguida da vitória interior. Ele afasta de si o tentador.

Abraão reconhece a autoridade divina de Melquisedeque. A oferta do dízimo a Melquisedeque constitui expressão de sua dependência e gratidão. O apóstolo desenvolverá este último pensamento somente no trecho seguinte. Seu primeiro interesse é interpretar o acontecimento básico. Ele antepôs a palavra do salmo à recapitulação do episódio. O Sl 110.4 nos fornece o único indício do AT: Melquisedeque representa uma ordem sacerdotal com origem em Deus, válida para a eternidade. Considerando, porém, que o Sl 110 constitui uma profecia messiânica (Mt 22.41-45), “Melquisedeque revela-se como um tipo de Cristo, adquirindo assim seu significado pleno”.

- 2 O autor de Hb não é o primeiro estudioso da Escritura que se esforça por compreender o misterioso personagem de Melquisedeque. No judaísmo tardio já foram feitas repetidas tentativas de explicação. P. ex., alguns consideravam que Melquisedeque era Sem, filho de Noé, que transmitiu as

determinações sobre os pães da proposição a Abraão através do pão e do vinho. Outros associaram o arcanjo Miguel a Melquisedeque. O filósofo judaico Filo, que viveu no tempo de Jesus, identificou-o com uma manifestação do “*logos*”, Espírito e palavra divina. Estas idéias foram retomadas em séculos posteriores por intérpretes cristãos da Escritura, que interpretaram Melquisedeque como um ente angélico ou uma encarnação do Espírito Santo.

O apóstolo, por sua vez, persegue um caminho diferente para explicar a palavra do AT à comunidade. Por considerar que Gn 14.17-20 e o Sl 110.4 são indicações inequívocas para Cristo, ele interpreta os nomes de Melquisedeque a partir do entendimento comunicado no v. 3. Para sermos mais exatos, ele introduz no AT a sua compreensão pessoal, que lhe foi proporcionada pelo Espírito Santo.

Nessa constatação deparamo-nos, nas palavras apostólicas, novamente com o fato de que os nomes da Bíblia não foram escolhidos por acaso, mas possuem um significado espiritual.

Melquisedeque era o rei de Salém. Na tradução e explicação dos termos evidencia-se o significado salutar dos nomes: rei da justiça e rei da paz. Desde o AT a justiça e a paz já nos são conhecidas como sinais da soberania messiânica. Isaías, por isto, anuncia: “seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz; para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre” (Is 9.6,7; cf. Mq 5.3,4; Ml 4.2). Justiça e paz, unificadas na pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo, são presenteadas por Cristo às pessoas que se tornam seus seguidores pela fé. Simultaneamente, elas são também as características do reino de Deus, que hoje ainda está oculto, mas que um dia irromperá visivelmente. Aquilo a que os nomes de Melquisedeque aludem alcançou consumação plena na pessoa de Jesus.

- 3 O apóstolo, porém, não pára na explicação dos nomes. Ele ultrapassa em muito aquilo que o relato de Melquisedeque no AT expressa. De certo modo ele confere à imagem do rei e sacerdote do AT traços fáceis de gravar. Sobre isto escreve O. Michel: “Nosso autor não tem a percepção de que ressaltando Melquisedeque estaria prejudicando a figura de Jesus. Pelo contrário: quanto mais se puder afirmar sobre Melquisedeque, tanto mais fortemente brilha a glória do Filho de Deus”. Gn 14.17-20 informa tão-somente o transcurso histórico do episódio. O apóstolo, porém, caracteriza a pessoa de Melquisedeque com mais detalhes: **([...] sem pai, sem mãe, sem genealogia; que não teve princípio de dias, nem fim de existência, entretanto, feito semelhante ao Filho de Deus), permanece sacerdote perpetuamente.** O que primeiramente salta à vista na presente sentença é o fato de que o apóstolo está afirmando mais do que consta no AT. O apóstolo retira uma importante conclusão para a sua explicação da circunstância da inexistência de dados, ou seja, que determinados detalhes *não* se encontram na Bíblia. Com este método ele acompanha o pensamento rabínico do judaísmo tardio, que defendia a tese de que: “O que não consta na Torá (lei, Escritura), não existe no mundo!”. Resta uma pergunta que não pode ser respondida cientificamente, mas apenas espiritualmente: a base do NT nos dá a liberdade interior e o direito de aplicar este método exegético do judaísmo tardio também na instrução da igreja cristã? Seja como for, o apóstolo procedeu assim. E reclama o direito de estar emitindo uma explicação do AT compromissiva para toda a igreja. É justamente desse modo que ele quer ressaltar que o AT e o NT formam uma unidade, que Jesus Cristo somente pode ser compreendido a partir do AT, mas que também inversamente o AT adquire sentido através de Jesus Cristo.

O apóstolo alinha sete afirmações sobre a pessoa de Melquisedeque. “**Sem pai**”, em grego *apátor*, era originalmente uma designação de crianças órfãs, rejeitadas ou ilegítimas, possivelmente para crianças abandonadas, cuja ascendência era ignorada. A palavra “**sem mãe**”, em grego *amétor*, indica para a origem sem mãe. Ambos os termos ocorrem no NT somente no presente texto e servem para designar a origem celestial de Melquisedeque. O terceiro dado sobre a pessoa de Melquisedeque, “**sem genealogia**”, em grego *agenealógetos*, é um conceito totalmente incomum, que no mais é desconhecido na língua grega e que igualmente ocorre no NT apenas no presente versículo.

Quando em Israel um *sacerdote* pretendia prestar serviço no santuário, tinha de ser *descendente de Arão* (Êx 28.1; Nm 3.10; 18.1-7). Seu direito sacerdotal residia exclusivamente sobre a sua ascendência. Além disto, sua mãe tinha de ser uma israelita de boa fama (Lv 21.7; Ez 44.22). Ademais, um sacerdote tinha de ser capaz de *comprovar* a qualquer instância que *descendia* de uma geração de sacerdotes (cf. Ed 2.61-63; Ne 7.63-65). Todas as premissas inevitáveis para o sacerdócio

israelita faltam em Melquisedeque. Nessas alusões já podemos registrar indicações ocultas de Cristo. Sua descendência terrena não tinha pai, sua origem celestial não tinha mãe, ele provinha de uma tribo, de Judá, que não tinha direitos para exercer o sacerdócio (Hb 7.14).

Contudo, o apóstolo sequer visa ressaltar o que é escândalo e irritação para um judeu, ou seja, que um homem sem origem segura é convocado para o serviço sacerdotal. Não pretende somente constatar objetivamente que “a Sagrada Escritura não contém registros genealógicos de Melquisedeque, enquanto traz com tanto cuidado as árvores genealógicas dos patriarcas”. Trata-se de algo muito mais importante! Melquisedeque **não teve princípio de dias, nem fim de existência**. “Também nesse aspecto revela-se um mistério. Na Escritura não são mencionados nem o seu nascimento nem a sua morte. Contudo, o que não é contado na Escritura não pode ser comprovado historicamente ou não aconteceu. O sacerdote sem origem sacerdotal tampouco possui delimitação de vida e atuação definidas pela Escritura. Esta constatação extrapola os limites da existência humana”. O apóstolo não somente diz que o AT silencia acerca do nascimento e da morte de Melquisedeque. De suas palavras fica evidente o seguinte: falta, nesse personagem, a correlação terrena, Melquisedeque está fora da ordem normal da vida. Ele não recebeu o seu sacerdócio, nem o transmitiu adiante. Sua origem é de natureza celestial, inexplicável, e aponta para a existência perpétua de Melquisedeque. É o que nos confirmam as palavras: “Dele se testifica que vive” (v. 8), “Ele é sacerdote segundo o poder de vida indissolúvel” (v. 16) e “Ele tem, porque permanece perpetuamente, um sacerdócio imutável” (v. 24).

Ao se aproximar do fim de seu raciocínio o apóstolo levanta um pouco o véu do mistério: **feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote perpetuamente**. Pelo que se evidencia, foi a esta frase que o apóstolo deu o peso maior. É por isto que ele volta a recorrer à palavra do salmo. Contudo, pela autoridade do Espírito Santo ele altera, na sua interpretação, o seu sentido. No Sl 110.4 consta: “Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque”. O Messias é que está sendo interpelado. A ele é que se promete o sacerdócio eterno. Melquisedeque é colocado como figura inicial, o Messias é sua réplica, não inversamente. A ordem de Melquisedeque é um exemplo para o sacerdócio messiânico. Este sentido original é que o apóstolo está invertendo. Ele afirma: Melquisedeque foi feito idêntico ao Filho de Deus. Cristo é a imagem original, nele persiste desde a eternidade a verdadeira ordem sacerdotal, Melquisedeque é a réplica, que por sua vez aponta para o cumprimento pleno de todo sacerdócio em Cristo. Melquisedeque é o personagem terreno precoce desse sacerdócio eterno, a réplica, no qual porém não se perdeu nada do conteúdo da imagem original. É por isto que este sacerdócio de Melquisedeque continua eternamente.

Em poucas frases marcantes, o apóstolo elaborou para a comunidade o entendimento da pessoa excelsa de Melquisedeque. Concedeu-lhe a chave para o mistério espiritual das declarações do AT em Gn 14.17-20 e no Sl 110.4. Melquisedeque é semelhante ao Filho de Deus, é imagem do Filho. A figura de Melquisedeque torna-se transparente para Jesus Cristo. Em Melquisedeque o Senhor vem ao nosso encontro (cf. Jo 8.56).

b. A superioridade de Melquisedeque sobre Abraão e Levi ao receber o dízimo, 7.4-10

- ⁴ **Considerai, pois, como era grande esse a quem Abraão, o patriarca, pagou o dízimo tirado dos melhores* despojos.**
- ⁵ **Ora, os que dentre os filhos de Levi recebem o sacerdócio têm mandamento de recolher, de acordo com a lei, os dízimos do povo, ou seja, dos seus irmãos, embora tenham estes descendido de Abraão;**
- ⁶ **entretanto, aquele cuja genealogia não se inclui entre eles recebeu dízimos de Abraão e abençoou o que tinha as promessas.**
- ⁷ **Evidentemente, é fora de qualquer dúvida que o inferior é abençoado pelo superior.**
- ⁸ **Aliás, aqui são homens mortais os que recebem dízimos, porém ali, aquele de quem se testifica que vive.**
- ⁹ **E, por assim dizer, também Levi, que recebe dízimos, pagou-os na pessoa de Abraão.**
- ¹⁰ **Porque aquele ainda não tinha sido gerado por seu pai, quando Melquisedeque saiu ao encontro deste.**

Duas linhas histórico-salvíficas do sacerdócio dominam o pensamento do AT. Existe uma linha terrena, que vai de Abraão até Arão e seus descendentes, passando por Levi, e outra celestial, que começa com Melquisedeque. Ela leva a Davi, que nesse contexto torna-se mediador da promessa porque lhe foi confiada a palavra do rei sacerdote messiânico vindouro. A linha sacerdotal celestial desemboca no Messias vindouro, ela aponta para Cristo. Apesar de que os sacerdotes, filhos de Levi e Arão, recebem o dízimo da mesma forma como Melquisedeque o recebeu de Abraão, eles nem por isto são equiparados a Melquisedeque enquanto sacerdotes. São estes os pensamentos que o apóstolo pretende desenvolver no presente trecho.

- 4 O apóstolo retoma mais uma vez a peculiaridade do relato do AT, inicialmente mencionado somente à margem: **Considerai, pois, como era grande esse a quem Abraão, o patriarca, pagou o dízimo tirado dos despojos***. Abraão é o iniciador do povo de Deus do AT e ao mesmo tempo paradigma do povo de Deus do NT, no que possui significado duradouro. Enquanto já no AT ele é designado como “príncipe de Deus” (Gn 23.6) e chamado por Deus de “amigo” (Is 41.8), o autor está falando dele como o “patriarca”. O que se relata a seu respeito possui conotação simbólica.

Abraão entregou o dízimo a Melquisedeque. Este dízimo ele retirou dos despojos. No decurso dos acontecimentos do AT nos é relatado pela primeira vez que o dízimo é oferecido. A entrega do dízimo por Abraão a Melquisedeque (Gn 14.20) não aparece de modo isolado na Sagrada Escritura. Com a maior naturalidade o apóstolo relaciona diretamente, no presente trecho de Hb 7.4-10, este primeiro fornecimento do dízimo com a ordem posterior do dízimo em Israel.

Em Israel eram praticadas diversas formas de *oferta do dízimo*. Distingua-se entre “primeiro dízimo” e “segundo dízimo”. O primeiro dízimo era uma contribuição que todo israelita devoto tinha de pagar ao santuário para o Senhor. A ordem original dizia: “Também todas as dízimas da terra, tanto dos cereais do campo como dos frutos das árvores, são do Senhor; santas são ao Senhor” (Lv 27.30-32; Nm 18.21-24). Em contraposição o segundo dízimo era uma espécie de “poupança compulsória”. Cada israelita devia guardar a décima parte de sua propriedade, a fim de cobrir com ela o seu sustento quando peregrinasse até o templo do Senhor para prestar sacrifícios e adorar naquele local. Todos os bens que ele não pudesse levar consigo deveriam ser convertidos em dinheiro, a fim de poder abastecer-se no lugar do seu Deus com aquilo que necessitasse. A palavra de Deus dizia: “Esse dinheiro, dá-lo-ás por tudo o que deseja a tua alma, por vacas, ou ovelhas, ou vinho, ou bebida forte, ou qualquer coisa que te pedir a tua alma; come-o ali perante o Senhor, teu Deus, e te alegrarás, tu e a tua casa” (Dt 14.22-26). Além disto, a ordem do AT ainda conhecia a terceira forma do “dízimo dos pobres” (Dt 14.28,29). A cada três anos o israelita devoto devia guardar o dízimo, para com ele auxiliar os concidadãos necessitados. Se por um lado era prerrogativa dos levitas que eles podiam receber o primeiro dízimo, para usá-lo em sua própria subsistência, por outro lado eles tinham a obrigação de também entregar deste dízimo a décima parte ao Senhor, que então passava à propriedade imediata do santuário (Nm 18.26-28; Ne 10.38). Fazia parte das peculiaridades da ordem do dízimo no AT que o primeiro e o segundo dízimos tinham de ser levados ao lugar do santuário (Dt 12.6,11,17), a saber, à presença direta de Deus. O dízimo para os pobres, porém, permanecia no local de residência do israelita e podia ser solicitado localmente pelos necessitados. Além disto, cada israelita tinha a obrigação de proferir perante Deus uma “confissão de dízimo”, a cada terceiro ano, informando quando tinha pago o dízimo dos pobres, na qual ele declarava perante Deus e as pessoas ter cumprido a ordem de Deus, pedindo por sua bênção (Dt 26.12-15).

Muito antes da legislação no Sinai os patriarcas tinham conhecimento da prática do dízimo (Gn 14.20; 28.22), constituindo sobretudo *expressão* visível de sua *gratidão* e uma *confissão* de sua *dependência* de Deus. A importância espiritual também ficou preservada na época posterior. Ao mesmo tempo, a entrega pontual e conscienciosa do dízimo deveria tornar-se um exercício espiritual permanente no temor a Deus (Dt 14.22,23) e uma chave para a bênção de Deus (Dt 14.28,29). Para cada israelita deveria ser possível experimentar a confiabilidade das promessas divinas quando se rendesse plenamente na fé em Deus (Mt 3.10; cf. Pv 3.9,10).

Toda vez que o israelita entregava o dízimo ele se via colocado por Deus diante de perguntas fundamentais. De quem obténs as tuas dádivas? Que estás recebendo? A quem deves prestar uma oferta? Que é que deves ofertar? Que significa para ti esta dádiva? Como estás ofertando? – São

perguntas sobra as quais também o fiel da igreja do NT deve refletir constantemente. O israelita tinha de dar a resposta pessoal a estas perguntas na sua vida prática.

Quando Deus concedia a seu povo tempos de bênçãos especiais e de recomeço espiritual, como por exemplo sob o rei Ezequias e sob Neemias, a Bíblia informa sobre o cumprimento alegre do dever do dízimo (2Cr 31.5,6,12; Ne 10.38,39; 12.44; 13.5,12). Deus aceitava a confissão humilde de dependência por parte das pessoas ao entregarem o dízimo, abençoando-a. Em oposição a isto acontecia a entrega não espiritual do dízimo, na qual o ser humano não vive com a posição apropriada do coração perante Deus. Contra esta atitude profere-se a palavra da condenação (Am 4.4; Mt 23.23; Lc 11.42; 18.12).

Quando os israelitas reivindicaram de Samuel a instituição de um rei, Samuel lhes anunciou por incumbência de Deus o direito deste rei. O fato de que em 1Sm 8.15-17 a exigência do dízimo é elevada a prerrogativa do rei possui dois significados. Em Israel, o rei não ocupa o lugar de Deus, não é declarado como divindade – como muitas vezes entre os gentios – mas não obstante entra numa relação de proximidade com Deus. Todo dízimo que é trazido ao rei em última análise não deixa de ser um dízimo dado a Deus. Os Sl 2 e 110 conferem um significado messiânico para o fim dos tempos ao reinado em Israel. Em Jesus Cristo ele veio a cumprir-se. Desta forma, porém, Cristo torna-se o verdadeiro rei no sentido pleno da promessa. Diante dele todos os reis de Israel foram tão somente precursores. No sentido mais profundo, é a ele que compete, como rei do povo de Deus do NT, o direito do dízimo. No presente contexto é importante que o apóstolo, com base em sua compreensão, não institui uma nova lei de obrigações, mas que ele superou o pensamento legalista. Quem crê em Cristo não é devedor de quaisquer tributos na nova aliança. Pelo contrário, o autor considera, em Hb 13.16, assim como Paulo em 1Co 16.1ss e 2Co 8.9ss, que na igreja do NT o doador sabe que está comprometido a realizar suas ofertas por gratidão.

- 5,6 Constatamos que o interesse do autor não se concentra nos pormenores da ordem do dízimo, mas no relacionamento em que se encontram Abraão, os levitas e Melquisedeque por ocasião da entrega do dízimo. Toda a ordem do dízimo do AT está alicerçada, em última análise, sobre Abraão. Ele mesmo pagou o dízimo a Melquisedeque. Agora o apóstolo ressalta que uma seleção dos descendentes de Abraão, os sacerdotes da estirpe de Levi, recolhem o dízimo de seus compatriotas. Como todos os demais israelitas, eles também descendem de Abraão, são de origem terrena. Mesmo assim, como levitas, possuem privilégios diante de seus irmãos. À igualdade, decorrente da criação, de todos os israelitas enquanto descendentes de Abraão, contrapõe-se a superioridade de Melquisedeque sobre Abraão. Os israelitas entregavam seu dízimo a sacerdotes que eram *de origem humana*, cuja genealogia pode ser traçada até Abraão. Abraão, porém, ofertou o dízimo a um sacerdote que era *de procedência celestial*. A existência de Melquisedeque perante Deus é única, incomparável. Em Melquisedeque, Deus estabeleceu um sacerdócio fora da lei, um ministério sem base e sem descendência legais.
- 7 É por esta razão que a palavra de bênção de Melquisedeque também foi particularmente eficaz na vida do abençoado Abraão, proporcionando-lhe participação nas dádivas e na riqueza de Deus. Este pensamento é explicado na frase seguinte: **Evidentemente, é fora de qualquer dúvida que o inferior é abençoado pelo superior** (“melhor” [tradução do autor]). O que o apóstolo sempre visa é apenas destacar a superioridade de Melquisedeque sobre Abraão e o sacerdócio levítico. Agora ele não aborda o dízimo e sim a bênção. A diferença entre os “inferiores” e o “melhor” não reside nos padrões humanos de dignidade e posição social, mas na confirmação de Deus e no preenchimento com autoridade espiritual. Na bênção sempre se trata da autoridade de Deus que é proporcionada ao ser humano sacerdotal pelo convívio pessoal com o Senhor e pela vida em sua proximidade.
- 8 Os “inferiores” são humanos mortais, o “melhor” é Melquisedeque, a respeito de quem se dá o testemunho de que “ele vive”. Ainda que o nosso texto não expressa nada sobre como devemos imaginar a vida de Melquisedeque, mesmo assim a palavra apostólica deixa claro que não apenas se deve pensar que Melquisedeque continua vivo nos pensamentos de Deus, mas que ele realmente vive na eternidade de Deus. Esta idéia torna-se compreensível para nós quando pensamos naquilo que dissemos sobre Melquisedeque na unidade anterior. O sacerdote real Melquisedeque não é nenhum outro senão a pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo, à qual pelo mistério de Deus se sobrepõe um personagem de revelação impenetrável para a nossa capacidade de raciocínio. Depois de sua breve

aparição na terra, que se equipara ao brilho de um meteoro no firmamento escuro, ele retornou à glória de Deus por força de sua vida imperecível.

9,10 Com aguçamento perspicaz o apóstolo persegue a idéia de comprovar a superioridade de Melquisedeque sobre Abraão e Levi: Melquisedeque recebeu o dízimo. Levi e seus descendentes também arrecadam o dízimo. Não seria o caso, portanto, de ambos estarem no mesmo nível? É precisamente isto que o apóstolo nega. Ele ressalta que também os levitas entregaram o dízimo a Melquisedeque através de Abraão. Logo, encontram-se numa relação de dependência dele. Somos remetidos a um acontecimento de cunho providencial que excede os limites da existência pessoal de cada um. Como temos de entender isto? No pensamento bíblico o ancestral e patriarca é a corporificação de toda a sua descendência. Levi foi um bisneto de Abraão e ainda não era nascido quando Abraão encontrou Melquisedeque. Contudo, assim como Levi representava em sua pessoa o sacerdócio israelita de todos os séculos subseqüentes, assim também pode ser dito a respeito dele que na pessoa de seu ancestral Abraão ele pagou o dízimo a Melquisedeque. Em outras palavras: com a entrega do dízimo a Melquisedeque, Abraão tomou uma decisão cujas conseqüências se estendem sobre todas as gerações futuras. Para esta correlação também existe um paralelo no NT: sem que tivéssemos contribuído pessoalmente para esta situação, todos nós nos encontramos numa ligação providencial com o primeiro homem Adão, com sua culpa original e com a fatalidade da morte. Do mesmo modo, porém, estamos também em ligação providencial com Cristo, uma vez que sua ressurreição tornou-se o fundamento do fato de que um dia todas as pessoas ressuscitarão (Rm 5.12ss; 1Co 15.21ss). O apóstolo também comprova uma ligação de destinos deste tipo de Abraão, Levi e os sacerdotes levitas. Levi, o ancestral dos sacerdotes israelitas, “ainda [...] estava nos lombos de seu pai, quando Melquisedeque lhe saiu ao encontro” (RC).

c. O novo sacerdócio demanda uma nova ordem sacerdotal, 7.11-17

- 11 Se, portanto, a perfeição houvera sido mediante o sacerdócio levítico (pois nele baseado o povo recebeu a lei), que necessidade haveria ainda de que se levantasse outro sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque, e que não fosse contado segundo a ordem de Arão?**
- 12 Pois, quando se muda o sacerdócio, necessariamente há também mudança de lei.**
- 13 Porque aquele de quem são ditas estas coisas pertence a outra tribo, da qual ninguém prestou serviço ao altar;**
- 14 pois é evidente que nosso Senhor procedeu de Judá, tribo à qual Moisés nunca atribuiu sacerdotes.**
- 15 E isto é ainda muito mais evidente, quando, à semelhança de Melquisedeque, se levanta outro sacerdote,**
- 16 constituído não conforme a lei de mandamento carnal, mas segundo o poder de vida indissolúvel.**
- 17 Porquanto se testifica: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.**

11 Nos vv. 4-10 o apóstolo havia falado do sacerdócio e do recebimento do dízimo. Agora ele enfoca mais de perto a relação entre sacerdócio e lei (vv. 11-17), a fim de refletir sobre o significado das palavras de instituição (vv. 18-28) pelas quais Deus havia conferido validade ao sacerdócio de Melquisedeque. Em todas as três relações, o sacerdócio de acordo com a ordem de Melquisedeque é superior ao sacerdócio conforme Arão. Uma pergunta é agora o ponto de partida de suas considerações: **que necessidade haveria ainda de que se levantasse outro sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque, e que não fosse contado segundo a ordem de Arão?** Afinal, o próprio Deus havia concedido a seu povo, por ocasião da celebração do pacto no Sinai, uma ordem sacerdotal válida. Lei e sacerdócio estavam ancorados conjuntamente na aliança que Deus havia firmado com seu povo. Israel tinha consciência do compromisso que significavam os estatutos legais dessa aliança. “Cumpriremos todos os mandamentos que o Senhor ordenou!” Era esta a confissão de todos os israelitas (Êx 24.3-8). Por que Deus queria estabelecer a vigência de outra ordem sacerdotal? O apóstolo tem somente uma resposta para esta questão: “Porque mediante o sacerdócio levítico não foi alcançada nenhuma perfeição” (tradução do autor). Desde o tempo da Guerra dos Macabeus estava viva entre muitos judeus a esperança por uma era nova e melhor, pelo tempo da restauração da verdadeira ordem de Deus, na qual um sacerdote digno governaria sobre o povo. No entanto, este

futuro sacerdote da tribo de Levi podia quando muito concretizar a figura ideal do sumo sacerdócio de Arão, jamais porém trazer a perfeição no sentido como o apóstolo a entende na presente carta. O termo grego *teleiosis*, “aperfeiçoamento”, aparece no NT apenas ainda em Lc 1.45, no voto de saudação de Isabel a Maria, a mãe do Senhor: “Bem-aventurada és tu, que creste! Pois será aperfeiçoado (em grego: *éstai teleiosis*) o que te foi dito da parte do Senhor” (tradução do autor). Ambas as afirmações, em Lc 1.45 e Hb 7.11, são afins no conteúdo, mas também devem ser nitidamente diferenciadas uma da outra. Em nosso versículo não se trata somente do cumprimento de uma promessa isolada de Deus, mas da consumação do plano de salvação divino. Com suas ordens outorgadas por Deus, o sacerdócio do AT constitui apenas *um* passo importante no caminho da história da salvação até a consumação. Não é nem toda a história salutar nem é a última etapa. O desígnio salvador de Deus, de redimir o mundo perdido, tem em Cristo e na igreja o seu centro. Ele alcançará a perfeição na nova criação de céu e terra.

12,13 Pela determinação de Deus, o sacerdócio e a ordem sacerdotal do AT estavam estabelecidas pela lei cultural. Se Deus estabelece um novo sacerdócio, revoga-se deste modo esta lei no âmbito das ordens da antiga aliança e uma nova lei entra em vigor. Para o apóstolo, é fato notório que isto realmente já aconteceu. A lei do AT previa que somente homens da tribo de Levi podiam ser convocados para o serviço no santuário, e que unicamente descendentes de Arão podiam comparecer como sacerdotes perante o altar. Pelo fato de que Jesus Cristo foi convocado por Deus para ser sumo sacerdote, Deus mesmo revogou esta ordem.

14,15 **Pois é evidente que nosso Senhor procedeu de Judá, tribo à qual Moisés nunca atribuiu sacerdotes.** A promessa messiânica, que Jacó emitira sobre a tribo de Judá (Gn 49.8-12) e que Deus renovou no auge do profetismo (Is 11.1), é confirmada e consumada na nova aliança em Jesus Cristo (Mt 2.6; Ap 5.5). É nele, o “Leão da tribo de Judá”, que o reinado e sacerdócio estão unificados (Sl 110.1,4; Zc 6.11). Contudo, não é somente no fato de que o sumo sacerdote do povo de Deus do NT é oriundo da tribo de Judá que se torna claro que Deus quebrou a ordem sacerdotal da antiga aliança. Por sua natureza, o novo sumo sacerdote está numa relação imediata com Melquisedeque. *Seu sacerdócio está fundamentado sobre uma ordem sacerdotal original de Deus.*

16,17 Cristo não foi constituído sumo sacerdote **conforme a lei de mandamento carnal.** A ordem antiga atrelava o ministério sacerdotal a premissas terrenas e humanas. Os sacerdotes tinham de possuir determinada origem humana – mais precisamente tinham de ser descendentes de Arão – não podiam ter deficiências físicas (Lv 21.17-21) e podiam exercer sua função somente quando tinham pureza cultural. A nova ordem sacerdotal, porém, segundo a qual Cristo foi chamado para ser sumo sacerdote, traz as insígnias do **poder de vida indissolúvel**. Esta força (em grego: *dýnamis*) é o sinal da nova aliança, do “mundo vindouro”, e é ao mesmo tempo a força da palavra, do Espírito Santo e dos milagres que aconteceram por intermédio de Jesus e dos apóstolos. Neste poder manifesta-se a atuação diretamente presente de Deus. De modo elementar, este “poder divino da vida indestrutível” revelou-se por ocasião da ressurreição de Jesus, atuando incessantemente ainda hoje na vida dos fiéis (Ef 1.19,20). Repetidamente deparamo-nos com a fidelidade com que o apóstolo se apegava à revelação de Deus no AT. Por isto empenha-se especialmente em justificar toda afirmação importante sobre a fé com uma palavra do AT. Assim, encerra sua reflexão com mais uma referência ao Sl 110.4. A própria palavra do AT, que vê o reinado e o sacerdócio unidos no Messias vindouro, diz que este novo sacerdócio é eterno. Para nenhum dos descendentes de Arão vigorava a declaração divina: “sacerdote eternamente”. Porém em Cristo ela se tornou fato real. Como Ressuscitado ele possui o “poder de vida indissolúvel” (cf. Rm 6.9). Ele é “sacerdote eternamente”.

d. A confirmação do sacerdócio melhor pelo juramento, 7.18-28

¹⁸ **Portanto, por um lado, se revoga a anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade**

¹⁹ **(pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma), e, por outro lado, se introduz esperança superior, pela qual nos chegamos a Deus.**

²⁰ **E, visto que não é sem prestar juramento (porque aqueles, sem juramento, são feitos sacerdotes,**

²¹ **mas este, com juramento, por aquele que lhe disse: O Senhor jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre);**

- ²² por isso mesmo, Jesus se tem tornado fiador de superior aliança.
- ²³ Ora, aqueles são feitos sacerdotes em maior número, porque são impedidos pela morte de continuar;
- ²⁴ este, no entanto, porque continua para sempre, tem o seu sacerdócio imutável.
- ²⁵ Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.
- ²⁶ Com efeito, nos convinha um sumo sacerdote como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e feito mais alto do que os céus,
- ²⁷ que não tem necessidade, como os sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro, por seus próprios pecados, depois, pelos do povo; porque fez isto uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu.
- ²⁸ Porque a lei constitui sumos sacerdotes a homens sujeitos à fraqueza, mas a palavra do juramento, que foi posterior à lei, constitui o Filho, perfeito para sempre.

18,19 Primeiro o apóstolo havia falado do pagamento do dízimo aos sacerdotes, depois da correlação entre sacerdócio e lei, para evidenciar sob sempre novas perspectivas a magnitude excelente do sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque, que se cumpriu em Cristo. Aqui o apóstolo retoma mais uma vez o último pensamento, a revogação da ordem sacerdotal antiga em benefício de uma nova. **Portanto, por um lado, se revoga a anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade.** No AT, na palavra antes referida do Sl 110.4, já se anuncia uma nova ordem sacerdotal, uma maneira e forma especiais do sacerdócio, que torna supérfluo manter a ordem sacerdotal de Arão. Isto não significa nenhum desprezo às ordens do AT. A lei e as prescrições para o sacerdócio brotam da sagrada revelação de Deus, elas são uma dádiva maravilhosa de Deus a Israel. Esta consciência está viva em cada israelita temente a Deus e domina o pensamento do AT (Sl 27.4; Sl 119.18,162; Rm 7.12,14). O AT não é diminuído nem perde seu valor, pelo contrário, cabe destacar claramente *a grandeza e o limite da lei*. A lei é designada como “fraca e inútil” unicamente porque ela não é capaz de produzir o “aperfeiçoamento” (cf. Hb 7.11). Pela via da lei e das ordens sacerdotais do AT não se chega ao alvo da história da salvação divina. Por que não? Porque os sacrifícios estabelecidos pela lei “não são eficazes para, de acordo com a consciência, conduzir à perfeição aquele que serve a Deus por meio deles” (Hb 9.9). É bem verdade que o sacerdócio do AT, enquanto promessa, já aponta para a glória vindoura. O AT torna-se precursor da concretização do desígnio divino de salvação. Contudo a lei sacerdotal não nos leva à proximidade de Deus, *ela não é o caminho à salvação*. As duas expressões gregas que encontramos no presente versículo: *teleioun*, conduzir à perfeição, e *engízein to theó*, aproximar-se de Deus, possuem uma interligação estreita neste texto. A vontade criadora de Deus teve como alvo a comunhão desimpedida do ser humano com o seu Criador. Aquilo que foi impedido pelo pecado e pela culpa do ser humano é “aperfeiçoado” pela determinação salvadora de Deus em Cristo. Em Cristo podemos aproximar-nos diretamente de Deus. Por isto o apóstolo confessa, em Hb 10.19: “Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus”. O que hoje nos é dado como possibilidade benéfica pela fé em Jesus, isto será realidade visível na criação renovada (Ap 21.22-27). “*Perfeição*” – isto significa: *viver sem impedimentos, grato e alegre na proximidade direta de Deus! Entretanto era justamente isto que era impossível pela via do sacerdócio no AT!*

Todo o culto do AT, com ordem sacerdotal e prescrições para os sacrifícios, servia muito mais para conscientizar o ser humano de sua distância natural de Deus do que para levá-lo para perto de Deus. Em outro ponto o autor afirmará: “nesses sacrifícios faz-se recordação de pecados [...] porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados” (Hb 10.3,4). Através do culto, a existência humana não é transformada em seu âmago (cf. Hb 10.1,2,4,11)!

Bem à margem de suas considerações o apóstolo nos transmitiu, assim, uma descoberta, que é do mais profundo significado para cada geração do cristianismo, mas que seguramente possui atualidade especial em nossa época. A história da igreja nos ensina que a igreja de Jesus entendeu seu culto a Deus de maneira correta – como forma de expressar sua vida conjunta com o Senhor exaltado – somente quando a sua visão para a importância da *palavra de Deus* e a eficácia do Espírito Santo não estava turbada. Desde os primórdios da fé cristã repetidamente ocorrem tendências que relegam a segundo plano a renovação pessoal da vida espiritual pela palavra de Deus e pelo Espírito Santo,

mediante um arrependimento e renascimento genuínos, favorecendo exercícios devotos humanos e um pensamento sacramental entendido erroneamente. Justamente na nossa época, na qual a confiança na palavra da Escritura Sagrada é sistematicamente abalada pela teologia moderna, motivo pelo qual tão poucas pessoas experimentam em sua vida o poder renovador do Espírito Santo, muitas pessoas buscam refúgio no culto e na liturgia, em rigorosas formas e práticas de celebração, bem como numa compreensão mística e mágica do sacramento. Quando o Cristo vivo não pode mais vir ao nosso encontro em sua palavra e nos interpelar, resta tão somente o rito, a forma exterior. Isto, porém, sempre significa um empobrecimento da vida espiritual e necessariamente uma recaída no legalismo. Culto e liturgia jamais poderão substituir uma comunhão pessoal com Cristo, o único no qual nos foi dada a salvação.

- 20,21** Até agora o apóstolo enfatizou a segunda metade do versículo do Sl 110.4 para fundamentar suas afirmações teológicas: “Tu és sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedeque!” Deste momento em diante ele começa a refletir sobre a primeira linha desse versículo: “O Senhor jurou e não se arrependerá”. Como em Abraão (Hb 6.13) e no juízo sobre a geração do deserto (Hb 3.11), fala-se de um juramento de Deus. A instituição de Arão e de sua descendência como sacerdotes aconteceu por meio da palavra da lei no Sinai, sem um juramento. Na convocação para o novo sacerdócio isto é diferente. Cristo foi chamado pelo juramento divino para ser o Sumo Sacerdote do NT. O juramento de Deus sublinha a irrevogabilidade absoluta – “Ele não se arrependerá” – bem como a validade perpétua – “sacerdote eternamente” – do Sumo Sacerdote Jesus.

Aceitando a palavra do salmo (Ele) **não se arrependerá** sem maiores explicações, o apóstolo está combinando com ela a maneira de pensar do AT. Quando no AT se afirma de uma pessoa que ela se arrepende, esta expressão atesta uma humilde sujeição à vontade de Deus e uma concordância com ela, para o bem e para o mal, em concordância com seu julgamento justo. Quando o AT diz que Deus “se arrepende”, isto encerra duas possibilidades: apesar de sua eleição anterior, Deus é capaz de rejeitar pessoas (1Sm 15.11,35) porque se voltaram contra ele em desobediência. Deus, no entanto, também pode tornar a dedicar sua clemência e misericórdia ao ser humano apesar de seu juízo (1Cr 21.15; Sl 106.45; Am 7.3,6; Jn 3.9,10; 4.2). No Sl 110.4 e em Jr 4.28 enfatiza-se expressamente que Deus não se arrependerá. Nisto reside a afirmativa de que de maneira alguma Deus se desviará do plano que no princípio decidira executar.

- 22** O AT e o NT encontram-se na mesma relação como as palavras de Deus pelas quais ele institui o sacerdócio: à superioridade do juramento divino sobre a palavra da lei do Sinai corresponde a sobrepujante magnitude da nova aliança diante da antiga. **Jesus se tem tornado fiador de superior aliança** (“Fiador da aliança *melhor* tornou-se Jesus” [tradução do autor]). Já pela ordem da construção da frase no grego o apóstolo sublinha que Jesus é o portador de autoridade divina. Ele, o Filho de Deus, tornou-se, por sua vida, paixão, morte e ressurreição, aquele que garante realidade e consumação da vontade de salvação da parte de Deus na nova aliança.
- 23,24** O apóstolo considera a glória do sumo sacerdócio do NT que reluz sobre todas as coisas não apenas fundamentada no fato de que a convocação e instalação neste ministério aconteceu através do juramento de Deus. Ele também considera que a palavra do salmo se dirige somente a *uma pessoa*: “*Tu és sacerdote para sempre!*” Quando Arão e seus filhos foram convocados no Sinai para serem sacerdotes, Deus falou: “isto será estatuto perpétuo para ele e para sua posteridade depois dele” (Êx 28.43). Desde o começo tinha-se em mente uma pluralidade de sacerdotes. O sacerdócio do AT tinha uma delimitação no tempo, o ministério tinha de ser passado adiante de geração em geração. Aquele, porém, a quem Deus falou no juramento: “*Tu és sacerdote para sempre*” não passa seu ministério de sumo sacerdote a nenhum sucessor. Como a morte não possui mais poder sobre ele, ele detém um sacerdócio imutável. O sumo sacerdócio de Jesus vai de eternidade a eternidade, ele é “ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre” (Hb 13.8).
- 25** Todas as declarações que o apóstolo fez na comparação entre o sacerdócio de Arão e o sumo sacerdócio de Jesus, o sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque, culminam nessa única frase: **Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.** O que a lei e o sacerdócio do AT não puderam realizar, isto Jesus realiza com base em sua vida divina eterna: pode salvar integralmente! Ele “pode socorrer!” (Hb 2.18 [RC]). Foi isto o que o apóstolo havia ressaltado primeiramente como efeito do serviço de sumo sacerdócio de Jesus. Agora ele avança mais um passo em sua declaração. Jesus nos trouxe a redenção total.

Conquistou uma salvação perfeita, eternamente válida. Esta redenção eterna, de validade plena, vigora para todas as pessoas, é oferecida a cada ser humano, sendo porém eficaz somente para aquele que volta para Deus. De modo semelhante como em Hb 2.16, o apóstolo também delimita aqui o círculo de pessoas em quem a salvação se realiza. Lá ele havia afirmado: Ele “socorre a descendência de Abraão”. Aqui ele assevera: “Jesus pode salvar aqueles que *por meio dele* chegam a Deus!” A salvação dos pecados somente é concretizada naqueles que se convertem ao Senhor com arrependimento e fé (cf. At 3.19). Quem acolheu a Jesus Cristo como seu Salvador e Senhor por decisão pessoal e voluntária de fé (Jo 1.12), quem veio a Deus, o Pai, por intermédio de Jesus Cristo (Jo 14.6), este obtém perdão e experimenta a proteção na tribulação, na aflição e na necessidade. O eterno Sumo Sacerdote (Ap 1.18) não somente é o Redentor de seu povo, mas ao mesmo tempo também o Advogado, o Intercessor eterno dos fiéis (Rm 8.34; 1Jo 2.1).

26-28 O apóstolo expõe esta realidade de salvação abrangente perante uma comunidade que ele visa preparar para sofrimentos futuros: salvação, preservação e aperfeiçoamento nos são doados por meio de nosso eterno Sumo Sacerdote. O autor dirige nosso olhar para a obra de libertação consumada por Jesus, que se ofereceu a si mesmo a Deus como sacrifício plenamente válido e impossível de ser repetido, e que pagou a culpa do pecado da humanidade. Com a mesma clareza ele nos exhibe a magnitude e santidade do Sumo Sacerdote do NT. **Com efeito, nos convinha um sumo sacerdote como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e feito mais alto do que os céus.** Nossa salvação está alicerçada não somente na *ação redentora* de Jesus, porém da mesma maneira na natureza de sua pessoa divina. O que se exigia em termos de pureza cultural dos sacerdotes do AT foi ultrapassado infinitamente por meio de Cristo. Jesus é **santo** – totalmente sem natureza pecaminosa, santo, como Deus o Pai é santo, perfeitamente santo segundo a lei. Contudo, a sua santidade não assusta a nós, pecadores, pois é precisamente por meio dela que ele pode nos representar perante Deus. Ele é **inculpável** – “sem traição e ardil”, **sem mácula** – tinha condições de perguntar verdadeiramente: “Quem dentre vós pode me argüir de um pecado?” (Jo 8.46), **separado dos pecadores** – ser humano como nós (Hb 2.14), tentado como nós (Hb 4.15), e não obstante o único que permaneceu sem pecado, sendo por isto **feito mais alto do que os céus**. Por meio da ressurreição e ascensão, Jesus conquistou o acesso direto à glória de Deus. Esta riqueza imensurável da essência divina na pessoa de Jesus já tem efeitos para a sua vida na terra, para o seu serviço terreno de Sumo Sacerdote. De modo consciente o apóstolo contrapõe o sacrifício *diário* do sumo sacerdote do AT e o sacrifício *único* de Jesus. O sumo sacerdote tinha de oferecer sacrifício primeiro por si mesmo, a fim de realizar expiação por sua própria culpa. Jesus não teve necessidade disso. O sumo sacerdote do AT ofertava *sacrifícios de dádivas*, Jesus sacrificou-se *pessoalmente*! Qual é o fundamento deste contraste? Com esta pergunta, o apóstolo retorna ao ponto inicial de suas reflexões no presente bloco. A lei sacerdotal do Sinai escolhia para **sumos sacerdotes a homens sujeitos à fraqueza**. Somente muito mais tarde, no tempo do rei Davi, Deus revelou a **palavra do juramento**, do Sl 110, pela qual ele convocou o **Filho**, que é perfeito eternamente. Lei e juramento divino estão na mesma relação entre si como os sacerdotes humanos, marcados pela fraqueza, i. é, sujeitos à tentação, e o Filho eterno e perfeito.

Síntese

Em Hb 1–6 diversas menções, sobretudo também as advertências e exortações, repetidamente intercaladas, permitiram delinear os contornos de uma conjuntura comunitária, à qual o apóstolo dirige sua pregação. Em contrapartida, Hb 7, o capítulo com o qual começa a seção principal da carta, não contém nenhuma referência à situação concreta da comunidade. A maneira como são contrapostas a antiga e a nova alianças não possui o caráter de uma controvérsia de um fiel do NT contra a devoção legalista do AT, assim como é feito pelo apóstolo Paulo, p. ex., na carta aos Gálatas. Tampouco podemos afirmar que as elaborações do apóstolo se voltam contra um reavivamento das ordens de culto do AT na comunidade. Parece que o autor, ao anotar os pensamentos de Hb 7, está retirado dos problemas de seu presente imediato. Assim como na carta aos Efésios Paulo medita, inicialmente sem relação direta com os problemas atuais da comunidade, acerca da deliberação salutar de Deus de eternidade a eternidade, assim o nosso autor reflete em Hb 7 sobre as palavras de Gn 14.17-20 e Sl 110.4. Estas palavras tornam-se para ele uma indicação viva da magnitude, superior a tudo, de Jesus Cristo. Unicamente Jesus – maior que tudo que Deus havia concedido como revelação a seu povo Israel e ao mundo. É o que se descortina diante de seu olhar espiritual. A

elaboração da natureza e da autoridade de Jesus, nos v. 25,26, constitui o cerne da declaração, em torno da qual ele agrupa seus pensamentos: o que distingue Jesus dos sacerdotes do AT e o eleva extremamente acima deles são sua condição sem pecado, o sacrifício único de sua vida divina, a exaltação ao céu, sua imortalidade e seu serviço perpétuo de intercessão. Como o autor já vislumbra atrás da pessoa de Melquisedeque o fulgor da glória da pessoa de Jesus Cristo, sendo que o rei sacerdote da antiga aliança se torna uma indicação direta para o Sumo Sacerdote real eterno da nova aliança, por isto o serviço sumo sacerdotal de Jesus é infinitamente superior ao sumo sacerdócio de Arão.

O apóstolo fundamenta suas afirmações em três argumentações, que ele executa de forma rigorosamente estruturada.

1. Como fundamental ele destaca que *Melquisedeque é superior* ao patriarca *Abraão*, a seu descendente *Levi* e aos sacerdotes de Arão.

a. Os levitas descendem de Abraão; Melquisedeque não tem antepassados, é de origem celestial. A este fato corresponde que os levitas são pessoas mortais, mas que Melquisedeque tem vida infundável.

b. Os levitas recebem o dízimo de seus irmãos; Melquisedeque recebeu o dízimo do ancestral.

c. Também os levitas estão obrigados a pagar o dízimo a Melquisedeque, pois seu ancestral Levi estava nos “quadris” do patriarca quando Abraão se encontrou com Melquisedeque.

d. No final Melquisedeque abençoou Abraão, e esta relação de bênção não pode ser invertida.

2. O apóstolo igualmente desenvolve a contraposição de *sacerdócio* e *lei* em quatro etapas:

a. Lei e sacerdócio estão indissolivelmente ligados entre si. A constituição de um novo sacerdócio traz necessariamente consigo que também se institua uma nova ordem.

b. O sacerdócio antigo era baseado na “ordem de Arão”, enquanto o novo sacerdócio se baseia na “ordem de Melquisedeque”.

c. A antiga ordem foi outorgada a Israel no Sinai. A nova ordem vem a ser a mais antiga, a original. Possui seu fundamento na eternidade de Deus.

d. A introdução da nova ordem sacerdotal tornou-se necessária porque através do sacerdócio de Arão não foi possível chegar a um encerramento da história da salvação. Os sacrifícios no AT são apenas prefigurações, o verdadeiro sacrifício foi ofertado somente pelo Sumo Sacerdote do povo de Deus do NT.

3. A certeza última de que a nova ordem sacerdotal alcançou vigência em Cristo é constatada pelo apóstolo no seguinte fato: o santo Deus fez de sua divindade a garantia, e comprometeu-se por juramento a cumprir as suas promessas. O autor destaca quatro correlações entre o juramento de Deus e sacerdócio:

a. A lei e a ordem sacerdotal levítica estão ultrapassadas através do juramento, por meio do qual Jesus foi constituído Sumo Sacerdote. Arão tornou-se sacerdote através da palavra da lei, que não trouxe consigo um encerramento da ordem de salvação. Jesus foi convocado para ser Sacerdote por meio da palavra do juramento divino, que aponta para a consumação definitiva de uma ordem original de Deus.

b. A lei trouxe “a introdução da *esperança* pelo melhor”, o juramento de Deus trouxe sua *realização*.

c. A pluralidade dos sacerdotes foi instituída sem juramento. Eles eram pessoas mortais, marcadas pela fraqueza. O Sacerdote único foi instituído com um juramento, ele é imortal e perfeito de acordo com a lei. Por isto também pode ser fiador do melhor testamento.

d. De maneira idêntica como o juramento divino é superior à lei, também o serviço sacerdotal de Jesus é melhor que o de Arão, e a nova aliança é melhor que a antiga.

O cumprimento da esperança do AT por uma nova ordem sacerdotal inclui que alguém que pela lei de Moisés não tem nenhuma promessa para isto pode tornar-se sacerdote. Não mais Levi – mas Judá é, na nova aliança, a casa matriz do sacerdócio. As consequências desta nova ordem de Deus refletem-se sobre a igreja do NT. Agora pessoas são chamadas para serem sacerdotes de Deus, para as quais, pela base do AT, faltavam todas as premissas para isto. Os membros da igreja de Jesus são a geração de sacerdotes do NT (1Pe 2.9; Ap 1.6; 5.9,10). O sumo sacerdócio de Jesus, bem como o sacerdócio de sua igreja, não se alicerçam sobre a lei do AT, mas, como no caso de Melquisedeque,

sobre a riqueza interior da pessoa do Senhor, sobre sua glória divina: "... não com base numa lei de determinações humanas, porém com base e no poder de uma vida indissolúvel". No sumo sacerdócio de Jesus "segundo a ordem de Melquisedeque" manifesta-se com perfeição a ordem sacerdotal original intencionada por Deus.

Poderíamos concluir que os pensamentos teológicos do autor transbordam de uma copiosidade esbanjadora. Será que diante deles o apóstolo se esqueceu da realidade? Acaso não se lembra da aflição e dos problemas da comunidade à qual dirige seu escrito? Isto ele faz – contudo ensina a seus leitores, e por isto também a nós hoje – uma descoberta espiritual necessária. Sempre quando a aflição e tribulações ou problemas práticos da vida nos assediam, corremos o perigo de nos deixarmos prender pelas dificuldades. Certamente confessamos a Cristo como nosso Senhor, certamente ainda permitimos que fale a nós por sua palavra e falamos com ele na oração. Mas apesar disso nossos pensamentos giram incessantemente em torno da dificuldade iminente, procurando por uma saída. Isto traz conseqüências funestas: não sabemos mais avaliar corretamente nossa situação. Subitamente nossas necessidades parecem ser esmagadoras. Começamos a ter pena de nós mesmos ou a nos resignar. Muito pior: privamo-nos assim da força espiritual para superar a crise. No presente capítulo o apóstolo mostra o caminho acertado: ter tempo para Jesus! Não rememorar sempre as dificuldades, mas aprofundar-se em oração na palavra de Deus, a fim de contemplar a magnitude de Jesus. Nele residem as fontes ocultas de nossa vida espiritual e de nossa força. Permitamos que o apóstolo nos abra o entendimento para as correlações da história da salvação. Então desenvolveremos uma percepção para a revelação de Deus na história, precisamente também no seu desdobramento por longos períodos. Igualmente aprendemos a ver nossa vida pessoal nessas grandes correlações, que se ordenam todas sob a mão de Deus num plano perfeito, bem como a louvar e adorar a Deus por tudo isto.

9. Jesus Cristo como Sumo Sacerdote celestial tornou-se o mediador da nova aliança melhor, 8.1-13

- ¹ **Ora, o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus,**
- ² **como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem.**
- ³ **Pois todo sumo sacerdote é constituído para oferecer tanto dons como sacrifícios; por isso, era necessário que também esse sumo sacerdote tivesse o que oferecer.**
- ⁴ **Ora, se ele estivesse na terra, nem mesmo sacerdote seria, visto (já) existirem aqueles (sacerdotes) que oferecem os dons segundo a lei,**
- ⁵ **os quais ministram em figura e sombra das coisas celestes, assim como foi Moisés divinamente instruído, quando estava para construir o tabernáculo; pois diz ele: Vê que faças todas as coisas de acordo com o modelo que te foi mostrado no monte.**
- ⁶ **Agora, com efeito, obteve Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também Mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas.**
- ⁷ **Porque, se aquela primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para uma segunda.**
- ⁸ **E, de fato, repreendendo-os, diz: Eis aí vêm dias, diz o Senhor, e firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá,**
- ⁹ **não segundo a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os conduzir até fora da terra do Egito; pois eles não continuaram na minha aliança, e eu não atentei para eles, diz o Senhor.**
- ¹⁰ **Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: na sua mente imprimirei as minhas leis, também sobre o seu coração as inscreverei; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.**
- ¹¹ **E não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior.**

¹² Pois, para com as suas iniquidades, usarei de misericórdia e dos seus pecados jamais me lembrarei.

¹³ Quando ele diz Nova (aliança), torna antiquada a primeira. Ora, aquilo que se torna antiquado e envelhecido está prestes a desaparecer.

- 1 Tudo o que o apóstolo afirmou acerca de Cristo no capítulo anterior ele agora sintetiza numa frase que ao mesmo tempo nos mostra qual é para ele o eixo espiritual de toda a sua carta: **Ora, o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote.** Agora impõe-se novamente o tom de uma certeza plena da salvação. Com clareza definitiva o autor ousa afirmar algo sobre a posse eterna que temos como cristãos mediante a fé. “Temos” – isto ele toma por um conhecimento acima de qualquer dúvida (cf. Rm 5.1-5). Contudo, ele não considera em primeiro lugar a mudança de nosso ser interior, a reorientação da vida humana em direção de Deus, como a grande dádiva de Deus, mas a pessoa que nos foi presenteada – a saber, o Sumo Sacerdote celestial. Pela ressurreição e ascensão foi-lhe confiada por Deus a soberania do reino eterno sobre este mundo. Deus entregou todo o poder em sua mão (cf. Jo 3.31,35). Com isto, o apóstolo visa trazer mais uma vez à consciência da comunidade atribulada: todas as linhas de acontecimentos terrenos e celestiais convergem nas mãos de Jesus, que possui poder de domínio irrestrito com sua majestade divina. Pelas palavras “**que se assentou à destra**” o apóstolo retoma novamente uma formulação do Sl 110.1. Este salmo, que enfoca conjuntamente o reinado e o sacerdócio eterno, foi cumprido com a ascensão de Jesus.
- 2 A glória de Jesus abrange ambos os aspectos: domínio eterno como rei e serviço eterno como sacerdote. Ele não somente “se assentou à destra do trono da Majestade nos céus”, mas tornou-se ao mesmo tempo o “ministro do santuário”. A expressão grega *ta hágia*, “santuário”, abarca aqui a totalidade da glória celestial de Deus. Para a palavra “servo” o apóstolo usa o termo grego *leitourgós*, que na LXX sempre se refere ao serviço sacerdotal (cf. nosso termo “liturgia” = ordem do culto). O serviço de Jesus na glória celestial é definido com maior precisão ainda: ele é ministro **do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu.** Com as palavras “o verdadeiro tabernáculo”, em grego *he skené he alethiné*, o apóstolo refere-se à figura originalmente celestial do tabernáculo. Este “verdadeiro santuário” pertence à mesma esfera de existência divina como o “descanso sabático para o povo de Deus” (Hb 4.9 [NVI]), a “cidade que tem fundamentos”, a “pátria celestial” (Hb 11.10,14-16) e também como o “reino inabalável” (Hb 12.28).

O tabernáculo como local de revelação do Senhor em meio a Israel, o povo migrante de Deus, tomou um rumo próprio na história da salvação. Quando Moisés estava sobre o monte do Sinai, Deus lhe mostrou a figura celestial original (em grego, *týpos*) do tabernáculo, do santuário terreno. Em Êx 35–40 nos são relatadas com todos os pormenores a confecção e edificação do tabernáculo, da tenda da revelação. Ele é a fiel cópia terrena (em grego, *hypódeigma*) daquela realidade celestial que Moisés contemplara sobre o monte sagrado. Portanto, o tabernáculo não foi erigido conforme um plano humano, mas divino, assim como mais tarde também o templo de Jerusalém foi edificado conforme instruções divinas. Para a construção e toda a instalação Davi havia encomendado modelos e “instruído Salomão *com base num escrito da mão do Senhor* sobre todos os trabalhos necessários para a execução do plano da obra”.

Depois disso, o tabernáculo acompanhou a marcha do povo de Israel pelo deserto até a terra de Canaã (2Cr 1.3,4). Por ocasião da inauguração do templo de Salomão somos informados de como o tabernáculo com todo o seu conteúdo foi acolhido no templo. O relato bíblico declara: “Vieram todos os anciãos de Israel, e os sacerdotes tomaram a arca do Senhor (em grego, *he kibotós*) e a levaram para cima, com a tenda da congregação (em grego, *to skeénoma tou martyriou* [LXX]), e também os utensílios sagrados que nela havia; os sacerdotes e levitas é que os fizeram subir” (1Rs 8.3,4). Desse tempo em diante falta qualquer notícia sobre a tenda da revelação. Com a destruição do templo ela parece ter desaparecido. Porém o modelo original celestial continua existindo.

O tabernáculo aparece outra vez no Apocalipse de João. Ali se permite ao vidente João olhar para dentro da glória eterna de Deus. Antes da última grave catástrofe do juízo que se abaterá sobre este mundo, antes do derramamento das sete taças da cólera, o céu se abre mais uma vez, e a figura original do tabernáculo torna-se visível no céu. “O templo do tabernáculo do testemunho se abriu no céu” (Ap 15.5 [RC]). É uma revelação da presença da graça de Deus. A glória do Senhor reluz também acima das mais graves condenações. A presença do Deus vivo, que o vidente João vislumbra

na figura da tenda da revelação no céu, deverá tornar-se realidade perfeita no presente mundo. Dessa maneira, a “tenda de Deus” torna-se expressão da presença de Deus que aparece visivelmente entre as pessoas na terra. O que é indicado pela imagem original celestial do tabernáculo será realidade perfeita na nova criação do céu e da terra: “Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus (em grego *he skené tou theou*) com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles” (Ap 21.3). Foi para esta presença de Deus e esta glória indescritível do mundo celestial, que é a imagem original do tabernáculo terreno, que Jesus entrou, a fim de ali prestar serviço como nosso Sumo Sacerdote.

3-5 O apóstolo repete mais uma vez o que já mencionou em Hb 5.1-3: **Pois todo sumo sacerdote é constituído para oferecer tanto dons (“dádivas” [BJ]) como sacrifícios.** Sacerdócio e ordem de sacrifícios estão inseparavelmente interligados, tanto na antiga quanto na nova aliança: todo sumo sacerdote precisa necessariamente de algo que ele possa oferecer como sacrifício. Os sumo sacerdotes em Israel recebiam oferendas da mão do povo. A dádiva sacrificial de Jesus foi a sua própria vida. Já em Hb 7.13,14 o apóstolo destacara que a lei de Moisés e a ordem sacerdotal terrena excluem a possibilidade do serviço sacerdotal de Jesus na terra. Ele o confirma mais uma vez: existe uma lei válida para o sacerdócio terreno, de acordo com a qual pessoas já estão destinadas a serem sacerdotes. Jesus não é um sacerdote, que presta um serviço terreno. Pelo contrário, ele presta o serviço sacerdotal ali onde o acesso permanece eternamente fechado para pessoas não redimidas. Com a constituição de Jesus como Sumo Sacerdote celestial o sacerdócio terreno chegou ao aperfeiçoamento e encerramento. Na consumação, na glória da Jerusalém celestial, não haverá mais local para um sacrifício específico: “Nela, não vi santuário, porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro” (Ap 21.22; cf. Hb 13.10). Que fazem, pois, os sacerdotes, quando prestam seu serviço em obediência à lei sacerdotal de Israel? **Ministram em figura e sombra das coisas celestes.** Todo serviço sacerdotal terreno, portanto, constitui, assim como o santuário terreno em Israel, apenas réplica de uma ordem original e realidade celestiais. Este serviço pode representar apenas em forma de sombra o que significa verdadeira comunhão do ser humano com Deus. Estes fatos são inferidos pelo apóstolo a partir de um evento histórico, que mantém um significado indissolúvel além do acontecimento original, também para a igreja de Jesus. Moisés recebeu uma instrução quando foi incumbido de confeccionar a tenda, pois consta: **Vê que faças todas as coisas de acordo com o modelo que te foi mostrado no monte.** A historicidade dos grandes fatos históricos de salvação, a revelação de Deus no Sinai, é para o apóstolo algo impossível de abandonar. Todo o seu pensamento está orientado na história. O evento do Sinai não apenas é constitutivo para a trajetória de Israel pelos séculos, porém aponta para além do tempo de Israel, para a era da igreja de Jesus. Por um lado o santuário e o serviço sacerdotal em Israel são uma imagem da verdadeira ordem de Deus na glória celestial, por outro lado também são indício e indicação para a consumação por meio do serviço de sumo sacerdote por parte de Jesus e pela glória da igreja.

6 Se o sacerdócio do AT recebe dignidade e grandeza a partir do fato de que é réplica de uma realidade celestial, o serviço de sumo sacerdote de Jesus alcança sua magnitude proeminente pelo fato de que ele faz ser manifesta a verdadeira figura original, e de que Cristo representa em sua pessoa a consumação do serviço sacerdotal do AT. Jesus Cristo, como o Sumo Sacerdote de sua igreja, está acima de qualquer sumo sacerdote terreno. O sumo sacerdote entrava no santuário terreno. Jesus Cristo entrou no céu. O sumo sacerdote servia no santuário que nada mais era que uma *figura e sombra* do verdadeiro santuário. Jesus entrou no “tabernáculo” que Deus mesmo e não um ser humano erigiu. Ele entrou na glória eterna. O sumo sacerdote celestial servia por força de uma lei terrena. Jesus, porém, recebeu um serviço especial. Enquanto Sumo Sacerdote Jesus tornou-se o Fiador (Hb 7.22) e Mediador da nova aliança, que se apóia sobre promessas melhores.

Na visão da carta aos Hebreus, a incumbência divina do *Mediador* e a fundamentação da *nova aliança* por meio de Jesus Cristo estão firmemente interligadas. Afirmações do AT também formam o pano de fundo do testemunho apostólico no presente texto. O único ser humano pecador que a Bíblia designa de mediador foi Moisés, pois Deus o incumbiu da tarefa de transmitir ao povo de Deus Israel a lei e a aliança de Deus. No misterioso personagem do anjo intercessor, o “um entre milhares” (Jó 33.23 [RC]), já nos é dada uma indicação prévia da atividade mediadora do Filho de Deus. Contudo, toda mediação dos anjos traz unilateralmente o caráter da intervenção auxiliadora e intercessora em favor das pessoas perante Deus (cf. Hb 1.14) e precisa ser distinguido rigorosamente do serviço único e singular de mediação do Filho. Justamente a frase lapidar de 1Tm 2.5: “Porquanto há um só Deus e

um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem” nos confronta com a realidade incontornável: não existe relação direta das pessoas com Deus e de Deus com as pessoas! Era este o alvo mais elevado da vida ofertada a Deus e da morte sacrificial de Jesus: a honra de Deus devia ser restaurada, sua santa Majestade não podia ser prejudicada por nenhuma mácula. Ao mesmo tempo Jesus empenhou toda a sua existência para salvar os seres humanos que haviam se tornado culpados e estavam perdidos, violando a honra de Deus em sua rebelião contra ele. Deste modo, ele tornou-se o Mediador e Fiador da nova aliança que Deus já havia prometido no tempo do AT. Como o Senhor exaltado ele intervém com sua pessoa a favor de que Deus cumprirá o compromisso firmado de concretizar a salvação. Ele assumiu a fiança perante as pessoas de que a promessa salvadora de Deus não ficará sem cumprimento, de que a salvação será consumada. Caracterizam a pessoa do Mediador celestial um serviço melhor, um testamento melhor e promessas melhores. O conceito “melhor” não é definido pelo apóstolo, mas evidenciado por fatos quanto ao seu sentido e sua importância. Para tanto serve a citação seguinte do profeta Jeremias.

- 7 O serviço sacerdotal terreno de Arão e o ministério sacerdotal celestial do Filho de Deus encontram-se na mesma relação como a antiga aliança diante da nova. A antiga aliança não era “sem defeito”, ela era “fraca e inútil” (Hb 7.18), porque ainda carecia de uma nova aliança para a libertação perfeita de todas os humanos. Somente pela morte sacrificial de Jesus a salvação de todas as pessoas tornou-se viável.
- 8 No fato de que Deus já promete no AT uma nova aliança o apóstolo reconhece uma limitação, um “defeito” da primeira aliança. O apóstolo refere detalhadamente o anúncio da nova aliança no AT através do profeta Jeremias para fundamentar o seu pensamento. O contexto deixa claro que seu interesse incide unicamente nas duas palavras “**nova aliança**”. Nesse ponto refulge toda a magnitude do AT, que também aqui aponta para o Messias vindouro e a celebração da nova aliança de Deus com o novo povo de Deus.
- 9,10 O AT conhece diversos pactos de Deus. P. ex., ele fala da aliança de Deus com Adão (Os 6.7), do pacto de Deus com Noé (Gn 9.9) e com Abraão (Gn 15.18). A “primeira” aliança (v. 7) de que fala o apóstolo é a “aliança com os pais”, a qual é lembrada pela palavra de Deus através do profeta Jeremias. Para o AT, a saída de Israel do Egito e o encontro de Deus com seu povo no Sinai estão tão estreitamente interligados como dois fatos inseparáveis, que o profeta Jeremias fala normalmente de que se firmou um pacto por parte de Deus “no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito” [Jr 31.32]. O pacto em questão é a aliança de Deus com Israel no Sinai (Êx 24.3-11), que Deus firmou com todas as tribos de Israel. Esta aliança foi quebrada pela culpa do povo, porque não cumpriu as exigências da aliança. A resposta de Deus foi o juízo: “Não mais me ocuparei deles”. Agora Deus promete erigir uma nova aliança. O conteúdo dessa aliança permanece o mesmo que o da antiga: o Senhor é o Deus de Israel – Israel é o povo de Deus. A lei que Deus concedera através de Moisés permanece mantida sem restrições, seja na promessa da proteção divina, seja também na demanda da obediência, do cumprimento da vontade divina. A inacreditável novidade dessa aliança reside em que a obediência à palavra de Deus será concretizada integralmente, porque todos os membros do povo de Deus sem exceção possuirão o entendimento correto de Deus. A antiga lei de Moisés estava escrita em tábuas (Êx 31.18; 34.27,28) ou num livro (Êx 24.7). Ela se contrapunha ao povo como um poder que demandava. Agora, porém, todos os membros desse povo de Deus trazem esta lei no coração, estão interiormente unificados com ela, de maneira que coincidem num só ato o conhecimento da lei e o seu cumprimento.
- 11,12 Na realidade dessa nova aliança tampouco haverá fracassos por parte de membros isolados do povo de Deus, os quais se transfiram como um peso para os demais. Não haverá mais necessidade da exortação e instrução mútuas. Fé, entendimento e vida formarão em todos uma unidade espiritual. Conhecimento perfeito de Deus é a grande dádiva de Deus ao seu povo. A base de sustentação de toda a promessa consiste em que Deus mesmo traçará uma linha divisória com tudo o que houve no passado. Uma vida inteiramente nova com Deus pode iniciar-se agora para as pessoas. **Pois, para com as suas iniquidades, usarei de misericórdia e dos seus pecados jamais me lembrarei.** No fato de *que* Deus o fará reside a promessa. Jeremias não diz *como* Deus o fará. O apóstolo, no entanto, sabe que esta palavra de Deus se concretiza na igreja de Jesus. Com a constituição do sumo sacerdócio de Cristo segundo a ordem de Melquisedeque entrou também em vigor a nova aliança.

- 13 Mais uma vez ele retorna ao começo da palavra de promessa trazida por Jeremias, falando da “nova aliança”. O v. 13 faz conexão direta com o v. 8. **Quando ele diz Nova, torna antiquada a primeira. Ora, aquilo que se torna antiquado e envelhecido está prestes a desaparecer.** Em parte alguma de Hb o apóstolo está empenhado em criticar de qualquer forma o AT e suas ordens e revelações, em desvalorizá-lo ou até expô-lo como de menor valor. Quando ele fala, como aqui, da “antiga”, da “primeira” aliança, não está se referindo nem ao AT na forma transmitida a nós por escrito, nem tampouco à palavra e à atuação de Deus em Israel pela lei e promessa, no juízo e na graça, mas sim à legislação cultual, à ordem sacerdotal e ao serviço sacrificial. Pelo fato de que Cristo cumpriu, com o seu sacrifício, todos os sacrifícios, foi inaugurado um novo tempo salutar, foi-nos mostrado um novo caminho de salvação. Desse modo a antiga ordem de salvação que Deus revelou a seu povo Israel não foi desvalorizada, ela continua sendo revelação santa de Deus, mas Deus mesmo a suspendeu através de Cristo. Quando Jesus morreu para a nossa salvação, acabou o tempo da lei, e teve início o “dia da salvação”.

Síntese

Incessantemente o apóstolo se referiu, em suas afirmações, ao AT. Vivamente estão diante dele a história de Israel com as ordens do AT sobre o serviço sacerdotal e o sacrifício, o santuário e o culto. Agora ele declara tudo isto como substituído e suspenso. A antiga aliança alcançou o seu final anunciado pelos profetas. – A nova aliança entrou no seu lugar. Impõe-se-nos a pergunta: se a ordem de salvação do AT já foi revogada por Deus, para que serve, então, este dispêndio de energia intelectual, de argumentações e comprovações de uma coisa que, de qualquer modo, já foi liquidada? Será que o autor não poderia ter economizado o esforço? Por que o apóstolo escreve tudo isto aos fiéis?

Consideremos uma vez que todas as cartas do NT foram, sem exceção, dirigidas a cristãos. Os apóstolos não temeram chamar repetidamente à memória dos fiéis fatos significativos por meio de um método que há muito lhes era conhecido na proclamação verbal. Diante do fato de que nosso autor também está escrevendo com tantos pormenores acerca da relação entre a antiga aliança e a nova, podemos pressupor nos leitores que eles estavam familiarizados com os fundamentos da proclamação cristã da salvação. Talvez tenham sido dois motivos que levaram o apóstolo a transmitir sua visão espiritual aos fiéis, motivos que também são importantes na atual geração para a nossa vida pessoal de fé:

O principal objetivo do autor é sobretudo que os destinatários da carta fiquem familiarizados com a glória plena de seu Senhor e Salvador. Porque tudo o que Cristo enquanto Senhor exaltado engloba essencialmente em sua pessoa, o que ele possui em glória e realiza como Sumo Sacerdote, pertence à sua igreja. Por saber que nesta terra jamais chegamos a um ponto final em nosso conhecimento espiritual, que nunca seremos pessoas prontas, o apóstolo gostaria de nos demonstrar em outros exemplos e referências do AT a magnitude indescritível de Cristo.

Igualmente podemos supor que os leitores da carta repetidamente dialogavam com pessoas, inclusive com israelitas, que ainda se apegavam às ordens do AT, dirigindo agora de sua parte perguntas aos cristãos. O apóstolo certamente não queria apenas instruir os cristãos sobre os profundos mistérios do conhecimento de Cristo, porém muni-los do necessário para que pudessem responder a perguntas de pessoas em dúvida e na busca, mostrando-lhes o caminho até Cristo. Isto também é importante para nós hoje. Seguidamente nós, cristãos, somos questionados criticamente acerca de nossa fé. Como membros da igreja de Jesus nós não devemos ler a Bíblia e freqüentar cultos somente para a nossa própria edificação e para o aprofundamento de nossa compreensão pessoal da fé. Pelo contrário, cumpre-nos captar e refletir as verdades de salvação da Escritura Sagrada de tal maneira que estejamos em condições de dar uma resposta clara e ponderada à pergunta pelo conteúdo de nossa fé, uma resposta que também poderá tornar-se uma ajuda para outros.

No presente capítulo, o autor sintetizou em frases lapidares o centro da revelação cristã. Ele fala da magnitude extraordinária da nova aliança que Deus firmou conosco em Cristo. A nova aliança se destaca diante da antiga de três maneiras:

1. Deus mesmo cumpriu por meio de Cristo a lei em todas as suas exigências. O que Jesus afirmou no Sermão do Monte: “Não vim para revogar a lei, mas para cumpri-la”, ele consumou ao morrer na cruz. Toda realização humana é excluída perante Deus, porque Deus não exige a

obediência, mas a concede pessoalmente ao coração humano, no ponto em que no ser humano natural principiam o orgulho e a oposição. Deus mesmo efetua o milagre. Suas leis não são mais escritas sobre tábuas de pedra, mas em corações humanos (2Co 3.3). Pelo fato de que as leis de Deus são inscritas no coração e na mente surge um novo entendimento entre Deus e seu povo. A palavra e vontade de Deus são compreendidas corretamente e praticadas de coração. Na igreja de Jesus a palavra do salmo de Davi torna-se uma experiência viva pessoal: “Tenho prazer em fazer a tua vontade, ó Deus meu, e dentro do meu coração trago a tua lei” (Sl 40.8). Processa-se uma transformação de coração e mente que torna possível cumprir os mandamentos de Deus. O apóstolo Paulo articula esta realidade com as seguintes palavras: “a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Rm 8.4 [RC]).

2. É bem verdade que também na época do AT havia perdão eficaz dos pecados, contudo o ser humano sempre dependia de sua própria força na sua atuação perante Deus. Somente a nova aliança traz o perdão definitivo de todas as transgressões e faz com que os pecados sejam esquecidos, porque o Espírito Santo transforma os corações (cf. 1Jo 1.9). Por isto a nova aliança é anunciada no AT também como “aliança eterna” (Jr 32.40) e como “aliança de paz” (Ez 34.25). A promessa de Deus através de Isaías: “Eu, eu mesmo, sou o que apago as tuas transgressões por amor de mim e dos teus pecados não me lembro” (Is 43.25) foi cumprida por meio de Cristo. O perdão de nossos pecados, pois, não depende mais de um sacrifício que as pessoas tenham de oferecer, porém reside exclusivamente na circunstância de que Cristo entregou a sua vida pelos pecados de todos os humanos.

3. A instrução humana recíproca é suspensa. Através de Jesus Cristo Deus se dá a conhecer diretamente a cada pessoa que pertence ao novo povo da aliança. Israel tinha a lei. Também os profetas iluminados pelo Espírito de Cristo (1Pe 1.10,11) trouxeram ao povo de Israel a mensagem de Deus. Porém somente a igreja de Jesus, cujos membros são “participantes do Espírito Santo” (Hb 6.4), que habita nos fiéis (2Tm 1.14) possui o conhecimento pleno de Deus.

10. A limitação temporal e terrena do tabernáculo e de suas ordens, 9.1-10

- ¹ Ora, a primeira aliança também tinha preceitos de serviço sagrado e o seu santuário terrestre.**
- ² Com efeito, foi preparado o tabernáculo, cuja parte anterior, onde estavam o candelero, e a mesa, e a exposição dos pães, se chama o Santo Lugar;**
- ³ por trás do segundo véu, se encontrava o tabernáculo que se chama o Santo dos Santos,**
- ⁴ ao qual pertencia um altar de ouro para o incenso e a arca da aliança totalmente coberta de ouro, na qual estava uma urna de ouro contendo o maná, o bordão de Arão, que floresceu, e as tábuas da aliança;**
- ⁵ e sobre ela, os querubins de glória, que, com a sua sombra, cobriam o propiciatório. Dessas coisas, todavia, não falaremos, agora, pormenorizadamente.**
- ⁶ Ora, depois de tudo isto assim preparado, continuamente entram no primeiro tabernáculo os sacerdotes, para realizar os serviços sagrados;**
- ⁷ mas, no segundo (tabernáculo) o sumo sacerdote, (entra) ele sozinho, uma vez por ano, não sem sangue, que oferece por si e pelos pecados de ignorância do povo,**
- ⁸ querendo com isto dar a entender o Espírito Santo que ainda o caminho do Santo Lugar não se manifestou, enquanto o primeiro tabernáculo continua erguido.**
- ⁹ É isto uma parábola para a época presente; e, segundo esta, se oferecem tanto dons como sacrifícios, embora estes, no tocante à consciência, sejam ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto,**
- ¹⁰ os quais não passam de ordenanças da carne, baseadas somente em comidas, e bebidas, e diversas abluções, impostas até ao tempo oportuno de reforma.**

1,2 De maneira sempre diferente o apóstolo enceta as suas reflexões para destacar a convergência entre a antiga e a nova aliança, mas para também deixar claras a *limitação* do AT e a *superioridade* do NT. O centro de todas as suas afirmações permanece sendo Cristo, o Filho de Deus, em cuja pessoa convergem todas as linhas da história da salvação, por intermédio de quem se cumprem todas as

promessas do AT e por cujo serviço de sumo sacerdote foram consumadas e suspensas todas as ordens sacerdotais e leis cultuais do AT. No oitavo capítulo o autor falara da nova aliança prometida; agora seus pensamentos transitam mais uma vez de volta ao AT, à peça axial da ordem de salvação do AT: santuário e sacrifício. **A primeira aliança também tinha preceitos de serviço sagrado e o seu santuário terrestre.** A antiga e a nova alianças estão ambas construídas sobre ordens de Deus. Também as antigas ordens têm sua razão de ser e seu significado, porque são paradigma para o futuro que começou com Jesus. Contudo, o preceito antigo e o novo se relacionam como letra e Espírito (Rm 7.6; 2Co 3.6), como réplica (em grego, *hypódeigma*) e figura original (em grego, *týpos*), cf. Hb 8.5. **Com efeito, foi preparado o tabernáculo, cuja parte anterior, onde estavam o candeeiro, e a mesa, e a exposição dos pães** (“pães da proposição” [RC]), **se chama o Santo Lugar.** O apóstolo localiza as ordens de Deus para o serviço sacerdotal israelita na forma mais pura e clara nas instruções que Moisés recebeu para a instalação do tabernáculo. Ele não tem interesse nas condições históricas da sua atualidade nem do seu passado recente, p. ex., nas formas de culto como eram praticadas na época de Jesus no templo de Jerusalém. Pelo contrário, interessa-se apenas pelos fatos da história de Israel, do povo de Deus peregrino, na medida em que ocorrem nela indícios históricos para a igreja de Jesus. Por isto ele retoma os preceitos da palavra de Deus de Êx 25,26.

3,4 O tabernáculo, a tenda da revelação de Deus, subdividia-se no “Santo Lugar”, a ante-sala, com candeeiro, mesa e pães da proposição, e no “Santíssimo”, o verdadeiro centro espiritual do lugar da revelação de Deus. **Por trás do segundo véu, se encontrava o tabernáculo que se chama o Santo dos Santos.** Já havia chamado atenção, no relato sobre Melquisedeque em Hb 7.1-3, com que cuidado o autor aproveita certos processos da história. Com exatidão idêntica ele também apresenta agora uma descrição do santuário do AT, na qual entra em minúcias. Para afirmações posteriores é importante para ele a relação entre Santo Lugar e Santíssimo, assim como o fato de que ambos os recintos sagrados estavam separados pelo véu. Os detalhes referidos no AT sobre a organização do tabernáculo tornam-se transparentes para ele, deixando transparecer algo das ordens da salvação do NT. Em seu comentário a Hb, Lutero assinalou nitidamente com poucas palavras as linhas de correlação entre o AT e o NT e, desta forma, a revelação precedente de Cristo na antiga aliança, de modo que queremos deixar que ele próprio fale: “O candeeiro com as hastes e as sete lâmpadas significam ou a palavra de Deus, quero dizer a palavra proclamada, pela qual a igreja é iluminada na presente vida... Ou, quando o conjugarmos com Ap 1.20, os sete lustres dourados, como consta ali, são as sete comunidades, i. é, as comunidades em conjunto... A mesa com os pães da proposição significa ou novamente a Escritura Sagrada, que os fiéis recebem da boca do pregador como que a partir da mesa... ou a mesa é o próprio Cristo, que é o nosso altar e sacrifício e pão, conforme afirma em Jo 6.35,48: ‘Eu sou o pão da vida...’ A arca de madeira durável de acácia, coberta de ouro por todos os lados, significa o mesmo Cristo, nascido da carne mais pura e não corrompida da virgem, e enfeitado de todos os lados precisamente com o ouro celestial da sabedoria e da graça.”

No modo do relato dois fatos especiais chamam nossa atenção: o apóstolo recorre às ordens originais de Deus para Israel, assim como foram comunicadas por Moisés ao povo no monte Sinai. Quando fala da **arca da aliança** e seu conteúdo, fixa-se exclusivamente no relato sobre o tempo da peregrinação pelo deserto. Ao que parece, não leva em consideração a trajetória posterior que a arca da aliança percorreu na história de Israel. Com o povo de Israel a arca da aliança chegou a Canaã (Js 3.14-17). Em Betel, ela ficou localizada no lugar em que Israel se congregava para o sacrifício e a adoração (Jz 20.26,27). Na época de Samuel, a arca encontrava-se no santuário de Siló (1Sm 1.3; 4.4; Sl 78.60). De lá os israelitas a levaram consigo na batalha contra os filisteus, os quais a conquistaram e a conservaram durante sete meses em seu poder (1Sm 4.11; 5.1; 6.1). A recondução da arca da aliança às mãos do povo de Israel aconteceu através de Bete-Semes (1Sm 6.15) para Quiriate-Jearim (1Sm 7.2), onde foi guardada durante vinte anos (cf. Js 15.9; 2Sm 7.2). De lá buscou-a o rei Davi, deixou-a durante três meses na casa de Obede-Edom (2Sm 6.2-11), levando-a depois para Jerusalém, onde tinha preparado especialmente uma tenda para ela, na qual ficou guardada (2Sm 6.12-17). A tenda original, o tabernáculo, na qual a arca da aliança deveria ficar exposta, estava em Gibeão até a época de Salomão (2Cr 1.3,4). Quando Salomão terminou a construção do templo em Jerusalém, a arca da aliança e a “tenda sagrada” foram trasladadas para o templo (1Rs 8.3,4; 2Cr 5.2-5). Naquela época restava na arca da aliança tão somente a lei De Deus (1Rs 8.9; 2Cr 5.10). Depois da destruição de Jerusalém a arca da aliança desapareceu. A Bíblia não informa mais nada a seu respeito. Tradições tardias do judaísmo supunham que a arca da aliança tenha sido levada à Babilônia ou que Josias ou

talvez também Neemias a tenham ocultado num local desconhecido. O livro apócrifo do AT, 2Macabeus 2.4-7, informa que: “O profeta (Jeremias), advertido por um oráculo, ordenou que o acompanhassem com a tenda e a arca, ao sair ele para a montanha onde Moisés, tendo subido, contemplou a herança de Deus. Ali chegando, Jeremias encontrou uma habitação em forma de gruta, onde introduziu a tenda, a arca e o altar dos perfumes, obstruindo, depois, a entrada. Aproximando-se, então, alguns dos que o tinham acompanhado, ao pretenderem assinalar o caminho, não puderam mais identificá-lo. Ao saber disso, Jeremias censurou-os, dizendo: ‘O lugar permanecerá incógnito até que Deus realize a reunião do seu povo, mostrando-se misericordioso’ ” (BJ).

Se por um lado este relato nos faz recordar as ordens fundamentais de Deus, que se espelham no tabernáculo, notamos por outro lado de que maneira despreocupada o apóstolo pode recorrer a tradições da teologia do judaísmo tardio ao descrever os detalhes do tabernáculo. A palavra grega *thymiatérion* pode significar tanto “altar do incenso” quanto também “bandeja de incenso”. No presente versículo provavelmente temos de vertê-la para “altar do incenso”. Hb 9.4 informa que o altar de incenso situava-se *atrás* da cortina, dentro do Santíssimo. A ordem original de Êx 30.6 e 40.26, porém, dispõe que o altar de incenso deve estar *diante* do véu. No grande dia da reconciliação costumava-se levar a bandeja do incenso para trás da cortina, ao Santíssimo (Lv 16.12,13), porém o altar do incenso permanecia fixo diante da cortina. O sacerdote meramente tomava do fogo do altar de incenso, levando-o com incenso para dentro do Santíssimo. Na Bíblia, porém, não nos é dada nenhuma informação sobre o local em que foram guardadas a bandeja e a concha do braseiro. Algo semelhante acontece com a urna de ouro (que continha o maná) e o bordão de Arão (Hb 9.4). Por instrução de Deus, eles *não* eram guardados dentro da arca da aliança, mas *na frente* dela. Desde a construção do Templo em Jerusalém por meio de Salomão havia nele um pátio externo e interno, a ante-sala e o recinto posterior do templo. O altar de incenso, porém, encontrava-se de novo diretamente diante do Santíssimo (1Rs 6.20-22). Somente em épocas posteriores houve tradições no judaísmo que alegavam ter conhecimento de uma alteração posterior dessa ordem original, e segundo as quais o pote com maná e o bastão de Arão eram guardados dentro do próprio Santíssimo. Um escrito judaico tardio, o Apocalipse de Baruque sírio, dá notícias de que o altar de incenso se situava no Santíssimo.

Pelo fato de que o apóstolo acolhe tranqüilamente estas antigas tradições judaicas, incorporando-as em seu relato sobre as ordens de Deus no tabernáculo, fica-nos evidente que ele em última análise considera a revelação do AT como ainda não encerrada em si, mas como passível de ampliações, e que somente na nova aliança nos é concedida, pela ação do Espírito Santo, a revelação plena e definitiva. Tanto aqui como em outras passagens descobrimos a disposição do apóstolo de admitir formas de pensamento e afirmativas do judaísmo tardio como o recipiente que Deus escolheu para a sua revelação na nova aliança.

Em todos os casos, o autor não tem o objetivo de responder a eventuais perguntas sobre o lugar do altar de incenso no santuário. Ele deseja dirigir a atenção dos leitores unicamente para a arca da aliança (mais que sobre seu conteúdo ou os demais utensílios), precisamente sobre o local da revelação e reconciliação no AT.

- 5 O apóstolo finaliza o relato sobre as instalações do tabernáculo com a frase: **e sobre ela, os querubins de glória, que, com a sua sombra, cobriam o propiciatório.** Nos primórdios da humanidade Deus havia feito dos querubins executores do juízo nas pessoas desobedientes. Eles acampavam-se na entrada do paraíso, sendo assim guardiões das ordens de Deus, que impediam o retorno dos humanos para a comunhão com Deus. Réplicas dos querubins também haviam sido bordadas na cortina que separava o santuário do Santíssimo. Desta maneira, os sacerdotes, a prestarem seu serviço diário, eram repetidamente lembrados da separação de Deus causada pela culpa dos próprios seres humanos. Contudo, já no AT os pensamentos de Deus ultrapassam a culpa do ser humano e apontam para a reconciliação que Cristo um dia haveria de trazer. Por isto, por instrução de Deus, dois querubins, que dirigiam seu rosto para o propiciatório, o local da reconciliação, tinham de ser afixados no “propiciatório” sobre a arca, sobre o qual era aspergido o sangue do sacrifício, anualmente no grande dia da reconciliação. Este propiciatório, a “cadeira da graça”, era o local da revelação de Deus, no sentido mais profundo o local da reconciliação do ser humano pecador com o Deus santo. Aquilo que a cada ano se repete no grande dia da reconciliação com significado simbólico em Israel – a reconciliação do povo no trono da graça, o local da revelação de Deus – isto Cristo alcançou por sua morte no Gólgota com perfeição absoluta: “a quem

Deus propôs, no seu sangue, como propiciação (em grego, *hilastérion*) mediante a fé, para manifestar a sua justiça” (Rm 3.25).

O apóstolo não pretende ficar parado na descrição do tabernáculo, mas sim continuar até a prática do serviço sacerdotal do AT. Por isto ele acrescenta a breve frase: **Dessas coisas, todavia, não falaremos, agora, pormenorizadamente.** Com isto ele indica que ainda poderia relatar muito mais sobre os detalhes do tabernáculo, da arca da aliança e dos utensílios das celebrações do AT, e que também sabe mais sobre seu significado simbólico espiritual para a comunidade de Jesus do que expressa neste lugar. Deste fato podemos depreender que todos os dados do AT referentes ao serviço sacerdotal e ao santuário de Israel possuem uma importância espiritual para a igreja de Jesus, sem que hoje ainda tenhamos condições de determinar de modo compromissivo o sentido profundo de todos os pormenores (cf. Hb 9.21,23).

6-8 Depois de descrever o tabernáculo, o autor traz informações sobre a prática do serviço sacerdotal em Israel. A distinção entre primeira e segunda tenda, Santo Lugar e Santíssimo, possui importância singular para o apóstolo. O Santo Lugar é o espaço de vida do sacerdote do AT. Nele ele precisa celebrar diariamente o culto a Deus. No entanto, o Santo Lugar não é mais que ante-sala. O verdadeiro centro, o eixo de toda a revelação divina, é o Santíssimo, no qual unicamente o sumo sacerdote pode ingressar a cada ano, apenas uma única vez, para ministrar a oferta. O autor está pensando especialmente no grande dia da reconciliação, que é descrito em Lv 16. O sumo sacerdote não podia entrar sem sangue na presença de Deus. Deus havia se revelado a seu povo como um Deus santo, em cuja proximidade o ser humano pecador precisa morrer. Somente o sangue expiatório tornava viável que o sumo sacerdote terreno ficasse diante da arca da aliança, o local da revelação de Deus. Nesta passagem, o autor apostólico já nos permite estimar algo do valor imensurável do sangue de Jesus, que nos possibilita um acesso duradouro ao coração de Deus (cf. Hb 9.22). No seu entendimento, a concretização da reconciliação no santuário do AT constitui uma prova direta da obra de redenção consumada por Cristo. **Querendo com isto dar a entender o Espírito Santo que ainda o caminho do Santo Lugar não se manifestou, enquanto o primeiro tabernáculo continua erguido.** O Espírito Santo, portanto, não fala apenas pelos profetas do AT (2Sm 23.2) e aponta para a vinda de Cristo (1Pe 1.10,11), mas ele também utiliza as ordens de salvação do AT como paradigmas e “material ilustrativo” para instruir o povo de Deus no AT e no NT sobre Cristo. Assim como Santo Lugar e Santíssimo formam uma unidade, assim também a antiga e a nova ordem condicionam-se mutuamente. A ordem do AT quanto ao culto israelita é exemplar para a ordem da salvação e da vida da igreja de Jesus. Ao mesmo tempo, porém, a antiga e a nova ordem também se excluem: enquanto for praticada a antiga ordem, a nova ainda não é eficaz. Quando, porém, a nova ordem entra em vigor, a antiga é revogada (cf. Ef 2.14-18).

9,10 A antiga ordem sacerdotal em Israel é uma parábola para a época presente; e, segundo esta, se oferecem tanto dons como sacrifícios, embora estes, no tocante à consciência, sejam ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto. O AT constitui revelação de Deus em sentido pleno, porém apesar disso é apenas revelação preliminar de Deus com vistas à salvação eterna que Deus quer preparar para todas as pessoas. A ordem sacerdotal do AT é uma “parábola”, um símbolo e uma indicação para a atualidade. Isto significa que Santo Lugar e Santíssimo, serviço cotidiano dos sacerdotes do AT e serviço único do sumo sacerdote no NT correspondem um ao outro como o AT e o NT. Dádivas e sacrifícios, ofertas de manjares e libações, bem como lavagens sacerdotais, são somente ordens. Não podem purificar verdadeiramente as consciências das pessoas. Elas recebem toda a sua energia espiritual somente por meio de uma instituição de Deus com vistas à ordem de salvação vindoura, que já lhes comunica preliminarmente sua força. Foram instituídas apenas transitoriamente até o tempo de uma ordem melhor, que irrompe com Cristo. Nas ordens legais do AT, a consciência humana, carregada de culpa, que tem ciência do direito de Deus e das próprias faltas e da responsabilidade perante Deus, não pode obter paz. Ela é lembrada repetidamente de sua culpa (Hb 10.2). Somente no sacrifício de Cristo, na purificação dos pecados pelo sangue de Jesus, o ser humano experimenta perdão, purificação e renovação completas, de seu coração e sua consciência.

Síntese

Com poucos traços o apóstolo já havia esboçado em Hb 8.1-5 um quadro do santuário e do serviço sacrificial. No presente trecho ele retomou estas idéias e elaborou pormenores. Especialmente dois conceitos chamam a nossa atenção, com os quais o apóstolo distribui as ênfases de seu relato. Ele

diz: o santuário no povo de Israel, com seu culto de sacrifícios, tinha *característica simbólica* e constituiu uma *indicação* para Cristo e as leis de vida espiritual da igreja de Jesus.

O tabernáculo estava subdividido em Santo Lugar e Santíssimo. O Santo Lugar simboliza o tempo da antiga aliança, o Santíssimo o tempo da igreja, na qual pessoas – purificadas pelo sangue de Jesus – têm acesso direto a Deus. Na mesma relação estão o AT e o NT: no Santo Lugar os sacerdotes *pressentiam* algo da presença de Deus, no Santíssimo a comunhão com Deus era *experimentada* como realidade redentora e libertadora. Assim, todo o AT é uma revelação que conduz a Cristo, cuja glória divina nos é manifesta em plenitude somente no NT. Contudo, o apóstolo demonstra ainda outra relação com base no Santo Lugar e no Santíssimo. Cristo e sua igreja estão um para o outro da mesma maneira como o sumo sacerdote para a grande multidão dos sacerdotes. Enquanto nós, como membros da igreja, formamos a nova multidão de sacerdotes e estamos unidos com Cristo pela fé, vivendo diariamente no Santo Lugar – simbolizado pelo candeeiro dourado e pelos pães sagrados, Cristo, como Sumo Sacerdote celestial, ainda oculto aos nossos olhos, exerce seu serviço no Santíssimo, na presença imediata de Deus, na posse plena de glória divina.

Por mais rico que seja o AT em indícios de Cristo e nos mostre com isto que todos os pensamentos de salvação da parte de Deus através dos séculos levam a Cristo, apesar disto encontra-se nesse ponto também o *limite* da revelação do AT. Santuário e serviço sacrificial terrenos possuem somente uma importância restrita. São nada mais que uma ordem provisória, que é revogada “*no tempo oportuno da instauração da verdadeira ordem*” (Hb 9.10). Este tempo oportuno chegou quando a obra de salvação foi consumada através de Cristo. Todos os sacrifícios do AT conseguiam conferir às pessoas apenas a pureza cultural, que lhes permitia entrar no tabernáculo. O sacrifício de Jesus nos toma “lá, onde nenhum mandamento e sacrifício humanos podem jamais alcançar: na consciência. Então, porém, ele conclama o ser humano integral para um novo sacrifício, que é discipulado e louvor ao mesmo tempo (Hb 13.13,15). Esta purificação radical aponta para além de qualquer possibilidade pela lei”.

11. O cumprimento de todos os sacrifícios, exemplos e promessas do AT pelo único sacrifício de Cristo, 9.11-28

- ¹¹ Quando, porém, veio Cristo como sumo sacerdote dos bens já realizados, mediante o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, quer dizer, não desta criação,**
- ¹² não por meio de sangue de bodes e de bezerros, mas pelo seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção.**
- ¹³ Portanto, se o sangue de bodes e de touros e a cinza de uma novilha, aspergidos sobre os contaminados, os santificam, quanto à purificação da carne,**
- ¹⁴ muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!**
- ¹⁵ Por isso mesmo, ele é o Mediador da nova aliança, a fim de que, intervindo a (sua) morte para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança, recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados.**
- ¹⁶ Porque, onde há testamento, é necessário que intervenha a morte do testador (do que outorgou o testamento);**
- ¹⁷ pois um testamento só é confirmado no caso de mortos; visto que de maneira nenhuma tem força de lei enquanto vive o testador.**
- ¹⁸ Pelo que nem a primeira aliança foi sancionada sem sangue;**
- ¹⁹ porque, havendo Moisés proclamado todos os mandamentos segundo a lei a todo o povo, tomou o sangue dos bezerros e dos bodes, com água, e lã tinta de escarlata, e hissopo e aspergiu não só o próprio livro, como também sobre todo o povo,**
- ²⁰ dizendo: Este é o sangue da aliança, a qual Deus prescreveu para vós outros.**
- ²¹ Igualmente também aspergiu com sangue o tabernáculo e todos os utensílios do serviço sagrado.**

- ²² Com efeito, quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e, sem derramamento de sangue, não há remissão.
- ²³ Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que se acham nos céus se purificassem com tais sacrifícios, mas as próprias coisas celestiais, com sacrifícios a eles superiores.
- ²⁴ Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus;
- ²⁵ nem ainda para se oferecer a si mesmo muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no Santo dos Santos com sangue alheio.
- ²⁶ Ora, neste caso, seria necessário que ele tivesse sofrido muitas vezes desde a fundação do mundo; agora, porém, ao se cumprirem os tempos, se manifestou uma vez por todas, para aniquilar, pelo sacrifício de si mesmo, o pecado.
- ²⁷ E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo,
- ²⁸ assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação.

O trecho de Hb 9.11-14 contém as afirmações centrais sobre a obra de redenção de Jesus: o Sumo Sacerdote celestial a si mesmo se ofereceu como sacrifício. O que era sugerido pela entrada do sumo sacerdote no dia da reconciliação, foi realizado de fato por Jesus com autoridade divina. Tudo o que é velho está superado, vencido, cumprido! Neste contexto nos são nomeadas as principais palavras-chave que nos abrem o entendimento de toda a carta: “uma vez por todas” no v. 12 e “muito mais” no v. 14. O caráter único e a magnitude sobrepujante do sacerdote no NT mostram-se no fato de que Cristo foi instituído como sumo sacerdote sobre os verdadeiros bens do tempo da salvação divina. Ele presta serviço no santuário celestial, que não pertence à presente criação. Ele oferta seu próprio sangue, realizando desta maneira uma redenção definitiva. Apenas pelo sacrifício de Jesus tornou-se possível verdadeiro culto a Deus.

Os manuscritos do NT apresentam no início do v. 11 duas versões divergentes, de forma que podemos traduzir o versículo de diferentes maneiras. O *Códice Vaticano* traz a versão: “Cristo veio como sumo sacerdote dos bens de salvação *verdadeiros* (fatuais)”. Para este mesmo entendimento aponta também um dos documentos textuais mais antigos, o *Papiro Chester-Beatty II*. Neste caso, podemos entender a afirmação do apóstolo no sentido de que Jesus como Sumo Sacerdote transmite verdadeiros bens de salvação (cf. Hb 6.5: “que provaram os poderes do mundo vindouro”), não apenas promessas que apontam para o futuro. No *Códice Sinaítico* e no *Códice Alexandrino* e outros manuscritos importantes ocorre: “Cristo, porém, tendo vindo como Sumo Sacerdote dos bens de salvação *futuros*”. Nesta versão sugere-se o sentido de que as dádivas graciosas de Deus, que nos foram conquistadas por meio de Cristo, serão manifestas somente no futuro. A primeira leitura, que no texto grego é um pouco mais difícil de entender, deve ser provavelmente a original. Entretanto, a segunda versão complementa o sentido da primeira. Por isto traduzimos assim: *Cristo veio como Sumo Sacerdote dos verdadeiros bens da salvação*. Os verdadeiros bens da salvação são os “bens futuros” (cf. Hb 10.1), isto é: a glória vindoura de Deus, que se manifestará visivelmente na terra, a “eterna herança” dos fiéis (Hb 9.15). Cristo veio ao mundo como o grande Sumo Sacerdote, a fim de distribuir *já agora* em sua igreja as bênçãos futuras.

- 11,12** Numa só frase (v. 11,12) o apóstolo resume mais uma vez tudo o que ele já expôs com detalhes nas unidades de Hb 8.1-6 e 9.1-10: todo o serviço sumo sacerdotal do AT, incluindo vocação, intercessão, mediação e santuário terreno, foi elevado a um novo nível em Cristo. O santuário terreno, erigido por mãos humanas de acordo com a ordem de Deus, era passageiro. No significado e nos efeitos ele estava subordinado a uma limitação temporal fixada pelo próprio Deus. Aqui o sumo sacerdote do AT tinha de prestar o seu serviço. Cristo, em contrapartida, está ligado ao tabernáculo infinitamente maior e mais perfeito, aquele verdadeiro santuário, no qual a presença de Deus está diretamente manifesta, que não foi feito por mãos humanas, que nem sequer pertence a este mundo e a esta criação terrena. À magnitude sobrepujante do santuário celestial frente à réplica terrena corresponde também o sacrifício perfeito, para o qual o Sumo Sacerdote contribui com o seu próprio sangue. A redenção eterna, que era o anseio mais profundo por trás de cada cerimônia sacrificial do devoto do AT, tornou-se realidade em Jesus Cristo. O fato de que sua entrada no santuário celestial

foi necessária somente uma única vez e realizou a libertação eterna para o mundo inteiro perdido em pecado e culpa faz com que pressintamos o valor imensurável do sangue de Jesus.

- 13** No AT Deus havia dado uma ordem ao seu povo Israel, em que está baseada toda a expiação sacrificial em cultos: “A vida da carne está no sangue, e eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para que com ele se faça expiação por vós; porque é o sangue que efetua expiação por intermédio da vida inerente nele” (Lv 17.11). O sangue é a sede da vida, somente Deus dispõe sobre ele. Por isto, não apenas é vingado por ele o sangue humano inocentemente derramado (Gn 9.5), mas da mesma maneira também é proibido o consumo de sangue de animais sob pena de morte. Sangue é santo, ele pertence a Deus. O sangue do animal sacrificado era devolvido a Deus, ao ser derramado no altar. O sangue servia para aspergir o altar (Êx 29.16; Lv 3.2), o sumo sacerdote (Êx 29.21) e a cortina do templo (Lv 4.6, literalmente “borrifar”; Nm 19.4). O sangue do sacrifício, no entanto, também tinha força para reconciliar, purificar e santificar. As aspersões com **o sangue de bodes e de touros e a cinza de uma novilha** na “água purificadora” (Nm 19) constituíam atos simbólicos que recebiam seu poder pela palavra determinadora de Deus. A obediência a estas ordens de Deus proporcionava uma pureza cultural transitória, que permitia ao israelita entrar no santuário terreno. Ainda que estes sacrifícios provisórios qualificassem os israelitas para buscarem a comunhão com Deus, não era possível alcançar através deles uma purificação permanente da consciência e uma renovação do coração.
- 14** O sacrifício de Jesus, no entanto, sua importância e eficácia são infinitamente maiores que tudo o que qualquer sacrifício humano era capaz de alcançar: **Muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!** A imensurável ação salvadora de Deus e a carência humana por salvação estão sendo enfocadas conjuntamente nessa palavra. O eterno Sumo Sacerdote consumou a maravilhosa obra de redenção: sacrificou-se pessoalmente. Pagou o preço da redenção eterna – seu próprio sangue. Contudo, a magnitude do feito de salvação de Deus e a dimensão da carência de salvação do ser humano são correlatas. É tão grande o poder do pecado, tão infinitamente profunda a queda do ser humano, que foi necessário tamanho sacrifício para superar o abismo entre Deus e o ser humano.

O sangue do Cristo é sangue sacrificial, o qual ele ofereceu a Deus em obediência perfeita (Rm 5.19; Fp 2.8; Hb 5.8), por ocasião de sua auto-entrega na cruz. Com seu sofrimento e morte Jesus realizou o verdadeiro sacrifício para o aniquilamento dos pecados e erigiu, no lugar de todos os sacrifícios oferecidos pelas pessoas, o sacrifício perfeito de sua vida. Desta forma concretizou a reconciliação do ser humano com Deus. Por meio de seu sangue sacrificial Cristo redimiu e libertou o novo povo de Deus, a comunhão dos fiéis, do poder do diabo e de todas as forças malignas (At 20.28; Ef 1.7; 1Pe 1.19; Ap 5.9). O sangue de Jesus efetua a justificação diante de Deus para todo aquele que pela fé aceita para si pessoalmente a morte sacrificial de Jesus (Rm 3.25; 5.1,9). Quem rende sua vida a Jesus Cristo pela fé, quem se torna propriedade de Jesus, obtém, pela força do sangue, a purificação dos pecados. Deus extingue toda a culpa na vida da pessoa que lhe confessa seus pecados na confiança da fé (1Jo 1.7-10; Ap 1.5; 7.14). Visto que o sangue de Cristo é eficaz por todo o tempo para a sua igreja, é possível, ao que crê, ter uma consciência limpa perante Deus (cf. Hb 9.14 com 10.22; 13.18). No AT a reconciliação e a purificação eram dois atos distintos, porém interiormente relacionados. A reconciliação acontecia através do sangue sacrificial no Santíssimo uma vez por ano na grande festa da reconciliação. A purificação podia ser realizada seguidamente durante o ano fora do Santíssimo. Ambos os atos foram reunidos no NT na redenção por meio do sangue de Jesus Cristo.

Contudo, através do sangue de Jesus não somente obtemos o perdão de nossa culpa e a libertação do poder coercitivo do pecado (1Pe 1.18,19). No sangue de Jesus também reside o poder da santificação (Hb 13.12) e a superação de todos os poderes hostis a Deus (Ap 12.11). Uma força transformadora e renovadora jorra para dentro de nossa vida da morte propiciatória de Jesus quando aceitamos a sua libertação pela fé. Em decorrência, seu santo sangue também nos possibilita uma vida na presença de Deus. Ele nos abre o acesso a Deus (Hb 10.19; Ef 2.13,18). Temos ingresso direto até sua glória. Tudo isto nos é concedido pelo sangue de Jesus, mais precisamente *apenas* pelo *seu* sangue. O sangue de Jesus não somente é sinal e expressão de sua morte sacrificial na cruz. Não se pode trocar sem mais os conceitos “sangue de Cristo” e “morte”. O sangue de Cristo significa mais. Compete-lhe uma realidade espiritual própria. Moisés não somente sacrificou o animal (cf. Hb 9.19-

21), mas ele também aspergiu o povo com o sangue do sacrifício, de maneira que o poder reconciliador e purificador foi concedido a cada membro do povo de Deus pessoalmente. A aspersão com sangue também é importante no novo povo de Deus como realidade espiritual (Hb 10.22). Por meio do sangue, a morte de Jesus foi relacionada com cada pessoa individualmente. Aspergindo o sangue sobre o que sacrificava, a energia reconciliadora e purificadora da morte sacrificial era aplicada a ele pessoalmente. O que se processava com sangue de animais de modo perceptível aos sentidos no âmbito da comunidade do AT, acontece no âmbito da igreja do NT com o sangue de Jesus de forma invisível como realidade espiritual. Quando pela fé reclamamos pessoalmente para nós o sangue de Jesus, é-nos proporcionada a força de sua morte sacrificial em todas as suas conseqüências.

Pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus. Nos pensamentos do autor surge a imagem do servo de Deus, cuja vinda fora anunciada por Isaías (Is 53). Ele haveria de dar sua vida como sacrifício pela culpa de muitos, carregar o seu pecado e empenhar-se por sua justificação. A promessa de Deus anunciou: “pus sobre ele o meu Espírito” (Is 42.1). O sacrifício de Jesus brotou de uma entrega integral e de uma comunhão com Deus inviolada. Assim como durante sua vida na terra o Espírito Santo foi a força motora de sua atuação (Mt 4.1), assim ele também o foi quando Jesus agiu pela nossa redenção. Enquanto o “sangue” indica a nossa natureza humana, da qual Jesus era partícipe (cf. Hb 2.14), o “Espírito” aponta para a sua natureza divina. A exigência de Deus no AT, de que o animal do sacrifício tinha de ser sem mácula (Êx 12.5; Lv 1.3; 22.20; Nm 19.2), não foi revogada no NT. Cristo também cumpriu esta lei de Deus em sua própria pessoa (Mt 5.17; 1Pe 1.19). Cristo foi ele mesmo o cordeiro sem defeito, que realizou satisfação pela culpa de todas as pessoas, e através do Espírito Santo ele comunica aos membros de sua igreja sua própria natureza, que o capacitou para o sacrifício, para que também nós nos tornássemos capazes para a entrega e o sacrifício de nossa vida (Rm 12.1,2).

No lugar do sacerdócio do AT foi posta a igreja de Jesus (1Pe 2.9; Ap 1.6; 5.10). Também ela precisa de purificação, não de purificação cultural, mas de uma purificação da consciência. Somente o sangue de Jesus tem a força para purificar nossa consciência. Purificação não somente significa que Deus perdoa o pecado, retirando-a de nós, mas que o pecado é apagado diante de Deus. É por isto que a purificação da consciência inclui que também deverá ser tirada de nossa consciência a recordação do pecado (cf. Hb 10.2,3).

Ao contrário do AT, o serviço sacerdotal no NT não se processa mais num santuário terreno, mas pelo Espírito Santo, na presença imediata – ainda que para nós por enquanto invisível – de Deus (Jo 4.21-24). Culto verdadeiro é adoração de Deus no Espírito e na verdade e inclui a entrega de nossa vida ao Senhor. Quando o apóstolo enfatiza de modo especial que o sangue de Jesus Cristo **purificará a nossa consciência de obras mortas**, ele não está pensando primordialmente em atos reprováveis isolados, nos quais se manifesta abertamente a rebelião do ser humano não redimido. Ele está caracterizando toda a esfera de vida do ser humano em todas as suas expressões, enquanto estiver fora da comunhão com Deus (Ef 2.1,2). Sem arrependimento não existe purificação. Sem purificação das obras mortas não é viável nenhum serviço a Deus. Quando, porém, ocorrer a renovação da vida através do sangue de Jesus, então o Espírito de Deus conduz o fiel para o serviço ao Senhor. O alvo de Deus com as pessoas aqui na terra corresponde ao estado original do ser humano na criação: ele deve servir ao Deus vivo de consciência pura (cf. Gn 1,2). Aquilo que o ser humano inviabilizou ao soltar-se de Deus foi restabelecido por Cristo na comunidade dos fiéis. Deste modo, o sacrifício de Jesus Cristo, sua paixão e morte na cruz, suspende as conseqüências da queda do pecado, repetidamente conduzindo de volta ao desígnio original do ser humano aquele que usa para si a força deste sacrifício. Na comunhão com Cristo aprendemos novamente a servir a Deus em dependência voluntária, com todas as dádivas e capacidades com que ele nos presenteou.

- 15 O sangue de Jesus é sangue sacrificial. É isto que o apóstolo também destaca novamente nesse versículo: a morte de Jesus é **para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança**. O sacrifício de Jesus é suficiente para a culpa de todas as pessoas, ele efetua uma redenção abrangente. Apesar da queda do pecado ninguém mais tem de se perder (cf. At 17.30). Contudo, o sangue de Jesus é sangue sacrificial e sangue da aliança. O sangue sacrificial e o sangue da aliança formam uma unidade (cf. Êx 24.5,8; Sl 50.5). Como sangue da aliança, o sangue de Jesus constitui a base para a realização da nova ordem de Deus. No NT o sumo sacerdote não é apenas o executor do sacrifício, mas também o Fiador e Mediador da aliança. O sacrifício melhor e perfeito fundamenta

simultaneamente a aliança melhor e mais perfeita, que se baseia sobre promessas melhores, asseguradas em testamento, em contraposição à antiga aliança (Hb 8.6). Enquanto a antiga aliança prometia uma herança terrena, a nova aliança promete uma herança eterna, o verdadeiro descanso de Deus para os redimidos (Hb 4.9). **Mediador da nova aliança, a fim de que [...] recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados.** Os “participantes da vocação celestial” (Hb 3.1) são chamados para uma herança eterna. Para eles vale o cumprimento de promessas imutáveis (1Pe 1.4). No que consiste a herança que nós aguardamos como membros da igreja de Jesus, como “herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo” (Rm 8.17)? A Bíblia nos diz que estaremos na eternidade junto de Jesus Cristo e veremos a glória de Deus (1Ts 4.17; Ap 22.3,4). Então estará concluída a redenção definitiva de nosso corpo (Rm 8.23; Fp 3.21) e, desta forma, a transformação completa de nossa natureza na natureza de Jesus. Finalmente a comunidade redimida terá o privilégio de participar da soberania celestial de seu Senhor na criação renovada.

- 16-21** Repentinamente, o apóstolo alterna entre os dois significados do termo grego *diathéke* como “aliança” e “testamento”. Em sua opinião, a celebração da aliança é ao mesmo tempo um testamento, porque ela está vinculada a promessas, que passam para gerações futuras (como as herdeiras) e em cuja vida devem alcançar cumprimento e concretização. A antiga e a nova alianças representam cada uma um “testamento”. Quando, porém, se trata de uma vontade última, tem de ter acontecido imperiosamente a morte do testador, antes que os herdeiros possam tomar posse da herança. Para o apóstolo, as ordens jurídicas humanas representam um sinal que indica uma realidade divina, de cuja ordem elas derivam em última análise. A ordem terrena espelha uma ordem celestial. Um testamento somente alcança vigência legal quando o testador é falecido. Enquanto ainda vive, o testamento não tem validade. O autor aplica esta frase aos “Antigo e Novo Testamentos” de Deus. Quando foi outorgado o segundo testamento, morreu Cristo, para que ganhasse validade legal. Logo, já na promulgação do primeiro testamento por parte de Deus, devia ter ocorrido um episódio que se igualasse à morte do testador. Este evento necessário, a morte, foi simbolizado no sinal do sangue sacrificial. Neste contexto, é significativo que a primeira aliança, o primeiro testamento, não tenha se tornado eficaz sem derramamento de sangue. Novamente o apóstolo descreve com pormenores o episódio que sem dúvida era conhecido dos leitores e ouvintes, porque outra vez o acontecimento do AT se torna paradigmático para a realidade da salvação do NT. Moisés foi o mediador da aliança e trouxe sangue de aliança: **Este é o sangue da aliança, a qual Deus prescreveu para vós outros.** Também a nova aliança foi firmada com sangue, porém não com sangue animal, mas com o sangue do Filho de Deus. No AT, o sangue sacrificial do animal servia *ao mesmo tempo* para a *purificação* cultural do povo de Deus e para a *santificação do lugar da revelação* de Deus (Lv 8.15,19). Mediação da aliança e purificação do santuário foram a incumbência de Deus a Moisés. Da mesma maneira acontece com Jesus Cristo, com a diferença de que seu serviço se realiza em perfeição como realidade espiritual. Ele é o “Mediador da nova aliança” (v. 15) e “purifica nossa consciência” (v. 14). AT e NT coincidem nessa ordem imutável, de que o sangue sacrificial serve tanto para firmar a aliança quanto para purificar de pecados. O que no AT era realizado em diversos atos sagrados de modo *separado*, foi *unificado na morte sacrificial de Jesus*: “porque isto é o meu sangue, o *sangue da [nova] aliança*, derramado em favor de muitos, *para remissão de pecados*” (Mt 26.28).
- 22** A palavra que fundamenta todos os atos sacrificiais no AT, Lv 17.11, alcança, neste versículo, sua confirmação expressa no solo do NT: “Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma”. O apóstolo declara: **sem derramamento de sangue, não há remissão.** Com esta frase ele fundamenta os fatos da salvação que ele formulara nos vv. 12-14. O sangue do Cristo realiza a remissão eterna, que reside no perdão de nossos pecados (cf. Ef 1.7). Deste modo, todos os sacrifícios sangrentos da antiga aliança chegam ao encerramento no sacrifício sangrento da nova aliança. Constitui uma ordem de salvação inquebrantável da vontade de Deus que, para reconciliar os pecados perante Deus, no AT e no NT, era preciso ser derramado sangue. Com nossa capacidade natural de raciocínio não conseguimos apreender a justificação dessa ordem, porque na terra nos são vedados entendimentos últimos (cf. 1Co 13.9). Temos de submeter-nos reverentes a isto pela fé.
- 23** O apóstolo retoma mais uma vez a idéia do v. 21. Com o sangue do sacrifício dos animais, Moisés havia purificado o tabernáculo e todos os utensílios do culto. Contudo, aqui o terreno igualmente é mera réplica do celestial. As réplicas (em grego *hypodeígmata*) da realidade celestial são vistas pelo apóstolo no tabernáculo, por meio do Santo Lugar e do Santíssimo (Hb 9.2,3), e nos utensílios usados

na realização do serviço cultural (v. 21). Não apenas a construção exterior do tabernáculo é importante, mas também os diversos utensílios para o culto israelita foram confeccionados de acordo com modelos celestiais (Êx 25.9) e possuem significado simbólico para o NT.

As imagens da realidade celestial tinham de ser purificadas necessariamente com o sangue sacrificial dos animais. Agora o apóstolo nos revela um fato que não mencionara até este momento: **as próprias coisas celestiais** têm de ser purificadas **com sacrifícios a eles superiores** (não por sangue de animais). A queda pelo pecado humano, a rebelião do ser humano contra Deus, não somente teve efeito sobre a criatura na criação visível (Rm 8.20-22), mas também turbou a ordem do mundo celestial. O santuário celestial carece igualmente da força purificadora do sangue. Para isto, sacrifícios de animais da terra são insuficientes. Aqui exclusivamente o sangue de Jesus, o Filho de Deus, possui eficácia. Seu sangue serve não apenas à redenção da igreja. A morte sacrificial de Cristo também tem conseqüências cósmicas, ela “produz paz no céu e sobre a terra” (Cl 1.20 [tradução do autor]).

24-26 Repetidamente o apóstolo destaca a superioridade infinita do serviço sacerdotal eterno de Jesus sobre todo o sacerdócio terreno. Está tão tomado pela visão espiritual que lhe foi concedida, a excelência da pessoa de Jesus Cristo domina seu pensamento com tanta intensidade, que ele retoma repetidamente as mesmas idéias básicas – ainda que em novas formulações (cf. Fp 3.1). **Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura (“réplica”) do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus.** Depois que Cristo realizou de uma vez por todas, como Sumo Sacerdote perfeito, o serviço sacrificial pela entrega de sua vida na cruz, ele está exercendo agora o ministério da intercessão eterna pelos membros de sua igreja: ele está à direita de Deus e nos defende (Rm 8.34), ele vive perpetuamente para se empenhar por nós (Hb 7.25). Ele, que é pessoalmente a reconciliação por nossos pecados (1Jo 2.1,2), é nosso advogado junto de Deus, o Pai. Todo ano, no dia da reconciliação, o sumo sacerdote em Israel tinha de levar de novo o sangue do sacrifício para dentro do Santíssimo e aspergi-lo ali sobre a tampa da arca. Anualmente naquele dia tinha de morrer um touro para o sacrifício, cujo sangue devia efetuar a expiação dos pecados de Israel. A contínua repetição desse sacrifício, através do qual o sumo sacerdote terreno tinha de realizar a reconciliação do povo com Deus mediante sangue alheio, constitui uma prova da provisoriedade dessa ordem de salvação. Cristo, porém, não sacrificou várias vezes a sua própria vida. Veio somente uma vez ao mundo, para morrer pelos nossos pecados. O caráter único do sacrifício de Jesus mostra-nos a magnitude que supera a tudo, bem como o valor inestimável da morte de Jesus na cruz. Se o sacrifício de Jesus tivesse caráter de provisoriedade, ele teria de repetir constantemente sua morte na cruz. O aspecto único de sua existência histórica e de sua morte contém uma clara rejeição de qualquer repetição direta ou simbólica de seu sacrifício. A anulação dos pecados aconteceu pelo fato de que Cristo tomou sobre si os nossos pecados. “Ele mesmo carregou em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que nós fôssemos libertos dos pecados e vivêssemos para a justiça” (1Pe 2.24). Em decorrência, a vinda de Jesus significa o encerramento do tempo antigo e a vinda no novo tempo, ela constitui um sinal do fim dos tempos. Através do envio de seu Filho, Deus realizou tudo o que era necessário e possível para a salvação dos humanos. Agora depende da decisão da pessoa, se aceitará esta salvação para si própria ou se rejeitará a oferta de Deus, negando-se, assim, a obedecer à palavra de Deus. O evento seguinte na história da salvação, em direção do qual caminha toda a humanidade, será a volta de Jesus, junto com a qual ele trará o juízo de Deus sobre o mundo.

27,28 **E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo.** O caráter único da existência humana não está sendo entendido somente como ordem da criação, e o caráter único e insubstituível de nossa morte não é entendido apenas como juízo divino (cf. Gn 2.17; 3.19). Uma vez que Cristo ingressou integralmente em nossa condição humana, vida e morte da pessoa adquirem ao mesmo tempo o significado de uma ordem divina da salvação. É precisamente a total impossibilidade de contornar a palavra de juízo de Deus sobre nossa vida que torna a aceitação pessoal do sacrifício de Jesus uma necessidade urgente (cf. Hb 2.3). Todos nós somos por natureza pessoas pecadoras e perdidas diante de Deus. Porém todos podem experimentar a redenção. Como isto é possível? Mais uma vez o apóstolo nos dirige para o fundamento de nossa salvação: **Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos.** Foi esta a incumbência central com que Jesus Cristo foi enviado por Deus ao mundo. Ele veio para salvar pecadores (1Tm 1.15). Não veio “para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por

muitos” (Mc 10.45). Ele derramou seu sangue por muitos, para a remissão dos pecados (Mt 26.28), para nos libertar dos pecados.

O que Deus realizou em favor da nossa salvação não deve prender nossos pensamentos ao passado. O sacrifício único do Sumo Sacerdote do NT aponta o olhar da comunidade de fiéis para o futuro. Jesus Cristo retornará – não para repetir sua obra de redenção, mas para consumá-la: para conduzir sua igreja, que o espera, para a glória eterna de Deus. Contudo, a restauração vindoura e eterna, que irromperá de modo visível com a volta de Jesus, não será concedida a todas as pessoas. Ela é para as pessoas que *esperam* pelo Senhor Jesus Cristo vindouro. Unicamente pessoas que de fato são convertidas e vivem com Cristo no cotidiano também podem esperar com alegria por seu Senhor celestial (1Ts 1.9,10; 1Jo 2.28; 4.17).

Síntese

Por toda a carta percebe-se a preocupação do apóstolo com a comunidade, uma preocupação que se espelha nas exortações entremeadas: os fiéis devem ficar firmes na palavra de revelação que lhes foi transmitida (Hb 2.1ss), não largar a esperança confiante (Hb 3.6), permanecer constantes (Hb 3.14) e praticar uma vida de intensa oração, porque Deus socorrerá na ocasião oportuna (Hb 4.16)! Ele os estimula a não ficarem parados em seu desenvolvimento espiritual, porém a contarem incessantemente com a fidelidade de Deus, que se manifestou de forma exemplar na vida de Abraão (Hb 5.11–6.20). Por trás de nosso trecho está o reconhecimento de que sofrimento e aflição dirigem nossa atenção para nós mesmos, amarram nossas forças espirituais exclusivamente ao presente e tentam obscurecer nossa visão do futuro. A isto o apóstolo contrapõe três fatos que se alicerçam sobre o sacrifício superior do eterno Sumo Sacerdote, a morte e ressurreição de Jesus: a morte de Jesus nos traz uma nova vida no presente, abre-nos um caminho rumo a um futuro eterno e nos mantém, como pessoas que aguardam, de prontidão para a sua volta.

1. *A morte sacrificial de Jesus tornou-se para a comunidade fundamento de uma nova vida no presente* (v. 11-14). A purificação da consciência e, com ela, a renovação de nossa vida não são uma esperança dos cristãos, mas realidade espiritual experimentada no “dia de hoje”. A palavra do profeta prenunciou simbolicamente: “tu, porém, amaste a minha alma e a livraste da cova da corrupção, porque lançaste para trás de ti todos os meus pecados” (Is 38.17) e “Desfaço as tuas transgressões como a névoa e os teus pecados, como a nuvem; torna-te para mim” (Is 44.22) – Em Cristo isto tornou-se realidade consumada. Deus transforma o cerne de nossa vida. Quem alcançou perdão obtém uma boa consciência. O apóstolo Paulo atesta expressamente como lhe é importante a boa consciência (At 23.1), não como fundamento de sua justificação (1Co 4.4), mas sem dúvida como incentivo para a santificação (At 24.16). Assim também nosso autor apostólico é capaz de afirmar, ciente da clemência experimentada: “estamos persuadidos de termos boa consciência” (Hb 13.18). Se o sangue de Jesus no mundo celestial já está demonstrando sua força purificadora como realidade presente (Hb 9.23,24), quanto mais ele será eficaz no coração e na consciência de um ser humano que vive em comunhão com Jesus. Quem não consegue resolver a culpa de sua vida, quem tenta reprimir o seu passado tem suas forças interiores constantemente atreladas ao passado. Quem, no entanto, recebeu perdão, não precisa mais viver voltado para trás. Suas energias espirituais e psíquicas são libertadas. Deus as confisca para novas tarefas no seu serviço. Esta realidade concede ao nosso cotidiano satisfação plena e nova alegria: não vivemos mais para nós mesmos, mas para aquele que por nós morreu e ressuscitou (2Co 5.15).

2. *A morte sacrificial de Jesus nos abre caminho rumo a um futuro eterno* – à glória de Deus (v. 15-20,25-27). A nova aliança, que inclui o Novo Testamento, promete uma herança melhor. Na eternidade não apenas haverá “o herdeiro do universo” (Hb 1.2), mas precisamente também “os herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo” (Rm 8.17). De conformidade com a vontade de Deus, a comunidade de Jesus deverá ter participação na glória perfeita de nosso Senhor. Esta certeza nos torna dispostos a morrer, porque sabemos que nosso itinerário não acabará na morte e no juízo, mas que, pelo contrário, a morte será a ruptura para uma nova maneira de ser. Ainda que não possamos comparecer perante o trono do tribunal de Deus como seus filhos sem mácula, seguramente nosso Sumo Sacerdote e Intercessor celestial intervirá em nosso favor (v. 24).

3. Este conhecimento, de que temos um Senhor vivo que executará o seu plano e a sua vontade no mundo, nos preserva *prontos para a sua volta*. Quando consideramos que Hb surgiu somente por volta do fim da era apostólica, compreendemos melhor a menção do autor no v. 28. Naquele tempo,

apareciam nas comunidades pessoas que indagavam: “Onde está a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação” (2Pe 3.4). Os questionadores são nitidamente caracterizados como “zombadores”. Evidentemente não devemos localizá-los entre os fiéis. Contudo, seu modo de argumentação deve ter significado uma tribulação para muitos cristãos singelos. Em todo caso, constatamos atrás desta palavra o perigo de que a atitude de aguardar e vigiar, por parte dos fiéis, dá lugar a manifestações de cansaço, que a prontidão para o retorno de Jesus se desmobiliza. É por isto que o apóstolo adverte a comunidade do seguinte: “(Cristo) aparecerá pela segunda vez, não para tirar pecados, mas para salvar os que estão esperando por ele” (Hb 9.28 [BLH]). É bem possível que em todas as épocas do “Ocidente cristão” houve pessoas que não creram na pregação da volta de Jesus. Contudo, nunca o ataque específico contra a mensagem de que Jesus Cristo retornará pessoalmente foi tão intenso como desde o início do século XX – um ataque promovido a partir das próprias fileiras do cristianismo, por teólogos evangélicos que se baseiam na fé da Reforma. Multiplicam-se as vozes da teologia e da igreja que nos anunciam: “A escatologia mítica no fundo está liquidada pelo simples fato de que não se realizou a parúsia de Cristo, como o Novo Testamento espera, em curto prazo, mas que a história mundial continuou e – como qualquer pessoa sensata está convicta – continuará a transcorrer”. Ou uma opinião diferente: “O céu não se situa nem em cima nem em baixo nem em lugar algum. A concepção da volta não é correta nem hoje nem amanhã; ela não é correta de maneira alguma... Qualquer pessoa de entendimento pode compreender muito bem que no tempo de Jesus se cultivavam tais expectativas... Qualquer pessoa de são juízo, porém, ao mesmo tempo concordará que hoje não se pode mais adotar estes requisitos”. Ouvimos aqui, em tom frívolo, aliado a uma arrogância patética: todo cristão que crê na palavra profética assim como consta na Escritura Sagrada é classificado como “ingênuo” e é inculcado de “superstição”. Neste ponto temos de ver claramente o seguinte: a mensagem da volta pessoal de Jesus é uma afirmação do profetismo do NT. Por meio dela nosso olhar é dirigido a um acontecimento futuro. Não há o que comprovar. Deus reservou exclusivamente para si a transformação de possibilidades em realidades. Nós podemos crer com confiança. Assim como o Deus vivo cumpriu as promessas do AT quanto ao futuro, no que se refere à vinda de Jesus, assim também levará à consumação as assertivas do NT com vistas à volta de Jesus. Quando hoje a volta do Senhor não somente é questionada mas até negada, com palavras como: “Já esperamos em vão um tempo suficiente pela sua volta, também não há mais necessidade de esperar por algo, Cristo jamais retornará!” – então ouvimos o som do falso profetismo. A igreja de Jesus tem de ser alertada: no momento em que dissolvemos o evento futuro da salvação, resta somente uma fé intelectual sem o necessário arrependimento e conversão, e humanismo cristão é confundido com verdadeira entrega a Jesus. Neste momento, porém, apaga-se igualmente a disposição espiritual para a chegada do Senhor, e com ela a marca essencial desta disposição e vigilância espiritual – a certeza do perdão, o engajamento prático no serviço, bem como a prontidão para sofrer. De maneira inversa, é precisamente Hb que mostra repetidamente a possibilidade alentadora de configuração espiritual da vida: esperar pelo Senhor Jesus Cristo que retornará não encaminha para uma atitude de vida tranqüila, para um ócio preguiçoso, em que ficamos de braços cruzados. Esperar por Jesus significa colaboração prática na igreja em toda parte em que nossos dons e capacidades sejam necessárias. Significa também prontidão para o serviço humilde da intercessão fiel e do testemunho pessoal de pessoa a pessoa. Significa disposição para renunciar a vantagens pessoais e ao conforto, bem como alegre entrega ao serviço, à “diaconia” genuína para com os “seus pequeninos irmãos”.

12. O sacrifício de Jesus efetua perdão, santificação e perfeição, 10.1-18

- ¹ **Ora, visto que a lei tem sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas, nunca jamais pode tornar perfeitos os ofertantes, com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, perpetuamente, eles oferecem.**
- ² **Doutra sorte, não teriam cessado de ser oferecidos, porquanto os que prestam culto, tendo sido purificados uma vez por todas, não mais teriam consciência de pecados?**
- ³ **Entretanto, nesses sacrifícios faz-se recordação de pecados todos os anos,**
- ⁴ **porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados.**
- ⁵ **Por isso, ao entrar no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste; antes, um corpo me formaste;**

- ⁶ não te deleitaste com holocaustos e ofertas pelo pecado.
- ⁷ Então, eu disse: Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade.
- ⁸ Depois de dizer, como acima: Sacrifícios e ofertas não quiseste, nem holocaustos e oblações pelo pecado, nem com isto te deleitaste (coisas que se oferecem segundo a lei),
- ⁹ então, acrescentou: Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade. Remove o primeiro para estabelecer (como válido) o segundo.
- ¹⁰ Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas.
- ¹¹ Ora, todo sacerdote se apresenta, dia após dia, a exercer o serviço sagrado e a oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca jamais podem remover pecados;
- ¹² Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus,
- ¹³ aguardando, daí em diante, até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés.
- ¹⁴ Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados.
- ¹⁵ E disto nos dá testemunho também o Espírito Santo; porquanto, após ter dito:
- ¹⁶ Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei no seu coração as minhas leis e sobre a sua mente as inscreverei,
- ¹⁷ acrescenta: Também de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre.
- ¹⁸ Ora, onde há remissão destes, já não há oferta pelo pecado.

- 1 Mais uma vez o apóstolo resume o que afirmou em suas elaborações sobre o sumo sacerdócio em Hb 7.1–9.28 e sobre “a lei”, i. é, a ordem sacerdotal e o serviço de sacrifícios do AT. **A lei tem sombra** (“figura”) **dos bens vindouros, não a imagem real das coisas**. “Figura” (quadro, em grego, *eikōn*) da realidade celestial e “sombra” (em grego, *skiá*) estão contrapostos, como “figura original” (em grego, *týpos*) e “réplica” (em grego, *hypódeigma*) em Hb 8.5. Assim como o tabernáculo era apenas a duplicação terrena do santuário celestial, da glória real de Deus em seu mundo invisível, assim a ordem sacerdotal e sacrificial em Israel também espelha uma realidade transcendente do mundo de Deus. Ela é uma cópia fraca do verdadeiro culto das potestades celestiais na presença do Senhor. O culto sacrificial de Israel ainda não transmite a revelação plena da glória de Deus. Para justificar esta, afirmação o apóstolo fornece a mesma referência como em Hb 7.11,18 e 9.9. A lei **jamais pode tornar perfeitos os ofertantes, com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, perpetuamente, eles oferecem**. O autor pensa singularmente na ação do sumo sacerdote no grande dia da reconciliação de Israel. Ano após ano o sumo sacerdote tinha de executar o mesmo serviço sacrificial no Santíssimo (Hb 9.7,25; 10.1,3). A repetição anual do sacrifício do sumo sacerdote no dia da reconciliação constituía praticamente uma prova da imperfeição desta ordem de salvação. O serviço sacerdotal de Israel, fundamentado na revelação de Deus no Sinai, era equivalente a um sinal de trânsito com dois braços. Um braço apontava para cima, para uma ordem original do mundo celestial, o outro braço apontava para o futuro, para o único Sumo Sacerdote eterno, que haveria de aparecer no mundo, para cumprir e concluir todo o sacerdócio terreno. A magnitude do serviço sacrificial do AT residia em apontar para a salvação vindoura definitiva dos humanos no sacrifício do eterno Sumo Sacerdote Jesus Cristo. O limite e a impotência do serviço sacrificial do AT são visíveis no fato de que ele próprio não pode contribuir realmente para a salvação das pessoas. A verdadeira salvação é apresentada unicamente por Jesus Cristo (Hb 5.9).
- 2,3 O apóstolo deixa claro para a comunidade mais uma vez o que de fato está em jogo em todo o culto sacrificial (cf. Hb 9.22). O ser humano que tem ciência do julgamento de Deus sobre a sua vida e em cuja consciência os pecados estão registrados como culpa não perdoada carece da purificação total de sua vida, para obter paz no coração e na consciência. Exclusivamente a força do perdão, que é concedido diretamente por Deus ao pecador, é suficiente para libertar o ser humano do sentimento de culpa em sua consciência e conceder-lhe o recomeço da sua vida com Deus. Quando a consciência é

purificada dos pecados, de uma só vez, fundamental e totalmente, com validade para todos os tempos, tornam-se desnecessários os demais sacrifícios pelos pecados (cf. Hb 9.12,14). Contudo, é precisamente isto que os sacrifícios do AT não podem concretizar. Os sacrifícios não visam produzir purificação definitiva dos pecados, mas a constante recordação deles (Rm 3.20). A confissão de pecados do sumo sacerdote no grande dia da reconciliação (Lv 16.21) traz de volta à memória dos israelitas a culpa uma vez praticada. Com isto, o apóstolo mostra um traço totalmente novo da natureza dos sacrifícios no AT. O sacrifício no dia da reconciliação, que na verdade não era uma oferenda do indivíduo, mas era oferecido vicariamente pelo sumo sacerdote em favor de todo o povo, devia servir para recordar o pecado, i. é, expor diante do povo a necessidade de uma redenção definitiva. No entanto, com a indicação desta necessidade da libertação plena de todos os pecados, também estava dada a promessa de um sacrifício perfeito pelos pecados, por meio do qual toda a culpa haveria de ser expiada. O serviço sacrificial no grande dia da reconciliação era uma referência direta ao “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (Jo 1.29). Deste modo, o culto sacrificial israelita tornou-se em seu sentido mais profundo a expressão da esperança pela redenção definitiva por intermédio de Jesus Cristo (cf. Hb 7.19).

4 Por que os sacrifícios não redimem? O apóstolo responde com uma frase lapidar: **é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados**. Este é o argumento final para as reiteradas restrições à lei sacrificial e sacerdotal do AT, e, em decorrência, para toda a ordem de salvação da antiga aliança. O eixo da atuação salvadora de Deus é a remoção da culpa. Afinal, o perdão dos pecados e a conseqüente restauração do relacionamento original entre Deus e ser humano não é possível através do sangue de animais, mas exclusivamente por intermédio da morte do Filho de Deus, pelo sangue de Jesus.

5,6 A provisoriedade da ordem sacrificial do AT, bem como a limitação de sua vigência para o tempo da antiga aliança, não são vistas pelo apóstolo como reveladas apenas depois da vinda de Jesus a este mundo. Ele constata que o próprio AT já alude à limitação da sua própria ordem de salvação. Na palavra do salmo do AT ele vê uma indicação que proclama a entrada de Cristo no presente mundo e em nossa existência humana. É o próprio Senhor Jesus Cristo que está falando pela boca de seu servo Davi. **Por isso, ao entrar no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste; antes, um corpo me formaste**. A ordem de salvação do AT não trouxe a perfeição, mas somente profetizou a redenção. Por isto, Cristo teve de vir, a fim de cumprir as promessas do AT. O “corpo” de Cristo, sua existência terrena, que Deus lhe conferiu, torna-se a oferta sacrificial do NT, por meio da qual Deus é apaziguado. Por meio da palavra profética do AT Deus mesmo substituiu a ordem sacrificial da antiga aliança. Por não trazerem consigo uma renovação do coração, e também por não serem oferecidos por Israel com a atitude correta do coração os sacrifícios não recebiam o agrado divino. Somente o surgimento do Messias foi capaz de trazer o verdadeiro cumprimento da vontade de Deus. Foi por isto que Cristo se tornou um humano, porque seu corpo, sua vida, haveria de tornar-se a verdadeira oferenda.

Ao que parece, o autor cita livremente a palavra do salmo, apoiando-se no texto da LXX (assim se pode explicar a inversão de algumas palavras no texto grego): “Um corpo, porém, preparaste para mim”. Os manuscritos hebraicos trazem aqui: “... contudo ouvidos cavaste para mim”. Também podemos traduzir com: “Orelhas perfuraste para mim”. Com isto, o texto talvez esteja apontando para o costume judaico, no qual se furava a orelha de um escravizado por dívida que voluntariamente permanecia no serviço de seu senhor em definitivo (Êx 21.5,6; Dt 15.16,17). O tradutor para o grego já podia perceber nisso uma alusão de que o Messias vindouro se entregaria integralmente a Deus com seu corpo e sua vida. Outra possibilidade de explicação nos é dada no fato de que conforme entendimento hebreu “cavar” ou “perfurar” a orelha (também “tornar oco”) era considerado como uma parte da formação do corpo humano. Assim, o tradutor teria entendido o texto hebraico como *pars pro toto* [a parte representando o todo], como ilustração do todo por meio de uma parte do processo vital, traduzindo: “Um corpo preparaste para mim”. Este corpo, preparado por Deus, é devolvido a Deus como “sacrifício vivo”, no intuito de se render a Deus em serviço obediente.

7 Cristo concretizou em sua vida aquilo que já era a vontade de Deus em relação às pessoas no AT, uma vida em plena consonância com Deus, em obediência integral à sua palavra. A existência de Jesus na terra é o cumprimento literal dessa palavra do salmo. O “livro”, literalmente o **rolo do livro**, que fala da vinda de Cristo, não é apenas, conforme a compreensão do NT, a lei de Moisés (Êx 24.4)

ou os salmos, mas todo o AT (cf. Lc 24.27,44). No Sl 40.9 Cristo é o único que faz a vontade de Deus. Esta vontade de Deus, porém, é a redenção eterna de pessoas perdidas (Lc 19.10), o sacrifício do Sumo Sacerdote eterno para a remissão de todos os pecados (cf. 1Tm 2.4).

- 8,9** O apóstolo recorre agora à palavra do AT do Sl 40.7-9, interpretando-a novamente a partir do evento do NT. Ele nem pode proceder diferentemente, ele tem de ler e interpretar o AT sob o ângulo da revelação de Cristo que ele experimentara pessoalmente. A multidão dos sacrifícios do AT que eram trazidos “segundo a lei” (em grego, *katá nómon*) é substituída por este um só sacrifício do Filho de Deus na cruz, que Jesus ofereceu “através do Espírito eterno” (em grego, *diá pneúmatos aioníou*, em Hb 9.14), mediante seu ato perfeito de obediência. Cristo afirmou: “**Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade**”. Jesus resumiu pessoalmente o conteúdo de sua vida e seu serviço nas palavras: “Porque eu descí do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou” (Jo 6.38). Para ele, era esta a maior necessidade da vida e a mais profunda satisfação da vida. “A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra” (Jo 4.34). A trajetória do Messias a que se alude profeticamente na palavra do Sl 40.7-9, a saber, que o Cristo haveria de entregar a Deus o seu próprio corpo como oferta para sacrifício, levou Jesus Cristo, de acordo com a vontade de Deus, à cruz. Desta maneira, a revelação da vontade de Deus no AT, “o obedecer é melhor do que o sacrificar” (1Sm 15.22), obteve sua potenciação e último aprofundamento. Cristo foi “obediente até à morte” (Fp 2.8) e entregou-se a si próprio como sacrifício. Nesta obediência extrema de Jesus à vontade de seu Pai explica-se também o mistério de sua autoridade na oração. Somente porque Jesus cumpriu integralmente a vontade de Deus, ele também possui agora plenos poderes ilimitados, a fim de, como nosso eterno Sumo Sacerdote, intervir perante Deus em nosso favor, pela intercessão, sem cessar.
- 10** A disposição total de Jesus para cumprir a vontade de Deus, a concordância da sua vontade com a do Pai, traz conseqüências impossíveis de serem ignoradas pela igreja. **Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas.** A vontade de Deus e de Jesus, por quem fomos resgatados do poder do pecado, e que deseja a nossa salvação (Gl 1.4), inclui ao mesmo tempo a nossa santificação (Jo 17.19; 1Ts 4.3) e o nosso aperfeiçoamento (Hb 10.14). A auto-entrega voluntária de Jesus na morte de cruz não apenas produziu a nossa redenção, o perdão de todos os nossos pecados. Ela igualmente submete a Deus a vida daquele que aceita o sacrifício de Jesus para si. Através do sacrifício de Jesus somos “santificados”, somos tornados pessoas que pertencem a Deus. Esta nova condição constitui a premissa para a transformação do nosso ser na imagem de Jesus pela eficácia do Espírito Santo (Rm 8.29; 2Co 3.17,18). O sacrifício de Jesus e a santificação de nossa vida estão inseparavelmente ligados.
- 11,12** Mais uma vez o apóstolo se reporta aos dolorosos limites e à imperfeição do serviço sacerdotal do AT, a fim de deixar reluzir, diante deste pano de fundo, com tanto maior brilho, a maravilhosa grandeza do sacrifício único de Jesus Cristo. **Todo sacerdote se apresenta, dia após dia, a exercer o serviço sagrado e a oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca jamais podem remover pecados.** Como já ocorreu tantas vezes, também desta frase do autor depreendemos o som de palavras do AT: “Isto é o que oferecerás sobre o altar: dois cordeiros de um ano, cada dia, continuamente. Um cordeiro oferecerás pela manhã e o outro, ao pôr-do-sol” (Êx 29.38,39). Nenhum dia deveria começar sem a força santificadora e protetora do sangue sacrificial, e o fim de cada dia devia ser colocado sob a força perdoadora e purificadora do sangue. A cada manhã e a cada entardecer, dia após dia, ano após ano, os sacerdotes tinham de sacrificar um cordeiro sem defeito – até que viesse a morrer o “Cordeiro de Deus” como sacrifício de validade plena, para romper o cerco férreo do pecado e trazer a todas as pessoas a redenção perfeita. O que nenhum sacrifício era capaz de realizar, foi alcançado por Jesus junto de Deus, por meio de sua paixão e morte: perdão de todos os nossos pecados. O Único ofereceu o único sacrifício. Como confirmação de seu sacrifício, Deus exaltou a Jesus. Ele está para sempre entronizado à direita de Deus. Com uma só frase o apóstolo sintetiza, agora, o acontecimento da Sexta-Feira da Paixão, Páscoa e Ascensão: **Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus.** Os sacerdotes estavam diariamente a postos diante do altar, sacrificavam repetidamente, porém, apesar disso, em última análise seus sacrifícios eram em vão. Eles estavam *parados* como os anjos no incessante serviço perante Deus (cf. Is 6.2; Lc 1.19; Ap 7.11). Cristo, em contrapartida, depois de seu sacrifício realizado de uma vez por todas, *sentou-se* à direita de Deus. Após ter consumado a obra redentora para todos os humanos, tomou posse da soberania que Deus lhe concedeu (cf. Mc 16.19).

13 Com este ato, porém, não se encerra a história de Deus com a humanidade. Ao ato invisível de instalação do Cristo no poder também tem de seguir-se a revelação de sua glória. **Aguardando, daí em diante, até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés.** Através das palavras do Sl 110.1 volta a ecoar algo de Fp 2.5-11: Jesus andou o caminho até a cruz em auto-humilhação voluntária. Ele entregou a sua vida como sacrifício expiatório para a humanidade. Sua ressurreição, exaltação e, por conseguinte, sua justificação não são assunto dele, mas *de Deus*. O próprio Deus age na glorificação de Jesus Cristo diante do mundo terreno e celestial. A última confirmação, visível diante de todo o mundo, da morte sacrificial de Jesus será dada por *Deus quando ele depositar todos os seus inimigos aos pés de seu Filho Jesus Cristo*.

Uma comparação da afirmação do apóstolo com o teor do Sl 110.1 mostra-nos que o autor ampliou a citação do AT. “Daí em diante ele aguarda até que...” Evidentemente esta ampliação foi proposital. Toda vez em que o autor fala da esperança (Hb 1.6; 3.6; 4.9; 6.11,18,19; 9.28), ele quer dirigir o olhar dos cristãos para além da aflição atual, para o dia da volta de Cristo. Seu objetivo é que a igreja do Senhor seja uma *igreja que espera*, porque unicamente assim os sofrimentos podem ser suportados. Contudo, agora ele declara aos fiéis algo extraordinariamente consolador: não somente a igreja aguarda o Senhor que retornará. Não. Também o próprio Senhor exaltado Jesus Cristo *espera* pelo dia em que sua igreja estará visivelmente unificada com ele na glória de Deus. *Ambos*, a igreja e seu Senhor, o “corpo” e o “cabeça”, anseiam pela unificação definitiva. Também esta é uma parte do “sofrimento do tempo presente”, que o Senhor suporta com sua comunidade na terra!

Ao combinar morte na cruz, ressurreição e ascensão de Jesus com a profecia messiânica do Sl 110.1, o autor apostólico descortina aos seus leitores uma perspectiva magnífica da fê. “Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés.” Uma única frase do AT abarca dois eventos, que se erguem como dois pilares de um ponto da torrente da história a outro e sustentam a ponte, por sobre a qual o povo da salvação anda com segurança seu caminho até a eternidade. Seguindo o relato de Mc 16.19, o apóstolo deixou claro em Hb 1.3 e 8.1 que Cristo, ao ser exaltado na ressurreição e ascensão, “assentou-se à direita de Deus”. A primeira parte da promessa divina já se cumpriu definitivamente e não carece mais de uma nova ação de Deus. A segunda parte da promessa, porém, não pode ser destacada da primeira parte da frase, mas pertence necessariamente a ela. A atuação de Deus para a salvação de sua igreja e do mundo não está encerrado. Da vitória de Jesus na cruz sobre pecado, morte e diabo (Hb 2.14ss) decorre a sujeição total de todos os inimigos de Deus. O apóstolo diz claramente que a vitória de Jesus “agora ainda não” é visível (Hb 2.8). Este “ainda não”, no entanto, inclui o mesmo fato que o autor confirma no presente versículo: Cristo não esperará em vão por toda a eternidade. Ainda que transcorram milênios entre a ascensão e a volta de Jesus, Deus mesmo concretizará o dia de vitória de seu Filho Jesus Cristo, quando o mundo inteiro jazerá aos pés de Jesus.

14 No entanto, o sacrifício de Jesus não somente se concretizará de forma universalmente abrangente num futuro longínquo, quando este *éon* chegar ao fim. A força deste sacrifício, que um dia será manifesto diante do todo mundo, já é experimentado pessoalmente por aqueles que deixam valer para si este sacrifício. **Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados.** As pessoas que Jesus conquistou como propriedade de Deus, que ele transformou em “santificados”, sabem pelo testemunho do Espírito Santo que a salvação eterna, a perfeição dos fiéis na glória de Deus, lhes está assegurada (2Tm 4.7,8; Ap 22.3-5). Assim como os profetas do AT anunciavam o evento futuro na forma do pretérito como algo já realizado, e do presente, quando na visão profética a ação futura de Deus lhes parecia palpavelmente próximo, assim também o nosso autor é capaz de formular: Cristo *aperfeiçoou* para sempre os que são santificados. O anúncio do aperfeiçoamento dos fiéis é tão certo para ele e está tão exclusivamente alicerçado na onipotência clemente de Deus, que ele consegue vê-lo como algo já executado. Ele gostaria de ancorar esta certeza animadora com a mesma firmeza nos corações dos atribulados e aflitos fiéis.

15-18 O apóstolo já encontra o anúncio na palavra profética do AT de que toda a plenitude da salvação nos foi apresentada em Cristo, de que o sacrifício universalmente satisfatório de Jesus Cristo basta para extinguir a totalidade dos pecados do mundo inteiro, de que com Cristo Deus “nos deu todas as coisas” (Rm 8.32), justificação, santificação e perfeição, perdão dos pecados e força para uma nova vida. **E disto nos dá testemunho também o Espírito Santo.** Portanto, o que o apóstolo nos está apresentando não é interpretação arbitrária, autoritária do AT. O que ele tem a dizer à comunidade

acontece sob a direção e o pleno poder conferido pelo Espírito Santo. É o Espírito Santo que já no AT aponta para a glória vindoura da nova aliança. O Espírito Santo não apenas confirma o entendimento e a interpretação bíblica corretos, mas “dá testemunho a nós”. Como em Hb 8.8-12, o apóstolo recorre à promessa da nova aliança em Jr 31.31-34. Contudo, nesta ocasião não o faz para contrapor a nova aliança à antiga, dissolvendo-a desta maneira, mas para evidenciar a eficácia penetrante do sacrifício de Jesus na vida do ser humano redimido. É este o alvo de Deus: pessoas, cuja vida está integralmente devotada a Deus, que cumprem sua vontade de coração. Este alvo, no entanto, também é alcançado somente por um perdão radical por parte de Deus, que começa no cerne da existência humana. Redenção e renovação somente são viáveis com base no perdão de Deus: **Também de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades**. Perdão total – é este o efeito do sacrifício de Jesus. O que Deus perdoa, ele também esquece (Is 43.25). Considerando que Deus esqueceu o nosso pecado por causa do sacrifício de Jesus, tampouco há necessidade de recordar o pecado (Hb 10.3). Considerando que o perdão através do sangue de Jesus é definitivo, todos os demais sacrifícios tornaram-se obsoletos.

Síntese

Em Hb 10.1-18 o apóstolo nos levou ao *ápice de sua mensagem* do sumo sacerdócio de Cristo. Tudo o que ele expôs detalhadamente nos capítulos antecedentes, ou também o que ele apenas rapidamente iluminou, agora é resumido nas breves frases do presente trecho: *Cristo prestou o sacrifício perfeito e plenamente satisfatório*.

Era característica da ordem sacerdotal do AT a repetição dos sacrifícios como expressão de seu insucesso. Não conseguiam concretizar perdão dos pecados, purificação, paz da consciência e perfeição. A lei e seus sacrifícios eram apenas a sombra de uma realidade vindoura de salvação. Jesus Cristo, porém, nos trouxe, com as promessas da nova aliança, os “bens verdadeiros, futuros”, participação na realidade celestial. É característica da ordem de salvação do NT que o sacrifício de Jesus foi único, para que tivesse uma eficácia universalmente abrangente.

Neste trecho são respondidas duas perguntas essenciais, que queremos trazer à nossa memória com breves palavras:

1. Em que consistiu o sacrifício de Jesus?
 - a. Jesus Cristo renunciou espontaneamente à sua glória divina (cf. Fp 2.6), veio a este mundo e foi formado um corpo (Hb 10.5). Andou o caminho da mais profunda humilhação.
 - b. Ele cumpriu com obediência perfeita a vontade de Deus (Hb 10.7,9), a qual incluía tanto a nossa redenção (cf. Mc 10.45) como a superação do diabo (cf. 1Jo 3.8) e a consumação do plano de salvação de Deus. O Filho de Deus ofereceu como sacrifício a sua própria vontade (Hb 5.8,9).
 - c. Jesus sacrificou sua própria vida sem pecado como expiação perfeita (Hb 10.12; cf. 2Co 5.21; 1Pe 2.24), consumando assim todos os sacrifícios do AT (Hb 10.11,18).
2. Que o sacrifício de Jesus nos trouxe?
 - a. Em virtude da morte sacrificial de Jesus, Deus nos presenteia com *perdão* integral (Hb 10.11,12). Uma vez que seu sacrifício é suficiente para extinguir os pecados de todo o mundo perdido, não carece de repetição (Hb 9.12,26-28).
 - b. O sacrifício de Jesus *purifica a nossa consciência* (Hb 9.14). O sangue de Jesus age como poder espiritual na esfera mental de nossa existência humana, libertando-nos do cerco de uma consciência de pecado que permanentemente nos deprime (Hb 10.2,17). Uma “consciência limpa” nos é concedida.
 - c. Deste modo o sacrifício de Jesus nos capacita para o *serviço a Deus* (Hb 9.14). A obediência perfeita na vida de Jesus “... para fazer, ó Deus, a tua vontade” (Hb 10.7), também se torna a motivação básica dos seguidores de Jesus. Assim também a nossa vida torna-se um “sacrifício vivo” (Rm 12.1,2).
 - d. O sacrifício de Jesus efetua a nossa *santificação*. O poder do Espírito Santo renova a nossa vida e a transforma (Hb 10.10; 13.12).
 - e. O sacrifício de Jesus também incluiu o nosso *aperfeiçoamento* (Hb 10.14), a asserção divina de que o Senhor ressuscitado fará desaguar nossa jornada de fé no alvo da glória eterna.

f. O sacrifício de Jesus nos assegura a *herança* (Hb 9.15), a comunhão não turbada com nosso Senhor na glória eterna, e chega à coroação na *vitória* manifesta *de Deus* sobre todos os seus inimigos (Hb 10.13), na instalação definitiva do reino de Deus.

Propriedade segura da fé no “hoje” e alegre esperança pelo “amanhã”, salvação presente e futura – *tudo* nos foi presenteado pelo sacrifício de Jesus na cruz.

No tempo de salvação do AT a revelação de Deus havia sido concedida exclusivamente a Israel, em contraposição a todos os demais povos. Esta honra por parte de Deus significou ao mesmo tempo uma sagrada responsabilidade para o povo de Deus. A comunidade do NT, o povo de Deus peregrino da nova aliança, recebeu em Jesus Cristo infinitamente mais que o povo de Israel. Tanto maior é, pois, também a responsabilidade que temos perante Deus, de que lidemos apropriadamente com este bem de salvação que nos foi confiado. Visto que o apóstolo está profundamente tomado por esta verdade, ele agora se volta aos fiéis para estimulá-los para uma nova fidelidade no testemunho, para que permaneçam firmes na fé e se apeguem inabaláveis à esperança.

13. Segunda exortação: Convocação para a fidelidade na fé, 10.19-39

a. Fidelidade para testemunhar, 10.19-25

- ¹⁹ **Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus,**
²⁰ **pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne,**
²¹ **e tendo grande sacerdote sobre a casa de Deus,**
²² **aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura.**
²³ **Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel.**
²⁴ **Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras.**
²⁵ **Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima.**

Quando fazemos uma vez a leitura contínua de Hb, de imediato chama nossa atenção que as duas seções de Hb 1.1–5.10 sobre a pessoa de Jesus, o Filho de Deus, e Hb 7.1–10.18 sobre a obra de Jesus, seu serviço de Sumo Sacerdote celestial, apontam para as advertências e exortações que vêm logo após. É neste aspecto que percebemos da maneira mais nítida o que move o apóstolo ao escrever sua carta. Ele não visa projetar-se, numa auto-satisfação teológica, com novos conhecimentos de Cristo. Não se trata de que os fiéis sejam alçados a um degrau mais elevado de *entendimento* espiritual. O autor é movido pela ardente *preocupação pela vida interior da comunidade*, da qual se aproxima aflição e perseguição. Será que serão constantes em seu testemunho? Sua vida espiritual está tão consolidada que possam resistir a todas as tempestades? Será que no cotidiano de sua vida cristã existem fidelidade e persistência, como premissas de todo crescimento espiritual? Como está o seu relacionamento com Cristo na palavra da Escritura Sagrada, como se apresenta sua vida de oração, sua dedicação à comunhão dos fiéis? O apóstolo os introduziu nas correlações ocultas da palavra de Deus, mostrou-lhes as múltiplas ligações entre o AT e o NT. Contudo, ele também sabe que toda compreensão espiritual ampliada pode tornar-se catastrófica para a comunidade, sim, juízo para ela, quando não transforma a vida dos cristãos nem a configura segundo os padrões de Deus.

- ¹⁹ Com uma frase o apóstolo traça a conclusão final de tudo o que disse aos fiéis a partir de Hb 9.1 sobre o santuário terreno e o celestial: **Tendo, pois, irmãos, intrepidez** (“alegre confiança” [tradução do autor]) **para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus.** A interpelação “irmãos” já deixa clara a amplitude e a delimitação do círculo de pessoas, às quais o autor dirige suas linhas e para as quais vale a promessa divina (cf. Hb 3.1,12). Somente pessoas que encontraram o rumo da comunhão com Jesus Cristo, que o próprio Senhor transformou em seus “irmãos”, têm direito à cidadania junto de Deus, possuem um acesso sempre aberto ao coração de Deus, ao santuário celestial. Depois que o Sumo Sacerdote celestial consumou sua obra pela auto-entrega de sua vida, tornou-se *realidade completa* para a igreja no NT aquilo ao que o serviço sacerdotal da

antiga aliança apenas *aludia como uma sombra*, mas o que ele ainda não tornava possível (Hb 9.8): temos acesso direto a Deus. Jesus Cristo inaugurou o acesso, **pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne**. As ordens de salvação do AT estavam formuladas em lei e preceitos que tinham a função de manter o ser humano dentro de restrições e lhe mostrar o rumo da vida com Deus. O caminho da salvação na nova aliança é novo e vivo porque suspende todas as ordens e prescrições de salvação anteriores, que não eram capazes de trazer restauração eterna ao ser humano, e porque as substitui pelo vínculo com uma pessoa viva. Pela via desse “novo caminho” a pessoa não somente alcança vida eterna, mas ela também o trilha numa constante ligação viva com o Senhor. Este caminho está conectado à pessoa de Jesus (Jo 14.6; At 9.2). Precisamente neste ponto torna-se mais uma vez explícita a natureza da fé no NT: crer significa viver na comunhão com o Senhor ressuscitado, sob a sua condução. Esta nova vida nos foi viabilizada por Jesus, ele inaugurou o caminho, ele o trilhou em primeiro lugar, proporcionando-nos acesso ao Santíssimo. Ele é “nosso precursor” (Hb 6.19,20). Desde já temos a possibilidade de nos aproximar de Deus pela fé, e um dia estaremos inteiramente em sua presença.

- 20** Quando o apóstolo declara que Jesus nos desobstruiu o caminho ao coração de Deus “além do véu”, então está evidenciando, como em Hb 6.19, que o relato em Mt 27.51 possui um significado maior que meramente de ilustração. A cortina do templo rasgou-se na hora da morte de Jesus – isto é a manifestação de um acontecimento espiritual invisível no mundo celestial. Contudo, a cortina no templo não constitui para o nosso autor apenas expressão simbólica para o “véu” que ainda hoje oculta aos nossos olhos humanos a indescritível glória de Deus, para a fronteira que separa o mundo visível do invisível. Esta cortina torna-se imagem de toda a vida terrena de Jesus. Aqui ele está indicando de forma simbólica a trajetória de Jesus que alcançou sua perfeição terrena na cruz. Assim como o sumo sacerdote passa pela cortina, assim Cristo também passou por ela, porque esta cortina é a sua própria carne. Portanto, todo o caminho terreno do Cristo, desde a sua encarnação, está sendo entendido como preparação do trajeto da igreja para a glória.
- 21** **Tendo** (“Nós temos um” [BLH]) **grande sacerdote sobre a casa de Deus**. No texto grego esta frase é dependente da afirmação do v. 19: “Uma vez que temos...” (em grego, *échontes oun*). Sumo sacerdote e acesso ao santuário formam uma unidade no pensamento bíblico. Ambas as coisas foram apresentadas à comunidade na pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo. Provavelmente por “casa de Deus” não temos de entender só a igreja (cf. Hb 3.6; 1Tm 3.15). Pelo contrário, deve referir-se de modo abrangente a todo o mundo celestial. Enquanto nos v. 19-21 se expressa toda a certeza do cristão que está consciente da amplitude da salvação obtida e que confessa esta realidade com gratidão e adoração, são trazidas nos versículos subsequentes as três convocações de exortação “aproximemo-nos” – “guardemos firme” – “tenhamos cuidado uns pelos outros”.
- 22** O apóstolo emprega exatamente as mesmas palavras que em Hb 4.14,16: “Tendo, pois...” (em grego, *échontes oun*, Hb 4.14; 10.19) “aproximemo-nos” (em grego *proserchómeta*, [Hb 4.16; 10.22]). Jesus preparou tudo para nós. Agora é nossa responsabilidade trilhar o caminho da fé. O apóstolo sabe que nossa fé sempre sofre ataques na terra. Por isto ele remete insistentemente os destinatários de sua missiva à oração, na qual podemos nos achegar a Deus. Ao mesmo tempo ele desdobra todas as maravilhosas possibilidades que nos são concedidas na vida espiritual. Temos o privilégio de chegar a Deus com um **sincero coração**. Deus mesmo, através do seu Espírito Santo, concretiza em nossa vida o coração sincero, que nos faz dizer sim com alegria para seguirmos a Jesus com integridade (Lc 14.33). A entrega do coração inteiro a Deus (2Cr 16.9) produz em nós uma plenitude da riqueza na vida de fé, uma certeza interior, que se exterioriza numa confissão clara da fé (Cl 2.2), num testemunho alegre (1Ts 1.5) e na esperança inabalável pelo futuro junto do Senhor (Hb 6.11). Temos o privilégio de nos aproximar de Deus como seres humanos renovados, que alcançaram perdão de seus pecados. O apóstolo enfatiza esta realidade com as palavras: **coração purificado** (“corações aspergidos” [tradução do autor]) e livres da má consciência. No AT a aspersão com sangue e água, um gesto que o sacerdote executava para a purificação dos pecados, era uma realidade fisicamente perceptível para o israelita. Para a nova aliança Deus previu uma forma muito diversa, mas igualmente eficaz de aspersão. Ele prometera: “Então, aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis.” (Ez 36.25-27). O que o profeta Ezequiel profetizou cumprir-se na vida

de cada pessoa que experimenta na conversão e no renascimento o perdão de seus pecados e a força renovadora do Espírito Santo (Jo 3.5). O que no AT acontecia apenas exteriormente realiza-se, agora, no centro da existência humana. A aspersão com o sangue de Jesus é experimentado pela fé como realidade espiritual no próprio coração, no centro de nossa existência pessoal (1Pe 1.2). Jesus nos torna **purificados de má consciência**. – A “má consciência” é o conhecimento que a pessoa tem de seu pecado (cf. Hb 10.2). Ele purifica a nossa consciência (Hb 9.14) como premissa para a realidade de que agora podemos servir a Deus de maneira correta (cf. At 23.1; 24.16; 1Tm 3.9; 2Tm 1.3). O apóstolo leva a descrição das experiências interiores que como fiéis fazemos no convívio com Cristo mais um passo adiante: **e lavado o corpo com água pura**. No AT a aspersão e ablução eram necessárias para que os sacerdotes pudessem realizar seu serviço perante Deus (Êx 29.4,21; Lv 8.6,30). Na nova aliança, cada membro da igreja de Jesus experimenta esta purificação e esta aspersão, não com sangue de animais, mas com o sangue de Cristo, não no corpo, porém no coração. É um processo espiritual, oculto ao olhar humano, que sucede em nós. A palavra de Deus na força do Espírito Santo *purifica e santifica a nossa vida*. É neste sentido que também temos de entender a palavra de Jesus em seus discursos de despedida: “Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado” (Jo 15.3), assim como Pedro diz igualmente dos gentios que aderiram à igreja de Cristo: “purificando-lhes (Deus) pela fé o coração” (At 15.9). Este acontecimento oculto no coração e na consciência da pessoa que aceitou a palavra de Deus encontra sua concretização perceptível no batismo (At 2.41; Rm 6.3-5).

23 A grande dádiva que Deus nos dá requer como resposta da fé nossa dedicação ao Senhor (“aproximemo-nos”, v. 22). Do mesmo modo, porém, requer também a constância na fé. “Quem crê, não foge!” (Is 28.16, tradução de Lutero). **Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar!** O olhar do crente para o futuro, o olhar para o retorno de Jesus (cf. v. 25), não deve ser anuviado. A preocupação do apóstolo transparece claramente através de suas palavras: não se trata apenas de fazer um bom começo na vida de fé, mas de perseverar no caminho até chegar ao alvo. Aquilo que o Senhor concedeu a sua igreja em termos de entendimento na vida espiritual nunca mais deve ser abandonado. Conforme a compreensão do NT, o testemunho da viva esperança, que para nós se liga à pessoa de Jesus (1Pe 1.3), sempre faz parte da confissão a Jesus Cristo. Precisamente porque a esperança é uma das mais intensas forças motoras para nossa vida de santificação (1Jo 3.3) e para superar todas as tribulações, é que a negligência ou a quebra total de uma única parte da “plenitude da riqueza da esperança” (cf. Hb 3.6; 6.11) se torna fatal para a fé. Repetidamente seremos assediados por tribulações, não há dúvida quanto a isto (1Co 10.13). Contudo, a fidelidade de Deus será comprovada justamente no fato de que ele auxilia o fiel na tribulação quando a esperança começa a vacilar. A fidelidade de Deus é imutável. Ele cumprirá literalmente todas as suas promessas quanto ao futuro. Podemos apegar-nos a esta verdade, imperturbáveis. Também neste ponto a igreja passará um dia do crer para o ver. O Espírito Santo de Deus faz com que tenhamos certeza total disto (cf. 2Co 5.5-7). Assim como Deus se compromete imutavelmente com suas promessas, assim a igreja de Jesus também deve firmar-se sem vacilar na confissão de seu Senhor que retornará.

24,25 Voltar-se para o Senhor (v. 22), i. é, a vida intensa de oração e a perseverança na fé (v. 23) constituem expressões de uma atitude espiritual de vida que apontam de forma singular para a vida *pessoal* de cada cristão individualmente. A terceira exortação apostólica destaca a relação comunitária dos cristãos: **Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras** (“Tenhamos cuidado uns pelos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras” [tradução do autor]). Novamente neste caso o pecado destruiu a imagem original divina do ser humano. Uma vida sem responsabilidade diante de seu irmão fez parte do pecado de Caim. “Disse o Senhor a Caim: Onde está Abel, teu irmão? Ele respondeu: Não sei; acaso, sou eu tutor de meu irmão?” (Gn 4.9). Na Igreja de Jesus o Espírito Santo restaura a imagem original do ser humano, a imagem perdida à semelhança de Deus. Uma das suas características básicas essenciais é que cada membro individualmente torna-se capaz de assumir livremente a responsabilidade humana e espiritual e o cuidado pelo irmão. Deus relacionou desta maneira os membros da igreja: “cooperem os membros, com igual cuidado, em favor uns dos outros” (1Co 12.25). Enquanto constitui atitude de vida natural na pessoa não redimida o furtar-se à responsabilidade pelo próximo, mas, pelo contrário, observá-lo para impor-se e afirmar-se contra ele, os fiéis deveriam ter consideração uns pelos outros, para se amar e auxiliar mutuamente. Como em 1Co 13.13 e Hb 6.10-12, também nestas palavras nos deparamos novamente com a unidade espiritual de fé (v. 22), esperança (v. 23) e amor (v. 24), os

pilares básicos da vida de fé pessoal e comunitária. Os que crêem devem estimular-se para o amor e as boas obras. Se Cristo purificou nossa consciência das “obras mortas” (Hb 9.14), o amor agora nos capacita para “boas obras”, para ações de misericórdia e amor ao próximo (cf. Is 58.6ss; Os 6.6; Mq 6.8) na prática. Afinal, temos de ficar pensativos diante do fato de que o apóstolo, que conduziu os fiéis às alturas dos mistérios do conhecimento de Cristo, insiste tão intensamente na *comprovação* da fé no cotidiano. O amor ao Senhor e o amor ao semelhante sempre precisam ter eficácia na ação de ajuda, que não apenas *atende a necessidades* materiais ou corporais e psíquicas, mas que ao mesmo tempo auxilia o outro a *progredir na fé*. Contudo, isto pode concretizar-se na convivência espiritual. É por isto que o apóstolo exorta: **Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns** (“não abandonemos nossa reunião, como se tornou costume de alguns” [tradução do autor]). A expressão grega *mé enkataleípontes ten episyntagogén* tem de ser primeiramente traduzida por: “não abandonar a reunião”. Afinal, a solicitação do v. 24, “para nos estimularmos ao amor”, somente pode ser colocada em prática na comunhão concreta dos fiéis, que vivem no mesmo local e ali também se reúnem regularmente para a celebração (cf. Jo 13.34,35; At 2.42). O cristão solitário não tem condições de cumprir o mandamento de amor de Jesus. Por nos impelir à responsabilidade pelo irmão, o amor requer renúncia à liberdade e engajamento pessoal pelo outro.

O termo grego *episyntagogé* é usado em 2Ts 2.1, mas para o arrebatamento da comunidade de fé por ocasião da volta de Jesus. Com isto fica estabelecida a segunda possibilidade de tradução: “não perder de vista o arrebatamento (faltar nele)”. Porque “o dia do Senhor se aproxima”, por isto os fiéis devem estar de prontidão para o instante do arrebatamento. Sem dúvida ambas as possibilidades de tradução estabelecem um vínculo espiritual interior. Quem se separa levemente da comunhão dos fiéis tampouco poderá ir com alegria ao encontro do Senhor na volta de Jesus (cf. 1Jo 2.28). A comunhão representa um elemento forte e preservador para a fé. Quem a negligencia ou evita, passa a correr sério perigo por causa desta atitude, que pode levar à apostasia (cf. v. 26!). Esta atitude iguala-se ao isolamento de alguns israelitas do povo durante a peregrinação pelo deserto (Nm 16). Pereceram no caminho! É neste ponto que deve intervir a exortação fraternal – **antes, façamos admoestações** mútuas! – uma admoestação que busca, com paciência amorosa, trabalhar contra esta evolução espiritual catastrófica (cf. Hb 3.13; 4.11; 13.22). **E tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima.** “O dia” refere-se ao dia do retorno de Jesus. A tribulação e o perigo para a igreja aumentam quanto mais próximo ela chega do alvo da peregrinação. Quanto mais perto chegar o dia do Senhor, tanto mais decidida deve ser também a atitude de fé da igreja. A forma mais eficaz de enfrentar os perigos da vida espiritual é perseverar inabalavelmente na comunhão dos fiéis e na promessa da volta de Jesus (cf. v. 37).

b. Advertência diante de pecado proposital, 10.26-31

- ²⁶ **Porque, se vivermos deliberadamente (“voluntariamente”) em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados;**
- ²⁷ **pelo contrário, certa expectativa horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários.**
- ²⁸ **Sem misericórdia morre pelo depoimento de duas ou três testemunhas quem tiver rejeitado a lei de Moisés.**
- ²⁹ **De quanto mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele que calçou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça?**
- ³⁰ **Ora, nós conhecemos aquele que disse: A mim pertence a vingança; eu retribuirei. E outra vez: O Senhor julgará o seu povo.**
- ³¹ **Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo.**

26,27 Quanto maior a dádiva, tanto maior também a responsabilidade, e tanto mais grave o juízo – este é um dos pensamentos fundamentais que dirigem o autor (cf. Lc 12.47,48; Hb 2.1-3). A primeira grande seção da carta (Hb 1.1–5.10) desembocou numa advertência diante da apostasia (Hb 6.4-8). Do mesmo modo o apóstolo também encerra a segunda seção, na qual falou da obra de Jesus, de seu sumo sacerdócio eterno. A excelsa magnitude da pessoa de Jesus e sua obra consumada de redenção visam dar novo estímulo aos fiéis para permanecerem com fidelidade na fé e para a confissão

conjunta da esperança. Ao mesmo tempo, porém, a ciência das bases irremovíveis de nossa salvação deve preservar-nos de **vivermos deliberadamente em pecado** (“pecar propositadamente”). Chama a nossa atenção que o apóstolo introduz sua advertência séria com as palavras: “se *nós* pecamos propositadamente”. Neste alerta ele se une aos destinatários de sua carta. O apóstolo não se coloca do lado de fora da multidão de fiéis e tampouco se posiciona acima dela. Pelo contrário, ele sabe que o caminho de *cada* fiel está em perigo (1Co 10.12), mas que também podemos nos consolar a qualquer hora com o cuidado protetor e corretivo de Deus por nós (2Ts 3.3; 1Jo 2.1). O AT conhece a diferença entre o pecado intencional e involuntário: “Se alguém pecar por ignorância, apresentará uma cabra de um ano como oferta pelo pecado. Quando o sacerdote tiver feito expiação pelos ritos expiatórios em favor do que errou ao pecar involuntariamente contra o Senhor, será perdoado. Mas se uma pessoa fizer alguma coisa *intencionalmente*, seja alguém do povo ou um estrangeiro, é considerado blasfemo, e o respectivo deve ser exterminado do meio do seu povo” (Nm 15.27-30 [tradução da versão alemã de Menge]). O apóstolo acolhe em Hb a atitude básica do AT, contudo ele a transfere a outro nível espiritual. O pecado dos incrédulos, que não sabem nada do evangelho, está sob a indulgência de Deus: “Deus não levou em conta o tempo da ignorância” (At 17.30; cf. At 3.17; 1Tm 1.13). Em contrapartida, o fiel, que já experimentou o perdão dos pecados e a purificação de sua vida, tem uma responsabilidade maior. Nesta carta, afinal, são interpelados os fiéis. O apóstolo está se colocando junto da comunidade. Ou seja, são pessoas que receberam o **pleno conhecimento da verdade**, que com sua conversão receberam uma clara compreensão e ao reconhecimento interior da verdade (Tt 1.1; 1Tm 2.4; 2Tm 2.2,3). A experiência da salvação, descrita pelo apóstolo com esta expressão (em grego, *to labeín ten epígnosin tes alétheias*) corresponde à “iluminação de uma só vez”, da qual falou em Hb 6.4 (cf. Hb 10.32; 2Pe 2.20). O ser humano que chega a uma fé viva obtém o “conhecimento da verdade”, a comunhão de vida com Cristo, a vida eterna (Jo 17.3). “A verdade” não apenas é o conteúdo do evangelho, a mensagem pregada, mas o próprio Jesus Cristo (Jo 14.6). Este reconhecimento da verdade não é obtido pelo esforço intelectual humano (2Tm 3.7), mas exclusivamente pela entrega consciente de nossa vida a Jesus. O pecado não é minimizado em lugar algum da Bíblia, nem mesmo os pecados dos fiéis. No entanto, quando o apóstolo expressa a sua advertência ele está se referindo, de maneira análoga a Hb 6.4-6, e não a quaisquer pecados, nem mesmo a um pecado especialmente grave, mas à rejeição total a Deus. Aquilo que ele tenciona expressar com a advertência “se pecamos intencionalmente” (em grego *hekousíōs gar hamartanónton hemōn*), torna-se claro para nós apenas no v. 29. O apóstolo considera a possibilidade terrível de que uma pessoa que havia rendido sua vida a Jesus Cristo possa afastar-se novamente do Senhor e ingressar numa oposição cheia de ódio contra Jesus Cristo. **Já não resta sacrifício pelos pecados.** Com estas palavras o apóstolo não põe um limite à magnitude do sacrifício de Jesus, mas ele apenas deixa claro que, uma vez que nos voltamos para o Senhor, jamais podemos reverter a decisão. Nunca podemos voltar a um “estado anterior à conversão”. Quem se declara como definitivamente separado de Jesus Cristo, não somente se exclui pessoalmente do perdão, mas posiciona-se contra ela. Quem se separa conscientemente de Cristo, torna-se “adversário” (em grego *hupenantíos*), antagonista de Deus, e torna-se réu do juízo eterno. Também neste aspecto a realidade e a seriedade do AT alcançam até o centro do NT. Deus é um Deus santo. Seu “zelo ardente”, expressão de sua santidade, de sua ira e de seu julgamento justo, “consumirá seus adversários” (cf. Lv 10.1,2; Dt 4.24; Hb 12.29). As palavras de juízo do AT continuam válidas também no NT e têm de ser levadas a sério pelos fiéis (cf. Nm 16.32,35; Jd 11).

28,29 Em Hb 3.1-6 o apóstolo havia comparado Moisés e Cristo em relação a sua incumbência e sua glória. Agora ele os contrapõe no tocante à seriedade de sua ordem legal e seu tribunal. As ordens de Deus para Israel eram irremovíveis. Quem quebrava a antiga aliança por pecado proposital tinha de morrer, sem direito a apelo. Nenhuma comiseração injustificada podia deter o juízo de Deus. Como a glória da nova aliança excede em muito a da antiga (2Co 3.7-9), assim o castigo da nova aliança deixará para trás o castigo da antiga aliança. No v. 29 fica claro a que no fundo se refere o “pecado proposital”. Trata-se do *fiel que se afasta totalmente da salvação*, da oposição última e radical, da rebeldia contra o Senhor. Uma pessoa que experimentou em seu viver as maiores dádivas de Deus, seu Filho, a força do sangue de Jesus e o poder renovador do Espírito Santo em sua vida, e larga novamente tudo, desprende-se do discipulado e torna-se blasfemo e inimigo de Deus. Ao redigir suas palavras, o autor apostólico talvez tenha pensado na advertência de Jesus: “Quando, porém, o espírito imundo saiu da pessoa, vagueia por lugares áridos, procurando um lugar de sossego, mas não o

encontra. Então diz: Voltarei para minha casa donde saí. E, tendo voltado, a encontra vazia, varrida e ornamentada. Então vai e leva consigo outros sete espíritos, que são piores que ele e, entrando, habita ali. *E o estado posterior desse homem é pior que antes*” (Mt 12.43-45). **Calcar aos pés o Filho de Deus** significa praticar algo que nem mesmo os mais ferrenhos adversários de Jesus fizeram com ele quando estava vivo. Somos lembrados diretamente das palavras do apóstolo em Hb 6.6, em que ele adverte contra “expor o Filho de Deus à vergonha pública”. Foi isto que os sumos sacerdotes e escribas fizeram quando zombaram de Jesus, cuspiram nele, deram-lhe socos na face e mandaram açoitá-lo e executá-lo publicamente como criminoso. Apostatar de Cristo também se caracteriza pelo fato de que uma pessoa “**profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado**”. Quem despreza a Cristo, desdenha também do valor de seu sangue, que é para o fiel o fundamento de sua salvação e a essência de toda a energia purificadora e renovadora que Deus conferiu à sua vida. O sangue de Cristo torna-se para o decaído um objeto de rejeição zombeteira, de desprezo sarcástico. Também este aspecto evidencia que, como em Hb 6.4-8, trata-se de uma admoestação aos que crêem. Porque unicamente uma pessoa que já experimentou em sua vida a força santificadora do sangue de Cristo pode praticar este pecado. A apostasia de Cristo é ao mesmo tempo rebelião contra o Espírito Santo, que abriu nosso entendimento para a obra redentora de Jesus na cruz (cf. Zc 12.10). Desta maneira é **ultraçado o Espírito da graça**. A palavra grega que o apóstolo está utilizando é *enhybrizo* e significa “zombar”. Sua raiz é o termo grego *hýbris*, que caracteriza o orgulho blasfemo, a arrogância desmedida do ser humano natural, mediante a qual se rebela contra Deus.

30,31 O apóstolo deixa claro um ponto, de modo irrefutável: para o cristão não existe mais volta ao “estado pré-cristão”. Quando ele decai, torna-se opositor radical de Deus, bandeia-se decididamente para o lado do antagonista eterno do Senhor. Uma pessoa assim encaminha-se inevitavelmente para o juízo eterno de Deus. **Ora, nós conhecemos aquele que disse: A mim pertence a vingança; eu retribuirei.** O apóstolo experimentou em sua vida pessoal a santidade e o amor de Deus. Contudo, conhece também a *palavra de juízo de Deus* a partir do AT e sabe que *não perdeu sua autoridade e validade na nova aliança*. Deus continua sendo o juiz, ele se reserva a última palavra. **O Senhor julgará o seu povo.** A declaração de que Deus julgará o seu povo, sim, justamente *o seu povo* (1Pe 4.17), sublinha mais uma vez que a exortação precedente é dirigida a pessoas que crêem, devendo mostrar-lhes o perigo iminente. Também para a igreja de Jesus Deus continua sendo um Deus santo. Contra o julgamento de Deus não existe segurança e consolo humanos (cf. Ez 9.3-11). **Horrrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo.** Contudo, a seriedade máxima desta palavra de fato vale somente para aqueles que sucumbiram ao perigo que o apóstolo apontou. Sobre a trajetória da igreja, que através de todas as tribulações e aflições segue o seu Senhor com fidelidade e dedicação, permanece constando a palavra consoladora de Deus: “Nisto é em nós aperfeiçoado o amor, para que, no Dia do Juízo, mantenhamos confiança” (1Jo 4.17). Precisamente os próximos versículos tornam evidente para nós que nosso pensamento não deve ser dominado pelas sombras do perigo ameaçador e pela advertência contra a nossa decaída. Pelo contrário, o apóstolo mostra que o povo de Deus peregrino, a igreja que crê e aguarda, pode ir ao encontro de Jesus com alegre confiança.

c. Exortação para a persistência, 10.32-39

- ³² **Lembraí-vos, porém, dos dias anteriores, em que, depois de iluminados, sustentastes grande luta e sofrimentos;**
- ³³ **ora expostos como em espetáculo, tanto de opróbrio quanto de tribulações, ora tornando-vos co-participantes com aqueles que desse modo foram tratados (tiveram de sofrer).**
- ³⁴ **Porque não somente vos compadecestes dos encarcerados, como também aceitastes com alegria o espólio dos vossos bens, tendo ciência de possuídes vós mesmos patrimônio superior e durável.**
- ³⁵ **Não abandoneis, portanto, a vossa confiança; ela tem grande galardão.**
- ³⁶ **Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa.**
- ³⁷ **Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará;**
- ³⁸ **todavia, o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma.**

³⁹ **Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma (para alcançar a salvação da alma).**

32,33 O cristão não vive somente de sua conversão, mas das forças vitais do Cristo presente. Não obstante, há uma razão e uma necessidade de recordar reiteradamente o passado e conscientizar-se do começo da jornada de fé. É por isto que o apóstolo exorta: **Lembraí-vos, porém, dos dias anteriores!** Esta lembrança é descrita em Jo 14.26 como a obra do Espírito Santo (cf. Lc 24.6). A memória da conversão e do renascimento (“depois que fostes iluminados”, em grego: *photisthéntes*, cf. Hb 6.4), dos primeiros dias de sua vida de fé, tem a finalidade de ser uma ajuda espiritual para os cristãos hebreus em sua situação atual (cf. 1Pe 1.3-9). Sua trajetória de fé caracterizou-se desde o começo por luta e sofrimento. De modo exemplar para toda a igreja de Jesus em todos os tempos cumpriu-se na vida deles aquilo que Jesus mencionou muitas vezes em seus discursos (Mt 10.17-22,34-39), resumindo-o nas seguintes palavras: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Porquanto, quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á” (Mt 16.24,25). O que Paulo sofreu em seu próprio corpo na sua atividade missionária, na prática da proclamação, também não foi poupado aos cristãos hebreus: “Através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus” (At 14.22). Em sua paixão e morte Cristo tornou-se um “espetáculo público” (Lc 23.48), e seus seguidores de forma alguma têm sorte melhor. **Ora expostos como em espetáculo, tanto de opróbrio quanto de tribulações, ora tornando-vos co-participantes com aqueles que desse modo foram tratados.** Os cristãos hebreus, aos quais o autor dirige seu escrito, foram estigmatizados publicamente por causa de seu nome de cristãos. Também neste aspecto cumpre-se a palavra de Jesus: “o servo não é maior do que seu senhor”. “Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós” (Jo 13.16; 15.20). Deus não torna fácil o caminho de seus filhos. Contudo o sofrimento por amor a Jesus é sofrimento vicário (Cl 1.24), que serve ao amadurecimento e ao aperfeiçoamento da igreja toda, e compromete os fiéis a se tornarem partícipes do destino de seus irmãos sofredores.

34 Justamente no sofrimento devem ser comprovadas a fé, a esperança e o amor, de que o apóstolo falara. Fé genuína confirma-se em que o ser humano é capaz de receber também a realidade difícil com *alegria* da mão de Deus. **Porque não somente vos compadecesteis dos encarcerados, como também aceitastes com alegria o espólio dos vossos bens.** Pelo que se evidencia o martírio ainda não aconteceu (cf. Hb 12.4), mas sim o confisco de suas posses. O apóstolo não apenas faz uma constatação, mas revela igualmente as fontes misteriosas das quais jorra a força para sofrer para os fiéis, e das quais é nutrida a sua alegria de fé. Os fiéis vivem **na ciência** de que possuem **patrimônio superior e durável**. A vida eterna, a declaração da glória vindoura de Deus, nos foram concedidas sem qualquer contribuição humana. Ninguém pode adquirir por si próprio a certeza de fé, ela é o presente da livre graça divina. No entanto, aquilo que pessoa alguma é capaz de conferir a outro ser humano, tampouco um pode tirar do outro. Quem crê possui um patrimônio espiritual imperecível. Constitui uma certeza dos primórdios cristãos o que Martinho Lutero formulou assim (cf. *Cantor Cristão*, Juerp: Rio de Janeiro, 1971, Hino 323 [tradução de J. Eduardo von Hafe]):

Se temos de perder
Os filhos, bens, mulher,
Embora a vida vá
Por nós Jesus está
E dar-nos-á seu reino.

Atrás dessa disposição para sofrer está a certeza de saber que sofrer por amor a Jesus Cristo é graça: “Bem-aventurados sois quando os homens vos odiarem e quando vos expulsarem da sua companhia, vos injuriarem e rejeitarem o vosso nome como indigno, por causa do Filho do Homem. Regozijai-vos naquele dia e exultai, porque grande é o vosso galardão no céu” (Lc 6.22,23, cf. 1Pe 2.19). Em decorrência, na perseguição e na tribulação não acontece nada de estranho aos fiéis (cf. 1Pe 4.12,13), mas precisamente neste caminho aprendem que fé viva sempre é fé atribulada (cf. Sl 40.13-18; Tg 1.2,10). E justamente sob as mais pesadas cargas é decisivo que permaneçamos constantes.

- 35 Vale também para a igreja dos fiéis aquilo que Jesus disse a seus discípulos bem antes de sua trajetória para a cruz: “Quem perseverar até o fim, este será salvo” (Mc 13.13). O pensamento é retomado pelo apóstolo em sua exortação: **Não abandoneis, portanto, a vossa confiança; ela tem grande galardão** (“recompensa”)! O alvo é a glória junto do próprio Deus. Deus mesmo será o vingador, o que “recompensa” (em grego, *misthapodótes*, Hb 11.6), que concederá aos fiéis a “recompensa” (em grego, *misthapodosía*; cf. 1Co 3.12-15). Como os demais autores do NT também o autor de Hb utiliza com a maior naturalidade o pensamento da recompensa, porém dissocia-o inequivocamente de qualquer forma de idéia de mérito. À semelhança das afirmações dos evangelhos e das cartas do apóstolo Paulo também o contexto da presente passagem torna claro que a posição da comunidade diante de seu Senhor não é, no sentido rigoroso, uma relação de recompensa. Como fiéis somos propriedade integral do Senhor, porém com isto permanecemos numa constante dependência dele. Apesar disto lhe convém, a partir de sua bondade e liberdade soberanas, recompensar-nos. O que não significa que com esta “recompensa” na glória eterna a nossa relação de serviço seja dissolvida. Também na criação renovada vale: “seus servos o servirão” (Ap 22.3). Ao mesmo tempo a idéia da recompensa inclui a expectativa do juízo: toda a ação humana tem consequências irrevogáveis para a salvação ou para a perdição. Finalmente a nossa carta torna evidente que a motivação da obediência autêntica não é a idéia da recompensa, mas amor e confiança, a entrega de nossa vida a Deus, que brota de uma participação pessoal no sacrifício de Jesus, o qual trilhou com obediência plena o caminho até a cruz (Hb 12.2).
- 36,37 O entendimento verdadeiro da vontade de Deus não é encontrado pela via do esforço intelectual. Pelo contrário, para reconhecer a vontade de Deus há necessidade de disposição para subordinar a nossa vontade integralmente à vontade de Deus, de *entrega* total de nossa vida ao Senhor (Rm 12.1,2). E é preciso ter *paciência*, que é perseverança na fé, a fim de *praticar* a vontade de Deus. Contudo, na vida cristã aprendemos paciência somente na aflição, somente pelas dificuldades (Rm 5.3). **Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa.** Logo, cabe pressupor entendimento e obediência corretos para experimentar o cumprimento das promessas. Assim como a paciência é provada e comprovada na tribulação, na situação difícil, ela tampouco pode resistir sem uma viva esperança (Rm 5.4). Por isto o apóstolo recorda aos fiéis mais uma vez, com toda a ênfase, a esperança futura da igreja: **Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará.** O apóstolo considera que já na profecia messiânica de Hc 2.3,4 foi anunciada a volta de Jesus. Ele confirma a confiabilidade da palavra profética do AT – mais ainda: ele se insere totalmente no modo de pensar e anunciar dos homens de Deus do AT. Em muitas profecias do AT chama a nossa atenção que os profetas proclamam o que vislumbraram no futuro (cf. Is 9.6 “um menino nos nasceu...”) como algo já realizado. Possuem tamanha certeza do cumprimento da revelação divina que eles aceitam as promessas de Deus como acontecimento absolutamente seguro, como “moeda forte”. Assim também o profeta Habacuque estava tomado de tanta certeza em vista da vinda do Messias que toda noção de tempo tornou-se relativa para ele. Algo idêntico acontece com o apóstolo, quando retoma a citação do AT. Ainda que aos olhos humanos seja um tempo “longo” até a segunda vinda do Senhor, sob o peso do *fato* de que Jesus Cristo retorna, o prazo até aquele dia torna-se “breve”.
- 38 Esta esperança torna-se a força propulsora mais forte da fé. Nela separam-se fé e descrença, salvação e perdição. Existem somente duas possibilidades de decisão – *um só* caminho para a vida, para a salvação eterna. De maneira bem despreocupada o apóstolo interpreta e proclama a palavra do AT da perspectiva da revelação do NT: **o meu justo viverá pela fé.** Que quer dizer isto? Certamente não significa outra coisa senão que a verdadeira justiça, a única que vale diante de Deus, é concedida e atribuída exclusivamente ao que crê. A fé em Jesus Cristo é a nossa justiça. Quem foi justificado pela fé, alcança a promessa. Entretanto, quem abandona este único fundamento que resiste às crises, ou quem por culpa da descrença nem mesmo o encontra, desse Deus não se agrada. Irremediavelmente torna-se réu no juízo de Deus e passível da perdição eterna.
- 39 A igreja de Jesus é a multidão das pessoas que tomaram em definitivo sua decisão a favor de Cristo. Enquanto no v. 23 o apóstolo havia convocado os fiéis para perseverarem na confissão da esperança, no testemunho público de sua fé perante o mundo, ele agora mais uma vez presta um depoimento pessoal para a esperança da comunidade diante dos fiéis, a fim de fortalecer e confirmar a sua fé. **Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a**

conservação da alma. Outra vez o autor se une aos destinatários de sua carta e lhes assegura mais uma vez: quem vive na fé, está plenamente certo de seu caminho e de seu alvo.

Síntese

Quando nos voltamos inicialmente para a estruturação exterior da presente unidade textual de Hb 10.19-39, de imediato chama nossa atenção o paralelismo com Hb 5.11–6.20, tanto na estrutura quanto na seqüência dos pensamentos. Ambas as vezes o apóstolo organiza suas afirmações em censura, advertência e incentivo.

A censura:

“Vós vos tornastes tardios em ouvir, *quando devíeis ser mestres...*” (5.11,12).

“Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns” (10.25).

A advertência:

“É impossível... os que *decaíram* apesar disso...” (6.6).

“Porque se propositadamente pecamos...” (10.26).

O incentivo:

“Deus não é injusto... para que pela paciente perseverança herdeis as *promessas...*” (6.10,12).

“Tendes necessidade de perseverança... ainda um tempo bem breve, *e virá aquele que está para vir...*” (10.36,37).

A partir desta constatação chegamos à convergência de conteúdo entre ambos os trechos: trata-se de duas exortações largamente esboçadas, nas quais o autor a cada vez faz desembocar as suas afirmações teológicas. O apóstolo não somente gostaria que sua carta como um todo fosse entendida como “palavra de exortação” (Hb 13.22). Aquilo que ele diz com insistência aos membros da comunidade, de se “admoestarem mutuamente” (Hb 10.25), isto ele próprio realiza no presente texto de forma bem concreta. Seu objetivo é dirigir o seu olhar em três direções. Visa que em sua consciência captem ao mesmo tempo o passado, o presente e o futuro de sua vida cristã. Ele lembra aos fiéis o *passado*, no qual suportaram o “batismo de fogo” do sofrimento. Convida-os a cultivarem no *presente* o contato com Deus na oração em particular, a perseverar na comunhão entre si e darem testemunho perante o mundo. Dirige o seu olhar cheio de esperança para o *futuro*, para o dia em que a volta de Jesus porá fim ao curso natural da história mundial.

No centro de suas exposições está a insistente advertência de nunca mais largar a salvação uma vez recebida. Sem dúvida está em jogo uma situação grave. O apóstolo demonstra um “caso limítrofe” na vida espiritual, que fica permanentemente à espreita de nossa trajetória de fé como uma perigosa possibilidade. No entanto, é inegável que por causa desta advertência apostólica cristãos com uma consciência especialmente sensível e temerosa repetidamente caíram em grande inquietação e tristeza sobre si mesmos, sendo assediados pela ansiosa pergunta: acaso já não decaí há muito da fé? Será que, afinal, ainda me encontro sob a graça de Deus? Não somente pessoas psiquicamente enfermas, p. ex., as que sofrem de depressão, são assaltadas por esta pergunta. Também para pessoas física e psiquicamente saudáveis esta questão pode transformar-se numa aflição interior. Que podemos responder a isto dentro dos parâmetros do cuidado pastoral apostólico?

Quando analisamos com atenção a presente unidade, descobrimos com clareza irrefutável uma coisa que o apóstolo justamente não quer: *ele não quer desencorajar os fiéis*. Obviamente jamais devemos minimizar os perigos para a nossa vida espiritual. Jamais podemos brincar com o tentador de nossa alma! O diabo está procurando continuamente possibilidades para nos fazer cair (1Pe 5.8). Porém a palavra de exortação do autor dirige-se, ao que parece, a pessoas muito seguras de si, a cristãos que não levam sua obediência às últimas conseqüências, que possuem algo como uma “consciência de borracha”, e que correm perigo de repousar sobre os louros de sofrimentos suportados no passado. Nosso texto nos evidencia que o caminho de fé de cada pessoa – sem exceção – está em perigo. Ninguém deve embalar-se num sono de falsa segurança. Somente estaremos no alvo quando estivermos “na pátria junto do Senhor”. Quanto mais claramente, porém, o perigo estiver diante dos nossos olhos, tanto mais conscientemente buscaremos a proximidade do Senhor!

Coloquemos diante de nós um segundo ponto: a palavra de exortação de Hb 10.26-31 está posicionada entre duas frases (v 25,37) que apontam para a volta de Jesus. Constituem de certo modo

o tema principal. Apontando para o perigo, o apóstolo não visa levar à aflição os destinatários da missiva. Pelo contrário, quer mostrar-lhes que nos encaminhamos a um evento histórico, por causa do qual vale a pena resistir a todos os perigos, superar todo o cansaço. Jesus Cristo há de retornar, e junto dele terão fim todos os nossos sofrimentos. Acima da escuridão do tempo atual brilha já agora o esplendor da eternidade. Todas as perguntas aflitas de nosso coração podem ser encobertas pelo som de júbilo inefável por causa da vitória de Deus.

Finalmente temos de ler todas as exortações e advertências do apóstolo no contexto geral da carta. Não é cabível retirarmos determinadas palavras do contexto. Então notaremos que as palavras sérias do autor apostólico não são para ele o mais importante. Não são assunto principal nem pela extensão nem pelo conteúdo. Não têm o peso que talvez lhes atribuamos. “Ora, o *essencial* das coisas que temos dito é que *possuímos tal sumo sacerdote*, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus” (Hb 8.1). Jesus, o Senhor vivo, a redenção plena que ele nos trouxe e sua permanente intercessão em nosso favor ocupam o centro de todas as afirmações teológicas de nossa carta. Estas também deveriam ser o centro de nossa vida espiritual, podendo preencher-nos com a consciência da paz e do aconchego. “Ele *tem poder* para salvar integralmente os que através dele chegam a Deus” (Hb 7.25 [tradução do autor]) – ele também *agirá* para nos salvar integralmente! Por isto deveríamos agradecer-lhe a cada novo dia.

III. TERCEIRA SEÇÃO

FÉ E SANTIFICAÇÃO DA IGREJA 11.1–12.29

14. As testemunhas da fé, 11.1-31

a. O testemunho de fé dos antigos, 11.1-7

- ¹ **Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem.**
- ² **Pois, pela fé, os antigos obtiveram bom testemunho.**
- ³ **Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem.**
- ⁴ **Pela fé, Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício do que Caim; pelo qual obteve testemunho de ser justo, tendo a aprovação de Deus quanto às suas ofertas. Por meio dela, também mesmo depois de morto, ainda fala.**
- ⁵ **Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte; não foi achado, porque Deus o trasladara. Pois, antes da sua transladação, obteve testemunho de haver agradado a Deus.**
- ⁶ **De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam.**
- ⁷ **Pela fé, Noé, divinamente instruído acerca de acontecimentos que ainda não se viam e sendo temente a Deus, aparelhou uma arca para a salvação de sua casa; pela qual condenou o mundo e se tornou herdeiro da justiça que vem da fé.**

- 1 Depois de ter exposto diante de nós, de maneira extraordinária, a magnitude da pessoa de Jesus e a sublimidade de sua obra como Sumo Sacerdote, o apóstolo passa a falar agora daquilo que deve tornar-se visível na vida da igreja como fruto da redenção. Fé e santificação como resposta do ser humano que foi alcançado pela pessoa e obra de Jesus formam o tema da terceira seção da carta. Ele faz a transição da segunda grande exortação para o novo assunto sem dar um salto no raciocínio. Ele havia finalizado a esperançosa antevisão da igreja sobre a volta de Jesus com a confissão: “Nós, porém, não somos daqueles que retrocedem para a perdição, mas daqueles que crêem e salvam a alma”. É este pensamento que ele retoma, respondendo à pergunta sobre o que é, afinal, a natureza da fé do NT. **Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem.** Com esta frase o apóstolo nos fornece uma elucidação meramente intelectual e teórica do que ele

entende por fé. É a única definição do conceito de fé que encontramos na Bíblia. Contudo, é significativo que o autor não elabore mais esta frase. Ele não acrescenta uma definição detalhada dos termos. Pelo contrário, ele fundamenta sua assertiva teológica recorrendo à Escritura Sagrada. Da plenitude de exemplos do AT ele seleciona alguns, para explicar, através da vida de algumas pessoas, o que vem a ser fé. Desta maneira, ele tenciona dizer aos membros da igreja: seguramente podemos e devemos refletir sobre o que significa fé na acepção bíblica. Um esclarecimento e uma formulação intelectual assim podem ser úteis, mas ainda não captamos o mistério da fé através dela. O filósofo dinamarquês Sören Kierkegaard afirmou, de forma acertada: “Ainda que fôssemos capazes de colocar todo o conteúdo da fé em forma de conceito, não decorre disto que já tivéssemos compreendido a fé, compreendido como entramos nela ou como ela entra em nós”. Se quisermos saber o que é fé, é preciso muito mais observar a vida das pessoas que foram alcançadas por Deus, a vida de Noé, Abraão, Moisés e tantos outros, cujo testemunho foi registrado de modo indelével na revelação da Escritura Sagrada – e temos de nos abrir para a realidade de Deus, como eles o fizeram!

No v. 1 o apóstolo de certa maneira dá um título ao décimo primeiro capítulo da carta. Ele pergunta o que as pessoas da fé, as quais ele faz desfilar numa longa fila diante de seu olhar mental, tinham em comum no seu encontro com Deus. Quais são os elementos básicos da fé, que podem ser evidenciados nestas pessoas? Fé é a confiança inabalável em que um dia Deus cumprirá todas as suas promessas e profecias. Ao mesmo tempo, a fé é o convencimento interior, a prova que nos foi concedida pelo Espírito Santo acerca da realidade do mundo de Deus. O apóstolo João afirma que com a fé nos é dada uma nova capacidade de entendimento: “Também sabemos que o Filho de Deus é vindo e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro” (1Jo 5.20). Em Hb 11.1 ressalta-se que a pessoa que crê foi presenteada com uma certeza, com uma nova perspectiva da realidade invisível de Deus. Justamente o que parece contraditório e até impossível para a capacidade de raciocínio natural do ser humano não redimido realiza-se na vida do fiel: “não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem” (2Co 4.18). Pela fé de fato descerra-se para nós um mundo inteiramente novo. Obtemos acesso à glória de Deus. Justamente aquilo que para o ser humano natural é inconcebível enquanto ainda estiver fora da vida com Deus torna-se realidade máxima para os fiéis. O mundo eterno de Deus torna-se realidade para nós, de maneira bem diferente de tudo o que constatamos neste mundo objetivo.

- 2 Dois episódios do AT podem elucidar este fato. Quando a empregada de Abraão, Agar, foi expulsa por Abraão, juntamente com seu filho Ismael (Gn 21.12-21), ela vagueou pelo deserto e estava prestes a morrer com seu filho. Deus interveio nesta situação sem saída. “Abrindo-lhe Deus os olhos, viu ela um poço de água, e, indo a ele, encheu de água o odre, e deu de beber ao rapaz” (Gn 21.19). Neste episódio é importante que não é dito que Deus naquele instante criou uma fonte de água. Contudo, declara-se: “Deus lhe abriu os olhos”, de maneira que foi concedida a esta mulher a visão de uma realidade que até então lhe estava oculta. De forma semelhante acontece com o servo do profeta Eliseu, quando os exércitos hostis haviam cercado Dotã (2Rs 6.8ss). Quando o servo chega perplexo ao profeta, perguntando-o: “Ai! Meu senhor! Que faremos?” (v. 15), Eliseu responde: “Não temas, porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles”. Eliseu orou: “Senhor, peço-te que lhe abras os olhos para que veja!” E Deus abriu os olhos do servo e ele viu: o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo ao redor de Eliseu (v. 16,17). Neste caso, também não é informado que Deus tenha enviado seus exércitos celestiais somente neste instante. Estas forças celestiais há muito haviam rodeado o profeta, mas estavam ocultas aos olhos do servo. É necessário que o olhar seja aberto de maneira especial, para que também o servo possa contemplar esta realidade, que há muito estava manifesta a seu senhor, o profeta. Em decorrência, fé significa que, quando nos voltamos pessoalmente a Deus, a realidade do mundo invisível se torna patente. Desta maneira, a fé torna-se o caminho em que realizamos a experiência da realidade de Deus. Crer é colocar-se dentro da atuação de Deus. Deus se manifesta unicamente ao que crê, e nem sempre de forma perceptível pelos sentidos, mas muitas vezes contra a nossa percepção natural, em nosso coração e em nossa consciência. O Espírito Santo nos presenteia com uma certeza interior de Deus (cf. Rm 8.16), que é superior a todas as experiências exteriores que aparentemente a contradizem (cf. Hb 11.39,40). Este testemunho do Espírito Santo, concedido à comunidade de fé, foi obtido também pelos pais da fé. Deus declarou-se a favor dos pais e de sua fé, emitindo-lhes seu “atestado” no testemunho da Escritura Sagrada.

- 3 A fé não é somente uma experiência interior da presença de Deus. A fé também proporciona entendimento de acontecimentos que não podem ser elucidados racionalmente. É isto que o apóstolo enfatiza com as palavras: **Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem.** Ninguém estava presente por ocasião da criação do mundo. Deus estendeu o véu do mistério para o nosso entendimento humano sobre a formação do cosmos e o começo da esfera terrestre, um véu que os seres humanos provavelmente jamais retirarão. O fato de que neste contexto o apóstolo nos remete à primeira página da Bíblia pode nos mostrar que no relato da criação na Bíblia não se trata de lendas antigas ou concepções mitológicas há muito ultrapassadas, mas de uma revelação confiável de Deus, que no entanto é acessível somente à fé. Precisamente neste ponto a fé se revela como autêntico “sexto sentido” (cf. 1Jo 5.20). À pessoa que crê foi concedido um entendimento da realidade que sempre estará inacessível para o descrente. O v. 3, portanto, intensifica a afirmação que o apóstolo fez no começo do presente trecho, de que a fé “é uma convicção interior de coisas que não se vêem” (tradução do autor).
- 4 **Pela fé, Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício do que Caim.** Através do primeiro exemplo de testemunhas da fé do AT, o apóstolo mostra que a fé em Jesus Cristo nos concede uma compreensão totalmente nova das afirmações do AT. O relato de Gn 4.3-5 propõe-nos a pergunta: como Caim e Abel sabem do sacrifício? Todo sacrifício de que a Bíblia fala representa a tentativa do ser humano de superar o pecado e restabelecer a comunhão com Deus. Também por trás das palavras de Gn 3.21 reside reconhecimento de que um animal inocente tem de morrer em lugar das pessoas culpadas, para possibilitar-lhes a existência na terra: “Fez o Senhor Deus *vestimenta de peles* para Adão e sua mulher e os vestiu.” A história dos primeiros seres humanos já está indissoluvelmente ligada à realidade do sacrifício. Caim e Abel oferecem ambos seu sacrifício. Porém Abel traz o sacrifício “melhor”, “maior”. O sacrifício de Abel é superior ao sacrifício de Caim. De modo análogo também o serviço de Jesus é superior ao de Moisés, assim como a nova aliança excede a antiga (Hb 3.3 e 8.6).

Repetidamente os exegetas da Escritura Sagrada aprofundaram a pergunta sobre a razão pela qual o sacrifício de Caim foi rejeitado. O texto hebraico sugere que se busque a razão em Gn 4.7: “Se procederes bem, não é certo que serás aceito? Se, todavia, procederes mal, eis que o pecado jaz à porta.” Isto corresponde também à mensagem dos profetas no AT. Diante de Deus, o conteúdo ou a forma dos sacrifícios não são essenciais, mas se os sacrifícios são expressão visível de um coração humilde e obediente. Em sua compreensão do texto, a LXX pressupõe que o sacrifício de Caim não agradou por um motivo ritual: “Acaso não pecaste quando sacrificaste corretamente, mas não compartilhaste como convém?” O filósofo judaico Filo considerava como motivo de aceitação ou rejeição do sacrifício unicamente na própria oferenda: “A oferenda de Abel era viva, a de Caim sem vida. Aquela era superior em força e vigor, a de Caim era mais fraca (de menor valor).” O historiador judaico Josefo entendeu esta passagem de maneira similar.

Enquanto no relato do AT a diferença dos dois sacrifícios não está explicada com clareza definitiva, o apóstolo decifra este mistério. A fé de Abel tornou seu sacrifício agradável perante Deus. Neste ponto está a afirmação decisiva: Abel viveu na fé, razão pela qual Deus aceitou seu sacrifício. **Pelo qual obteve testemunho de ser justo, tendo a aprovação de Deus quanto às suas ofertas** (“Pela fé ele obteve o atestado de que era justo, quando Deus deu testemunho sobre suas ofertas” [tradução do autor]). O relato do AT apenas nos diz que “Agradou-se o Senhor de Abel e de sua oferta; ao passo que de Caim e de sua oferta não se agradou” (Gn 4.4,5). Não há informação se isto também era visível exteriormente. Em todo caso, ambos sabiam como Deus pensava a respeito de sua oferta. A aceitação do sacrifício trazido por Abel significou o testemunho de Deus sobre sua fé. A justiça da fé, que a palavra de Deus atribui a Abraão (Gn 15.6), também já tinha sido obtida por Abel. Fruto de sua fé é que seu sangue fala ainda hoje. O testemunho da fé, **mesmo depois de morto, ainda fala.** “O sangue de Abel” (Hb 12.24 [cf. BLH]), o sangue das testemunhas da fé, forma um acontecimento contínuo. Isto não vale apenas para as testemunhas de sangue da antiga aliança (Mt 23.35), mas de modo insuperável para o sangue de Jesus Cristo. A terrível aceitação da culpa pela morte de Jesus de parte de Israel em Mt 27.25 (“Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos!”) continua válida até a volta de Jesus em glória e até a nova aceitação do antigo povo de Deus. No entanto, também o sangue dos mártires da igreja de Jesus (Ap 6.9-11) alcança um significado especial para o cumprimento do plano de salvação de Deus e comparecerá como acusador e

testemunha contra os inimigos de Deus por ocasião de seu grande acerto final de contas com eles (Ap 17.6; 18.24). O fato de que *sua vida e morte* têm eficiência para além de sua morte, em gerações distantes, representa um atestado de peso emitido pela Palavra de Deus sobre as testemunhas da fé. Também a igreja de Jesus precisa, em todos os tempos, de pessoas entre suas fileiras que sejam um testemunho eloquente da fé, mesmo além de sua morte. Faz parte deles também aquela mulher que ungiu Jesus antes de seu caminho de morte, e sobre a qual Jesus afirmou: “Onde for pregado em todo o mundo este evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua” (Mt 26.13).

- 5 Continuamente o apóstolo interpreta o AT na perspectiva do NT. **Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte; não foi achado, porque Deus o trasladara.** Duas vezes declara-se na narrativa sobre Enoque, em Gn 5.21-24: “Andou Enoque com Deus” (v. 22). Aqui o apóstolo explica o que isto significa: Enoque viveu na fé, e esta fé constituiu a premissa para o seu arrebatamento. Neste ponto, fica evidente outra vez que na fé não se trata de um ato da razão humana, de considerar mentalmente como verdadeiras afirmações bíblicas ou doutrinas teológicas. *Crer significa viver com Deus.* É nesta vida com Deus que reside o “agradar a Deus”. **Pois, antes da sua trasladação, obteve testemunho de haver agradado a Deus.** Ademais, no NT nos é confirmado que Enoque foi convocado por Deus como testemunha e proclamador de sua justiça como julgador (Jd 14,15). A fé e o testemunho de Enoque antes de seu arrebatamento tornam-se, deste modo, indicação das premissas decisivas para o arrebatamento da igreja. Somente pessoas que vivem na fé com Deus e exercem fielmente o serviço como suas testemunhas participarão do arrebatamento.
- 6 O apóstolo enfatiza mais uma vez, de forma expressa, que a benevolência de Deus paira sobre a fé do ser humano, sobre seu apego perseverante às promessas de Deus: **De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador (“recompensador”) dos que o buscam.** No presente caso não se trata de uma obrigação dogmática que nos é imposta, mas sim de uma ordem e regra que Deus instituiu. A fé em Deus, tal como nos é evidenciada no exemplo das testemunhas da fé do AT, é a premissa que Deus ordenou para todo o que quiser alcançar a salvação. Assim como as testemunhas do AT, também os membros da igreja do NT estão condicionados à fé. Retoma-se a explicação do conceito de fé do v. 1. A existência de Deus faz parte das coisas celestiais invisíveis que não são acessíveis à nossa compreensão racional. Repetidamente o NT fala da invisibilidade de Deus (cf. Cl 1.15,16). A eternidade de Deus e sua invisibilidade neste mundo estão interligadas de modo indissociável, “(ele) habita em luz inacessível” (1Tm 6.16). Não obstante, uma pessoa tem condições de experimentar o Deus invisível no encontro com Jesus Cristo de maneira tal como se estivesse visivelmente presente (Jo 1.18; Hb 11.27). Se por um lado a natureza invisível de Deus constitui premissa não expressa para a fé, por outro lado a fé seguramente é mais do que apenas um processo mental, no qual uma pessoa admite a invisibilidade de Deus. Nossa fé, pelo contrário, é expressão de uma comunhão total de vida com Deus, que abrange todas as esferas da vida. Fé é o passo em direção de Deus, pelo qual nos aproximamos dele, e está vinculada de modo indissociável à pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo (Jo 14.1,6; Hb 7.25). Quem por meio de Cristo chegou à comunhão com Deus, quem vive com Deus, também está cheio da profunda esperança por um juízo final de Deus, no qual o Deus abscondido e sua justiça oculta serão manifestos. Deus será o “recompensador”. A volta de Jesus para a redenção definitiva de sua igreja trará concomitantemente o juízo sobre os inimigos de Deus.
- 7 Com clareza insuperável o apóstolo declara que a vida das testemunhas de Deus, sobre as quais a história bíblica original informa, se caracteriza pela fé. Também Noé fazia parte destes homens de fé. Como Enoque, assim a Bíblia também diz acerca dele: “Noé andou com Deus” (Gn 6.9). No entendimento do NT, isto significa: Noé se encontrava numa relação autêntica de fé com o Deus vivo. Noé obteve de Deus uma revelação. Sua fé foi comprovada pelo fato de que ele aceitou esta revelação de Deus sem duvidar e contradizê-la. Agiu conforme a revelação recebida. Pela fé, sua visão para o futuro foi aberta. Ao mesmo tempo, porém, levou muito a sério a ameaça do juízo de Deus. Por reverência perante Deus e por temor diante da catástrofe vindoura, Noé começou a construir a arca. Deus lho havia ordenado, Noé obedeceu. Fé e obediência formam uma unidade e constituem premissa para “encontrar clemência diante do Senhor” (Gn 6.8). São elas a *única* premissa da salvação e concretizam-se numa vida agradável a Deus. Deste modo, encontramos já na vida das testemunhas do AT um fato que tem importância precisamente também para a experiência de fé de cada cristão: não existe fé sem obediência prática à palavra de Deus. O apóstolo Paulo

considera-se praticamente enviado por Deus para conclamar pessoas à “obediência da fé” através de sua proclamação do evangelho (Rm 1.5; 15.18; 16.26). Como Abel através de seu sacrifício, assim Noé erige por meio da construção da arca um sinal da fé, o qual se torna visível para os que não crêem. A fé de Noé e sua obediência à palavra de Deus significam o juízo sobre a humanidade incrédula decaída de Deus, trazendo para ele a justiça perante Deus. “A obediência a Deus separa do mundo, ela é praticamente um juízo sobre o mundo”. Desta forma, a obediência da fé torna-se um testemunho para o mundo à volta, torna-se proclamação. Por meio de sua obediência Noé torna-se “pregador da justiça” (2Pe 2.5).

Deus configura a história através de pessoas de fé. A história bíblica original é indício eloquente disto para o apóstolo. Já na vida das testemunhas de fé do AT delineiam-se os contornos importantes para a igreja. Abel comprova sua fé no martírio, Noé passa por tribulação no meio de um mundo incrédulo. Contudo, a mão de Deus os sustém. O Deus dos pais também é o Deus da igreja. Por isto os fiéis devem resistir na aflição, certos de que Deus também fará uso do seu testemunho para conduzir a história da salvação ao alvo que estabeleceu.

b. O caminho de fé dos patriarcas, 11.8-22

i. Abraão, 11.8-19

- ⁸ Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu, a fim de ir para um lugar que devia receber por herança; e partiu sem saber aonde ia.**
- ⁹ Pela fé, peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa;**
- ¹⁰ porque aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador.**
- ¹¹ Pela fé, também, a própria Sara recebeu poder para ser mãe, não obstante o avançado de sua idade, pois teve por fiel aquele que lhe havia feito a promessa.**
- ¹² Por isso, também de um, aliás já amortecido, saiu uma posteridade tão numerosa como as estrelas do céu e inumerável como a areia que está na praia do mar.**
- ¹³ Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas; vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra.**
- ¹⁴ Porque os que falam desse modo manifestam estar procurando uma pátria.**
- ¹⁵ E, se, na verdade, se lembrassem daquela de onde saíram, teriam oportunidade de voltar.**
- ¹⁶ Mas, agora, aspiram a uma pátria superior, isto é, celestial. Por isso, Deus não se envergonha deles, de ser chamado o seu Deus, porquanto lhes preparou uma cidade.**
- ¹⁷ Pela fé, Abraão, quando posto à prova, ofereceu Isaque; estava mesmo para sacrificar o seu unigênito aquele que acolheu alegremente as promessas,**
- ¹⁸ a quem se tinha dito: Em Isaque será chamada a tua descendência;**
- ¹⁹ porque considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos, de onde também, figuradamente, o recobrou.**

- 8** O apóstolo demonstra já na vida de Abraão toda a multiplicidade das experiências de fé no NT. Abraão é o “pai dos que crêem” (Rm 4.16). Da sua vida aprendemos o que é a fé. Sua fé é exemplar para a fé da igreja do NT. Com poucas palavras o apóstolo esboça mais uma vez a história dos patriarcas vivamente diante dos nossos olhos. O chamado de Deus tira Abraão de seu meio daquele tempo. “Deus falou” – Não nos é dito como isto aconteceu. Contudo, Abraão sabe que é o Deus vivo que fala com ele, e sabe também que ele, Abraão, está sendo pessoalmente interpelado por Deus. Deus lhe dá uma incumbência e uma promessa. Ele o retira das condições de vida em que esteve até então, a fim de fazê-lo crescer em uma realidade completamente nova, a realidade da comunhão de fé com Deus. Abraão obedece sem argumentar! Obediente à promessa, Abraão sai de sua pátria sem conhecer o destino. *A fé de Abraão é obediente perante a palavra de Deus.* Ele não tem nada além da promessa de Deus e faz algo que seria totalmente absurdo fora da comunhão com Deus. Kierkegaard tem razão ao afirmar: “Na fé, Abraão saiu da terra dos pais e tornou-se um estrangeiro na terra da promessa. Uma coisa deixou para trás, porém uma coisa levou consigo: ele deixou sua razão terrena

para trás, e levou consigo a fé. Do contrário ele provavelmente não teria emigrado, mas teria pensado: isto é loucura”. Durante a caminhada, Abraão confia na condução de Deus, em sua realidade invisível, o que para o pensamento natural do ser humano se iguala a uma quimera. Os exegetas sempre ficaram intensamente impressionados justamente com a vocação de Abraão, com seu aspecto único na história da salvação, como exemplo da atuação soberana de Deus na vida dos fiéis, e a resposta de Abraão com obediência e confiança. A título de exemplo, acrescentamos as palavras de Lutero: “É precisamente esta a glória da fé: não saber para onde vais, o que fazes, o que sofres; render tudo, o sentimento e a razão, a capacidade e a vontade, seguindo meramente à voz de Deus, ou seja, deixar-se guiar e impelir, mais do que empurrar pessoalmente. Deste modo, pode ficar perceptível que com sua obediência de fé Abraão colocou o exemplo mais sublime de uma vida evangélica, porque deixou tudo atrás de si, seguiu unicamente ao Senhor, preferiu a palavra de Deus acima de tudo, amou-a mais que tudo, tornou-se espontaneamente um estrangeiro e submeteu-se a cada instante a perigos de vida e morte”.

- 9 Quando Abraão chega à terra da promessa, ele já a encontra habitada. Moram ali os cananeus (Gn 12.6). Não se instala numa de suas cidades, tampouco ele próprio constrói uma cidade. Ele vive em tendas, entre as suas cidades. *Sua fé torna-o um estrangeiro e peregrino na terra*. Não somente no coração ele se considera desprendido do mundo e ligado a seu Deus, ele também expressa sua fé de modo visível. Sua condição de estrangeiro se exterioriza: a tenda é a moradia do nômade e do viajante. Abraão mora na terra da promessa como estrangeiro. Exatamente esta situação, porém, lhe acarreta uma nova promessa de Deus. “Apareceu o Senhor a Abrão e lhe disse: Darei à tua descendência esta terra” (Gn 12.7). Sua condição de estrangeiro pela fé torna-se ao mesmo tempo um testemunho impactante para o mundo ao redor. Os gentios confessam: “tu és príncipe de Deus entre nós” (Gn 23.6). O mesmo acontece mais tarde com Isaque. Deus lhe diz: “Habita como estranho nesta terra, e estarei contigo e te abençoarei” (Gn 26.3 [tradução do autor]). Seus vizinhos gentílicos não podem deixar de lhe conferir o atestado: “Vimos claramente que o Senhor é contigo” (Gn 26.28). Contudo, este testemunho apenas é possível porque os pais da fé permaneceram conscientemente a uma certa distância de mundo ao seu redor. “A entrada na terra prometida não traz um encerramento, nem o fim do tempo de provação, nem a cessação da tentação. Pelo contrário, a nova situação requer nova fé e nova obediência. Exteriormente, portanto, a vida dos patriarcas está em contradição com a promessa obtida. Também sua fé está sintonizada com a invisibilidade e o mundo vindouro”. A igreja de Jesus assume o legado espiritual dos pais da antiga aliança. Também ela não pode estabelecer-se de maneira fixa neste mundo. Em todos os tempos permanece viva dentro dela a consciência de ser corpo estranho neste mundo: “não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a que há de vir” (Hb 13.14; cf. 2Co 6.10).
- 10 Abraão já esperava pela glória vindoura de Deus, a “cidade futura”, que é o alvo da igreja de Jesus. O apóstolo aponta para as realidades celestiais, que nos são explicadas pormenorizadamente em Ap 21,22 por meio da ilustração da Jerusalém celestial. Ao mesmo tempo, ele faz uma declaração que ultrapassa em grande medida, a partir do entendimento do NT, a revelação do AT: Abraão já sabia acerca da Jerusalém celestial. Ele esperava com convicção que teria participação nela, e ansiou pela revelação final da glória de Deus. Assim como Abraão sabia da vinda de Jesus (Jo 8.56), assim contava também com a consumação da glória de Deus sobre a terra. *Sua fé conta com a realização concreta da glória de Deus*. Abraão *aguardou* a cidade vindoura de Deus. *Pela fé* nós já temos *participação* direta na cidade de Deus (Hb 12.22). A consumação visível, porém, ainda está por realizar-se também para a igreja de Jesus. O próprio Deus é o projetista e construtor desta cidade futura. Ela foi projetada de acordo com o plano de Deus e se forma pela sua mão criadora. Ela é a criação maravilhosa de Deus, que não foi feita por mãos (cf. Hb 9.11,24). As “tendas”, as moradias do povo de Deus peregrino da antiga e nova alianças (cf. 2Co 5.1) não possuem fundamento. São construídas para poderem ser desmontadas. A cidade vindoura de Deus, no entanto, tem um fundamento, Deus mesmo garante sua permanência eterna.
- 11 **Pela fé, também, a própria Sara recebeu poder (“força”) para ser mãe, não obstante o avançado de sua idade, pois teve por fiel aquele que lhe havia feito a promessa.** Por um lado este versículo traz dificuldades textuais. Também poderíamos traduzi-lo, de acordo com alguns manuscritos: “Pela fé *ele* (Abraão) também *recebeu com Sara*, apesar de que ela fosse estéril, ele próprio a força para gerar descendência, não obstante o avançado da idade”. Esta leitura corresponderia tecnicamente à narrativa do AT. Contudo, a maioria dos documentos lê “Sara” como

sujeito da frase. Em consequência, estamos diante da pergunta do que o apóstolo poderia ter pensado com sua afirmação. No AT, justamente Sara não é nenhum exemplo de fé. Gn 15.12 relata que Sara riu quando ouviu a promessa divina. A censura de Deus deixa claro que foi um riso de descrença. Apesar disto, ela deu à luz Isaque. Seu riso depois do nascimento de Isaque sem sombra de dúvida tinha outra característica: “Deus me deu motivo de riso” (Gn 21.6). Agora ele expressa uma admiração pelo milagre indescritível. Não obstante, o apóstolo afirma que a sua fé foi anterior à concepção de Isaque. Com isto, ressalta-se uma linha básica que perpassa todo o presente capítulo: com seus olhos espirituais, o autor tem capacidade para constatar fé no lugar em que outras pessoas não notam nada. Além disto, temos de considerar ainda outro aspecto: as dificuldades do texto se dissolvem quando entendemos o matrimônio de Abraão com Sara no sentido original conforme a criação, como a união total de duas pessoas segundo corpo, alma e espírito. O que é afirmado sobre Sara vale de modo idêntico para Abraão. Na fé Abraão e Sara obtiveram a força para gerar descendência, apesar de que isto era humanamente impossível (cf. Rm 4.18-21). Sua fé se atém exclusivamente à promessa e à fidelidade de Deus, não às possibilidades imanentes. Eles “recebem força” (em grego, *dýnamis*) por meio da intervenção milagrosa de Deus, que anula a ordem da existência natural (cf. Lc 1.35; Hb 1.3; 7.16). A experiência de fé de Abraão e Sara associa-se ao entendimento de fé que o apóstolo expressou em Hb 11.3: Deus cria do nada, da morte cria a vida (Rm 4.17). Permanece, porém, o mistério de que Deus vinculou sua ação redentora à fé. Somente a fé possibilita a eficácia de Deus.

- 12** Deus responde à fé da pessoa que o “considera fiel”, que se atém ao teor de suas promessas, à maneira pela qual ele cumpre o que prometeu, mesmo quando este cumprimento se situar somente num futuro distante. Pois o próprio teor da promessa a Abraão no AT deixa claro que se trata de uma promessa que pode ser realizada plenamente apenas em um período além da vida terrena de Abraão. Abraão conheceu somente *um único* descendente. O cumprimento histórico desta promessa se estendeu ainda sobre toda antiga aliança e alcançará seu cumprimento apenas com o encerramento da nova aliança, com o aperfeiçoamento da igreja. Porque o apóstolo sabe que esta “semente de Abraão” atualmente está ganhando forma na igreja de Cristo.
- 13-16** **Todos estes**, os pais originais e os patriarcas, **morreram na fé**. O cumprimento da promessa – a obtenção do descanso de Deus, a redenção prometida, a irrupção da glória de Deus na terra – não lhes foi concedido durante o tempo de vida na terra. Apesar disto, contam firmemente com a confiabilidade da palavra divina. *Sua fé se comprova na paciência confiante, numa atitude inabalável e conseqüente de vida*. Eles vivem como “**estrangeiros e peregrinos**” na terra. Assim como a igreja de Jesus assumiu as promessas do povo de Deus migrante da antiga aliança, assim também assumiu sua condição de estrangeiros. A maneira de ser natural do ser humano e a espiritual forçosamente se excluem: para quem está enraizado com toda a sua existência neste mundo terreno, o mundo de Deus permanece estranho. Quem, no entanto, alcança o direito à cidadania na cidade de Deus (Ef 2.19; Fp 3.20), quem enraizou sua existência na eternidade de Deus, não tem mais direito a uma pátria neste mundo (1Pe 1.1; 2.11; Hb 13.13,14). *A fé é uma peregrinação em direção da pátria celestial*, que é melhor que a terrena. Os patriarcas não procuravam o que haviam perdido. Pelo contrário, estavam em busca da pátria da qual obtiveram conhecimento pela revelação de Deus e que visam conquistar a qualquer preço. De acordo com a sua fé não existe mais volta. Seu comportamento pessoal na vida cotidiana e sua peregrinação persistente em direção do alvo de Deus confirmam a sua fé. Eles sabem que Deus providenciou o futuro eterno de seus filhos. “(Deus) **lhes preparou uma cidade**”. Deus não se envergonha de seus filhos pecadores e falhos, pelo contrário, estabelece comunhão com eles e se declara a favor deles, porque na fé eles se renderam inteiramente a Ele. Os patriarcas confessaram a Deus através de sua fé (v. 13). Por isto Deus se declara favorável à fé deles. Assim como Deus não se envergonha de ser chamado “Deus dos pais” (Êx 3.6), do mesmo modo Cristo também não se envergonha de designar os membros de sua igreja como “seus irmãos” (Hb 2.11).
- 17-19** Toda fé precisa passar pela provação, por tribulações e tentações. Também neste sentido Deus estabelece um sinal que é válido por todos os tempos na vida de Abraão. A mais grave prova de fé não se situa no começo de sua caminhada, mas ela atinge a testemunha do Senhor amadurecida na obediência de fé. Deus solicita que seu servo devolva às suas mãos a promessa que lhe fez. Desta maneira, Abraão entra num conflito, cuja potência e profundidade é inconcebível mesmo para o fiel da nova aliança. “Não deveríamos estabelecer uma relação próxima demais entre a tentação de

Abraão e as dificuldades de nossa vida de fé, por mais que ela tenha sido anotada para nos consolar e ensinar. Temos de considerar que se trata, como diz Lutero, de uma tribulação verdadeiramente patriarcal, como a podia superar unicamente o patriarca dos fiéis. Pois muito mais que um bem pessoal está em jogo, mesmo que fosse o mais caro e mais amado. Na verdade, está em jogo o todo da promessa divina, a esperança toda, a salvação toda do mundo que havia sido prometida a Abraão com o filho Isaque”. Deus apresenta-se a Abraão com seu mistério inescrutável. Contudo, Abraão não se opõe. Na hora da tentação ele está pronto até para o sacrifício extremo. Não fala a ninguém acerca da exigência terrível de Deus, mas caminha em total solidão o caminho da fé. Contudo, sua fé se apegava ao Deus da promessa, que se torna Senhor até sobre o mais forte inimigo. Abraão sabe que o Deus da promessa também é vitorioso sobre a morte. “Contra toda a esperança ele creu com esperança” (Rm 4.17,18 [tradução do autor]). Ao consentir no sacrifício de Isaque, ele libera a promessa de Deus. Porém Abraão conta com a realidade da ressurreição e da superação da morte (1Co 15.26). Sua fé torna-se exemplar para a comunidade da nova aliança. Em decorrência, o sacrifício de Isaque em Moriá torna-se um “símbolo misterioso” (em grego, *parabolé*) da morte e da ressurreição de Jesus, daquele acontecimento sagrado no qual o Pai celestial entregou o seu único Filho amado como sacrifício pelos pecados de um mundo perdido.

II. Isaque, Jacó e José, 11.20-22

- ²⁰ **Pela fé, igualmente Isaque abençoou a Jacó e a Esaú, acerca de coisas que ainda estavam para vir.**
- ²¹ **Pela fé, Jacó, quando estava para morrer, abençoou cada um dos filhos de José e, apoiado sobre a extremidade do seu bordão, adorou.**
- ²² **Pela fé, José, próximo do seu fim, fez menção do êxodo dos filhos de Israel, bem como deu ordens quanto aos seus próprios ossos.**

20 Passo a passo o apóstolo amplia nosso olhar para o sentido espiritual dos acontecimentos do AT, que pode ser visto apropriadamente apenas na perspectiva do NT. A Bíblia está ciente de que as últimas palavras de uma pessoa com fé, que está bem diante do limiar da eternidade, possuem importância singular (Gn 49; Dt 33; Js 24; 2Sm 23.1-5). Por isto os discípulos de Jesus também transmitiram com fidelidade e cuidado especiais os discursos de despedida de seu Senhor, bem como suas palavras na cruz, do mesmo modo como também nos é relatada a última palavra de Estêvão (At 7.58,59). Na palavra de bênção dos patriarcas à beira da morte a promessa de Deus passa de geração a geração, acompanhando a história de fé em Israel até aquele dia em que a glória de Deus tem início com a vinda de Jesus Cristo a este mundo.

Mesmo ao morrerem, os patriarcas Isaque, Jacó e José deram testemunho de sua fé e contaram com o cumprimento da promessa divina. A fé de Isaque se insere no plano de Deus. Mesmo perpassando a culpa pessoal das pessoas que crêem, Deus age de uma forma oculta para a salvação das pessoas. Em Isaque torna-se claro, para todos os tempos, que a bênção dos pais e sua oração constituem um acontecimento eficaz.

21,22 A fé de Jacó passa adiante a bênção. O cajado é o símbolo de sua peregrinação. A extremidade do bordão que lhe serviu aqui na terra aponta agora para o alto, para o alvo de sua migração. A fé de José conta firmemente – mesmo que já tenham passado gerações desde a primeira promessa – com o cumprimento da promessa de Deus (Gn 50.24). Sua fé é “a certeza de coisas que se esperam” (v. 1). Mesmo moribundo, e até além de sua morte, José permanece sob o signo da peregrinação. Ele sabe que não possui lugar permanente mesmo na terra em que morre.

c. O poder de fé de Moisés, 11.23-29

- ²³ **Pela fé, Moisés, apenas nascido, foi ocultado por seus pais, durante três meses, porque viram que a criança era formosa; também não ficaram amedrontados pelo decreto do rei.**
- ²⁴ **Pela fé, Moisés, quando já homem feito, recusou ser chamado filho da filha de Faraó,**
- ²⁵ **preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir prazeres transitórios do pecado;**

²⁶ porquanto considerou o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão.

²⁷ Pela fé, ele abandonou o Egito, não ficando amedrontado com a cólera do rei; antes, permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível.

²⁸ Pela fé, celebrou a Páscoa e o derramamento do sangue (nos umbrais da porta), para que o exterminador não tocasse nos primogênitos dos israelitas.

²⁹ Pela fé, atravessaram o mar Vermelho como por terra seca; tentando-o os egípcios, foram tragados de todo.

23 Somente podemos nos sintonizar com a visão espiritual do apóstolo quando comparamos o relato do AT em Êx 2.1-10 com as declarações em At 7.20-34. Nesta comparação, o que de imediato chamará nossa atenção é que o NT ultrapassa o AT nos detalhes informados acerca de Moisés. Moisés foi ocultado “na fé”. Seus pais esperavam integralmente pela ajuda de Deus e por seu apoio. A partir da vida de fé e de confiança em Deus, eles hauriam a força para se apegar à ordem preservadora de Deus e para transgredir, por sua causa, os preceitos humanos. Em seu comportamento já se manifesta a regra fundamental divina que Pedro sintetiza perante o Sinédrio com as palavras: “Antes importa obedecer a Deus do que aos homens” (At 5.29). Em muitas passagens da Escritura Sagrada torna-se claro para nós que todo poder estatal somente pode reivindicar autoridade enquanto se submeter, no exercício do poder, às ordens fundamentais divinas.

24-26 O fundamento da vida de fé de Moisés já foi lançado quando da sua mais tenra infância. As primeiras impressões, recebidas de seus pais tementes a Deus, foram determinantes para toda a sua vida. Também uma educação de décadas no espírito da cultura gentílica não foi capaz de sufocar nele o germe da vida divina. Na fé, Moisés não faz concessões ao pecado: reconhecer a adoção teria sido negação e afastamento do povo de Deus. Logo, também significaria uma rejeição do “Deus dos pais” e, em decorrência, pecado no sentido mais abrangente. Ele rejeita a adoção egípcia e se coloca ao lado de seu povo. *Sua fé constitui uma confissão em prol do povo de Deus.* Moisés vive sem fazer concessões, mesmo quando sua revolta contra a dominação por parte de um povo alienado de Deus parece não ter perspectiva alguma. Ele escolhe ir da abundância para a pobreza. Como os tesouros do mundo futuro são maiores que riqueza terrena, Moisés prefere a trajetória do sofrimento com o povo de Deus. Sem que Moisés tenha consciência do significado de suas ações na história da salvação, Deus, em segredo, ergue em sua vida um sinal para todos os tempos. Sua rota, afastando-se da corte egípcia em direção do povo de Deus desprezado, torna-se paradigmática para todo aquele que quer andar pelo caminho da fé na igreja de Jesus. A jornada do discipulado transcorre sob o signo da cruz. Ela não é o caminho da massa, não uma marcha de triunfo e de glória, mas um caminho que nos faz destacarmo-nos como indivíduos da massa, um caminho que em certos trechos temos de andar totalmente sozinhos e solitários, uma via de desprezo e vergonha (cf. Hb 13.13). O que se delineia de forma rudimentar em Israel desenvolve-se plenamente na igreja de Jesus Cristo. Contudo, faz parte da fé também ter conhecimento do acerto final de contas de Deus (Hb 10.35; 11.6). Durante o itinerário da igreja na terra, os fiéis devem tornar-se conscientes de que a solução da questão do poder não está em primeiro plano! Inicialmente está em jogo o esclarecimento de nossa relação com Deus, a solução do problema da culpa! O próprio Deus reservou para si o direito revelar à igreja, no fim de todas as vias de cruz, seu poder e sua glória. Toda aflição, todas as tribulações e todas as tensões podem ser suportadas unicamente através desta certeza.

27 A fuga do Egito, a Páscoa e a travessia do mar Vermelho são episódios que se originam de decisões de fé. Crer e obedecer constituem as únicas premissas para que Deus possa levar ao alvo seu plano de salvação por intermédio das pessoas. O que Moisés aprendeu pelo exemplo de seus pais crentes torna-se eficaz em sua própria vida de fé: a obediência a Deus liberta do temor diante de pessoas. **Pela fé, ele abandonou o Egito, não ficando amedrontado com a cólera do rei.** Quando lemos o relato em Êx 2.14,15: “Temeu, pois, Moisés e disse: Com certeza o descobriram. Informado deste caso, procurou Faraó matar a Moisés”, as palavras do apóstolo parecem apontar mais para o êxodo de Israel que para a fuga de Moisés do Egito. Neste caso, os episódios não estariam ordenados pela sequência cronológica. Independentemente de que o apóstolo esteja pensando na fuga de Moisés ou no êxodo de Israel do Egito, trata-se de uma decisão de fé, que se torna paradigmática para os passos de uma pessoa que segue a Jesus. Como membro da igreja, nesta situação ele depende inteiramente

de se apegar ou não no Senhor vivo. Martinho Lutero afirmou quanto a isto: “Esta é, aliás, a propriedade da fé: ver o que ninguém vê, e não ver o que qualquer um vê” (cf. 2Co 4.18). De forma eloqüente, a vida de Moisés torna-se uma prova da exatidão da afirmação teológica que o apóstolo colocou como título desta série de testemunhos de fé. A fé é a convicção interior da realidade invisível e da presença de Deus. Com isto, porém, também evidencia-se o fato de importância incontornável para toda a proclamação e todo aconselhamento na igreja. A invisibilidade de Deus não tolhe nem impede de forma alguma a certeza da fé!

28,29 A participação no sacrifício redentor do cordeiro pascal também sucedeu com base numa decisão de fé. O sangue foi o sinal que salvou os membros do povo de Deus do destruidor, da catástrofe do juízo. A ceia pascal, na qual era consumido o cordeiro ofertado, fazia com que a comunhão dos libertos se tornasse visível. A execução obediente do sacrifício pascal torna-se indício da fé neotestamentária na salvação, que reivindica para si mesmo o sacrifício pascal da nova aliança (1Co 5.7), conquistando deste modo a premissa para participar na comunhão da ceia da comunidade de fé. Também a travessia do mar Vermelho é um passo de fé. Na igreja da salvação da nova aliança é o batismo dos fiéis que corresponde à passagem de Israel pelo mar Vermelho (1Co 10.1,2). A travessia pelo mar Vermelho estava no começo da peregrinação pelo deserto. Neste momento, ficou palpável a divisa entre a terra da escravidão e o deserto. A marcha pelo mar Vermelho significa a separação da terra da servidão, a ruptura definitiva com o passado, a demolição de todas as pontes com a terra do pecado. Ela ocorreu somente uma vez e numa só direção, colocando Israel na indissolúvel comunhão de destino com Moisés. Ali foram “batizados em Moisés”. Para a igreja do NT, o batismo dos fiéis, em sentido paralelo, significa a negação pública da vida sob o domínio do pecado, a demolição de todas as pontes com o passado. Deve tornar-se notório diante de todo o mundo que ingressamos na comunhão indissolúvel com Cristo. Sobre a travessia de Israel pelo mar Vermelho paira a mão onipotente e abençoadora de Deus. Ele leva seu povo de modo seguro até a margem salvadora. É somente a fé que experimenta milagres, enquanto a incredulidade perece em sua própria audácia.

d. A força eficaz da fé diante de Jericó, 11.30,31

³⁰ **Pela fé, ruíram as muralhas de Jericó, depois de rodeadas por sete dias.**

³¹ **Pela fé, Raabe, a meretriz, não foi destruída com os desobedientes, porque acolheu com paz aos espiões.**

30 Não somente a peregrinação de Israel pelo deserto constitui uma série de experiências de fé. A ocupação da terra de Canaã igualmente está sob o signo da fé. Como única possibilidade e único caminho para viver com Deus (v. 6), a fé perpassa toda a história de Israel como um fio vermelho. Da copiosidade de exemplos do AT o apóstolo seleciona alguns episódios especialmente marcantes. Deus havia prometido a Josué: “Olha, entreguei na tua mão Jericó” (Js 6.2). Deus postergou o cumprimento de sua promessa, para que no ínterim Israel pudesse erigir um sinal de sua fé na palavra de Deus. Durante seis dias Israel deveria marchar em redor da cidade, enquanto os sacerdotes iam diante do povo com as trombetas. No sétimo dia Israel devia rodear seis vezes a cidade sob o som das trombetas. Na sétima volta devia proferir o grito de guerra. A obediência prática de fé era, aos olhos dos inimigos, um comportamento ridículo. Contudo, Deus cumpriu as suas promessas literalmente. A ocupação de Jericó foi a resposta de Deus à fé de seu povo. – **Pela fé, ruíram as muralhas de Jericó.** – Foi uma demonstração de seu poder de fortalecer a sua fé. O que valia no tempo de Moisés, o que Israel experimentou diante de Jericó, constitui também o princípio para toda luta de fé dos filhos de Deus: “Não temais, nem vos assusteis por causa desta grande multidão, pois a peleja não é vossa, mas de Deus”.

31 No entanto, o caminho da fé não apenas deve ser aberto para Israel, mas para todo o mundo. A alegre mensagem, de que Deus amou o mundo para que ninguém fosse excluído de sua salvação, já reluz na vida de Raabe. Nela a igreja deve reconhecer que através da fé também uma pessoa profundamente enleada pelo pecado é salva e incluída no plano de salvação de Deus. O apóstolo sintetiza a narrativa do AT numa frase: **Pela fé, Raabe, a meretriz, não foi destruída com os desobedientes, porque acolheu com paz aos espiões.** De que maneira haveremos de entender Js 2.1ss como história da fé? Josué (em grego, “*Iesous*” [LXX], cf. Hb 4.8) envia a esta cidade dois

espias, precursores do juízo divino. Estes mensageiros vão a uma pessoa que é excluída pelas demais (cf. Jo 4.6-18). Contudo, a mulher rejeitada sabe do juízo vindouro de Deus sobre a sua cidade e tem o desejo de ser salva (Js 2.9-12). Ela tenciona obter certeza plena da sua salvação. Dos espias ela obtém a promessa de que será poupada. Ela recebe uma *afirmação verbal* de sua salvação. Ao mesmo tempo ela recebe deles como *sinal de sua salvação* um barbante vermelho, o qual ela aceita com fé. Os primeiros cristãos já viram no barbante vermelho um indício para o sangue de Jesus Cristo, que é o sinal e penhor de nossa redenção eterna. Foi assim que o presbítero romano Clemente escreveu a respeito deste fio vermelho em 1 Clemente 12.7: “Ela devia deixar pendurado algo vermelho para fora da casa. Deste modo, eles (os dois espias) revelaram que pelo sangue do Senhor será concedida redenção a todos os que crêem em Deus e esperam nele.” Ela amarra o fio vermelho na janela. Diariamente, quando olha pela janela na direção da qual virá o juízo de Deus sobre a cidade, seu olhar passa pelo sinal da salvação. Ela continua vivendo em sua casa, numa cidade que está sob a sentença de condenação de Deus. Porém, está salva desde a hora em que ela amarróu o barbante vermelho na janela, mesmo que a salvação ainda não se tenha tornado publicamente visível. De acordo com a analogia, hoje uma pessoa é salva no instante em que ela aceita pessoalmente o sangue de Jesus, a morte sacrificial de Cristo para a remissão da culpa. Quem crê, está salvo. Entretanto esta salvação somente será manifesta no futuro, na volta de Jesus Cristo, quando o Senhor aparecerá em glória para juízo e clemência. É por isto que o apóstolo Paulo afirma: “Porque, na esperança, fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o aguardamos” (Rm 8.24,25). O juízo não se realiza imediatamente após ser anunciado – mas ele vem! Quando os habitantes de Jericó foram mortos por Israel quando este povo tomou a sua cidade, a prostituta Raabe é salva. Ela é acolhida na comunhão do povo de Israel (Js 6.22-25). Torna-se importante para a história de salvação do povo de Deus no NT (Mt 1.5). Seu nome entra na genealogia de Jesus, e sua vida torna-se exemplo de que a fé transforma a nossa vida, até mesmo nas dimensões práticas.

Síntese

Com uma variedade incomum de exemplos práticos de vida, o apóstolo expôs diante dos olhos de seus leitores os numerosos lados, ou, por assim dizer, as muitas formas de expressão e manifestação de fé viva. Neste aspecto, ele de maneira alguma reivindica que está fornecendo uma listagem completa de todas as situações de vida em que a comunhão de fé com Cristo pode nos conduzir. É também por isto que no presente contexto não há necessidade de repetirmos mais uma vez todas as afirmações do autor em Hb 11.1-31 sobre a fé. Temos de nos conscientizar, pelo contrário, da intenção pastoral do apóstolo: *Visa encorajar para a fé!* Este objetivo o influencia na seleção de exemplos e na forma de seu relatório:

Primeiramente, através do testemunho do AT, seu objetivo é ilustrar que os homens e as mulheres citados por ele viveram com Deus de conformidade com a revelação que lhes foi concedida, confiaram nele e lhe obedeceram. Ademais, esta revelação na época do AT de modo algum alcançou a glória insuperável que nos foi presenteada em Jesus Cristo (Hb 1.2). Tanto mais motivo para uma fé obediente e uma confiança amorosa diante de Deus temos *nós*, os membros da igreja do NT. Ninguém, portanto, pode afirmar algo como: “Se eu tivesse a experiência com Deus que teve Abraão, ou se Deus se tivesse revelado a mim como se revelou a Moisés no Sinai, então eu certamente creria!” Nós recebemos mais revelação do que as testemunhas da antiga aliança: Deus chegou bem perto de nós através de Jesus Cristo. Sua revelação na vida e na palavra de Jesus e no testemunho apostólico não pode mais ser superada. Não é possível tornar mais fácil o caminho para a fé. No curso da história da salvação, a vontade de Deus encerra e fundamenta o fato de que para diversas testemunhas de fé do AT houve a experiência de fé singularmente direta – p. ex., a fala de Deus a Abraão, a manifestação de Deus na sarça ardente no monte Horebe – experiências que nós atualmente não podemos ter. Hoje Deus se revela a nós na palavra da Escritura Sagrada, através do seu Espírito Santo, de modo bem diferente, mas de forma igualmente direta quanto às pessoas do AT. Os homens e as mulheres daquele tempo assumiram o risco de andar seu caminho com fé – através de todas as tribulações. Nós podemos fazê-lo do mesmo modo.

Por outro lado, chama atenção em nosso trecho que o autor menciona apenas os lados positivos das testemunhas de fé. Acaso quer omitir suas fraquezas humanas, sua pequena fé e desobediência? Com certeza que não. Os destinatários da carta estavam bem familiarizados com o AT, tinham boa

noção da história de vida destas pessoas. É impossível um tipo de classificação simplista em preto ou branco. Que é que o apóstolo visa explicar a seus leitores? Sem omitir a verdade sobre os nossos pecados – mesmo que doa – temos de aprender a falar de uma nova maneira acerca da vida dos fiéis. Quando alguém confia sua vida a Deus e obtém perdão de sua culpa, Deus apaga o pecado. Então a graça que corrige existe também para um novo fracasso, e Deus olha primeiro para aquilo que seu Espírito Santo efetua na vida de uma pessoa assim. Ele não nos confronta continuamente com nossas falhas e fraquezas, pelo contrário, ele visa despertar em nós a alegria pela nova vida, e nós devemos aprender a agradecer por aquilo que, através da atuação de Deus em nós, permanece para a eternidade depois de nossa jornada terrena.

15. Vitória e sofrimento da fé, 11.32-40

- ³² **E que mais direi? Certamente, me faltará o tempo necessário para referir o que há a respeito de Gideão, de Baraque, de Sansão, de Jefté, de Davi, de Samuel e dos profetas,**
³³ **os quais, por meio da fé, subjugaram reinos, praticaram a justiça, obtiveram promessas, fecharam a boca de leões,**
³⁴ **extingiram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram força, fizeram-se poderosos em guerra, puseram em fuga exércitos de (povos) estrangeiros.**
³⁵ **Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos. Alguns foram torturados, não aceitando seu resgate, para obterem superior ressurreição;**
³⁶ **outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, até de algemas e prisões.**
³⁷ **Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos a fio de espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados**
³⁸ **(homens dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra.**
³⁹ **Ora, todos estes que obtiveram bom testemunho por sua fé não obtiveram, contudo, a concretização da promessa,**
⁴⁰ **por haver Deus provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados.**

- 33** Inicialmente o apóstolo havia dado uma resposta resumida à pergunta: o que significa a fé para a igreja de Jesus? “Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem” (Hb 11.1). Esta resposta, porém, não lhe basta. Não se trata apenas de um esclarecimento intelectual. Pelo contrário, seu objetivo é conscientizar os fiéis de que na fé trata-se de uma prática de vida. É por isto que ele não continua a explicação teórica, mas evidencia a realidade da fé na vida humana. Por que ele não considera um exemplo como suficiente? Na vida de Abraão, p. ex., ele já apontara para muitos aspectos importantes da fé. Por que ele recorda aos fiéis os numerosos nomes daqueles cuja história de vida lhes é conhecida do AT? Justamente porque cada um deles teve, a seu modo, experiências de fé com o Deus vivo. Isto pode ser transferido para a igreja do NT: na vida de fé dos cristãos não existe uniformidade. Cada um experimenta o encontro com Deus de uma maneira que lhe é peculiar. Em cada um Deus relaciona a fé com seu elemento natural próprio da criação, o temperamento e o caráter. Deus trilha o seu próprio caminho com cada um de seus filhos, conduzindo-os por altos e baixos para o alvo de sua glória. Existe uma multiplicidade infinita de experiências de fé e conduções interiores de Deus. Precisamente por isto é que nós podemos aprender o que é fé na escola das testemunhas do AT. Os personagens do AT tornam-se modelos da fé da igreja do NT. São testemunhas de que Deus jamais decepciona sua fé. Acerca de sua vida está a experiência pessoal da palavra de Jesus “Tudo é possível ao que crê” (Mc 9.23). **Por meio da fé, subjugaram reinos.** Cada vitória que Israel conquistou em nome de seu Deus não somente constitui uma prova de seu poder divino sobre o caminho de seu povo, mas já aponta para a realidade de que um dia todos os inimigos de Deus estarão subjugados e Deus inaugurará seu domínio nesta terra com plenos poderes (1Co 15.25,26). A história de Israel e a trajetória da igreja de Jesus constituem um registro daquela luta terrível entre o poder divino e o poder satânico, que somente acabará no fim da era atual do mundo, por meio da vitória de Deus. O apóstolo enumera uma série de experiências de fé que ele

evidentemente relaciona aos nomes anteriormente citados. **Praticaram a justiça.** De modo bem especial **Samuel**, o primeiro profeta do tempo dos reis, e **Davi**, o precursor do reinado messiânico, “atuaram com justiça” e estabeleceram com isto um sinal da justiça de Deus. Também Noé, Jó e Daniel obtiveram de Deus o atestado da justiça de sua vida (Ez 14.14,20). **Obtiveram promessas** – é o que constatamos de modo singularmente claro na vida dos juízes Baraque e Gideão (Jz 4.14,15; 6.14; 7.7). As promessas de Deus não valem apenas para o mundo futuro, elas também são a base de todas as experiências de fé que o povo de Deus realiza *no mundo atual*. **Fecharam a boca de leões.** Evidentemente, ao usar a expressão “pela fé”, o apóstolo constata a derrota do leão não somente na vida de Daniel, mas também em **Sansão** (Jz 14.6) e **Davi** (1Sm 17.34,35). Ainda que não seja citado o nome de Daniel, esta afirmação faz uma referência direta de Dn 6. A fidelidade de Daniel (Dn 6.4), seu serviço a Deus (Dn 6.16,20) e sua inabalável confiança em Deus (Dn 6.23) estão indissolivelmente interligados em sua vida, formando a chave da maravilhosa intervenção de Deus para salvá-lo.

34 Extinguiram a violência do fogo. Aqui o apóstolo evidentemente está pensando no exemplo dos três homens na fornalha acesa, dos quais relata o livro de Daniel, sem no entanto citar expressamente os seus nomes. Justamente na sua vida torna-se evidente que a fé viva, que supera todos os poderes hostis, está disposta à entrega integral. **Escaparam ao fio da espada.** Repetidamente Deus salvou os seus servos do perigo extremo de vida, a fim de erigir um sinal de seu maravilhoso poder. Também **Davi**, ao fugir de Saul, não se desviou nem um palmo do caminho de Deus e experimentou como o Senhor preservou o caminho de sua vida de maneira milagrosa. De modo análogo, Elias foi protegido diante do rei Acabe (1Rs 19.10). O mesmo nos é narrado acerca do apóstolo Pedro, ao qual Deus salvou da prisão por meio de seu anjo (At 12.11). **Da fraqueza tiraram força.** Antes o apóstolo havia citado o nome de Sansão. Na última hora de sua vida Sansão foi munido por Deus com novas forças, de modo que conseguiu vencer seus inimigos (Jz 16.28). **Fizeram-se poderosos em guerra.** A fé se fortalece na luta. O que Davi experimentou diante de Golias (1Sm 17.49) pode vir a ser, em sentido figurado, a experiência de todo fiel da nova aliança. Também nós estamos incessantemente lutando contra um antagonista invisível. Não se trata de uma luta contra poderes terrenos, mas contra influências do mundo dos espíritos que nos querem expulsar da comunhão com o Senhor. Para cada fiel é um consolo saber que com a mesma força com que Deus fortaleceu seus servos na antiga aliança ele também nos assiste na luta da fé (Ef 6.10-13). **Puseram em fuga exércitos de (povos) estrangeiros.** Obediência genuína de fé muitas vezes fez ceder uma potência inimiga esmagadora (cf. 1Sm 17.52). As muitas guerras de Israel, nas quais Deus interveio com seu braço poderoso, constituem um fortalecimento de fé também para a igreja no NT: assim, através de Jesus Cristo, um dia também serão vencidos os poderes hostis a Deus.

35 Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos. Aqui se faz referência a uma experiência que pela fé antecipa a derrota da morte, a vitória de Deus sobre o último inimigo (1Co 15.26). “Deus não se deixa desviar de seu verdadeiro propósito, mas manifesta aqui e acolá na história de Israel a sua vontade, de criar nova vida a partir da morte”. Fé viva, bíblica, repetidamente experimenta libertação milagrosa por meio de Deus, mas ela também está preparada para se submeter a orientações difíceis, incompreensíveis. Os pensamentos do apóstolo, resumidos no presente trecho, são mantidos ligados, com seu contraste de vitória e sofrimento, pela fé. Contudo, apenas pela fé na maneira peculiar como se expressa de forma paradigmática, p. ex., na vida dos três amigos de Daniel. Nabucodonosor lhes disse: “Agora, pois, estai dispostos e, quando ouvirdes o som da trombeta, do píforo, da cítara, da harpa, do saltério, da gaita de foles, prostrai-vos e adorai a imagem que fiz; porém, se não a adorardes, sereis, no mesmo instante, lançados na fornalha de fogo ardente. E quem é o deus que vos poderá livrar das minhas mãos? Responderam Sadraque, Mesaque e Abede-Nego ao rei: Ó Nabucodonosor, quanto a isto não necessitamos de te responder. Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos, ele nos livrará da fornalha de fogo ardente e das tuas mãos, ó rei. Se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a imagem de ouro que levantaste” (Dn 3.15-18). Fé verdadeira que nos preserva na comunhão direta com Deus não é um seguro de vida. O plano de Deus pode ter o objetivo de que seus filhos o glorifiquem pelo sofrimento. Apesar disto, permanece de pé em nossa vida a promessa: “Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8.38,39).

36-38 O AT nos conta sobre a vida de alguns profetas que foram lançados à prisão, que foram açoitados, apedrejados e mortos (cf. 1Rs 22.27; 2Cr 16.7-10; 24.20,21; Jr 26.20ss). Também o NT relata o mesmo da vida dos discípulos de Jesus, das primeiras testemunhas da igreja. Não obstante, na verdade são poucos os relatos que nos informam a este respeito. No entanto, existem inúmeras notícias do tempo do judaísmo tardio, especialmente das guerras dos Macabeus, e dos primeiros três séculos da história da igreja de Jesus que nos relatam acerca da aflição, da perseguição e do martírio que muitos fiéis tiveram de suportar. O apóstolo *aponta para o passado*, no intuito de *preparar os fiéis para eventos futuros*. **Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos a fio de espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados.** Em “O Martírio de Isaías”, um escrito do judaísmo tardio, lemos: “Então lançaram mão de Isaías, o filho de Amós, e o serraram ao meio com uma serra de madeira. Estavam, porém, presentes Manassés e Belquira, os falsos profetas, os príncipes e o povo todo, e observaram. Ele, porém, havia dito aos profetas à sua volta, antes de ser serrado: ‘Vão para a região de Tiro e Sidom! Porque Deus misturou o cálice unicamente para mim.’ Isaías, porém, não gritou nem chorou quando foi serrado ao meio. Pelo contrário, sua boca falava com o Espírito Santo, até que terminaram de serrá-lo” (5.11-14). De acordo com outro relato, o profeta Jeremias teria sido apedrejado pelos judeus no Egito. O profeta Urias foi decapitado por ordem do rei Jeoaquim (Jr 26.20-23). O profeta Elias fugiu para o deserto, a fim de escapar dos perseguidores enviados por Jezabel (1Rs 19.1ss). O oficial da corte Obadias ocultou cem profetas em cavernas, para afastá-los do ataque de Acabe e Jezabel (1Rs 18.4). Várias vezes nos é relatado que o apóstolo Paulo teve de fugir (At 9.25,30; 14.6; 17.14). Em Éfeso foi exposto a grande aflição externa e interna (1Co 15.32; 2Co 1.8-10). Numa de suas cartas ele nos informa acerca do grande número de perseguições e sofrimentos que teve de suportar (2Co 11.23-27). As cargas podem chegar ao limite do humanamente suportável, às vezes até parecem ultrapassá-la. Paira um mistério sobre as trajetórias de vida muito pesadas dos filhos de Deus que somente será solucionado na eternidade. É a sombra da cruz, mas sobre todos os sofrimentos brilha a coroa da glória. “Seres humanos que não possuem vestimenta e moradia apropriada, que têm carência do mais necessário para a vida, duramente pressionados por seus contemporâneos, que dia após dia experimentam desconforto e desprezo, que são inconstantes e fugitivos, ocultando-se ora aqui ora acolá, são sinal de miséria e maldição para outros... Mas apesar disto a fé tem consciência da alto valor destas pessoas de Deus. É por isto que Deus profere sobre mundo que quer se livrar destes emissários a seguinte sentença: ele não é digno delas... Deus, porém, registra com letra indelével o nome delas na história: livros sagrados os mencionam e tornam o seu sofrimento um exemplo para o último grande momento da tentação”. Sofrimentos constituem uma graça por meio da qual Deus prepara os seus filhos (Sl 73; Fp 1.29; Cl 1.24,25; 1Pe 2.19ss). Deus escolhe este caminho amadurecer sua igreja para a era vindoura. Ainda que os mensageiros de Deus, que selaram seu testemunho perante o mundo com sua vida, sejam desprezados, Deus julga de forma diferente: “É valiosa aos olhos de Iahweh a morte dos seus fiéis” (Sl 116.15 [BJ]). A palavra dos mártires não somente tem um peso especial perante o mundo, mas também na eternidade de Deus (Ap 6.9-11; 20.4-6; cf. Is 57.1; Jl 3.21).

39-40 **Todos estes que obtiveram bom testemunho por sua fé não obtiveram, contudo, a concretização da promessa.** Neste versículo, o apóstolo resume, com uma frase, não somente os patriarcas (cf. v. 13), mas todas as testemunhas de fé do AT. Esta é a maior dignidade que Deus lhes podia atribuir, de terem recebido do Espírito Santo o atestado da certeza de fé de serem justos diante de Deus e de que participarão da consumação. Contudo, a promessa pela qual todos eles esperaram, a promessa da redenção, da perfeição e da irrupção da glória de Deus neste mundo – o cumprimento final desta promessa, ainda não experimentaram, não por sua própria culpa, não por causa de uma atraso da parte de Deus, mas porque correspondia ao plano de salvação de Deus, **por haver Deus provido coisa superior (“melhor”) a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados.** O “melhor” é a glória eterna, a nova criação (Ap 21.1-5), na qual o verdadeiro povo de Deus do AT e a comunidade da nova aliança serão participantes de forma igual. Sem transição o apóstolo passa da série de testemunhas do AT para os membros da igreja. Os fiéis da antiga e da nova alianças estão lado a lado. As pessoas do AT não alcançaram o cumprimento da promessa – com isto, porém, as promessas de Deus não foram anuladas. Somente quando a igreja for acrescentada é que o povo de Deus estará completo. Com o aperfeiçoamento da igreja se realizará o cumprimento

definitivo de todas as promessas concedidas às testemunhas do AT, também a concretização das muitas promessas terrenas para Israel, cujo cumprimento ainda está pendente até os tempos atuais.

Síntese

O autor falou vinte e quatro vezes de fé em Hb 11, dando-nos assim a palavra-chave que interliga ambas as partes do capítulo. Por meio da vida de diversas testemunhas do AT, de Abel até Raabe, e através dos acontecimentos da época da migração de Israel ele evidenciou que fé é comunhão concretizada na vida com Deus. Destacou a forma como o caminho de fé destas pessoas se desenrolou sob o “sim” manifesto de Deus. Agora, porém, no trecho de Hb 11.32-40, ele gostaria de proteger seus leitores de um mal-entendido: *a fé não é um cálculo de sucesso*. Crer não significa ter um seguro de vida, assim como não é garantia de bem-estar na terra, de fama e reconhecimento entre as pessoas. Em todos os instantes a igreja se encontra diante de seu santo Deus, ao qual os fiéis não podem ofertar sua fé como um presente para trocá-la pela sua bênção, à maneira do ditado latino *Do ut des*, “dou a ti para que me dês algo em troca”. O caminho da fé não se iguala a uma tentadora viagem de férias, na qual nos esperam misteriosas aventuras. A via do discipulado não traz consigo apenas a proximidade de Deus, seu auxílio e sua proteção, mas inclui também renúncia e sacrifício, aflição e tribulações.

Na presente unidade o apóstolo coloca ambos os aspectos numa relação bem próxima: vitória e sofrimento da fé. Seria inteiramente equivocado concluir daí que a fé nada mais seria que um movimento do pensamento dialético no sentido filosófico moderno. Dialética significa, neste caso, que uma afirmação positiva possui somente uma dimensão de realidade quando ela é ao mesmo tempo negada. P. ex., da seguinte maneira: a vitória da fé consiste em sua derrota. A reflexão do apóstolo aponta para uma direção bem diferente. A importância das narrativas do AT, às quais recorre (cf. 1Co 10.11; 2Tm 3.16), é vista por ele sobretudo no fato de que se torna visível a inacreditável tensão que Deus permite que as pessoas com fé suportem. Deus conduziu a todos em dificuldades. A muitos ajudou de maneira maravilhosa, de modo que puderam triunfar sobre seus inimigos. De fato existe a poderosa atuação de Deus em nosso mundo. Deus responde à fé das pessoas por meio de sua intervenção, em que transforma integralmente a sua situação. Mas, quando a ajuda de Deus não ocorre, isto não constitui evidência da incredulidade ou do fracasso pecaminoso das pessoas. Deus também pode trilhar caminhos diferentes com alguns de seus filhos ou com igrejas inteiras – e repetidamente os trilhou na história! Neste contexto cumpre-se de modo peculiar, metafórico, a palavra de Is 55.8,9: “Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o Senhor, porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos.”

O apóstolo visa estimular os destinatários de sua carta para a fé. Ao mesmo tempo, ele quer preparar para a circunstância de que os sofrimentos já suportados podem não ter sido os últimos. Deus também poderá traçar o seu itinerário da forma como fez com vários fiéis do tempo do AT, de modo que sua trajetória terrena termine em perseguição, sofrimento e martírio. No entanto, justamente neste caso devem saber que seus sofrimentos são necessários para encher a medida escatológica dos sofrimentos (cf. Cl 1.24) para o aperfeiçoamento da igreja. É um privilégio doloroso poder participar deles, mas não deixa de ser um privilégio. Pode ser que os fiéis atinjam o alvo da glória “somente sob lágrimas”. Porém “Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima” (Ap 7.17; 21.4).

16. Luta de fé como meio pedagógico de Deus, 12.1-11

a. Jesus, nosso exemplo na fé, 12.1-3

- ¹ **Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta,**
- ² **olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus.**
- ³ **Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatigais, desmaiando em vossa alma.**

- 1 As experiências de fé dos pais significam um fortalecimento direto na luta de fé da igreja na atualidade. O autor apostólico tem em mente idéias semelhantes a Paulo na carta aos Romanos: “Tudo quanto outrora foi escrito, para o nosso ensino foi escrito, para que pela perseverança e pelo consolo das Escrituras tenhamos a esperança” (Rm 15.4; cf. 1Co 9.10). O que ele afirmou acerca da vivência dos homens de Deus do AT refere-se, portanto, diretamente à vida de fé da igreja. É por isto que ele faz uma ligação direta com Hb 11.40, dizendo: **“Portanto, também nós...”** Nas questões de fé, a igreja se encontra no mesmo nível que os pais. Disto decorre, porém, também uma responsabilidade: nós assumimos uma herança, temos de administrá-la e de transmiti-la pura à próxima geração! Ele utiliza uma figura muito recorrente na Antigüidade. O cristão é comparado com um atleta que corre no estádio ou na arena para conquistar a coroa da vitória, enquanto milhares de espectadores nas arquibancadas são testemunhas da disputa. Um acontecimento da vida esportiva de nossa época assemelha-se bastante a esta comparação: o fogo olímpico é levado pelo país, um corredor passa às mãos do outro a tocha ardente, até que o último a traz ao estádio na presença de uma multidão incontável de pessoas. A **grande nuvem de testemunhas** que o apóstolo apresenta aos fiéis, não apenas é o sem-número de testemunhas do AT, que vêm ao nosso encontro na palavra da Escritura (Hb 11). Pelo contrário, temos de entender esta palavra no sentido original: a multidão dos espíritos dos justos aperfeiçoados (Hb 12.23) participa da caminhada da igreja na terra, a igreja triunfante está em conexão com a igreja que luta e sofre. A situação terrena da igreja requer dos fiéis que concentrem as forças disponíveis num único alvo. Deve ser evitado tudo o que nos poderia impedir na caminhada após Jesus, também tudo o que é “bom e belo” e que tenta envolver e prender nossas forças intelectuais, psíquicas e físicas e nos afasta de Cristo. O empecilho decisivo para a luta da fé é o pecado. – Faz parte de sua natureza o fato de que aparentemente não pode ser notado. O que não favorece nossa vida de fé não cabe em nossa vida (cf. Fp 4.8,9). Nossa vida como cristãos exige as mesmas premissas que uma competição no estádio (1Co 9.24-27). Treinamento incansável e persistência tenaz são necessárias para se conquistar o prêmio da vitória. Isto somente é viável mediante o empenho de todas as forças e observando-se disciplina própria extrema. Seguir a Jesus não é igual a um passeio inofensivo, mas demanda o empenho máximo de nossas forças. Nem há outro caminho senão que repetidamente nos disponhamos, por causa do serviço a Jesus, a renunciar a coisas que a princípio nos são permitidas como cristãos. E nesta luta de fé não podemos esmorecer. As testemunhas de fé do AT nos exortam para que **corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta** (“corramos com paciência na luta que nos é ordenada” [tradução do autor]). A luta da fé aproxima-se de nós inevitavelmente. Não podemos contorná-la. Porém, apesar disto ela nos foi ordenada por Deus. Logo, não é algo antidivino, que pudesse nos atormentar. Neste aspecto não devemos incluir somente tribulações e aflições pessoais por meio de dificuldades na família ou na profissão, por ocasião de enfermidade grave ou através da perda de todos os bens – aflições que os não-cristãos também conhecem! Repetidamente trata-se da forma pela qual nós nos relacionamos individualmente com a igreja toda. São as aflições que atingem a igreja e envolvem nossa vida pessoal que estão especialmente na perspectiva do apóstolo. Somos lembrados da palavra que Jesus falou a seus discípulos nos discursos de despedida: “Lembraí-vos da palavra que eu vos disse: não é o servo maior do que seu senhor. Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros; se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa” (Jo 15.20). Pela mesma razão o apóstolo Pedro também escreve aos fiéis: “Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo; pelo contrário, alegrai-vos na medida em que sois co-participantes dos sofrimentos de Cristo, para que também, na revelação de sua glória, vos alegreis exultando” (1Pe 4.12,13). Quanto mais a trajetória da igreja passa por sofrimento, tribulação e luta, tanto mais é necessária a paciência (Ap 13.10). Contudo, precisamente o fato de que o Senhor faz *crescer* a paciência *na aflição*, na luta e no sofrimento faz parte das experiências de fé maravilhosas dos filhos de Deus. Perseverar com paciência na tribulação não apenas nos ajuda a sermos confirmados na vida espiritual, mas também constitui o caminho correto para experimentarmos o socorro de Deus, que nos fortifica para outros desafios da fé.
- 2 Na condução da luta, toda guerra requer uma tática correspondente às condições reais. A luta espiritual da fé requer o enquadramento nas regras da luta espiritual. Aquilo a que o apóstolo Paulo alude com as palavras: “As armas da nossa milícia não são carnis” (2Co 10.4), é melhor explicado em 2Tm 2.5: “O atleta que toma parte numa corrida não recebe o prêmio se não obedecer às regras

da competição” (BLH). O presente versículo contém regras decisivas para a luta da fé: olhar **firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus**. Uma tradução exata deveria ser: “Tirar o olhar” – em direção a Jesus. Devemos desviar nossa visão da tribulação e do pecado, fixando o olhar da fé em Cristo. Na vida espiritual vale a lei: o que miramos ganha poder sobre nós. Quando nos deixamos aprisionar pelas preocupações e dificuldades do cotidiano, nossa vida de fé perderá a alegria. O olhar para as ondas fez com que Pedro desanimasse e afundasse (Mt 14.30). Levantar os olhos para Jesus significa contar com a realidade do Deus invisível, olhar para o Invisível. Sem dúvida, a ação prática do cristão também faz parte disto: “fixar o olhar em Cristo” com certeza não significa que fiquemos por longo tempo olhando para uma cruz de madeira ou metal, que está posta sobre um altar ou pendurada na parede de uma casa de oração. Tampouco significa que nos aprofundemos contemplativamente na pintura de Cristo de uma artista famoso. Ambas as coisas certamente poderão ser um auxílio para a meditação. Em contrapartida, podemos repetidamente “olhar para Cristo” ao lermos a Bíblia com devoção, e do mesmo modo na comunhão com outros cristãos, quando escutamos conjuntamente a palavra de Deus proclamada e nos encontramos com os membros da igreja para a oração. Afinal, não estamos lidando com um Senhor ausente, ou até com alguém há muito falecido. Todos os membros da igreja de Jesus vivem da força do *Cristo presente*. O Espírito Santo quer nos conscientizar em cada tribulação, em cada prova da fé, de que Jesus Cristo vive pessoalmente em nós. Quando tomamos “da sua plenitude, com graça sobre graça” (Jo 1.16 [RC]), quando vivemos hoje no poder do Senhor ressuscitado, concretizamos o que o relato do evangelista declara acerca dos discípulos: “a ninguém viram, senão Jesus” (Mt 17.8). Afinal, ele não somente é o Iniciador da fé, o “Líder” da procissão de testemunhas da fé que o apóstolo expôs diante de nós em Hb 11. Jesus também é o *Consumador da nossa fé*. Nas palavras do apóstolo reside uma exortação incontornável para a humildade e modéstia. Ninguém de nós levou-se a si próprio para a fé. A participação da salvação é presente divino. “Somos feitura *dele*” (Ef 2.10). Ao mesmo tempo reside nestas palavras uma promessa consoladora da esperança que auxiliará almas atribuladas. Deus não deixará pela metade a obra graciosa que começou. Ele próprio está empenhado no aperfeiçoamento de nossa jornada de fé (Hb 10.14). Neste ponto unem-se pensamentos de Hb com as palavras do apóstolo Paulo: “Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus” (Fp 1.6). Por ter alcançado o alvo, Jesus tem a capacidade de trazer consigo outros através do seu exemplo. **Em troca** (“por causa” [BLH]) **da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus**. Aflição e aperto, pelos quais a igreja tem de passar, aparecem numa luz diferente quando ganhamos a visão para o sentido oculto de todo sofrimento. Já em Hb 1.2-4 e 2.5-9, assim como em Hb 10.5-7, o apóstolo indicou que a trajetória do Cristo na auto-entrega de sua vida na cruz conduz à glória (cf. Fp 2.5-11). Mais uma vez reluz, agora, a glória oculta de Cristo. Ele trilhou voluntariamente o caminho da vergonha. Por isto Deus o coroou com glória eterna. A frase relativa em grego é introduzida com as palavras: *hos anti tes prokeiménes autou charás* e pode ser entendida em sentido duplo, porque o termo *anti* pode ser traduzido de duas maneiras: como “em lugar de” e “por”. Em decorrência, por um lado o sentido pode ser que: Jesus suportou a cruz *em lugar da alegria que estava diante dele*. Ele poderia ter permanecido junto do Pai na glória. O mundo da paz eterna e da alegria inexprimível era seu ambiente de vida. Mas Jesus empenhou tudo para a nossa remissão. Ele abandonou a existência na glória, tornou-se pessoa e morreu na cruz. Quando escolhemos a outra possibilidade de tradução, a frase expressará que Jesus suportou a cruz *pela* (com vistas à) alegria que estava diante dele. Neste caso, não pensamos em primeiro lugar na alegria celestial, a qual abandonou, mas sim na alegria de uma redenção eterna para todo o mundo perdido, a qual conquistou por meio de sua morte na cruz. O prêmio da alegria, pelo qual Jesus empenhou tudo, foi a exaltação à destra de Deus: ao se cumprir a profecia do Sl 110.1 no dia da ascensão, Deus confirmou a eterna condição de Jesus como Filho de Deus.

- 3 Para a luta da fé Deus não nos deu somente a regra de luta, mas também o exemplo do lutador. O próprio Jesus entendeu sua vida deste modo, quando disse a seus discípulos logo antes de sua *via crucis*: “Eu vos dei um exemplo” (Jo 13.15). Ele suportou a oposição e a resistência de um mundo ímpio. Não se desviou das dificuldades, mas as venceu. Sua trajetória também se torna o caminho da sua igreja (Mt 10.24,25; At 14.22). **Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo**. Também nesta afirmação o apóstolo não está pensando tanto num aprofundamento místico na paixão de Jesus. Pelo contrário, ele deve ter em vista que tanto

nas dificuldades da vida de fé cotidiana quanto nas perseguições e aflições especiais a idéia de que Jesus seguiu o caminho mais difícil para nós e que não podemos escolher outro mais fácil protegerá nossa fé contra a mornidão espiritual e contra sinais de cansaço. Contudo, assim como seguimos na terra o caminho do seu discipulado, assim também haveremos de alcançar o alvo da luta que Deus colocou para a igreja de Jesus. A perfeição que Jesus conquistou na sua luta será conferida de igual maneira a nós (cf. 2Tm 4.7).

b. Educação para a santidade, 12.4-11

- ⁴ **Ora, na vossa luta contra o pecado, ainda não tendes resistido até ao sangue**
⁵ **e estais esquecidos da exortação que, como a filhos, discorre convosco: Filho meu, não menosprezes a correção que vem do Senhor, nem desmaies quando por ele és reprovado;**
⁶ **porque o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe.**
⁷ **É para disciplina que perseverais (Deus vos trata como filhos); pois que filho há que o pai não corrige?**
⁸ **Mas, se estais sem correção, de que todos se têm tornado participantes, logo, sois bastardos e não filhos.**
⁹ **Além disso, tínhamos os nossos pais segundo a carne, que nos corrigiam, e os respeitávamos; não havemos de estar em muito maior submissão ao Pai espiritual e, então, viveremos?**
¹⁰ **Pois eles nos corrigiam (apenas) por pouco tempo, segundo melhor lhes parecia; Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade.**
¹¹ **Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça.**

4-6 O apóstolo sabe como o lamento e o gemido, a impaciência e a autocomiseração podem envenenar a vida de uma pessoa que é vitimada pelo sofrimento. Também filhos de Deus, ao sofrer, correm o perigo de desanimar na fé, de duvidar do amor de da justiça de Deus. Por isto, o autor está empenhado de modo singular em decodificar o sentido de seu sofrimento para os fiéis. Os cristãos devem “considerar atentamente” o exemplo de Jesus (v. 3), que ele deixou para sua igreja com sua paixão. Porque somente quem o segue de bom grado no caminho da cruz pode ingressar na comunhão de sofrimento com ele. Jesus Cristo, o eterno Sumo Sacerdote, está singularmente próximo da sua igreja quando ele a conduz ao sofrimento, quando a deixar ter participação na “comunhão dos seus sofrimentos” (Fp 3.10) e, com isto, em “toda a plenitude do Cristo”. Ao mesmo tempo, porém, os *sofrimentos* também constituem *meios de educação* na mão de Deus, a fim de dar nova forma à vida dos cristãos. Este reconhecimento é importante para os fiéis, aos quais o apóstolo dirige sua carta, para que possam resistir no iminente perigo de uma perseguição. A primeira onda de perseguição já passou pela igreja (Hb 10.32-36). Porém até o momento do martírio os fiéis evidentemente foram poupados. **Na vossa luta contra o pecado, ainda não tendes resistido até ao sangue.** No v. 1 o apóstolo falou do pecado que penetra profundamente e envenena nossa natureza humana. Por meio deste pensamento está se referindo à atitude de vida do ser humano não redimido, que dá as costas a Deus, à rebelião contra Deus, na qual o ser humano determina arbitrariamente suas próprias ordens. No v. 4 o “pecado” torna-se expressão para um poder hostil que visa aniquilar a igreja em sua constelação exterior. É flagrante a relação da presente frase com aquilo que o apóstolo havia dito em Hb 11.32,33 sobre sofrimentos anteriores da igreja – prisão, confisco do patrimônio. A igreja é ameaçada de fora. O perigo que corre se origina do poder estatal, ele é a “oposição dos pecadores” (Hb 12.3). A igreja consegue enfrentar este perigo unicamente com o empenho de toda a sua existência – “até o sangue”. Nesta situação, a questão é realmente lutar “o bom combate” mediante engajamento de todas as forças até o fim. Socorro e consolo nesta luta são novamente dados pela *palavra do AT*, porque ela constitui a *chave para o entendimento apropriado da situação atual* da igreja do NT. “A Escritura prevê” (Gl 3.8) em direção do tempo da nova aliança. Neste ponto nos é mostrado como devemos entender e trabalhar as dificuldades na vida de fé. Não devemos nem tentar desqualificá-las com menosprezo ou reprimi-las, nem desanimar debaixo delas. Todo

sofrimento na vida dos filhos de Deus possui um sentido profundo. Sofrimento pode ser uma evidência divina de nossa salvação, privilégio na vida do fiel (Fp 1.28,29). O AT já diz que sofrimentos são provas do amor de Deus, com o qual se lembra de seus filhos. O apóstolo visa incutir na igreja uma atitude positiva em relação a todo o sofrimento em suas próprias fileiras. Ele sabe que participar dos sofrimentos de Cristo constitui um pressuposto para a participação na glória de Cristo. Os sofrimentos que podem atingir os fiéis na época de sua vida terrena não têm comparação com a glória para a qual Deus está preparando os seus filhos. Em decorrência, justamente quando se suporta com paciência o sofrimento, resulta a certeza de que para os que amam a Deus todas as coisas cooperam para o bem (cf. Rm 8.17,18,28).

- 7 É para disciplina que perseverais (Deus vos trata como filhos).** Os fiéis devem assumir voluntariamente o sofrimento, porque Deus persegue um objetivo através do que permite que aconteça a seus filhos. A Bíblia está ciente do sentido múltiplo, muitas vezes oculto, do sofrimento que pode suceder a pessoas. É um sentido que muitas vezes nos é revelado apenas no retrospecto. Não somente existe um sofrimento de castigo como decorrência do pecado (2Sm 12.14ss; Sl 32.3,4) e um sofrimento probatório (Jó 1,2), por meio do qual nossa fé é submetida ao desafio. A palavra de Deus também fala do sofrimento de purificação (1Pe 1.6,7), que serve à depuração interior de nossa vida de fé. Jesus fala do sofrimento para a glorificação de Deus (Jo 9.3; 11.4). O apóstolo Paulo escreve a respeito da necessidade de seu sofrimento vicário pela igreja (Cl 1.24; cf. Ap 6.9-11). Além disto, o presente versículo nos diz que os sofrimentos são meios de educação na mão de Deus, através dos quais ele prepara seus filhos para a glória vindoura. Portanto, a disciplina de Deus em nossa vida constitui uma garantia de que nossa filiação divina é autêntica.
- 8,9** Com a mesma naturalidade com que pais terrenos cuidam da educação de seus filhos, Deus também cuida da educação dos seus. **Mas, se estais sem correção, de que todos se têm tornado participantes, logo, sois bastardos e não filhos.** Todos foram disciplinados, ninguém foi poupado. Sofrimentos na igreja não constituem exceção. Deus procede deste modo com todos os seus filhos. No sentido mais profundo, o caminho educativo de Deus com seus filhos é um modelo para a educação dos filhos na família humana, assim como também para a educação dos fiéis na igreja. Como não há educação verdadeira sem um alvo educativo, assim tampouco há educação sem uma autoridade que demande obediência. Deus educa seus filhos para a maturidade e para o discernimento espirituais (Ef 4.14; Hb 5.14). Ele transforma a nossa essência, para que se torne semelhante à natureza de Jesus. Nesta educação Deus espera de seus filhos obediência plena e entrega total de sua vida a ele. Deus não nos dá apenas a vida terrena, mas além disto concede também a vida eterna a cada um que se submete à Sua Palavra e vontade. Por ser Deus o Criador e Mantenedor da vida terrena e sobrenatural, dos entes corpóreos e espirituais, ele é chamado de **Pai espiritual**. Esta expressão é encontrada somente aqui no NT, como descrição da realidade de Deus, contudo evidentemente está em íntima relação com diversas outras palavras de Deus na Escritura Sagrada. Deus, que colocou o espírito no ser humano (Nm 16.22; 27.16), envia como “Deus dos espíritos” (Ap 22.6) sua palavra profética a este mundo. Não somente as pessoas que vivem na terra, mas também os mortos e os anjos como entes espirituais estão subordinados a ele, o Senhor (Mt 17.3; 22.32; Hb 12.23; Ap 6.9-11). Também um escrito do judaísmo tardio, o “Livro de Enoque”, que fala de Deus como o “Senhor dos mundos” e “Senhor dos senhores” (9.4), bem como “Senhor da glória” (27.3), e chama Deus de “Senhor dos espíritos” (37.2,4; 38.2; 47.1,2,4). Com este termo “espíritos” estão sendo designados em primeira linha os anjos, mas também as almas dos justos.
- 10,11** Acima de toda educação divina governa a sabedoria e o amor de Deus, dos quais todo educador terreno carece de proporção igual. Os educadores terrenos não são limitados somente em suas possibilidades temporais – podem exercer sua influência apenas por pouco tempo. É mais grave ainda que eles tratem das pessoas de acordo com o seu melhor entendimento. “Falta-lhes uma visão e segurança últimas, sim, eles não estão protegidos contra engano e falhas”. Deus, porém, em todas as suas providências, sempre tem em vista o melhor para nós. Sua educação visa o **“aproveitamento”**, que consiste em **sermos participantes da sua santidade**. Como filhos de Deus, nós alcançamos esta participação na natureza de Deus, a “santificação” de nossa vida, não apenas através da fé (1Co 1.30), mas também através da educação de Deus (cf. 1Pe 4.1). **Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza.** Como soam consoladoras estas palavras sóbrias, naturais, com as quais o apóstolo fala do sofrimento. Ele não minimiza a realidade e a seriedade do sofrimento. Também no caminho após Jesus existem lágrimas. As experiências

difíceis a que Deus nos conduz em nossa vida (Hb 11.35-40) fazem parte da fé. Contudo, na tribulação revela-se a educação sábia e pastoral de Deus. A fé está cônica da limitação temporal dos sofrimentos e do seu alvo maravilhoso. **Ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça.** Assim como *exercitar-se espiritualmente na vida de fé* através da prática da palavra de Deus, da oração e da comunhão dos fiéis leva a uma capacidade de discernimento espiritual (Hb 5.14), assim o *entrosamento espiritual no sofrimento* leva à paz interior e à justiça. O “fruto pacífico de justiça” representa para os fiéis um sinal determinado da salvação e um penhor da glória vindoura. A locução “fruto da justiça” também já se encontra no AT. A LXX traduz a palavra de Pv 11.30 “o fruto da prática da justiça é árvore de vida” com as palavras “do fruto da justiça cresce uma árvore da vida” (tradução do autor). Faz parte das afirmações fundamentais da Escritura Sagrada que Deus espera frutos da vida de seus filhos (cf. Sl 1.3; Jr 17.8; Jo 15.1-8). Fruto nada mais é que passar adiante a vida recebida de Deus.

As numerosas afirmações do NT nos demonstram com que variedade de formas esta manifestação natural de vida espiritual pode se mostrar. O “fruto do Espírito” (Gl 5.22) é a transformação de nosso ser no ser de Jesus, manifestando-se visivelmente. Além deste processo de transformação interior, no qual nos tornamos semelhantes a Jesus, a oração e o testemunho surgem como “fruto de lábios” (Hb 13.15). O engajamento prático em prol do reino de Deus, a disposição para o auxílio ativo (Fp 4.17), coloca-se a seu lado como “fruto” na vida cotidiana dos fiéis. Frutificar espiritualmente na vida dos cristãos leva ao “fruto da obra” (Fp 1.22), não ao sucesso externo do trabalho, porém certamente ao fato de que o Espírito de Deus pode efetuar por meio de nós frutos visíveis em pessoas, quando descrentes aceitam a salvação de Deus (Rm 1.13; 1Co 9.22). O “fruto de justiça”, do qual falam Rm 6.22; Fp 1.11; Hb 12.11 e Tg 3.18, é a santificação de nossa vida, a obra do Espírito Santo em nós, que nos deseja conduzir para uma comunhão cada vez mais profunda de vida e sofrimento com o Senhor crucificado e ressuscitado, para que possamos viver para a honra dele no caminho do discipulado.

17. Vigilância espiritual incansável na vida de santificação, 12.12-29

a. Defesa contra manifestações de cansaço espiritual, 12.12-17

- ¹² **Por isso, restabelecei as mãos descaídas e os joelhos trôpegos;**
¹³ **e fazei caminhos retos para os pés, para que não se extravie o que é manco; antes, seja curado.**
¹⁴ **Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor,**
¹⁵ **atentando, diligentemente, por que ninguém seja faltoso, separando-se da graça de Deus; nem haja alguma raiz de amargura que, brotando, vos perturbe, e, por meio dela, muitos sejam contaminados;**
¹⁶ **nem haja algum impuro ou profano, como foi Esaú, o qual, por um repasto, vendeu o seu direito de primogenitura.**
¹⁷ **Pois sabeis também que, posteriormente, querendo herdar a bênção, foi rejeitado, pois não achou lugar de arrependimento, embora, com lágrimas, o tivesse buscado.**

- 12** A palavra do AT de Pv 3.11,12 é capaz de decifrar o *sentido* do sofrimento que pode suceder a cada indivíduo fiel como também à igreja toda (Hb 12.5-7). Da mesma forma, porém, a palavra do AT concede à igreja nesta situação a *exortação* e o incentivo apropriados. O apóstolo recorre a Is 35.3: “Fortalecei as mãos frouxas e firmai os joelhos vacilantes!” e se apóia na forma literal da LXX. Sob incumbência de Deus Isaías havia anunciado esta palavra ao povo de Deus peregrino dos tempos messiânicos finais. Agora o apóstolo a passa para a igreja do NT, deixando claro que esta promessa de Deus vale justamente para ela. De maneira idêntica o nosso Senhor Jesus Cristo, ao receber a indagação de João Batista, considerou cumprida a promessa de Is 35.5 por meio de sua vinda e sua atuação na terra. Enviou os discípulos de João de volta a seu mestre com a palavra de Isaías: “os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho” (Mt 11.5). Com a vinda de Jesus teve início o fim messiânico dos tempos que os profetas prenunciaram. Agora um raio da glória divina brilha sobre a atual era mundial, que ainda está sob o signo do pecado e do sofrimento, como penhor

de que a era vindoura um dia irromperá como um tempo de alegria e de superação de todo sofrimento.

- 13** As duas palavras de Deus do AT que o apóstolo cita nos v. 5,6 e 12,13 encontram-se numa relação espiritual estreita. Quando o sentido dos caminhos difíceis em que Deus nos conduz em nossa vida se torna claro, são liberadas intensas forças interiores. A questão em jogo é permanecer junto deste povo de Deus peregrino do fim dos tempos, que está a caminho da cidade eterna de Deus, a qualquer custo. **Fazei caminhos retos para os pés, para que não se extravie o que é manco; antes, seja curado.** A palavra grega *ektrépesthai*, que o apóstolo está utilizando aqui, pode ter o sentido de “desviar do caminho” ou “ser destroncado”. No sentido lógico da frase ambas as traduções são viáveis. Quando optamos pela primeira possibilidade de tradução, esta expressão se liga mais intensamente com a frase anterior: “Fazei caminhos retos para os vossos pés, para que o coxo não se extravie do caminho”. Quando, porém, escolhemos a segunda possibilidade de tradução, este termo médico se liga mais fortemente com a frase subsequente: “... para que o manco não seja destroncado, porém, seja curado”. Em qualquer um dos casos, cada um dos membros da igreja está sendo interpelado quanto à sua responsabilidade pessoal diante de seus co-cristãos atribulados. Existem “mancos” entre as fileiras dos filhos de Deus. Eles estão especialmente ameaçados na vida espiritual. É bem verdade que os anúncios e as promessas da palavra de Deus valem para todos os membros da igreja. Porém justamente o exemplo de um cristão vivo pode ser uma ajuda e uma orientação para o irmão e a irmã em tribulação. Os diversos membros da igreja devem estar cientes de sua responsabilidade na atitude e na atuação perante o Senhor, a igreja e o mundo. Somente uma caminhada clara, consciente do alvo do trajeto de fé ajuda a evitar descaminhos que nos conduzem à perdição!
- 14** Ao invés de ceder ao afrouxamento e cansaço espirituais, os fiéis devem, pelo contrário, concentrar todas as suas energias em seguir a Jesus. Agora é o tempo de luta, ao qual somente mais tarde sucederá o tempo do descanso eterno (Hb 4.9). Um “cristianismo manco” não sobreviverá à tempestade da perseguição. Por isto, uma tônica séria repercute nas palavras do apóstolo, quando afirma: **Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor.** Também neste versículo o AT e o NT encontram-se no mesmo nível. A exortação do Sl 34.14: “Aparta-te do mal e pratica o que é bom; procura a paz e empenha-te por alcançá-la”, que é citada literalmente em 1Pe 3.11, é reproduzida aqui pelo apóstolo com palavras próprias. Jesus dissera a seus discípulos no Sermão do Monte: “Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus. Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5.8,9). As palavras do apóstolo mostram em que alta medida as bem-aventuranças possuem validade para a igreja de Jesus também no presente. Não se trata apenas de que cada um individualmente experimente a paz de Deus no coração e na consciência no âmbito de vida da igreja. Também a relação dos fiéis entre si deve ser cunhada pela paz de Deus. Na parábola dos dois devedores em Mt 18.21-35 Jesus não deixou nenhuma dúvida sobre o fato de que temos de confirmar a paz de Deus, que se origina do perdão de toda a nossa culpa, na disposição constante de perdoar a todos os demais. Esta paz de Deus, que preenche o nosso coração, também deve reger nosso relacionamento com os concidadãos incrédulos da forma mais ampla possível (Rm 12.18). No âmbito da igreja de Jesus, fica interdito qualquer desejo por paz voltado somente para o eu. Nosso semelhante também deve participar da paz que é presenteada a cada um pessoalmente. É nisto que consiste uma parte considerável da santificação, da configuração de nossa vida diária por Cristo segundo as ordens da palavra de Deus. Paz e santificação são manifestações práticas, constituindo características e garantia de que estamos no caminho certo e não sucumbimos aos sintomas de cansaço.
- 15,16** Da santificação também fazem parte a vigilância interior e a disposição de superar tendências perigosas no âmbito da igreja. Moisés teve de advertir Israel: “entre vós, não haja homem, nem mulher, nem família, nem tribo cujo coração, hoje, se desvie do Senhor, nosso Deus, e vá servir aos deuses destas nações; para que não haja entre vós raiz que produza erva *venenosa e amarga!*” (Dt 29.18). É desta exortação que o apóstolo se lembra ao escrever estas palavras. Assim como a trajetória do povo de Israel, o caminho da igreja também está permanentemente acompanhado de perigos que somente podem ser vencidos quando cada membro da igreja individualmente vive a partir da graça. Repetidamente o diabo tentará encontrar pontos fracos no coração e na vida dos fiéis, a fim de causar confusões e falta de paz. Nesta situação os exemplos de advertência do AT, o incentivo fraternal e a reivindicação da graça de Deus para a caminhada de fé podem prestar ajuda decisiva. De modo algum permitir o cansaço no caminho da fé! Este é o chamado de advertência do

apóstolo. Esaú perdeu num único instante de cansaço toda a sua felicidade futura. **Nem haja algum impuro ou profano** (“incontinente ou impuro”, ou ainda: “adúltero ou ímpio”) **como foi Esaú, o qual, por um repasto, vendeu o seu direito de primogenitura**. As palavras “incontinente ou impuro” (em grego, *pórnos é bébaios*) evidentemente devem ser entendidas aqui no sentido figurado como “renegado e de mentalidade baixa”. No AT o adultério é muitas vezes usado como figura do afastamento de Deus (Ez 16.1-43). No sentido mais profundo, o apóstolo está expressando uma advertência equivalente às suas palavras em Hb 6.4-8 e 10.26-31. Esaú foi o primogênito – os fiéis do tempo de salvação do NT pertencem à “igreja dos primogênitos” (v. 23). Jamais podemos abrir mão de nosso “direito de primogenitura” num assédio de cansaço espiritual! O preço com que Jesus nos redimiou do pecado e da morte foi elevado demais para que pudéssemos pôr em risco nossa salvação por causa de uma vantagem terrena ou um alívio de nossa situação exterior. Recordamos mais uma vez Moisés, que constitui um exemplo para a igreja pelo fato de que preferiu “ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir prazeres transitórios do pecado” (Hb 11.25).

- 17** Esaú continua sendo um exemplo de advertência para todos os tempos. Pois sabeis também que, posteriormente, querendo herdar a bênção, foi rejeitado, pois não achou lugar de arrependimento, embora, com lágrimas, o tivesse buscado. Repetidamente, os exegetas da Escritura Sagrada pensaram que, por razões dogmáticas, teriam de conferir uma interpretação à presente afirmação. Já em Hb 6.4-6 e Hb 10.26ss torna-se evidente que depois de uma rejeição consciente e radical da fé não existe mais volta. No nosso versículo impõe-se a pergunta: acaso pode Deus fechar-se diante de “arrependimento sob lágrimas”? Não afiançou ele em sua palavra que perdoaria a todos que se arrependem verdadeiramente de sua culpa? Como é que o caminho do arrependimento permaneceu obstruído para Esaú?

O problema encontra solução quando não relacionamos o pronome grego *autén* na nossa tradução “apesar de o buscar com lágrimas” ao genitivo *metanoías* “arrependimento” mas ao acusativo *eulogían* “bênção”. Então a tradução será: “Não achou espaço para o arrependimento, apesar de que *a* (a bênção) buscasse sob lágrimas”. De acordo com esta versão, Esaú sequer estava voltado para o arrependimento sincero. Apenas queria a bênção do pai. Esta forma de interpretação liga-se estreitamente ao relato do AT, contudo torna necessária uma construção gramaticalmente um pouco forçada, evidentemente amainando a afirmativa do apóstolo.

Outra solução se oferece quando se explica: “Arrependimento é mudança do pensamento. Esaú de forma alguma sentiu a necessidade de mudar seu próprio pensamento. Isto decorre de sua resolução de assassinar seu irmão. – Nas suas lágrimas trata-se muito antes de uma mudança de pensamento de seu pai. As lágrimas de Esaú, enfim, não foram lágrimas de um arrependimento autêntico”. Com esta interpretação, porém, se comete ainda maior violência contra o texto-base bíblico. Porque não se fala de Isaque, ao qual a possível mudança de mentalidade estaria se referindo.

Preferimos manter a afirmação apostólica sem diminuir a sua seriedade. As palavras “porque não encontrou espaço para o arrependimento” não somente ocupam o centro da estrutura gramatical da frase, mas também do significado teológico. O apóstolo não diz nada sobre a possibilidade de que o arrependimento de Esaú tenha sido somente superficial, humano. Permanece de pé a verdade: Deus pode tirar da pessoa qualquer possibilidade de arrependimento. O exemplo do AT torna-se uma advertência insistente para a igreja: existe um limite para a graça de Deus, que jamais devemos ultrapassar. “Há uma medida de culpa e um abandono de dádivas divinas que destroem qualquer viabilidade de arrependimento e mudança de pensamento. Apesar de todo o esforço humano, Deus se nega, não restituindo a graça perdida. Existe um tarde demais perante Deus, depois do qual não podemos mais consertar nada”.

b. A superioridade da nova aliança nos compromete com a santificação, 12.18-29

- ¹⁸ **Ora, não tendes chegado ao (monte de) fogo palpável e ardente, e à escuridão, e às trevas, e à tempestade,**
¹⁹ **e ao clangor da trombeta, e ao som de palavras tais, que quantos o ouviram suplicaram que não se lhes falasse mais,**
²⁰ **pois já não suportavam o que lhes era ordenado: Até um animal, se tocar o monte, será apedrejado.**

- ²¹ Na verdade, de tal modo era horrível o espetáculo, que Moisés disse: Sinto-me aterrado e trêmulo!
- ²² Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembléia
- ²³ e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados,
- ²⁴ e a Jesus, o Mediador da nova aliança, e ao sangue da aspersão que fala coisas superiores (“melhores”) ao que fala o (sangue do) próprio Abel.
- ²⁵ Tende cuidado, não recuseis ao que fala. Pois, se não escaparam aqueles que recusaram ouvir quem, divinamente, os advertia sobre a terra, muito menos nós, os que nos desviamos daquele que dos céus nos adverte,
- ²⁶ aquele, cuja voz abalou, então, a terra; agora, porém, ele promete, dizendo: Ainda uma vez por todas, farei abalar não só a terra, mas também o céu.
- ²⁷ Ora, esta palavra: Ainda uma vez por todas significa a remoção dessas coisas abaladas, como tinham sido feitas, para que as coisas que não são abaladas permaneçam.
- ²⁸ Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor;
- ²⁹ porque (também) o nosso Deus é fogo consumidor.

18-21 Mais uma vez o apóstolo retorna ao tema predominante de sua carta e mostra a grande supremacia das dádivas da nova aliança em relação àquilo que foi concedido a Israel. Ele o ressalta por meio da introdução contrária dos dois pensamentos que o envolvem nos v. 18-24: “Porque não vos aproximastes...” (*ou gar proselelythate*, v. 18) – “mas vos aproximastes...” (*allá proselelythate*, v. 22). Apesar de toda a magnitude da revelação no AT evidencia-se, aqui, sua limitação: “**à escuridão, e às trevas, e à tempestade**”. O apóstolo caracteriza a antiga aliança pela descrição do evento do Sinai, cujos pormenores ele extraiu dos relatos de Êx e Dt. O encontro de Deus com Israel no Sinai foi uma manifestação de sua santa Majestade. A palavra divina da ameaça de juízo não era suportável para os seres humanos. Através da contraposição da antiga e nova aliança, a seriedade e a importância da revelação do AT não são diminuídas. A santidade de Deus não é reduzida no NT. Porém ela é sobrepujada pelo resplendor da graça de Deus. O encontro de Israel com Deus e a mediação de Moisés continuam tendo importância paradigmática para a igreja da salvação do NT. Também neste ponto o apóstolo dá um máximo de valor à exatidão nos pormenores históricos do encontro. **Na verdade, de tal modo era horrível o espetáculo, que Moisés disse: Sinto-me aterrado e trêmulo!** Mesmo na época da nova aliança o encontro com o Deus vivo continua sendo algo que abala o ser humano até as profundezas de sua existência. A antiga aliança com suas ordens preserva uma importância irrevogável até o fim dos tempos, pelo fato de que justamente na lei é preservada a santidade de Deus e repetidamente demonstrada às pessoas a distância entre Deus e ser humano. Diante desta realidade séria, no entanto, o apóstolo desdobra agora toda a riqueza da revelação e da experiência de fé na nova aliança. Deus não se oculta mais, mas oferece a cada um as dádivas da salvação. Quem chega ao encontro de Deus em Cristo e obtém perdão não é preenchido com terror, mas sim com a consciência de paz e aconchego.

22 Nos v. 22-24 ele desenvolve o testemunho da revelação do NT de três maneiras. Mostra o *lugar da salvação*, descreve a *igreja da salvação* e fala do *rei da salvação*. **Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial.** Já agora a igreja tem participação plena na salvação, que um dia há de ser visivelmente instaurada neste mundo. **Sião** é o *monte de Deus*, sobre o qual habita a glória de Deus, no qual, segundo o testemunho do AT, residirá o Messias e do qual partirão a salvação e a bênção de Deus para todos os povos. Assim como os patriarcas Abraão, Isaque e Jacó (Hb 11.10,16) também a igreja de Jesus espera pela *cidade vindoura de Deus* (Hb 13.14), pela revelação futura da glória de Deus. A comunidade dos fiéis da nova aliança deve ter participação no desdobramento terreno do poder e na glória eterna de Deus. Ela terá direito de cidadania junto de Deus, estará em casa na “**Jerusalém celestial**”. O local da redenção e da salvação é contraposto ao Sinai, o lugar da lei. O que na Jerusalém terrena era tão somente sombra e réplica, isto é realidade para a igreja na Jerusalém celestial: a presença imediata de Deus. Quem será

participante da glória de Deus na Jerusalém celestial (cf. Ap 21,22)? O apóstolo deixa refulgir por um instante toda a magnitude da igreja da salvação. Suas palavras nos lembram a visão impactante que foi proporcionada ao vidente João e que ele nos descreve em Ap 4.5,7. “**Incontáveis hostes de anjos**” estão na Jerusalém celestial, o espaço de existência de Deus, no qual vigoram justiça inalterável e harmonia plena. Também neste texto o apóstolo fala, como em Hb 1.14, somente de anjos bons, que estão à disposição de Deus a qualquer hora, numa obediência integral. Os anjos decaídos são mantidos presos na esfera das trevas para o juízo eterno (2Pe 2.4; Jd 6). Com estas palavras, o apóstolo abre nossa visão para o fato de que a realidade do reino de Deus, na qual somos inseridos, se estende sobre o mundo imanente e o transcendente. Através do Espírito de Deus a igreja também entrou em contato com o reino dos anjos. Na verdade, os anjos não são visíveis aos nossos olhos humanos, porém não deixam de ser uma *realidade* bem próxima.

Aos bons poderes celestiais associam-se os “**espíritos dos justos aperfeiçoados**”. O autor provavelmente está pensando nos fiéis e mártires da antiga aliança, entre os quais encontram-se também as testemunhas da fé, mencionadas em Hb 11, e das quais Jesus afirmou na controvérsia com os saduceus: “Deus não é Deus de mortos, e sim de vivos; *porque para ele todos vivem*” (Lc 20.38). Nesta listagem temos de ouvir repetidamente o eco da palavra do apóstolo: *vós vos aproximastes!* O objetivo é deixar claro para o leitor em que elevada proporção a glória futura já irradia seu fulgor em nossa existência terrena. A igreja de Jesus já está ligada ao mundo superior no tempo presente.

23,24 Unida com as testemunhas de fé do AT, a “**igreja dos primogênitos**” viverá na Jerusalém celestial. Não existe apenas “o primogênito” (Rm 8.29; Hb 1.6), mas também uma “igreja dos primogênitos”, pessoas cujos nomes foram anotados por Deus na eternidade, pessoas que obtiveram o perdão de seus pecados pelo sangue de Jesus Cristo. Neles se cumprirá a palavra de Jesus: “Muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus” (Mt 8.11). A palavra “*assembléia festiva*” (em grego, *panégyris*), que ocorre somente neste texto no NT, possui vários significados. No AT ela significa simplesmente “festa” ou “feriado”. Podemos entendê-la como termo coletivo na listagem de diversos grupos da comunidade da salvação divina. Neste caso, ela enfatizaria que a multidão dos redimidos na glória eterna de Deus é uma comunidade celebrativa e triunfante. Pela construção da frase grega também é possível relacionar o termo “assembléia festiva” às “incontáveis hostes de anjos”. Neste caso, caberia traduzir por: “Vós vos achegastes à assembléia festiva das miríadas de anjos.” Isto nos lembraria de que as multidões incontáveis de anjos santos circundam o trono de Deus, para lhe oferecerem continuamente o louvor e a adoração (cf. Is 6.1-3; Ap 5.11,12). Contudo, se compreendermos a palavra “assembléia festiva” como um elemento da listagem da comunidade celestial, então o termo pode estar designando um grupo de pessoas que não pertencem nem aos fiéis da antiga aliança nem à igreja de Jesus. Poderemos contar, neste grupo, o povo do Israel redimido (Rm 11.26), que se converterá ao Senhor na volta de Jesus (Zc 12.10), e as muitas pessoas dentre as nações que se voltarão a Deus no período do reino de mil anos. No meio da igreja da salvação o apóstolo vê o *rei da salvação*. **Deus** permanece o **Juiz de todos**, ele proferirá a última palavra neste mundo e a sentença válida sobre a nossa vida. Também Hb está consciente de que um dia cada membro da igreja terá de comparecer perante o trono de Deus e lhe prestar contas (cf. 2Co 5.10). Contudo, os fiéis podem chegar-se a ele com confiança firme, sim, até com grande alegria (1Jo 4.17; quanto à questão do juízo de Deus sobre a igreja e o mundo, cf. *Mateus*, CE, pág 396-397, 408-409 e *WStB, Römerbrief*, pág 321). Porque têm a seu lado **Jesus, o Mediador da nova aliança**. Esta é a mais importante de todas as verdades da salvação, ainda que o apóstolo a esteja citando mais no fim de sua listagem. Porque unicamente por meio dele a redenção é concedida à igreja. Jesus é o Mediador e Reconciliador, que aponta para seu sangue sacrificial, que remove os pecados das pessoas. O apóstolo enaltece o poder do sangue de Jesus, que se evidencia como diretamente eficaz na vida de cada fiel. O sangue da aspersão é praticamente a insígnia do rei da salvação. Ele não apenas extingue a culpa e purifica nossa vida do pecado. Como “**sangue da aspersão**”, ele também demonstra seu poder na preservação contínua e na santificação de nossa vida, bem como na proteção contra todos os ataques dos poderes hostis a Deus. O sangue de Abel acusava diante de Deus, o sangue de Jesus nos justifica perante Deus. *Porém vós vos aproximastes...* É desta salvação abrangente, que o apóstolo descreveu nos vv. 22-24, que hoje participamos *pela fé*. Um dia, porém, ela será manifesta *visivelmente*, concretamente, diante de todo o mundo.

- 25 Tende cuidado, não recuseis ao que fala.** Não existe revelação e aceitação da redenção sem decorrências práticas para a nossa vida (cf. Hb 3.12). Como o apóstolo já disse em Hb 2.1-4 e 10.19ss, a grandeza da responsabilidade de que fomos incumbidos também corresponde à grandeza da revelação de Deus, que foi proporcionada aos fiéis. Quem despreza a palavra de Deus, quem a rejeita ou tenta se furtar ao seu desafio, encaminha-se para um grave julgamento. Israel sucumbiu pela desobediência contra a palavra de Deus. Quem rejeita a oferta de salvação de Deus em Jesus Cristo estará eternamente perdido, desperdiça a graça de Deus no mundo atual e no vindouro.
- 26-28** Quando Deus se revelou a Israel no Sinai, o monte estremeceu (Êx 19.18). Sua voz fez com que a terra tremesse naquela ocasião. Os profetas do AT já sabem que no terremoto não somente se manifesta a transitoriedade de tudo que foi criado, mas que ele constitui um presságio do juízo final de Deus (cf. Ez 38.17-23). No fim do tempo salutar do NT, Deus interferirá de maneira poderosa no curso dos acontecimentos universais. O dia de sua aparição será acompanhado de gigantescas catástrofes sísmicas. Justamente esta indicação do acontecimento do fim dos tempos deve tornar-nos pensativos. O apóstolo conclama os fiéis com toda a seriedade para a santificação de sua vida (v. 14). Contudo, ele justamente não o faz dando-lhes um sem-número de mandamentos e regras de comportamento para a caminhada, que poderiam amordaçar a fé deles numa couraça apertada e deixar sua vida espiritual sem alegria. Pelo contrário, ele dirige o olhar deles para o fim de todas as coisas, para a volta de Jesus (Hb 10.37,38) e a irrupção do novo mundo. O fim dos tempos traz consigo a definitiva revelação visível da glória de Deus, a destruição de tudo o que foi criado, o surgimento de um novo mundo perene. A alegria pelo objetivo maravilhoso dos caminhos de Deus com seus filhos e com este mundo deve tornar-se a energia forte da santificação na vida dos fiéis (1Jo 3.3). Unicamente o olhar dirigido para o alvo, para o fim de toda a história, nos oferece o critério apropriado para a avaliação de tudo que é terreno: tudo o que é terreno, visível, é passageiro. Será abalado. Somente o invisível, a glória vindoura infundável de Deus “não poderá ser abalada” (cf. 2Co 4.18; Hb 11.1,3). A comunidade crente no Senhor desde já encontra-se em contato com o mundo invisível de Deus. Desde já temos participação no reino eterno de Deus. É por isto que o serviço da igreja de Jesus no reino vindouro de Deus também já começa no tempo atual sobre a terra. **Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça** (“queremos ser gratos”), **pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor.** A verdadeira gratidão expressa-se no serviço sacerdotal perante Deus. O sacrifício de Jesus na terra visa atrair consigo o sacrifício de nossa vida, que cada fiel deve ofertar a Deus, em gratidão (Rm 12.1,2). Na igreja de Jesus já é possível servir a Deus de modo agradável aqui na terra (Fp 2.13). Agradável a Deus (em grego, *euárestos*) é o que corresponde à vontade de Deus. Uma vez que Deus nos manifesta a sua vontade através de sua palavra, a obediência à palavra de Deus permanece um dever sagrado – e ao mesmo tempo um privilégio libertador – na vida dos fiéis. Nossa participação no novo mundo e na glória de Deus decide-se na nossa posição frente à palavra de Deus. Quem a despreza, ruma para o juízo. Precisamente na nossa posição interior e atitude exterior diante da palavra de Deus se mostrará se nosso serviço ao Senhor realmente acontece **com reverência e santo temor.** Mesmo na fé confiante de filhos e na entrega singela ao Senhor jamais podemos esquecer que estamos tratando com um Deus santo.
- 29** A revelação da santidade de Deus em Israel permanece válida também para o povo da nova aliança: **porque** (também) **o nosso Deus é fogo consumidor.** O fogo consumidor é uma metáfora para a santidade de Deus, para o seu zelo e juízo (cf. Mt 3.12; 10.28). Israel recebeu apenas uma revelação provisória, limitada com promessas temporais e terrenas. Não obstante, esta revelação comprometeu o povo da antiga aliança a ser um povo de Deus santo. O povo da aliança de Deus no NT recebeu a revelação plena da salvação e da graça. Nós fomos presenteados com promessas eternas. Também para nós vale o que foi dito a Israel: graça compromete! Nós somos convocados a ser o povo santo de Deus em proporção extremamente maior que Israel. O Espírito Santo deseja configurar nossa vida de acordo com a palavra e a vontade de Deus. “Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação” (1Ts 4.3).

Síntese

As palavras da santidade de Deus (v. 10) e da santificação dos cristãos (v. 14) estão claramente destacadas como termos-chave em Hb 12, formando a braçadeira pela qual as diferentes afirmações desta seção da carta são unidas. Ambos os termos estão diretamente relacionados um com o outro,

pois santificação não é entendida de maneira diferente senão a restauração da essência de Deus – precisamente a sua santidade – no ser humano redimido criado à imagem de Deus. Deus nos impregna da sua natureza – isto é santificação. Se compararmos entre si as idéias básicas de Hb 11,12, chama atenção que as características essenciais, que em Hb 11 estão relacionadas com a fé, são afirmadas em Hb 12 de forma um pouco modificada a respeito da santificação. Decorre, pois, que não podemos nem dizer que a fé seria o pressuposto da santificação, nem que a santificação seria a decorrência da fé. Pelo contrário, a idéia é a seguinte: o que em nosso pensamento e na proclamação é percebido apenas como fatos lado a lado e um após o outro, na realidade constitui uma unidade. Fé e santificação formam uma unidade como duas manifestações inseparáveis de vida da relação do fiel com Cristo. Analisaremos este fato mais uma vez por meio de uma visão panorâmica de Hb 12.

1. *Santificação e discipulado* constituem uma unidade na fé. Não há como separá-los um do outro (Hb 12.1-3). “Levantar o olhar para Jesus”, no linguajar de Hb, não significa nada mais que a palavra de Jesus nos evangelhos: “Vem e segue-me!” – “Levantou-se e deixou tudo” (cf. Mt 4.18ss) corresponde à exortação apostólica: “Larguemos todas as cargas!”

2. *Santificação e sofrimento* não podem ser separados (Hb 12.4-11). Deus conduziu as pessoas de fé, das quais fala a sua palavra (Hb 11), não apenas por pontos altos, mas também por pontos baixos. Sofrimentos que Deus coloca em nossa vida nos querem lembrar que ele não nos esqueceu, mas que, pelo contrário, trabalha em nosso ser, para moldá-lo de maneira nova e torná-lo útil para a sua glória eterna.

3. Faz parte da *santificação* a *vigilância* na vida espiritual (Hb 12.12-17). Um antigo ditado, que utilizamos neste contexto, afirma: “Foi-nos dado que não descansemos em nenhum degrau”. Experiências de fé, que Deus nos concede, jamais podem tornar-se motivo de autocomplacência. Elas não visam deixar-nos seguros, porém constituem incentivo para nova dedicação e nova aprovação. Nosso caminho na terra vai sempre “de fé em fé” (Rm 1.17).

4. A *santificação* recebe impulsos renovados da *alegria pela salvação* (Hb 12.18-24). Na comunhão com Cristo, na vida com Deus, foi-nos dada uma riqueza tão imensurável que o brilho da “alegria no Senhor” (Ne 8.10) também pode superar experiências difíceis e incompreensíveis na vida cristão pelas quais Deus nos conduz.

5. *Santificação* é vida na *responsabilidade* perante o santo Deus (Hb 12.25-27). Esta responsabilidade inclui “ouvir e obedecer”. Na vida com Cristo as coisas não funcionam sem que se ouça com disposição e oração a palavra da Sagrada Escritura. Unicamente sua palavra é diretriz para a fé e a vida. Quem afasta a palavra de Deus de si e estabelece seus próprios critérios perde a Cristo e com ele a salvação eterna.

6. A força motora da *santificação* é a *esperança* que Deus nos presenteia em nosso caminho (Hb 12.28,29). Toda busca por uma vida agradável a Deus jamais deve prender-se a si própria, mas tem de permanecer orientada para o alvo que Deus mesmo lhe estabeleceu – a participação na glória eterna, na qual Deus recebe de modo perfeito a honra e adoração que na verdade pertencem exclusivamente a ele.

18. Terceira exortação: Discipulado no cotidiano, 13.1-21

a. Exortação para a vida pessoal, 13.1-6

- ¹ **Seja constante o amor fraternal.**
- ² **Não negligencieis a hospitalidade, pois alguns, praticando-a, sem o saber acolheram anjos.**
- ³ **Lembra-vos dos encarcerados, como se presos com eles; dos que sofrem maus tratos, como se, com efeito, vós mesmos em pessoa fôsseis os maltratados.**
- ⁴ **Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula; porque Deus julgará os impuros e adúlteros.**
- ⁵ **Seja a vossa vida sem avareza. Contentai-vos com as coisas que tendes; porque ele tem dito: De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei.**
- ⁶ **Assim, afirmemos confiantemente: O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem?**

- 1,2 Fé e santificação formam uma unidade na vida do cristão. Nesta unidade, porém, não se visa apenas conectar dois pensamentos teológicos. Antes está em questão que concretizemos na prática a redenção pelo sangue de Jesus e nossa condição de estrangeiros sobre a terra. Por isto o apóstolo também não pára no momento em que introduziu os fiéis nas grandes idéias da salvação de Deus e na riqueza da revelação. Enfim, trata-se da confirmação prática de nossa fé. Deus sabe dos motivos ocultos de nossos corações e observa as horas secretas de nossa vida. Por isto, o apóstolo acrescenta uma série de exortações, que visam ser um auxílio para o cotidiano da vida de fé, a suas elaborações teológicas fundamentais. **Seja constante o amor fraternal.** Quem pertence ao “reino de Deus” (Hb 12.28), demonstra-o no amor fraternal. Não existe amor genuíno ao Senhor que não seja expresso no amor aos irmãos (cf. Mt 22.36-40; 25.40). O Senhor deseja vir ao nosso encontro justamente no nosso próximo, que não podemos escolher, também no irmão e na irmã que são colocados pelo Senhor ao nosso lado. Também filhos de Deus correm perigo de pensar primeiro em si próprios quando em tribulação e perseguição. Justamente diante de iminentes dificuldades é imperioso unir-se tanto mais. Uma forma peculiarmente destacada do amor fraternal é a da hospitalidade, que viabiliza a possibilidade de comunhão espiritual mais profunda entre os membros da igreja de Jesus. **Não negligencieis a hospitalidade, pois alguns, praticando-a, sem o saber acolheram anjos.** O autor provavelmente tem em mente Ló, em Sodoma, e Abraão, em Manre. Esta palavra continua válida também em condições completamente diversas, como as em que vivemos hoje em comparação com os cristãos do século I. O exemplo dos patriarcas revela que paira uma bênção bem especial sobre a hospitalidade. Quem concede hospitalidade nunca é apenas alguém que dá, mas também é sempre alguém que recebe. Precisamente nesta ocasião os filhos de Deus têm a possibilidade de compartilhar e trocar entre si a alegria no Senhor e as experiências de fé. É por isto que o apóstolo Paulo escreve aos Romanos: “Porque muito desejo ver-vos, a fim de repartir convosco algum dom espiritual, para que sejais confirmados, isto é, para que, em vossa companhia, reciprocamente nos confortemos por intermédio da fé mútua, vossa e minha” (Rm 1.11,12).
- 3 Deus repetidamente proporciona à sua igreja oportunidades para demonstrar o amor fraternal. Lembrai-vos dos encarcerados, como se presos com eles; dos que sofrem maus tratos, como se, com efeito, vós mesmos em pessoa fôsseis os maltratados. Ao que parece, alguns membros da igreja estão na prisão por amor ao Senhor. Por causa de sua fé grande sofrimento lhes está sendo imposto, são atormentados e maltratados. Agora a igreja tem de se dar conta de que os membros do corpo de Cristo estão todos ameaçados de igual modo. “Se um membro sofre, todos sofrem com ele” (1Co 12.26). Quando o apóstolo solicita que os fiéis que ainda estão em liberdade devem “lembrar-se”, “recordar-se” dos prisioneiros, eles não apenas devem ocupar-se mentalmente com o destino de seus irmãos que sofrem, não somente orar por eles, mas o apóstolo demanda cuidado prático e ação de amor que presta auxílio. Sem dúvida existiam possibilidades para isto, pois as atas de mártires da igreja antiga nos informam com freqüência que cristãos obtinham permissão de visitar membros da igreja aprisionados. “O amor cristão se coloca no lugar do outro e carrega sofrimento alheio como se fosse sofrimento próprio”.
- 4 Praticar o verdadeiro amor fraternal e manter a pureza e a santidade do matrimônio constituem, num contexto não-cristão, o testemunho mais forte dos fiéis. Foi isto que também o pai da igreja latina Tertuliano percebeu intensamente, quando nos informa que os próprios *gentios* afirmam *acerca dos cristãos*: “Vejam como se amam uns aos outros e como estão dispostos a morrer um pelo outro”. Em seguida ele afirma: “Em decorrência, nós, que pelo espírito e pela alma estamos intimamente ligados, não temos reservas quanto a compartilhar nossos bens. Tudo é comunitário entre nós, *exceto as mulheres*. Neste ponto, o único que as demais pessoas compartilham, nós anulamos a partilha”. O matrimônio recupera sua santidade original como ordem da criação de Deus (Mt 19.3-9) somente na vida do cristão, quando a comunhão do ser humano com Deus é restabelecida. A comunhão com Cristo não produz na pessoa nenhuma atitude hostil ao corpo, mas a liberta verdadeiramente para dar um sim pleno à sua condição de criatura redimida (cf. Ef 5.22,23). Quando o matrimônio é violado por prostituição e adultério, o mandamento e a ordem de Deus são transgredidas (Gn 1,2). O apóstolo sabe que a decadência moral e a incontinência sexual do mundo não-cristão ao redor procuram penetrar também nas fileiras da igreja (cf. 1Co 5.1). Por isto ele adverte enfaticamente contra as transgressões morais: **Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula; porque Deus julgará os impuros e adúlteros.** Ele sabe quanto pecado acontece às

escondidas, que jamais será investigado por um tribunal humano. Deus, porém, tem o poder de julgar também sobre os pecados ocultos, e o fará no seu dia.

5,6 Adultério e ganância violam o amor verdadeiro. Amor fraternal autêntico, porém, pureza do matrimônio e santa despreocupação são as marcas das pessoas que participam do “reino imutável de Deus” (Hb 12.28). Quem possui a cidadania no mundo de Deus (Ef 2.19; Fp 3.20) deve ser interiormente livre de posses terrenas, porque sabe que está guardado pela providência e proteção de Deus. Novamente são duas palavras do AT nas quais o apóstolo verifica a promessa e a confissão da igreja de Jesus. Em consequência, a palavra do AT não somente nos descerra a deliberação salvadora de Deus acerca da criação, redenção e consumação. Ela tampouco fornece apenas a chave para compreendermos corretamente a trajetória e a situação atual da igreja (cf. Hb 12.5,6). Pelo contrário, ela também nos dirige exortações práticas e estímulos para o cotidiano da fé. **De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei.** Nesta palavra, o apóstolo não está nem um pouco preocupado por estar retirando as promessas do AT do contexto lógico em que estiveram originalmente. Porque “todas as promessas de Deus são sim e amém” (2Co 1.20 [tradução do autor]) para a pessoa que vive na comunhão com Cristo. Por meio da exortação que ele antepõe às duas citações do AT o autor, porém, também deixa claro que as promessas de Deus no AT constituem declarações de Deus que, embora sejam sem reservas, *não são isentas de condições*. Somente aquele que não está empenhado em alcançar seus alvos pessoais, que coloca a causa de Deus no primeiro lugar da sua vida, que leva a sério as palavras de Jesus: “buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça!” (Mt 6.33) também experimentará o auxílio de Deus em todas as situações e poderá confessar com o orador do AT: “O Senhor está comigo; não temerei. Que me poderá fazer o homem?” (Sl 118.6).

b. Comportamento correto na igreja, 13.7-19

- ⁷ **Lembraí-vos dos vossos guias, os quais vos pregaram a palavra de Deus; e, considerando atentamente o fim da sua vida, imitai a fé que tiveram.**
- ⁸ **Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre.**
- ⁹ **Não vos deixeis envolver por doutrinas várias e estranhas, porquanto o que vale é estar o coração confirmado com graça e não com alimentos, pois nunca tiveram proveito os que com isto se preocuparam.**
- ¹⁰ **Possuímos um altar do qual não têm direito de comer os que ministram no tabernáculo.**
- ¹¹ **Pois aqueles animais cujo sangue é trazido para dentro do Santo dos Santos, pelo sumo sacerdote, como oblação pelo pecado, têm o corpo queimado fora do acampamento.**
- ¹² **Por isso, foi que também Jesus, para santificar o povo, pelo seu próprio sangue, sofreu fora da porta.**
- ¹³ **Saiamos, pois, a ele, fora do arraial, levando o seu vitupério.**
- ¹⁴ **Na verdade, não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a que há de vir.**
- ¹⁵ **Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome.**
- ¹⁶ **Não negligenciéis, igualmente, a prática do bem e a mútua cooperação; pois, com tais sacrifícios, Deus se compraz.**
- ¹⁷ **Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossa alma, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros.**
- ¹⁸ **Orai por nós, pois estamos persuadidos de termos boa consciência, desejando em todas as coisas viver condignamente (moralmente inatacáveis).**
- ¹⁹ **Rogo-vos, com muito empenho, que assim façais, a fim de que eu vos seja restituído mais depressa.**

7,8 O apóstolo dá grande valor a que o âmbito pessoal na vida de um cristão e também o convívio dos fiéis na igreja sejam regidos e determinados pelo Espírito Santo. A vida de fé não é viável sem condução e obediência. Três vezes ele menciona os “guias” no presente capítulo. No v. 17 os

destinatários são instruídos a obedecer-lhes, no v. 24 o apóstolo os incumbe de saudar a todos os guias, e aqui no v. 7 ele exorta os fiéis a lembrarem dos dirigentes que já faleceram. Os guias da igreja são homens que dirigem a vida da igreja com responsabilidade, que lhe explicam a Palavra de Deus de maneira compromissiva. Com base em sua capacidade de discernimento espiritual (Hb 5.14), eles decidem sobre as questões concretas da vida comunitária. Com certeza devemos situar estas pessoas entre os “presbíteros e bispos” (At 20.17,28). Sua conduta deve estar inequivocamente orientada pela Palavra de Deus, devem ser exemplos (1Tm 4.12; 1Pe 5.3), é a eles que a igreja deve seguir. A memória dos pais da fé (Hb 11) possui importância duradoura, assim como a dos guias da igreja em gerações passadas. Porque não somente na vida, mas também no “desfecho de nossa caminhada” (em grego, *ékbasis*), na morte do fiel, deve ser manifesta a glória de Deus. A fé da igreja é paradigmática no fato de que na mudança das gerações ela sempre se ateve ao Senhor imutável. Também dirigentes, guias de uma igreja, servos de Deus abençoados pelo Senhor, falecem. Porém **Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre**. Enquanto a forma terrena da igreja na transição das gerações está sujeita a uma contínua mudança, Jesus Cristo é sempre o mesmo. Como o “Cristo ontem” ele é o Filho de Deus, que viveu antes de todos os tempos na glória de Deus, que veio na carne e foi crucificado, que conquistou a redenção de um mundo perdido. Como o “Cristo hoje” ele é o Filho de Deus ressuscitado, que está entronizado como Sumo Sacerdote à direita de Deus e atua através de seu Espírito Santo nos fiéis, a fim de reunir e aperfeiçoar sua igreja na terra. Como o “Cristo eterno” ele é o Filho de Deus que retorna, para instaurar seu reino perpétuo neste mundo.

O v. 8 remete à revelação de Deus no Sinai, na qual Deus se deu a conhecer a Moisés como o “Eu sou quem sou” (Êx 3.14 [BLH]). Jesus participa da eternidade de Deus. Assim como ele próprio é eterno, também recebeu um serviço eterno (Hb 7.17,25). Desta maneira, o apóstolo leva seus leitores de volta à idéia que ele havia colocado no começo de sua carta (Hb 1.12), quando interpretou a palavra do Sl 102.27 para Cristo: “Tu, porém, és sempre o mesmo, e os teus anos jamais terão fim!”

- 9 **Não vos deixeis envolver por doutrinas várias e estranhas!** Uma importante característica do cristão imaturo, sem firmeza, é a facilidade com que se deixa influenciar por doutrinas errôneas (Ef 4.14). Em Hb o apóstolo transmitiu “alimento sólido” para cristãos amadurecidos. Os membros da igreja devem agora arcar com as conseqüências da instrução obtida. A pureza e limpidez do relacionamento pessoal com Cristo e a conduta irrepreensível do cristão são importantes, porém a mesma importância tem uma formação bíblica inequívoca, que se orienta exclusivamente pela palavra de Deus. Toda doutrina falsa traz conseqüências inevitáveis também para a vida pessoal dos que a adotam e divulgam. A palavra do Senhor permanece eternamente a mesma. Contudo, o constante surgimento de pessoas que proclamam doutrinas “várias e estranhas”, i. é, incorretas (At 20.30), faz parte dos fenômenos penosos no âmbito da igreja. Por isto, para todos os cristãos valem as exortações da Bíblia, de perseverarem na palavra de Deus confiável, na sã doutrina. Estas exortações culminam na insistente súplica do apóstolo Paulo: “Tem cuidado da doutrina!” (cf. 1Tm 4.16; 6.3; 2Tm 1.13; Tt 1.9; 2.1). Em última análise, os maus poderes intelectuais, que tentam desenvolver toda a sua cativante e convincente força a fim de pressionar os fiéis para longe da “simplicidade em Cristo” (2Co 11.3), arrastando-os à perdição, estão por trás de cada heresia. “O primeiro cristianismo conhece o poder de movimentos intelectuais estranhos, mas adverte a igreja para que não se deixe levar por eles”. Somente desta maneira podemos compreender corretamente a advertência apostólica: “Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas. Porquanto aquele que lhe dá boas-vindas faz-se cúmplice das suas obras más” (2Jo 10,11). Em vários lugares os hereges devem ter pregado suas novas descobertas e anunciado “mandamentos alimentares” como propiciadores de salvação. Não somente os cristãos hebreus, também as igrejas gentílico-cristãs deparavam-se com o mesmo problema. É contra isto que o apóstolo se posiciona, com veemência: **o que vale é estar o coração confirmado com graça e não com alimentos, pois nunca tiveram proveito os que com isto se preocuparam**. A firmeza de fé do coração humano não se adquire pela prática de uma devoção legalista exterior, mas como efeito da graça de Deus. Quem deixa sua vida ser enraizada na proclamação de Jesus Cristo também será firmado pela graça de Deus (1Co 1.6). O coração de quem aceita a alegre mensagem da salvação em Jesus Cristo está imerso no invisível e vindouro, na realidade do próprio Deus, de maneira que vive e cresce a partir desta base. Assim é que se forma a solidez da fé, que se apega invariavelmente a Deus (cf. Js 14. 8,9,14).

10 Mais uma vez resplandece toda a magnitude e glória da nova aliança. Os povos de Deus da antiga e o da nova aliança possuem uma ordem de culto. Na igreja vigora a nova ordem melhor de sacrifícios. O serviço sacrificial do AT era um serviço terreno. O serviço da igreja tem característica celestial e aponta para o mundo eterno. Assim como o serviço celestial de Jesus se mostra diferente – quase que oposto – do serviço dos sacerdotes na terra (Hb 8.4,5), assim também ocorre com a participação no sacrifício de Jesus. Quem encontrou a salvação em Cristo, não pode mais procurar receber sua redenção pela observação de ordens sacrificiais do AT. O tempo de salvação da antiga aliança chegou ao fim, teve início o tempo salutar da nova aliança.

É precisamente o v. 10 que parece fornecer vários elementos para esclarecer a pergunta sobre quem, afinal, poderiam ter sido os destinatários da presente carta. Será que o texto não sugere que pensemos num grupo dentro de uma igreja, possivelmente nos sacerdotes que chegaram à fé em Jerusalém (At 6.7) e que depois da perseguição após o apedrejamento de Estêvão haviam fugido para Antioquia (At 8.1; 11.19)? Neste contexto seria mais fácil de entender a alusão ao exercício do serviço sacerdotal: **Possuímos um altar do qual não têm direito de comer os que ministram no tabernáculo.** Neste caso, o grupo de sacerdotes de Jerusalém estaria contraposto à igreja. Contra esta hipótese cumpre alegar o seguinte: é muito provável que Hb tenha sido redigida somente depois da destruição de Jerusalém. Naquele tempo não havia mais culto com sacrifícios. Fora de Jerusalém, já antes da destruição da cidade não existia nenhuma possibilidade de sacrifícios conforme a lei do AT. Entretanto, não é por acaso que também no presente versículo o autor não fale do templo, mas da “tenda” do tabernáculo. Ele está pensando, portanto, novamente na ordem sacerdotal original. Em decorrência podemos supor que se trata de um pensamento teológico fundamental na sua asserção, mas que não visa principalmente as circunstâncias de sua época. Ele se serve de uma comparação figurada.

11-14 A igreja possui um altar, sobre o qual foi ofertado o sacrifício perfeito: a cruz de Jesus. Os fiéis são partícipes dele. Quem se nega a crer em Deus e sua palavra não sabe nada do poder fortalecedor e nutriente que possui a morte de Jesus. Por isto, os membros da igreja não podem ter comunhão com pessoas que rejeitam a Jesus Cristo. A ordem do AT sobre a prática do sacrifício era tão somente ato *simbólico* e continha a *referência* direta ao caminho sacrificial de Jesus até a cruz. O sangue do animal sacrificado, que tinha de morrer no grande dia da reconciliação para expiar todos os pecados de Israel, era levado ao Santíssimo (Hb 9.11,12). O corpo do animal era queimado fora do acampamento (Lv 16.27). Portanto, também estes detalhes não foram fixados arbitrariamente mas correspondem à vontade e ao plano de salvação de Deus, recebendo seu esclarecimento final e sua interpretação compromissiva somente a partir do NT. **Por isso, foi que também Jesus, para santificar o povo, pelo seu próprio sangue, sofreu fora da porta.** Jesus trouxe o verdadeiro cumprimento do sacrifício do AT e submeteu-se integralmente às ordens da antiga aliança ao realizar a auto-entrega. Contudo, a rendição voluntária de sua vida foi mais que todos os sacrifícios de animais que foram ofertados em todos os tempos. Ele morreu fora dos portões da cidade de Deus, a “cidade do grande Rei” (Mt 5.35). “Segundo o AT, o culpado é vitimado à morte fora do acampamento (Lv 24.14; Nm 15.35). No presente caso, porém, o Sumo Sacerdote morre pessoalmente fora do portão, a fim de santificar o povo culpado.” Seu sangue tem poder purificador e santificador para as pessoas que se colocam debaixo da aspersão com este sangue. Ninguém, no entanto, pode receber perdão, purificação e santificação, i. é, ingressar na comunhão de vida com Cristo, se não quiser entrar também na “comunhão de seus sofrimentos”. É o que o apóstolo expressa com as palavras: **Saiamos, pois, a ele, fora do arraial, levando o seu vitupério** (“desonra” [NVI, BLH, VFL], “humilhação” [BJ] “vergonha” [BV]). Jesus morreu a morte de um criminoso diante das portas de Jerusalém, sendo por isto excluído da comunhão da casa de Israel (Dt 21.23; Gl 3.13). Ele andou espontaneamente (Fp 2.6-8) pelo caminho da ofensa e vergonha extremas. Esta disposição interior é que o Senhor também demanda de sua igreja. “Ser cristão significa a ruptura interior com o mundo que não crê em Cristo e seu sacrifício expiatório e deixar-se determinar por ele em sua vida e seu agir. Esta é uma realidade que traz consigo vergonha, sofrimento e tribulação. Porque aqui a ordem de vida da igreja se contrapõe à ordem de vida do mundo. E não há equilíbrio, mas somente uma justaposição ou, em horas de decisões sérias, uma oposição”. A rota do discipulado sempre será um caminho desprezado, que, no entanto – como o caminho de Moisés (Hb 11.26) e a trajetória do Cristo (Hb 12.2) – conduz a um alvo glorioso. Quem está “fora do acampamento” (BLH) não tem direito de cidadania no presente mundo. É isto que o apóstolo atesta com as palavras: **não temos**

aqui cidade permanente, mas buscamos a que há de vir. O autor nos recorda mais uma vez aquilo que já afirmou em Hb 11.10,16 e Hb 12.22 acerca da cidade de Deus, a “Jerusalém celestial”. A igreja do NT assume o legado do povo de Deus do AT, que desde a vocação de Abraão está a caminho como povo migrante até a pátria eterna. Deus mesmo nos conduz pelo seu Espírito Santo e nos leva em segurança ao alvo!

- 15** Novamente o apóstolo volta à idéia do sacrifício, que já transpareceu nos v. 10-12. Com seu sacrifício singular Jesus Cristo suspendeu toda a ordem sacrificial do AT. Através dele, passa a vigorar um novo serviço de sacrifícios que se exterioriza na vida dos filhos de Deus através da oração, do testemunho, do amor prático ao semelhante e da obediência. O sacrifício de gratidão e louvor que foi instituído no AT (Lv 7.12), não é suspenso no NT, apenas muda sua configuração exterior. Trata-se de um sacrifício que deve vir do impulso mais íntimo do coração (2Cr 29.31). No povo de Deus da antiga aliança, o sacrifício de louvor constituía a resposta do ser humano a experiências especiais do bondade de Deus (Sl 107.22; 116.17). No caso dos membros do novo povo de Deus, a energia para ofertar o sacrifício de gratidão, *o louvor a Deus na oração*, em qualquer situação, mesmo sob as piores dificuldades (At 16.22-25), é concedida através do Espírito de Deus. O verdadeiro sacrifício de louvor, o “fruto dos lábios” (cf. Os 14.2), no entanto, não somente se mostra no diálogo do orador com Deus (Sl 141.2), mas igualmente no testemunho da salvação experimentada no nome de Jesus.
- 16** Constantemente, a intenção do apóstolo é expor diante dos leitores de sua carta a fé e a santificação, doutrina correta e agir apropriado, testemunho com palavras e testemunho pela conduta da vida, como uma unidade indissociável. Faz parte do “fruto dos lábios” também a ação de ajuda. No lugar ocupado pelos inúmeros sacrifícios na vida e na devoção do AT encontra-se na vida da igreja a entrega da vida a Deus no serviço prático ao semelhante. As obras de amor não possuem caráter expiatório nem meritório. Contudo, diferenciando-se dos sacrifícios segundo a lei, que o fiel não deve mais ofertar, as obras de misericórdia permanecem sendo sacrifícios corretos, agradáveis a Deus. Com estas palavras, o apóstolo retorna ao ponto de partida de suas exortações e enfatiza que amor ao Senhor e amor ao irmão formam uma unidade indissolúvel.
- 17** O apóstolo havia introduzido suas instruções sobre a conduta correta na igreja, recordando primeiramente os dirigentes (em grego, *hegoúmenoi*) *que já partiram*. Foram eles os irmãos que guiaram a igreja com responsabilidade, aos quais a pregação da palavra de Deus havia sido confiada de maneira especial. Agora o apóstolo fala da responsabilidade da igreja diante dos homens dirigentes *ainda vivos* da igreja. **Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossa alma, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros.** Deus conferiu à sua igreja leis de vida espiritual, as quais temos de observar. Faz parte delas que o Senhor chama para si, dentre a sua igreja, pessoas às quais ele impõe uma medida especial de responsabilidade e às quais ele pode confiar a condução de sua igreja. Ser líder e pastor significa ser exemplo na fé (v. 7) e pregador da palavra de Deus. No entanto, inclui também a necessidade de que um dia este guia terá de prestar contas perante Deus pelas pessoas que lhe foram confiadas. Neste sentido, Tiago nos adverte: “Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo” (Tg 3.1)! Contudo, não há na igreja responsabilidade maior para o indivíduo se a respectiva pessoa não receber uma proporção mais intensa de autoridade. Por isto, os dirigentes podem reivindicar a obediência dos membros da igreja. A boa ordem e subordinação fraterna não somente têm efeitos benéficos na situação atual da igreja, mas significam um bênção eterna para todos os participantes.
- 18,19** A obediência não deve ser uma subordinação forçada, mas deverá provir da convicção interior e do amor fraternal. Nesta atitude, os fiéis podem assumir a responsabilidade espiritual de interceder em favor dos guias confirmados por Deus. **Orai por nós!** Com estas três palavras o apóstolo delinea as inesgotáveis possibilidades, mas também a responsabilidade da igreja, de atuar de modo abscôndito para disseminar o evangelho, para congregar e aperfeiçoar a igreja até a volta do Senhor (cf. 2Pe 3.12). O chamado para a oração perseverante e para a intercessão por todos os fiéis perpassa todo o NT, de maneira singular, porém, pelas pessoas que foram incumbidas por Deus com a proclamação missionária do evangelho e, em decorrência, expostas de forma mais intensa à oposição e à hostilidade do mundo incrédulo. Através da oração, os filhos de Deus movem o braço de seu Pai celestial. A intercessão interfere diretamente na controvérsia do mundo invisível. Por isto Paulo pede

aos cristãos em Roma: “Rogo-vos, pois, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e também pelo amor do Espírito, que luteis juntamente comigo nas orações a Deus a meu favor” (Rm 15.30). O apóstolo, que escreve aos cristãos hebreus, sente-se internamente no direito de solicitar dos fiéis a intercessão em seu favor: **pois estamos persuadidos de termos boa consciência, desejando em todas as coisas viver condignamente** (“viver irreprováveis”). Naturalmente há para cada pessoa renascida a possibilidade de preservar e conservar firme durante o caminho de fé a redenção que experimentou através do sangue de Jesus. Podemos ter boa consciência e levar uma vida santificada. Contudo, as palavras do apóstolo aparentemente não são uma afirmação genérica, feita sobre sua vida de fé. Ele também tem uma consciência tranquila diante dos poderes estatais que exercem pressão sobre a igreja (Hb 10.32-34; 12.4). Ninguém pode acusá-lo de nada (cf. 1Pe 4.15,16). Ele somente também pode convocar a igreja para intensificar a intercessão porque esta oração vale para o serviço que ele desempenha aos fiéis, por amor ao Senhor. Nesta questão, sua própria pessoa passa totalmente para segundo plano. Sob estas premissas, a intercessão da igreja é um poder diante de Deus (cf. At 12.5). Com este pedido, o apóstolo mais uma vez sublinha o que ele visava incutir nos fiéis através de suas intercessões: quando a esfera pessoal de nossa vida é moldada pela palavra de Deus e pelo poder do Espírito Santo, também encontramos a boa ordem fraterna na vida solidária dos fiéis na igreja, bem como a responsabilidade conjunta perante o Senhor.

c. Palavra de bênção, 13.20,21

- ²⁰ **Ora, o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança,**
²¹ **vos aperfeiçoe em todo o bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém!**

20 Há pouco o apóstolo ainda conclamava a igreja à intercessão. Agora *ele ora pessoalmente* pelos fiéis aos quais dirigiu sua carta. Neste voto de oração ele resume sua instrução doutrinária e todas as exortações que escreveu à igreja. Com palavras bem simples de louvor e intercessão a carta é encerrada, dirigindo mais uma última vez o olhar dos fiéis para a pessoa e obra de Jesus Cristo, que é o eixo de toda a sua carta. Estes versículos possuem importância especial porque representam um hino. Depois que o apóstolo falou sobre a pessoa exaltada de Jesus e sua obra extraordinária de redenção, resta-lhe tão somente uma coisa: a adoração! Deste modo, o apóstolo quer conduzir *também a nós hoje* pelos grandes pensamentos da salvação de Deus, ajudar-nos na concretização da fé no cotidiano e finalmente levar-nos à adoração a Deus adequada.

Em meio à aflição e tribulação, em vista de uma iminente onda de perseguição e martírio, o apóstolo se volta ao “Deus da paz”. Através desta interpelação de Deus ele expressa a experiência de todos os fiéis da antiga e nova alianças. Gideão já havia experimentado a presença e o socorro do Senhor na luta contra o poder muitas vezes maior dos midianitas, construindo um altar com a confissão: “O Senhor é paz!” (Jz 6.24). O Deus da paz era o Deus dos pais, ele é também o Deus dos fiéis da nova aliança, que se sentem seguros na sua paz. O apóstolo faz referência à figura do bom pastor do AT, a fim de falar da obra salutar de Jesus, que ele consumou *em nosso favor*. O que o Deus onipotente foi de modo abscondito para Israel, o “Pastor de Israel” (Sl 23; 80.2), Jesus Cristo, o Filho de Deus manifesto na carne, é para a igreja do NT. Jesus declarou: “Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas” (Jo 10.11). Jesus é **o grande Pastor das ovelhas**, que exerce seu ministério pastoral de modo único (cf. 1Pe 5.4). Ele enfrentou *por nós* a morte. Deus o ressuscitou *por nós*. “(Ele) foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação” (Rm 4.25). Através de sua paixão e morte, com o seu sangue, Jesus fundamentou a aliança eterna, que nos assegura a inalterável comunhão com Deus. O Deus da paz nos presenteou com a sua paz na reconciliação e redenção. Jesus consumou a obra redentora *por nós* na cruz. Agora o Senhor exaltado também está aperfeiçoando a sua obra de salvação *em nós*. O que o apóstolo descortinou aos olhos da igreja como caminho da fé e da santificação (Hb 11–13), Cristo efetua pessoalmente nos fiéis por intermédio de seu Espírito Santo.

21 O apóstolo se inclui na oração pela igreja (cf. BLH, NVI, VFL, BJ): **vos aperfeiçoe em todo o bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós** (“em nós”) **o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo**. O “bem” é a vontade de Deus. Portanto, na vida dos fiéis é bom somente o que corresponde à vontade de Deus. Por ser avesso, sim impossível, ao nosso ser natural realizar a

vontade de Deus (Gl 5.17), o próprio Deus, pelo poder de seu Espírito, transforma a vida dos seres humanos que se entregam inteiramente a ele de acordo com a sua vontade. Deus o realiza através daquele que está invisivelmente presente na igreja, Jesus Cristo. Assim como na terra o Filho não podia fazer nada sem a vontade e a autorização do Pai (Jo 5.19), assim inversamente o Pai, no tempo da igreja, não realiza nada de modo direto, porém efetua tudo através de Cristo.

A igreja de Jesus vive na certeza de que Cristo consumou por nós a obra da redenção e que aperfeiçoará sua obra de salvação em nós. Por isto, toda a proclamação da palavra de Deus perante o mundo e toda a instrução bíblica na igreja, incluindo a aprovação de nossa fé no cotidiano, servem agora a um só alvo – a glorificação de Jesus Cristo. É por esta razão que o voto de oração do apóstolo desemboca na adoração: **a quem seja a glória para todo o sempre. Amém!** Nestas palavras, o apóstolo se une às multidões dos anjos, que louvam a Deus acima dos campos de Belém (Lc 2.14), ao louvor da multidão humana que celebra, saudando o Senhor Jesus por ocasião da entrada na cidade santa (Lc 19.38), e ele se soma ao apóstolo Paulo, que adora diante da infindável riqueza dos pensamentos de salvação de Deus: “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! [...] Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!” (Rm 11.33,36).

19. Encerramento da carta: Saudação e voto de graça, 13.22-25

²² **Rogo-vos ainda, irmãos, que suporteis a presente palavra de exortação; tanto mais quanto (apenas) vos escrevi resumidamente.**

²³ **Notifico-vos que o irmão Timóteo foi posto em liberdade; com ele, caso venha logo, vos verei.**

²⁴ **Saudai todos os vossos guias, bem como todos os santos. Os da Itália vos saúdam.**

²⁵ **A graça seja com todos vós.**

22,23 Várias vezes o apóstolo havia incumbido os fiéis de se exortarem uns aos outros, a fim de se ajudarem a permanecer apropriadamente na comunhão com Cristo (Hb 3.13; 10.25). Ele também visa corresponder a este compromisso espiritual com a sua carta. Ela visa ser **palavra de exortação**. O apóstolo sabe muito bem que a exortação nem sempre é aceita naturalmente e sem resistências pelos membros da igreja. Novamente podemos aprender desta passagem o que é a atitude pastoral correta. O apóstolo teria o direito de exigir. Contudo, ele pede aos irmãos que aceitem sua palavra com corações abertos e sem preconceitos: **Rogo-vos ainda, irmãos, que suporteis a presente palavra de exortação**. Ele acrescenta uma notícia pessoal, que nos fornece, em certa medida, informações sobre o próprio autor e sobre Timóteo. Ele deve ter estado pessoalmente próximo de Timóteo e, em consequência, do círculo de colaboradores de Paulo (At 20.4). Timóteo havia sido alcançado pelo mesmo destino que também atingira vários membros da igreja (Hb 10.34; 13.3). Havia sido detido. Contudo, entrementes fora posto em liberdade. O apóstolo assegura que em breve visitará a igreja ao lado de Timóteo. Comunhão no Espírito impele constantemente para a comunhão visível dos fiéis, para o fortalecimento mútuo na caminhada rumo ao alvo celestial.

24,25 Saudai todos os vossos guias, bem como todos os santos. Os da Itália vos saúdam. Como em todas as cartas apostólicas as saudações e o voto de graça são importantes e estão estreitamente conectados. Saudações constituem amor que se doa a alguém. Elas contêm algo decisivo que os membros da igreja têm a dizer uns aos outros: firmam os laços do amor que une os fiéis entre si. A saudação apostólica vale para cada pessoa que pertence à igreja. A última palavra do autor não é uma fórmula teológica, mas visa dirigir mais uma vez conscientemente o olhar dos fiéis para o fundamento, sobre o qual repousa toda a sua vida espiritual. **A graça seja com todos vós.** É uma palavra que vale para a igreja de todos os tempos. Deus voltou para nós a sua graça quando Jesus Cristo veio ao mundo para nos libertar. Ele dirige esta graça a cada um que ama o Senhor Jesus. A plenitude de sua graça está disponível para cada pessoa e é suficiente para qualquer situação de nossa vida. A graça nos redimiu, a graça de Deus nos santifica, a graça de Deus nos aperfeiçoará.

Não nos cabe dissociar a última palavra do apóstolo do contexto da carta toda. Ela obtém um peso especial justamente no final deste escrito apostólico porque declara, de modo audível para os cristãos

oprimidos e aflitos: a graça de Deus não torna nossa vida fácil, não nos retira da aflição e das tensões. Porém sua graça é esta, que na aflição estamos seguros e que sob o nosso fardo encontramos paz.

A MENSAGEM DA CARTA AOS HEBREUS ACERCA DE CRISTO

Conforme as palavras do autor, a seção central da carta é que contém o “principal”. Na sua opinião, o sumo sacerdócio de Cristo detém importância singular. Também ao leitor chama atenção que o mistério da pessoa de Cristo não é desdobrado desta maneira e com esta eloquência em nenhuma outra passagem do NT. Contudo, não devemos ignorar que também no caso de Hb, enquanto “palavra de exortação”, o todo da mensagem de Cristo está em jogo. Jesus Cristo está no centro da pregação apostólica. Em decorrência, no começo da carta encontramos afirmações extraordinariamente condensadas sobre Cristo – cada palavra precisa ser comentada especificamente na sua riqueza teológica. E a carta termina com um trecho cristológico (Hb 13.8-14), no qual a obra redentora do Sumo Sacerdote celestial é brevemente resumida. Até mesmo os dois versículos finais de Hb 13.20,21 fazem repercutir mais uma vez toda a temática da carta. Podemos constatar que o escritor apostólico transmite o testemunho de Cristo a seus leitores numa perspectiva extraordinariamente ampla: Jesus Cristo é o Mediador da criação. Ele estava no início de toda a história. E ele também é o herdeiro do universo, o Consumador dos mundos, em cuja mão e poder desembocará toda a história. No passado ele já falou a Israel, antes de sua existência terrena, através de seu Espírito Santo. No futuro ele retornará como o mesmo Senhor, a fim de acolher a sua igreja, que o espera, na glória.

Um pensamento básico que sustenta todas as afirmações do autor é que Jesus é o Filho de Deus. Ele era o Filho desde toda a eternidade. Ao mesmo tempo, Jesus é ser humano, do contrário ele não poderia ser nosso Mediador e Sumo Sacerdote. Como Enviado e Ungido de Deus (“Apóstolo” e “Cristo”, Hb 3.1,6), ele nos traz a palavra e a clemência de Deus. Como nosso Sumo Sacerdote, ele ofereceu-se pessoalmente a Deus como oferta, efetuando, desta maneira, a nossa salvação, que possui um valor de vigência eterna. “Porque Jesus é o Filho de Deus, seu sacrifício tem valor para extinguir pecados. Através do seu sangue ele firmou uma nova aliança. Jesus é o Mediador que está continuamente diante do trono do Deus vivo para intervir eficazmente em nosso favor”.

Depois de sua morte na cruz, Cristo foi aperfeiçoado pela ressurreição e ascensão. Tornou-se o “Precursor” (Hb 6.20), o “Líder” (Hb 2.10; 12.2) e “Consumador” (Hb 12.2) de sua igreja. Como o Senhor vivo ele nos chama para fora deste mundo. Ele nos congrega com todos os fiéis, formando o povo de Deus migrante da nova aliança, colocando-nos no caminho que acaba diante do trono de Deus, onde está nossa verdadeira pátria.

INDICAÇÕES DE LITERATURA

Comentários científicos

- BRUCE, F. F. *The Epistle to the Hebrews*, The New London Commentary. Londres: 1964.
MICHEL, Otto. *Der Brief an die Hebräer*, Kritisch-Exegetischer Kommentar. 10ª ed. Göttingen: 1957.
RIGGENBACH, Eduard, *Der Brief an die Hebräer, Kommentar zum Neuen Testament*, ed. por Theodor Zahn, vol XIV, 8ª ed. Leipzig/Erlangen: 1922.

Interpretações antigas da Bíblia

- BENGEL, Johann Albrecht, *Gnomon*, em alemão por C. F. Werner, vol II, tomo II, 7ª ed. Berlim: 1960.
Bíblia de Berleburg, vol VII, NT 3ª Parte 1960, Berleburg, 1739.
BROWN, John, *An Exposition of Hebrews*. Reimpressão da edição de 1862. Londres: 1961.
CALVINO, João, *Auslegung der Heiligen Schrift*. vol XIV. Neukirchen: s. d.
HARTTMANN, Karl Friedrich, *Der Brief an die Hebräer*. Nova edição. Basileia: 1866.
LUTERO, Martinho, *Preleção sobre a carta aos Hebreus*, de 1517/18, tradução para o alemão por Erich Vogelsang. Berlim/Leipzig: 1930.

Comentários recentes de compreensão popular

- BENDER, Leopold, *Gott hat geredet*. Witten: 1914.

LOEW, Wilhelm, *Der Glaubensweg des Neuen Bundes, Die urchristliche Botschaft*. 18ª seção, ed. por Otto Schmitz. Berlim: 1931.

SCHLATTER, Adolf, *Erläuterungen zum Neuen Testament*, 9ª parte. Stuttgart: 1950.

SCHNEIDER, Johannes, Der Hebräerbrief, Bibelhilfe für die Gemeinde. Kassel: 1954.

STIBBS, A. M., *The Epistle to the Hebrews*, The New Bible Commentary. 2ª ed. Londres: 1954.

STRATHMANN, Hermann, *Der Brief an die Hebräer*, Das Neue Testament Deutsch, vol IX. Göttingen: 1947.

Breves auxílios para o estudo pessoal da Bíblia

LORCH, Theodor, *Christus heute – Der Hebräerbrief*. Stuttgart: 1951.

PRÄGER, Lydia, *Der Hebräerbrief*, Stuttgarter Bibelhefte. 2ª ed. Stuttgart: 1959.

¹Laubach, F. (2000; 2008). *Comentário Esperança, Carta aos Hebreus; Comentário Esperança, Hebreus* (4). Editora Evangélica Esperança; Curitiba.